



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
E CONTEMPORANEIDADE**

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

**MULHERES POBRES EM CIRCULAÇÃO:
APRENDIZADOS E SABERES CONSTRUÍDOS NA *BATALHA* NAS RUAS DE
SALVADOR**

**Salvador
2017**

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

**MULHERES POBRES EM CIRCULAÇÃO:
APRENDIZADOS E SABERES CONSTRUÍDOS NA *BATALHA* DAS RUAS DE
SALVADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, linha de pesquisa Processos civilizatórios, Educação, Memória e Pluralidade Cultural, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Lívia Alessandra Fialho da Costa.

**Salvador
2017**

Ficha Catalográfica elaborada pelo CDI/UNEB
BIBLIOTECÁRIA Hildete Santos Pita Costa/CRB737-5

S586

Silva, Fernanda Priscila Alves da
Mulheres Pobres em Circulação: Aprendizados e Saberes
Construídos na *Batalha* nas Ruas de Salvador/ Fernanda Priscila Alves
da Silva Salvador. -2017.
215 f.: il.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Lívia Alessandra Fialho da Costa.

Dissertação (Mestrado) Universidade do Estado da Bahia
Departamento de Educação. Programa de Pós Graduação em Educação
e *Contemporaneidade*.

1. Prostituição - Feminina 2 Socialização 3. Trajetórias de Vida.
4. Gênero - desigualdade. 5. Educação I. Título.

CDD 362


Autorizo a reprodução parcial ou total dessa Dissertação para fins acadêmicos, desde que
seja citada a fonte.

FOLHA DE APROVAÇÃO

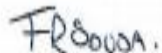
MULHERES POBRES EM CIRCULAÇÃO: APRENDIZADOS E SABERES CONSTRUÍDOS NA BATALHA NA RUA

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, em 31 de março de 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, composta pela Banca Examinadora:



Profa. Dra. Livia Alessandra Fialho da Costa
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Antropologia Social e Etnologia
École des Hautes Études en Sciences Sociales, EHESS, França



Profa. Dra. Fabiana Rodrigues de Sousa
Centro Universitário Salesiano São Paulo - UNISAL
Doutorado em Educação
Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR, Brasil



Profa. Dra. Ana Cláudia Lemos Pacheco
Universidade do Estado da Bahia - Uneb
Doutorado em Ciências Sociais
Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil

Às mulheres da *Batalha...*

Fazendo Vida...

Andarilhando pela Praça, pelos corpos e sentidos.

Fazendo Vida, na vida, no bar, em casa...

No movimento da rua inconstante

Nos des(encontros) de gente cambiante.

Fazendo Vida...

De banco em banco, de quarto em quarto

Na calada da noite, no dia nascente

Vida e Batalha

Batalha e fazer-se

Mulher da Vida...

Mulher em via...

Fernanda Priscila Alves da Silva

AGRADECIMENTOS

Tem tanta gente neste corpo texto

Tanta vida neste texto corpo...

Tantas histórias, memórias, encontros

Vidas que me marcaram

Vidas que deixei marcas

Tantas escadas...

Subindo e descendo ladeiras

Indo e vindo

Dias e noites...

Cheiros... Sabores... Securas... Fecundidades.

Tem tanta gente neste corpo texto

Tanta vida neste texto corpo

Formas... Contornos... Sentidos.

Tem sabedorias conduzindo afetivamente os temores e receios

Cabelos grisalhos, corpo pequeno, coração grande: **Ivoni Grandó.**

Tem lutas... buscas... identidade.

Mulher em trânsito: **Kátia Maria.**

Vida na Praça, Horizonte Belo.

Cantinho de vida e paz...

Uma **Baiana** morrendo, corpo esvaindo: **Patrícia, Bianca**

Corpos Mulheres: sangue, facadas, violências.

Tem tanta gente neste corpo texto

Tanta vida neste texto corpo

Sertão... Calor... Vidas em bares.

Pedagogia do cotidiano

Rua... Trilha... São Francisco

Joice, Cícera, Josefina

Presença feminina

Corpos de meninas e mulheres sabidas.

Tanta vida neste corpo texto

Salvador: encantador

Feminina Força: Ladeira, Praça, rua

Misturas, cores, surpresas

E uma ousadia **Pilar**

Pilar Laria trazendo alegria em dias complexos...

Tanta vida...

Marilene e o pranto

Equipe buscando

Pedagogia e encanto.

Lorena me desconcertando

Louraine irmanando

Iviane presença

Rene cuidando.

Tem risadas... Choros... Subidas... Descidas

Tentativas diversas

Lucianas... Manueas, Fernandas...

Visitas... Formações... Descobertas

Corpos em festa... Em trânsito

Corpos morrendo, deixando, partindo...

Cariocas, Úrsulas, Mulheres, Meninas...

E ainda assim tem tanta vida neste corpo

Renascendo, cirandando, ressurgindo das cinzas

Mulheres águias: **Cidas, Nilzas, Emannelas, Sirlenes, Domingas**

E uma justa jovem **Isadora** que chora, toca, sente.

Neste corpo texto... Corpo em transição...

Rosilene, Valter, Jaci, Lindalva

Corpos em gestação...

Ah! Pudera citar cada encontro, cada cheiro, sabores...

Corpo tecido de vários olhares, mãos, pés...

Corpo de corpos.

Vidas no texto, texto da Vida.

E têm tantos outros e outras

Chegando... Partindo...

Corpos Memória: uma menina **Luz Helena**...

Irmandade serena: **Mila**.

Companheirismo: **Rafaela**

Tem mãe (**Teresa**) e pai (**José**): Sustento e Amor

Tem gente que chega, corpo que constrói e atura pelejas

Dores e prantos, brigas e alegrias: **Bernardo Sérgio**

Aprendente, envolvente, companheiro, presente.

Ah! Este texto... Corpo texto... Corpo Vida... Vidas Corpos

Pesquisa e busca

Acolhida e ousadia

De mãos que orientam: **Alessandra Livia**

Olhar atento e presença que convida a seguir fazendo e tecendo meu próprio texto

E tem outras... E outros pesquisadores, angustiados/as

Tecendo... Construindo... Turma presente

Grupo fazendo-se

Gerusa desbravadora, **Moisés** inquietante, **Fábio HD**, **Eliene** Master Chef, **Hamilton** filósofo, **Satie** objetividade, **Josi** superação, **Ana** ousadia, **Alex** simplicidade, **Joelma** observadora, **Erisvaldo** Bata do Feijão, **Larissa** Africanidades, **Léo** óculos escuros...

Tanta gente, tanta busca... Textos... Corpos...

Ana Claudia e convite a ser atenta, a mirar...

Tantas mãos e olhares que de longe vem para ler, escutar, contribuir: **Fabiana Sousa**

Tantas mãos e olhares que se atentaram: **Elaine Rabinovich**

E tem apoio à pesquisa, incentivo: **FAPESB** (Fundação de Amparo à Pesquisa da Bahia)

E tem atenção: **Sônia** e toda equipe da secretaria acadêmica

Mas tem também conversa no pé de árvore e o cuidado de gente que prepara o lanche, o almoço, o café e ainda dá boas risadas...

Tem tanta gente neste corpo texto

Tanta vida neste texto corpo

E tem vida pequenina...

Que cresceu em mim

Ah! Este texto corpo tem fases e sonhos, possibilidades.

Vidas gestadas: continuidades...

Uma pequenina Lua Sábia: Luna Sofia

Um pequenino João Bernardo: cheio de graça.

E neste texto corpo tem gratidão, vida, **batalha**

De tanta gente, tantas mulheres...

Mulheres em via, movimento, trânsito

E tem saberes e aprendizados

Construções e transformações...

Neste texto in. Completo na completude de suas vidas e marcas.

RESUMO

Esta dissertação investiga os processos de mobilidade, movimento, socialização e construção de saberes de mulheres pobres, inseridas em contexto de prostituição, em Salvador, Bahia. As interlocutoras da pesquisa têm idades entre 30 e 65 anos e estão na *batalha* pela vida – expressão por elas utilizada para se referir ao trabalho como prostitutas nas ruas – desde a adolescência. Para este estudo foram entrevistadas 10 mulheres em seu local de trabalho (na Praça da Sé, Centro Histórico da cidade). O principal objetivo deste estudo consiste em estudar as trajetórias de vida, socialização, transformações e saberes de mulheres no cotidiano da prostituição. Mais especificamente, compreender os saberes construídos a partir deste cotidiano e o fazer-se/ formar-se mulher neste cenário.

O referencial teórico está ancorado no campo de estudos autobiográficos em educação e numa perspectiva interdisciplinar de análise, conjugando orientações dos campos da psicologia (contextos familiares e construção de subjetividades) e da Antropologia (ao considerar a socialização um eixo importante para composição de uma etnografia das interações). São considerados como referencial secundário que ampara comparativamente as análises, estudos sobre prostituição e mercados do sexo, considerando principalmente alguns aspectos: a prostituição e o mercado do sexo, entendidos como processos de deslocamentos e transnacionalização; processos de socialização e mobilidades ocorridas no espaço, neste caso, a rua (praça) entre os diversos atores que circulam neste contexto; as construções de saberes e aprendizados realizados nestes (e a partir) destes espaços e vivências. As principais categorias norteadoras foram: socialização, educação, prostituição e trajetórias de vida sendo a categoria *batalha* uma expressão que emerge do campo no fazer e construir a pesquisa.

Os resultados apontaram que a rua, enquanto contexto educativo constrói e transforma saberes através da inclusão de uma constelação de participantes que compõem, para além dos clientes, redes móveis de relacionamentos. Os aprendizados, ou em outras palavras, a educação – aqui pensada como forma/lugares de constituição de sujeitos – imprime nas dinâmicas sociais desta prática uma maneira própria de vivenciar o mundo e de atribuir sentidos e significados àquilo que é vivido a partir de tramas e enfrentamentos cotidianos da *batalha* na rua.

Palavras-Chave: mulheres pobres, prostituição, educação, socialização, trajetórias de vida.

ABSTRACT

This dissertation investigates the processes of mobility, movement, socialization and construction of knowledge to poor women, in the context of prostitution, in Salvador, Bahia. The search speakers are between the ages of 30 and 65 years old and are in the battle for life-term for they used to refer to work as prostitutes on the streets — from adolescence. For this study we interviewed 10 women in the workplace (on Cathedral Square, the historic center of the city). The main objective of this study is to study the trajectories of life, socialization, transformations and women's knowledge in the everyday life of prostitution. More specifically, understanding the knowledge built from this everyday and do/graduate woman in this scenario.

The theoretical framework is anchored in the field of autobiographical studies in education and interdisciplinary analysis perspective, combining guidelines of fields of Psychology (family contexts and subjectivities) and Anthropology (to consider socialization a major axis for composition of an ethnography of the interactions). Are considered as secondary reference that supports comparison analyses, studies about prostitution and sex markets, especially considering some aspects: prostitution and the sex market, understood as processes of transnationalization and displacements; processes of socialization and mobilities in space, in this case, the street (square) between the various actors that circulate in this context; the construction of knowledge and learning achieved in these (and from) these spaces and experiences. The main categories were defined were: socialization, education, prostitution and life trajectories being the category battle an expression that emerges from the field in making and building research.

The results showed that the street, while educational context builds and transforms knowledge through the inclusion of a constellation of participants that make up, in addition to the customers, mobile networks of relationships. The learning, or in other words, education – here meant as form/places of lodging of subject-prints in the social dynamics of this practice a way of experiencing the world and assigning senses and meanings of what is lived from plots and daily confrontations of the battle on the street.

Keywords: poor women, prostitution, education, socialization, life trajectories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Encontro de Formação com as mulheres do Projeto Força Feminina

Figura 2: Casa de Cícera – Juazeiro/BA

Figura 3: “Kitanda da Cícera” – Juazeiro/ BA

Figura 4: Ladeira da Montanha

Figura 5: Interior de um bar na Ladeira da Montanha

Figura 6: Praça da Sé, Salvador/ BA

Figura 7: Interior do bar 73 (localizado na Ladeira da Montanha)

Figura 8: Localização da ladeira da Montanha e região

Figura 9: Descida da Ladeira da Montanha

Figura 10: Subida da Ladeira da Montanha

Figura 11: Interior do bar 51

Figura 12: Escadas do bar 73

Figura 13: Local onde se localizava o bar de Dalva

Figura 14: Praça da Sé

Figura 15: Bar Damasco, localizado no bairro Comércio

Figura 16: Orla de Patamares

Figura 17: Demolições afetam a rotina na Ladeira da Montanha

Quadro 1: Levantamento de estudos sobre o tema

Quadro 2: Levantamento de estudos sobre o tema

Quadro 3: Tempo inserção na prostituição

Tabela 1 : Perfil das mulheres da *batalha*

Tabela 2: Tempo inserção na prostituição

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

APROCE	Associação de Prostitutas do Ceará
APROSBA	Associação de Prostitutas da Bahia
ASP	Associação Sergipana de prostitutas
Cebi	Centro de Estudos Bíblicos
Cebs	Comunidades Eclesiais de Base
PPF	Projeto Força Feminina
NEP	Núcleo de Estudos da prostituição

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Encontros circulares: de dentro pra fora, de fora pra dentro	15
2 NA RUA, NA PRAÇA, EM CASA: CONVERSACÕES, CAMINHOS PERCORRIDOS E NOTAS METODOLÓGICAS. APRESENTAÇÃO	35
3 PROSTITUIÇÃO: MUNDOS DIVERSOS, DESLOCAMENTOS E TRANS(A)ÇÕES APRESENTAÇÃO	53
3.1 Estudos circulares: o dito e o escrito sobre prostituição feminina	64
3.2 Movimento das Prostitutas: lutas, deslocamentos e enfrentamentos.....	72
4 EM SALVADOR: CIRCULANDO, LADEIRANDO E DESCORTINANDO MUNDOS: Primeiros passos de uma observação etnográfica	79
4.1 Locais de Batalha em Salvador: peculiaridades entre a Rua, Praça e a Casa.....	85
4.1.1 Ladeira da Montanha	86
4.1.2 Praça da Sé	90
4.1.3 Comércio	93
4.1.4 Largo do Tanque.....	94
4.1.5 Orla de Patamares.....	95
5 PRA DENTRO DO CÍRCULO: TRAJETÓRIAS DE VIDA	97
5.1 Algumas trajetórias... Continuidades e discontinuidades	105
5.2 Escolarização e socialização: trajetórias percorridas antes da inserção na prostituição	113
5.3 Relatando um encontro e alguns gestos transformadores.....	124
5.3.1 Círculos de Socialização e Relacionamentos Familiares	126
5.3.2 Entre transições, circulações e movimentos: das passagens que a vida faz	133
6 TRAJETÓRIAS, MOVIMENTOS E CIRCULAÇÕES NA BATALHA: SOBRE O COTIDIANO NA RUA	142
6.1 Aprendizados, convivência e intrigas na <i>batalha</i>	151
6.2 Atores, práticas, movimentos e envolvimentos	154
6.3 Projetos de Vida: Futuro, Perspectivas e Sonhos	163
6.4 Ser mulher sabida: na Praça, na Rua e na Vida	170
6.5 Notas dialógicas: no movimento das narrativas	175
6.6 Corpos que circulam: entre silêncios, rupturas, memórias e esquecimentos.....	177
7 CONSIDERAÇÕES (IN)CONCLUSAS: COSTURANDO E TECENDO OS FIOS DA VIDA	195
REFERÊNCIAS	205
APÊNDICES.....	213
ANEXOS.....	215

1 INTRODUÇÃO

O estudo desta dissertação se propõe a discutir os processos de mobilidade, movimento, socialização e construção de saberes de mulheres pobres, inseridas em contexto de prostituição, em Salvador, Bahia. As interlocutoras da pesquisa têm idades entre 30 e 65 anos e estão na *batalha* pela vida – expressão por elas utilizada para se referir ao trabalho como prostitutas nas ruas – desde a adolescência. *Batalha* é o termo utilizado pelas mulheres para caracterizar o estar na rua: a disponibilidade do corpo em relações passageiras, a conquista do ponto, o domínio de estratégias para garantir sua integridade. Para este estudo foram entrevistadas 10 mulheres em seu local de trabalho (na Praça da Sé, Centro Histórico da cidade). Além das entrevistas com as mulheres, foi realizada uma pesquisa exploratória considerando o entorno ou o contexto social que se relaciona mais diretamente com as interlocutoras da pesquisa: entrevistas com mulheres, clientes, vendedores, familiares, ruas, cines privês, unidades domiciliares, entre outros.

Durante a pesquisa acompanhei o dia-a-dia das mulheres de baixa renda, em exercício da prostituição de rua. O acompanhamento realizado considerou não somente as 10 mulheres que foram entrevistadas, mas os diversos atores sociais que compunham o cenário da vida na *batalha* em Salvador. A prostituição nesta pesquisa é entendida como uma prática social complexa, atravessada e perpassada pela economia, cultura, política, sexualidade, moralidade, relações de gênero, não se esgotando, no entanto, nestes elementos, mas ultrapassando e recriando modos, interações e relações. A partir de informações das interlocutoras deste contexto buscou-se compreender as transições, movimentos e circulações das mulheres da *batalha* neste cenário. Estas transições estão constantemente marcadas por deslocamentos dos lugares ocupados pelas mulheres. O estudo observou as interações, relações e formas de socialização que envolvem as mulheres e outros atores nos pontos da prática de prostituição. Os pontos de trabalho são atravessados por diversas formas e modos de organização da prostituição, o que aponta também a complexidade desta prática, entendida como mais uma das facetas do mercado do sexo, demarcando, portanto, sua multiplicidade de relações, modos, sentidos e significados.

O referencial teórico está ancorado no campo de estudos autobiográficos em educação (DELORY-MOMBERGER) e numa perspectiva interdisciplinar de análise, conjugando orientações dos campos da psicologia (ao tratar dos contextos familiares e construção de subjetividades) e da Antropologia (ao considerar a socialização um eixo importante para

composição de uma etnografia das interações). São considerados como referencial secundário que ampara comparativamente as análises, estudos sobre prostituição e mercados do sexo, considerando principalmente alguns aspectos: a prostituição e o mercado do sexo, entendidos como processos de deslocamentos e transnacionalização; processos de socialização e mobilidades ocorridas no espaço, neste caso, a rua (praça) entre os diversos atores que circulam neste contexto; as construções de saberes e aprendizados realizados nestes (e a partir) destes espaços e vivências.

Muito interessa a este estudo as narrativas autobiográficas das mulheres, que parecem construir suas histórias de vida driblando exclusões e preconceitos diversos que as coloca num lugar de mulheres de menor valor. A educação ou trajetória educativa, no caso da maioria dessas mulheres, se vê interrompida desde o início da prática da prostituição. Elas não perdem, no entanto, o sonho de voltarem para os bancos da escola. O surgimento de uma gravidez inesperada e o nascimento de um filho é um evento que redimensiona suas perspectivas de vida. Todas gostariam de exercer outra atividade remunerada e enquanto a mudança não chega vão construindo suas próprias estratégias através de relações comerciais, afetivas, mobilidades, fronteiras. A proposta que orienta esta pesquisa é a de entender as formas e modos de socialização construídos pelas mulheres e outros atores neste cenário de prostituição, assim como em perceber e enunciar os saberes e aprendizados que surgem nesta prática social, ou seja, na *batalha* da vida.

Com o objetivo de apresentar o fazer e o construir desta pesquisa seguimos relatando a um pouco de minha trajetória, o caminho feito em diversos encontros circulares, no interior e exterior de contextos onde a prática da prostituição está presente. Considero que estes encontros possibilitam pensar, (re) pensar, descobrir, desvendar as tramas e dramas da vida de mulheres que estão na *batalha* da vida.

1.1 Encontros circulares: de dentro pra fora, de fora pra dentro

“O encontro possibilita. O encontro permite. No encontro me encontro. No encontro as encontro na praça, no hotel, na rua. No encontro as escuto e, neste movimento, me escuto. Encontro de mulheres. Encontro estranho. Encontro lúcido. A partir de encontros com mulheres em contexto de prostituição descobri formas, jeitos, possibilidades outras de fazer-me, de construir, desconstruir, reconstruir modos de ser mulher e se fazer no mundo” (Trecho da autora).

Nestes encontros descobri que a formação, a lapidação, a transformação acontecem. Foram encontros realizados em lugares distintos, encontros em quartos, bares, hotéis... Encontros na rua, na beira da calçada, na prisão, nos hospitais, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, no findar da vida... Encontros na entrada da boate, na orla, durante o dia, à noite. Encontros em alguns dos Projetos da Rede Oblata¹, com destaque para os encontros no espaço do Projeto Força Feminina (PFF)².

Nesses encontros vidas foram contadas, (re) contadas, vidas foram trazidas e apalpadas, cuidadas, partilhadas. Nestes encontros, e a partir deles, uma transformação foi acontecendo na medida em que essas mulheres descobriam que lhes era permitido receber “visitas”, lhes era permitido um tempo de conversação. Tais descobertas foram partilhadas por elas como estranhamentos e belezas. Certa vez, durante a escuta uma das mulheres afirmou: *“as pessoas passam aqui e jogam pedra na gente. Pela janela dos ônibus, nos dizem cada coisa! E aí vêm vocês aqui e conversam com a gente.”* E o simples aproximar e conversar com as mulheres me permitiu o desconcerto que caminha em direção à mudança, em direção ao reconhecimento de que essas mulheres podem ser de fato vistas pela “sociedade” rompendo com preconceitos e estigmas.

O processo de estranhamento e reconhecimento, aliado ao percurso que é feito cotidianamente junto às mulheres pobres que exercem a prostituição revelou-se em diversos momentos as marcas que são deixadas e tecidas em sua corporeidade acerca da prática que realizam. Os olhares da sociedade, o modo como às enxergam e julgam é de fato estigmatizador.

Em situações diversas escutei expressões de outras pessoas sobre essa realidade. Se de um lado as próprias mulheres incorporam (ainda que em alguns momentos tentem romper) esta visão sobre o que fazem e o trabalho que exercem, de outro, a sociedade busca classificá-las conforme lhes convêm. Ora as mulheres são vistas como vítimas, ora como safadas, raparigas, vagabundas, contrapondo seu lugar ao das “outras” mulheres.

Durante o período da pesquisa deparei-me com vários desses olhares dentro da academia. Até então, a experiência com a temática estava voltada para a prática e o envolvimento com movimentos sociais. Porém, provocar esse debate no universo acadêmico foi (e tem sido) surpreendente e assustador. Em algumas situações, as expressões não são tão

¹ A Rede Oblata é uma rede dos Projetos sociais do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

² Projeto Força Feminina é um projeto social (pertencente à Pastoral da Mulher) e compõe a Rede Oblata de Pastoral do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor. Em Salvador, o Projeto Força Feminina atua há mais de 15 anos com mulheres inseridas em contexto de prostituição. Mais informações podem ser obtidas através do site: www.oblatas.org.br

nítidas, mas escondem por detrás de certo arcabouço científico/teórico os preconceitos relacionados ao referido grupo social.

O porquê de estar ocupando determinado espaço, a relevância de pesquisar a vida das mulheres prostitutas foram algumas das situações e embaraços que me fizeram questionar o porquê desse envolvimento com a temática permanecer após tantos anos. Certa vez, estava na universidade e uma pessoa (também estudante) a perguntou sobre o que pesquisava. Todas as vezes que recebia essa indagação, ou sobre o local onde trabalhava e com quem trabalhava tinha muito cuidado ao responder. A partir de experiências anteriores percebia que seria necessário ir com cautela nas respostas.

Nesse sentido, explicava o motivo da pesquisa, o envolvimento, os questionamentos e à medida que falava o semblante da (o) ouvinte se modificava, até o momento em que a pessoa afirmara: *“sabe, na verdade, no fundo eu tenho é muita pena destas pessoas”*. E novamente o meu espanto e confirmação emergia. Ao mesmo tempo uma inquietude imensa: por que esta situação ainda me incomodava? Por que ainda não estava preparada para tais reações depois de alguns anos de envolvimento e imersão nesse contexto?

Compartilho do mesmo sentimento de Pelúcio (2006), que realizou uma etnografia com travestis que se prostituem no contexto de São Carlos e que pensa como ainda se faz necessário um longo caminho acerca destes contextos e pessoas. É preciso, pensar e repensar práticas, realidades, contextos diversos e fundamentalmente assumir uma postura ética.

Assim, no mundo noturno e boêmio, não cabe a Mulher (como categoria universal e indivisível), isto é, a mãe, a virgem, a da casa; mas sim a mulher perdida, a prostituta, que é incapaz de gerar; a pecadora. O que fazemos, então, nós, as pesquisadoras ali? A resposta para a questão acima é só uma: pesquisamos! Buscamos dados para nossos trabalhos. Escrevemos um livro, temos interesse sobre aquele tema, sobre aquelas pessoas. Acreditamos que são dignas de serem conhecidas e alvo de interesse acadêmico, que valem nosso tempo e reflexão. Declarar isso da maneira mais clara e despretensiosa possível é nosso dever em campo. E isso não é uma receita, mas um princípio. Creio que todas e todos nós devemos nos guiar pela ética, ainda que nem sempre isso implique em falar a verdade ou toda a verdade (PELÚCIO, 2006, p.78).

O lugar da rua, dos bares, dos hotéis; seus cheiros, sons, gostos sempre provocaram minha curiosidade. As conversas, desabafos, partilhas de vida suscitaram a descoberta de que aqueles corpos femininos, tão concretos, tão vivos, tão sábios tinham algo a contar. As mulheres por meio de suas conversações e cont(a)ções ensinavam um “mundo” aparentemente desconhecido de outro “mundo” conhecido por mim.

O lugar de encontro torna-se então o lugar de formação e possibilita assim o tecer sentidos e o partilhar de histórias de vida. Estar nesses espaços significava cuidado e respeito, aproximação afetiva e acolhida. A partir das cirandas³, das rodas de conversa, de acolhidas de mulheres atendidas pelo Projeto Força Feminina o lugar de encontro se amplia. Neste espaço, e para além dele, em outros como, por exemplo, os outros Projetos do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor, as mulheres se encontram, se falam, se escutam, se descobrem.

O encontro e a formação promovidos por estes espaços provocavam processos de estranhamentos nas mulheres, processos de reconhecimentos de suas histórias de vida (seus afetos, suas dores, medos, alegrias, tristezas), processos de ressignificação das mesmas e de empoderamento enquanto mulheres e cidadãs. O encontro com elas mesmas, com outras mulheres, com outros grupos sociais tornava-as “fazedoras de história”.

Certa vez, durante a construção do objetivo de estarem se reunindo e em processo de formação, uma das mulheres assim expressou: “*andar com nossas próprias pernas e fazer com nossas mãos*”. Tal expressão foi tomada posteriormente pelo Projeto Força Feminina como sua missão: “*andar com as próprias pernas e fazer com as próprias mãos*”, que significa ocupar o espaço público como cidadãs de direito, o lugar da não violência diante de seus companheiros, assumir lugar de construtoras de pensamento sobre sua realidade, assumir seus sonhos e desejos, acessar o que lhes cabe como direito (saúde, lazer, moradia, educação), falar, debater, problematizar, pensar soluções para seus desafios, enfim, significa caminhar por si, trilhar sua história.

Neste lugar formativo, as mulheres têm encontrado espaço para se cuidarem e se dizerem. Nas rodas de conversa, ao discutir, por exemplo, sobre as relações de gênero, as mulheres reconheciam as desigualdades estabelecidas por uma sociedade marcadamente *kiriarcas* e no processo de contestação e afirmação constroem formas de enfrentamento destas desigualdades⁴. *Kiriarchi*, aqui compreendida a partir da perspectiva concebida pela teóloga

³ Cirandas são espaços de rodas e diálogos nos quais as mulheres se encontram para partilhar a vida, pensar sua realidade e construir estratégias de enfrentamentos dos desafios da realidade.

⁴ Junto de Elizabeth Fiorenza e outras teólogas feministas como Ivone Gebara, Maria Pilar Aquino, Ivoni Reimer, Elsa Tamez, dentre outras, e partindo de minha trajetória acadêmica, já que minha primeira formação é a Teologia; tenho compreendido e entendido que o método feminista de reconstrução histórica a partir de uma releitura de textos bíblicos tem sido um campo de possibilidades de releitura das histórias de opressão das mulheres. *Kyrios* significa Senhor em grego, e a partir do momento que grupos de mulheres se utilizam deste método promovem e criam processos de conscientização e resistência, desenvolvendo assim visões alternativas a fim de desconstruir, desmascarar e rejeitar a política Kyriocêntrica do texto canônico. A partir de minha experiência junto a grupos de leitura popular da Bíblia, em diferentes contextos e das leituras e caminhos feitos a partir das Cebcs (Comunidades Eclesiais de Base) e Cebi (Centro de Estudos Bíblicos), a

feminista Elisabeth Schussler Fiorenza⁵, como a tendência humana para dominar os outros, tendência que cria sistemas complexos e hierárquicos formados por sistemas intercalados e multiplicadores de estruturas sociais de super e subordinação (Blanchette, Silva e Camargo, 2014, p. 175). Importante considerar que,

Desde a década de 1980, a presença de mulheres no movimento popular vai exigir o reconhecimento do seu papel como sujeito histórico, isto é, como sujeito de próprio direito nas transformações sociais e nas decisões sobre o destino que afeta o mundo, a história e a humanidade (SILVA, 2015, p.15).

Para Fiorenza (1992), é necessária uma hermenêutica da suspeita, do desejo e da determinação, ou seja, uma teoria da libertação que concebe o feminismo como ética da igualdade e da justiça. Assim, é preciso encontrar caminhos de libertação e de rompimento dos silêncios aos quais historicamente e culturalmente as mulheres foram submetidas.

Numa outra vivência, após uma roda de conversa sobre os temas violência de gênero e violência doméstica, uma das mulheres conseguiu ir até a delegacia e denunciar as violências sofridas pelo companheiro. A denúncia veio acompanhada da descoberta de que ela podia reverter a história não permitindo a violência contra si e contra seus filhos. Outro exemplo seria o reconhecimento de seu trabalho como profissão, a partir do confronto com outras mulheres e refletindo sobre o preconceito e a discriminação pela qual muitas vezes são vistas e a percepção de que este é o motivo pelo qual muitas vezes elas negam a *batalha*⁶ ou exercício na prostituição como um trabalho.

Num encontro com um grupo de seis mulheres, que tinham como perspectiva refletir sobre cidadania e políticas públicas após ida ao Ministério Público, elas afirmam: “*Fomos bem vista pela sociedade. Você não sabe o que foi pra mim estar naquele lugar! Eu me senti valorizada, eu me senti valorizada...!*”.

O elemento “ser reconhecida pela sociedade” demonstra o poder assumido por mulheres ao ocuparem tais espaços, isto porque a partir dessas ações elas começam a protagonizar, ou seja, a ensaiar passos de autonomia. Elas relatavam que “*pegar o microfone*”

teologia feminista está inserida em um amplo e histórico movimento de articulação e organização de lutas por libertação das mulheres.

⁵ Segundo Fiorenza, é preciso romper o silêncio que, por exemplo, os textos bíblicos apresentam em relação às mulheres. É preciso encontrar caminhos de libertação, caminhos de rompimento deste silêncio. Desse modo, para traduzir o silêncio em significado, é preciso distância crítica da tradição e também imersão nela.

⁶ *Batalha*, nesta pesquisa, é entendida como a prática social da prostituição que envolve para além da realização do programa (relações sexuais e fantasias), as relações e interações no espaço – lugar da prostituição, relações que envolvem entre as mulheres entre si, entre os clientes, com os transeuntes e demais atores do cenário. Trata-se de um termo elaborado e reconhecido pelas mulheres como altamente significante.

e conseguir falar nesses espaços representa uma grande conquista: “*Eu pedi o microfone e consegui falar também... Isso foi muito bom*”.

Os exemplos citados acima foram vivenciados em encontros de formação com as mulheres ocorridos no espaço do PFF, geralmente eram rodas de conversa que tratavam de temas referentes à realidade e vivência na prostituição. Nesses encontros a vida circula, brota, germina, se expande. Nesse (s) lugar (es): a rua, os bares, os hotéis, o Projeto Força Feminina as mulheres se transformam na medida em que trazem e compartilham seus saberes e vivências.

A partir destes lugar (es) e de encontros circulares iniciei minha trajetória e pesquisa junto às mulheres inseridas em contextos de prostituição. De dentro pra fora, de fora pra dentro é uma forma de dizer, expressar que adentrar neste mundo implica na verdade em reconhecer os diversos mundos existentes dentro da realidade da prostituição. De dentro dos bares, boates, cines privês... De dentro de cada mundo e dos diversos mundos. Cada mundo expresso em seus contextos e localidades, mas também cada mundo singular de mulheres distintas e também diversas. De fora pra dentro, do despir de “meu mundo”, da quebra de preconceitos, de imagens, atribuições e valores... De fora pra dentro, adentrando, reconhecendo, percebendo desde lá e desde cá.

Nos encontros que tive com as mulheres aprendi que conhecer sua realidade supõe de fato um processo de *desvelamento*⁷, um processo de transformação e inquietação. Não somente se dão a conhecer, mas também a sua inserção neste processo revelou suas faces, interfaces, ambiguidades e contradições. Desse modo, a aproximação com a presente temática está relacionada a um trabalho de acompanhamento, de uma “missão” que tinha como ponto de partida a “opção” do Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor.

Fotografia 1 - Encontro de formação com as mulheres do PFF



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2013. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

⁷ Compreendemos desvelar a partir da perspectiva de Paulo Freire, ou seja, “penetrar na essência fenomênica do objeto” (FREIRE, 2001, p.30). Neste sentido, a conscientização implica que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade.

Em Belo Horizonte, na Pastoral da Mulher⁸, entre os anos 2003 e 2008, tendo uma pausa no ano de 2006, quando estive atuando em Juazeiro (Bahia) aprendi a adentrar devagar nesse universo. Inicialmente o convite para entrar em seus quartos, realizado pelas mulheres, revelava que esse gesto não é feito de qualquer jeito. Apesar da grande circulação de homens no ambiente cabia a elas definir e decidir quem entrava em seus quartos e como entrava.

No fechar das portas elas falavam de si, dos medos vivenciados nos hotéis, dos seus familiares, sobre suas angústias, alegrias e sonhos, solicitavam informações sobre saúde, documentação, dentre outras. Certa vez, uma das mulheres convidou a sentar na sua cama. Naquele momento o pedido soou estranho e apesar da resistência sentei ali ficamos por horas conversando. Por muito tempo aquela cena me acompanhou e se, a princípio, a resistência tomara conta, posteriormente senti vergonha por não compreender o significado do gesto naquele momento.

Os poucos meses que passei em Juazeiro da Bahia no ano de 2006 permitiram enxergar uma beleza misturada com secura e resistência que a transformaram completamente. Em sua despedida, uma das mulheres expressou: “*você conseguiu entrar no mundo da gente*”. Na verdade, não estava tão certa quanto a isso, mas sentia-me imensamente feliz pela oportunidade de ir até suas casas, acompanhá-las em atividade na sede da Pastoral da Mulher, realizar encontros, além das visitas e abordagens nos espaços de prostituição.

Fotografia 2 –Casa de Cícera - Juazeiro/BA



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2006. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

⁸ Pastoral da Mulher refere-se a uma Pastoral social da Igreja Católica. Neste caso específico, assim como em Juazeiro (Bahia), a Pastoral é coordenada pelo Instituto das Irmãs Oblatas do Santíssimo Redentor que tem como objetivo atuar com mulheres inseridas em contexto de prostituição. A Pastoral da Mulher, assim como Projeto Força Feminina são as formas de se nomear os Projetos do Instituto.

Fotografia 3 – “Kitanda da Cícera” – Juazeiro/BA



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2006. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

Na maioria das visitas estive acompanhada da Educadora Social Joice Oliveira, com quem compartilhei por muitas vezes inquietações e descobertas.

“Recordo-me voltando de algumas visitas de lugares distantes da Pastoral, algumas vezes andando e conversando sobre as visitas, sobre as mulheres com quem nos encontramos. Lembro-me nitidamente da nossa resistência com relação às donas dos estabelecimentos de prostituição e a surpresa quando, em uma visita levamos a maior parte do tempo conversando com uma mulher, que pela primeira vez nos fez enxergá-la além do rótulo de “dona de bar”. Naquela visita, a mulher falou de si, contou um pouco da sua história, relatou violências sofridas e, sobretudo as suas vivências naquele ambiente do bar. Neste dia voltamos inquietas, surpresas e desconcertadas. Mal sabia que aquela mulher, dona de um bar, que me mostrava a complexidade desse contexto e ensinava que além das mulheres que naquele momento estavam “batalhando” havia outras pessoas, situações, rostos presentes neste cenário” (Trechos da autora).

A partir dessas vivências e por desenvolver um trabalho pautado numa pedagogia de trabalho junto às mulheres, realizei uma pesquisa, desde o campo da teologia e pedagogia sobre as práticas pedagógicas que eram desenvolvidas pelos Projetos da Rede Oblata junto às mulheres.

Essa pesquisa marcou a conclusão do Mestrado Profissional em Teologia e culminou no título: ***Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social*** (grifo nosso). Tal estudo buscou abordar a questão do cuidado junto às mulheres em situação de prostituição desde a perspectiva da educação popular visando o

processo de transformação social. Seu objetivo era verificar a possibilidade de práticas sociais desde a ótica do cuidado e da perspectiva de uma educação popular que provocasse processos de transformação na vida e realidade de mulheres que se encontram inseridas em contextos de prostituição. Naquele momento compreendia que as mulheres da *batalha* estavam em “situação de prostituição”, categoria que ao longo de minha trajetória vai sendo reconstruída. Importante ressaltar que no momento desta pesquisa estava inserida e atuação em uma Instituição que atua e desenvolve ações com as mulheres da *batalha*.

Desse modo, o estudo investigou os mecanismos de exploração, causas e os desafios encontrados pelas mulheres inseridas em contextos de prostituição; analisou a possibilidade de um processo pedagógico desde a perspectiva da educação popular e reflexão do processo pedagógico com mulheres em situação de prostituição desde a ótica de uma espiritualidade marcada pela dimensão do cuidado. A pesquisa levou em consideração o contato com mulheres de Belo Horizonte, Juazeiro e Salvador⁹. Neste período, já residia em Salvador desde o ano de 2009 e estava inserida na realidade da prostituição na Cidade de Todos os Santos. Em 2003 tive sua inserção no contexto do município de Belo Horizonte/MG. Posteriormente, durante os meses de março a agosto de 2006 estive em Juazeiro da Bahia e a partir de 2009 em Salvador.

Em 2015, em decorrência da pesquisa, afastei-me desta realidade enquanto Educadora Social, lugar que foi ocupado durante tantos anos. Em Salvador, no Projeto Força Feminina, estive responsável pela coordenação do Projeto, desde o ano de 2010 até o início de 2015.

Essa posição possibilitava conhecer um pouco mais dessa realidade, haja vista, o comprometimento nas visitas semanais em bares, praça, cines, orla. O que permitiu, durante a construção dessa pesquisa estar em diálogo com as mulheres para agora, em 2015-2017 ocupar outro lugar, sendo, portanto, não mais a educadora, a coordenadora do Projeto, mas uma pesquisadora dessa realidade.

Aos poucos as mulheres foram compreendendo o novo lugar que ocupava. E, na verdade, o vínculo e a confiança construídos durante tantos anos permitiam estar na praça

⁹ A atuação com as mulheres em inseridas em contexto prostituição consistia em um trabalho social, como educadora social e posteriormente como coordenadora no Projeto Força Feminina. O desenvolvimento da ação consistia em abordagens sociais em locais de prostituição, atividades de acolhida e encaminhamentos sociais no Projeto, reuniões e articulação com Instituições parceiras, encontros, formações com temáticas específicas (DST, violência contra as mulheres, saúde, moradia, direitos sociais, cidadania), rodas de conversas com discussões sobre gênero e prostituição, atendimentos individuais, participação em espaços de reivindicação e lutas sociais tais como vigílias pelo fim da violência contra as mulheres, plebiscito popular, campanhas de saúde e outros.

para a realização da observação participante, visitá-las em suas casas para conversas e realizar entrevistas, almoços, saídas, passeios.

Um elemento importante nesse processo foi o fato das mulheres me conhecerem e quando em determinados momentos consideravam que minha presença não seria positiva, comunicavam abertamente. Certa vez, na Praça da Sé, observando e conversando com as mulheres, uma delas chegou e sentou, depois levantou, andou e retornou dizendo: “*Fernanda, acho que hoje não é bom você ficar aqui.*” Rapidamente perguntei se estava atrapalhando e ela respondeu: “*Sim, o movimento tá fraco*”. Na semana seguinte, ao chegar a Praça da Sé, a mesma mulher me recebeu com alegria e conversei com ela.

Em Salvador, portanto, aprendi com mulheres cheias de *ginga* que no espaço da *batalha* várias interações acontecem. Diferente da realidade de Belo Horizonte, onde as mulheres que se encontram nos hotéis são de diferentes lugares, em Salvador, principalmente na Praça da Sé, além de me deparar com mulheres também de outras regiões, comecei a perceber a interação de familiares no espaço. Desse modo, vários movimentos e circulações foram instigando o desejo de conhecer um pouco mais dessas vivências. Tais relações permitiram uma aproximação do contexto como pesquisadora de forma mais tranquila (mas tampouco confortável).

Após esse percurso de trabalho e de aproximação com os sujeitos da pesquisa, foi possível construir um novo interesse, um novo objetivo, mais situado na área da Educação. Desse modo, o objetivo da pesquisa atual consiste em estudar as trajetórias de vida, socialização, transformações e saberes de mulheres no cotidiano da prostituição. O trabalho de escuta e intervenção refletia em espaços de encontros sobre suas vidas, formas de entradas e saídas da prostituição, enfrentamentos às situações de violências, aprendizados construídos nesse âmbito e transformações realizadas a partir do encontro com outras mulheres e grupos sociais. A partir daí um processo de inquietude e transição se abre, pois a pesquisa, os estudos, a possibilidade de conhecer outros/as autores/as deste campo vão ampliando minha visão acerca da prática da prostituição e de como as mulheres se constroem a partir deste contexto.

Os encontros com mulheres inseridas em contexto de prostituição possibilitaram a percepção do lugar, dito não-lugar, o lugar não reconhecido pela sociedade, o lugar do desconhecido, do mal dito e mal falado. Lugares marcados por condições específicas de ser e se fazer mulher. Os encontros possibilitaram a percepção de que mulheres imersas no cotidiano da prostituição constroem suas trajetórias de vida, transformam-se, aprendem,

ensinam, desaprendem, fazem-se mulheres a partir deste lugar e também a partir de outros lugares que ocupam.

Durante muito tempo escutei que aproximar-se destas mulheres era proibido. A elas cabiam determinados espaços e condições e neste sentido, desde a infância, escutava falar: “*naquela rua não se passa, ali é o inferninho*” ou ainda são “*mulheres da vida*”, “*mulher de vida fácil*”. Muitos questionamentos surgiam: o que é ser mulher de vida fácil? O que as diferencia de outras mulheres? Por que não andar naqueles lugares?

Em Belo Horizonte, ouvia frases do tipo: “*cuidado, e se algum conhecido te vir entrando naqueles hotéis¹⁰?*”. Na verdade, algumas vezes encontrei homens conhecidos circulando por aqueles espaços. Posteriormente, ao vir para Salvador e atuar no Projeto Força Feminina, constatei a complexidade presente nesse contexto. Algumas mulheres diziam que as pessoas ao passarem na Ladeira da Montanha as agrediam com palavras, gestos ou jogando objetos, xingando-as de “putas” e “sem vergonha”. A inquietude permanecia...

Figura 4– Ladeira da Montanha



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

¹⁰ Ao falar dos hotéis, refiro-me aos locais de prostituição no centro de Belo Horizonte. Estes hotéis se localizam na Rua Guaicurus, ponto boêmio e de prostituição na capital mineira. Nestes hotéis as mulheres alugam quartos onde realizam os programas. O movimento nestes espaços é intenso, com grande circulação de mulheres, clientes, vendedores, passantes.

Figura 5 - Interior de um bar na Ladeira da Montanha



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2012. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

O desconcerto diante do cotidiano da prostituição fazia-me perceber que estava diante de outro mundo, mas não um mundo distinto do que estava inserida, mesmo porque nos vários momentos de escuta e diálogo com as mulheres descobria dia a dia o quanto eram parecidas, o quanto pareciam com outras mulheres, o quanto seus sonhos e desejos, assim como suas construções em ser mulher estavam próximos de outras tantas mulheres. Assim como Claudia Fonseca, descobria que “essas mulheres têm vidas, em muitos aspectos (experiências familiares e dilemas pessoais), não muito diferentes das de suas contemporâneas mais convencionais” (FONSECA, 2004, p. 258).

As mulheres eram julgadas por seus comportamentos e estigmatizadas pelo fato de exercerem a prostituição. Historicamente, a prostituição foi, na maior parte do tempo, vista como uma prática na qual não era bem vista “moralmente”, por isso existem alguns lugares específicos que as mulheres podiam transitar. Para Colvero (2010),

Distinguir o “mundo das prostitutas” das mulheres da sociedade corresponde à distinção entre público e privado, à regulação das trocas subjetivas entre os grupos e a circulação entre eles. Os sujeitos vivem num acordo, mesmo que tácito, que prevê os lugares nos quais podem transitar. Os próprios indivíduos desviantes têm espaços permitidos ou não (COLVERO, 2010, p.14).

Da Matta (1997) utiliza os termos “casa” e “rua” como categorias sociológicas em contexto brasileiro, e demonstra que essas palavras não designam apenas espaços geográficos

ou coisas físicas, mas, sobretudo, entidades morais, esferas de ação social permeada por domínios culturais institucionalizados. Assim, de um lado, a “casa” “define tanto o espaço íntimo e privativo de uma pessoa quanto o espaço máximo e absolutamente público” (DA MATTA, 1997, p.15). De outro lado, a “rua” demarca o movimento de indivíduos “anônimos e desgarrados”. Desse modo,

O que temos realmente é um sistema que apresenta três modos diferenciados e complementares de “ordenar” e também reconstruir e construir (ou inventar) a experiência social brasileira. Assim, sabemos em que casa podemos fazer coisas que são condenadas na rua, como exigir atenção para a nossa presença e opinião, querer um lugar determinado e permanente na hierarquia da família e requerer um espaço a que temos direito inalienável e perpétuo. Em casa somos todos, conforme tenho dito, “supercidadãos”. Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente “subcidadãos” e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na rua (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo (DA MATTA, 1997, p.19).

No caso brasileiro, existem muitos espaços e temporalidades convivendo simultaneamente. Da Matta (1997) questiona como é possível descobrir estas diferenciações, afinal de contas o espaço pode ser demarcado no momento em que se estabelecem fronteiras.

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens (e mulheres). Sobretudo o tempo, que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando uma elaboração sociológica. E mais: em muitas sociedades, os dois conceitos se confundem e operam dentro de uma gradação complexa (DA MATTA, 1997, p.31).

O tempo, assim como o espaço, portanto é marcado por transitoriedades e oscilações: dia e noite, inverno e verão, tempo ordinário e tempo extraordinário como, por exemplo, as festas e rituais que possibilitam deslocamentos das atividades cotidianas em seus “espaços normais” a outros espaços. Desse modo,

Nossos espaços nem sempre são marcados pela eternidade [...] Assim, tudo o que está relacionado ao paradoxo, ao conflito ou à contradição – como as regiões pobres ou de meretrício – fica num espaço singular. Geralmente são regiões periféricas ou escondidas permanentes ou estruturalmente complementares às áreas mais nobres da mesma cidade, mas são sempre vistas como locais de transição: “zonas”, “brejos”, “mangues” e “alagados” (DA MATTA, 1997, p.42).

Os comportamentos esperados nestes lugares demarcados pela “casa” e “rua” apresentam significações diferenciadas. Desse modo, ocupar estes espaços e tempo configuram lugares e estereótipos. Neste caso, não se pode misturar o espaço da rua e da casa sem criar algum tipo de conflito. Assim,

Não preciso acentuar que é na rua que devem viver os malandros, os meliantes, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família. Do mesmo modo, a rua é local de individualização, de luta e malandragem (DA MATTA, 1997, p.51).

Sendo a rua o lugar onde se encontram os “malandros”, este não deve ser ocupada por mulheres, pelo menos, não por mulheres da casa, mulheres de família. Neste caso, as mulheres que ocupam a rua são denominadas de “mulheres da vida” e lhe são atribuídos juízos de valores e estereótipos.

Figura 6 – Praça da Sé, Salvador/BA



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. 1 fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

No caso das prostitutas, lugares e espaços foram e têm sido demarcados como formas de legitimar o “tipo” de mulheres de que se trata. Historicamente às prostitutas foram demarcados alguns espaços específicos: rua, casa de luz vermelha, bordéis, boates classificando-as como pessoas desviantes.

A sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas. As rotinas de relação social em ambientes estabelecidos nos permitem um relacionamento com “outras pessoas” previstas sem atenção ou reflexão particular. Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua identidade social- para usar um termo melhor que status social, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação” (GOFFMAN, 2012, p.11-12).

Segundo Velho (1985), os comportamentos desviantes e os estereótipos são atribuídos às pessoas que exercem o trabalho sexual. A perspectiva de desvio pressupõe a existência de um comportamento ideal e que, portanto, é compatível com as normas sociais estabelecidas. As mulheres que exercem a prostituição são consideradas desviantes, pois não se adequam aos comportamentos que são definidos como modelos comportamentais associados ao papel feminino.

Em “*História da Sexualidade: a vontade de saber*”, Foucault (2015) discute sobre a sexualidade desde o século XVII observando as práticas, discursos, regulações acerca da sexualidade. Para o autor, o século XVII marca a idade da repressão juntamente com o forte desenvolvimento do capitalismo, desse modo, denominar o sexo seria algo difícil, ou seja, sua denominação caberia a partir do momento que houvesse um controle do discurso e de sua circulação, pautada nos discursos lícitos e ilícitos. A partir do século XVIII ocorre uma aceleração acerca dos discursos sobre o sexo. Neste momento, a multiplicação dos discursos sobre o sexo a partir do campo do exercício do poder se fortalece.

No século XVIII o sexo se torna questão de “polícia”, mas no sentido pleno e forte que se atribuía então a essa palavra – não como repressão da desordem e sim como majoração ordenada das forças coletivas e individuais [...] Polícia do sexo, isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos uteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição (FOUCAULT, 2015, p.28).

Nos séculos XIX e XX, os discursos são marcados por uma ideia de verdade, ou seja, o ocidente é regido por esquemas de regularidade científica que se expressa a partir de alguns aspectos: a clínica e o “fazer falar”, ou seja, surge o deslocamento da confissão, utilizado na Idade Média, para o espaço da clínica, pautada em um discurso científico; a biologia da reprodução e a medicina do sexo.

Os séculos XIX e XX foram, antes de mais nada, a idade da multiplicação: uma dispersão de sexualidade, um reforço de suas formas absurdas, uma implantação múltipla das “perversões”. Nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais. Até o final do século XVIII, três grandes códigos explícitos – além das regularidades devidas aos costumes e das pressões de opinião – regiam as práticas sexuais: o direito canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Eles fixavam cada qual à sua maneira, a linha divisória entre o lícito e ilícito (FOUCAULT, 2015, p.41).

Em *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo*, Giddens (1993), trata da sexualidade como um tema que na atualidade aparece continuamente no domínio público e, além disso, fala a linguagem da revolução; ou seja, durante as últimas décadas ocorreu uma revolução sexual; levando muitos pensadores a tratar do assunto. Tratando deste tema se verifica que,

Em sua maioria, as mulheres têm sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e as “mulheres perdidas” só existiram à margem da sociedade respeitável. Há muito tempo a “virtude” tem sido definida em termos de recusa de uma mulher em sucumbir à tentação sexual, recusa esta amparada por várias proteções institucionais, como o namoro com acompanhante, casamentos forçados e assim por diante. Os homens, no entanto, têm sido tradicionalmente considerados- e não apenas por si próprios – como tendo necessidade de variedade sexual para a sua saúde física. Em geral tem sido aceitável o envolvimento dos homens em encontros sexuais múltiplos antes do casamento, e o padrão duplo após o casamento era um fenômeno muito real (GIDDENS, 1993, p.16).

Segundo Pasini (2000), no final do século XIX e início do século XX (até 1930), os escritos sobre prostituição enfatizavam os saberes médicos e da polícia, pois estes se consideravam “defensores da moralidade”. Para os médicos e policiais, a prostituição deveria ser extinta, pois era uma doença que precisava ser eliminada. A prostituição era considerada como um mal social e por isto devia ser combatida.

Ao longo do século XIX, a figura da mulher delinquente foi objeto de intensa produção discursiva, seja pela psiquiatria, pela antropologia criminal ou pela medicina social. Os enunciados produzidos pela ciência, o intento de encontrar verdades universalmente válidas sobre essas personagens, fabricaram sujeitos e legitimaram agenciamentos e formas de controle social (PINHO, 2011, p.07).

Contemporaneamente, após a perda do estatuto científico de teorias sobre a *criminosa nata*, observam-se pesquisas com o pressuposto de que as prostitutas seriam mulheres com certo grau de exotismo. Neste sentido, algumas pesquisas tentam demonstrar por meio de

entrevistas e estatísticas certa ligação entre a entrada no universo da prostituição e a ocorrência de abusos sexuais.

Tais perspectivas vão construindo um caminho de pensamento acerca da prostituição demonstrando cada vez mais que para além das ambiguidades destas construções, pensar e pesquisar sobre prostituição implica buscar compreender as facetas deste fenômeno complexo. Weeks (1998), ao discutir sobre o corpo e a sexualidade, problematiza as temáticas relacionadas a sexualidades e questiona porque este tema assim como corpo e sexo provocam tantas discussões na sociedade. Neste sentido, Weeks reconhece que algumas “sexualidades” são vistas como “normais” e outras “anormais”.

Sousa (2007) afirma que a “prostituição é uma prática social complexa e que está ligada à economia, trabalho, sexualidade, à moral e às relações de gênero”. A complexidade da prática envolve uma diversidade de atores que se conectam e interconectam formando uma rede de relações, comércio, trocas, aprendizagens, possibilidades e estranhamentos. Nesta rede, trajetórias de vida são construídas, transformações acontecem e saberes são tecidos.

Desse modo, ser mulher e construir saberes nesse cotidiano implica em considerar os deslocamentos e movimentos na rede: da casa para o bar, do bar para a praça, da praça ao encontro com o cliente, do encontro ao retorno a casa, da casa à orla, da orla ao hotel, do hotel ao encontro com outras mulheres, do encontro ao desencontro, enfim, o cotidiano é tecido “dentro” e “fora” do contexto prostitucional.

Castro (1995, p. 152) em pesquisa realizada na zona do Mangue, no Rio de Janeiro, aponta que “uma das representações mais fortemente presente no discurso das prostitutas é a que apresenta uma nítida divisão ‘entre o mundo de fora’ e o ‘mundo de dentro’”.

Após a qualificação (em Outubro de 2015) descobri que essa difícil arte de pensar é de fato uma tarefa, um fazer, um querer ser solitário... Ainda que ajam mãos generosas, corpos inquietantes, suspiros que pulsam juntos o pensar se faz solitariamente. Assim, é importante ressaltar dois aspectos, primeiro que quando falo em pensar não me refiro a uma ação puramente abstrata, racional e dicotômica, algo que se separa do que somos. Antes, pensar envolve todo nosso ser, corporeidade, afetos, intuições. Pensar *desloca*. Provoca dinamismos e movimentos. Segundo, a solidão a que me refiro trata-se não de algo que nos isola e afasta do(s) outro (s). Pelo contrário, trata-se daquela solidão que a partir do encontro se volta a si mesmo, se questiona, pergunta, habita, ou melhor, faz morada em si. Pousa. Reflete. E vê a imagem no espelho que transparece as diversas possibilidades, os diversos encontros e desencontros.

Descobri, no intenso movimento de que nada se fecha, mas continua dinamizando, fluindo e que pensar se faz solitariamente e solidariamente. Dói... Lacrimeja... Revigora. Solitariamente pensando, ainda que acompanhada de mãos que afagam, encorajam, indicam saídas, apontam perspectivas... Solidão que se vivida fecunda. Solidão que se sentida possibilita. Solidão que se tocada abre fronteiras. Ah! Pensar pulsante... Habita-a... Intensamente... Complexifica meu ser e dinamiza a vida.

Neste movimento, após a qualificação, a partir de olhares atentos e sensibilidades precisas da banca nas pessoas de: Livia Alessandra Fialho da Costa, Ana Claudia Pacheco e Elaine Rabinovich pude dar seguimento à pesquisa com algumas inquietudes a mais e a certeza de que muito faltava por ser construído, lapidado, refletido, principalmente no que se relacionava diretamente com as narrativas e trajetórias trazidas pelas mulheres. Era necessário retomar anotações, diário de campo, entrevistas e aprender a ler nas entrelinhas os ditos, não ditos, os silêncios, sussurros e gritos que permeavam e/ou não permeavam minha pesquisa. Encontrava-me, pois extremante inquieta por desvendar, estudar, aprofundar temas e questões que ainda não eram suficientes e se apresentavam contraditórias.

Enfim, era preciso (e ainda é) seguir pesquisando... O caminho só estava começando... Afinal de contas,

“O campo? É e não é... Quadros entrecortados. Peças desconfiguradas...O campo? Um lugar incerto, Impreciso, Complexo. Mistura de tantas coisas. E coisas outras...Perguntas, Questionamentos. Estranhamentos...O campo? Produção diária. Surpresa refletida. Tantos passos, Estratégias, Metodologias. Um constante não saber... Idas e vindas! Movimentos. O campo? Aprendizado intenso...Reflexões diárias. Escritas rasuradas, inventadas no texto diário. Ah! O campo...Investigação, minucias, contornos, contextos, entornos...Ver o campo, Sentir o campo. Pensar o campo, Corporificar o campo. Ah o campo!!! Trabalhadora retada! Contínuo descobrir, constante despertar! (Diário de Campo, 09 de fevereiro de 2016).

E a título de prosseguimento o que temos a seguir trata-se da dissertação, com todas suas possíveis construções, pausas, interrogações e questionamentos. Desse modo, no primeiro capítulo: *Na rua, na praça, em casa: conversações, caminhos percorridos e notas metodológicas*, trataremos do processo pelo qual este texto foi sendo tecido e gestado por meio da aproximação do campo, estabelecimento de objetivos e referencial teórico que pauta a discussão.

A partir do segundo capítulo: *Prostituição: mundos diversos, deslocamentos e trans(A)ções*, buscaremos apresentar alguns estudos sobre prostituição e mercado do sexo,

assim como compreender a complexidade desta prática que historicamente tem sido estigmatizada e vista de forma preconceituosa. Ainda neste capítulo, visualizaremos os modos pelos quais o movimento de prostitutas tem pautado suas lutas, deslocamentos e enfrentamentos.

No terceiro capítulo, com o objetivo de aproximar e conhecer o contexto onde a pesquisa se realiza, apresentaremos: *os primeiros passos de uma observação etnográfica*, tanto o processo de construção e observação deste cenário quanto buscaremos reconhecer os pontos e locais de *batalha*, na cidade de Salvador, Bahia.

O quarto capítulo, tem como propósito dialogar com as narrativas e trajetórias de vida contadas pelas mulheres durante as entrevistas e/ou na observação participante. Para tal algumas categorias surgem neste momento como chaves dentro da pesquisa: trajetórias de vida, escolarização, socialização, prostituição, relações de gênero.

As análises dos dados que surgem da pesquisa apresentam uma série de elementos presentes no contexto da prostituição: transições, inserção, permanência das mulheres na *batalha*, aprendizados e saberes construídos a partir desta prática, relações e interações com cliente, mulheres e outros atores sociais, projetos de vida e perspectivas futuras. Além destes elementos a categoria *batalha* surge como um termo êmico que o campo evoca e faz surgir, assim como outros termos êmicos: *guia, brega, sacizeiras*.

Por fim, o quinto capítulo: *Costurando e tecendo os fios da vida*, pretende entrelaçar os temas discutidos ao longo da dissertação às análises que surgiram a partir do campo. Assim, algumas categorias serão retomadas como chaves e pontos que elucidam os achados da pesquisa.

Pesquisar...
Acampar...
Entrar no campo!!!
Ir à campo...Estar no campo.
Mapear circuitos, deslocar...
Porque corpos interagem
Danças, labutam
Corpos batalham...Resistem...Posicionam-se
Em constantes mobilidades, trânsitos, e tran (s) Ações
Corpos territórios
Mundos contraditórios
Vidas e memórias
Pesquisar... Etnografar...
Anotar percepções
Ensaíar performances
Do centro às margens
Das margens ao centro
Rascunhar soltas palavras
Ampliar vozes sujeitas
Agentes e Envolventes
Pesquisar é acampar
No campo, no mundo, na vida.
Fernanda Priscila Alves da Silva

2 NA RUA, NA PRAÇA, EM CASA: CONVERSÇÕES, CAMINHOS PERCORRIDOS E NOTAS METODOLÓGICAS

Durante o período de inserção no campo minha primeira opção foi entrar em contato com as mulheres que já conhecia pelos anos de trabalho no PFF. Por meio delas iniciei a inserção em locais como a Praça da Sé, Ladeira da Montanha, bares da Barroquinha e da Orla. Assim, durante várias manhãs, tardes ou noites sentava na Praça da Sé, junto às mulheres, conversando e (re) conhecendo o ambiente, na tentativa de aprender a ler e entender os significados e ritmos dos locais.

Tornar-se um com os ritmos urbanos é perder-se no meio da multidão, deixar-se possuir por alguma esquina, fundir-se nos encontros fortuitos, mas é também localizar-se nas conversas rápidas dos habitantes locais, registrar piscadelas descompromissadas dos passantes, rabiscar apressadamente um desenho destas experiências no seu bloco de notas, tirar fotos, gravar algumas cenas “estando lá” (ROCHA e ECKERT, 2013, p. 23).

Em algumas ocasiões a percepção era a de que, ainda que por muitas vezes estivesse estado nestes espaços como educadora, o momento soava de modo distinto. As mulheres perguntavam o porquê de estar ali, sobre a faculdade, casamento, outros trabalhos, contavam sobre si, rememoravam outros encontros que haviam vivenciado. Nesse movimento, apresentei a pesquisa e seus objetivos às mulheres e se em alguns momentos o assunto central eram notícias do PFF, isto foi se diluindo no momento em que começaram a me enxergar no lugar de pesquisadora. Iniciava aqui um processo de transição: de educadora/coordenadora/representante de uma instituição à pesquisadora deste contexto e realidade.

Esse novo lugar permitiu ainda acessar e se aproximar de outras interações e movimentos. Ficar sentada no banco da Praça da Sé, ou tornar-se vendedora em uma das “guias”¹¹, enquanto uma das mulheres realizava seu *programa*, ou ainda dialogar com o vendedor de água de coco na orla permitiu-me conhecer outros espaços de sociabilidades e os outros atores que compõem este cenário. Aos poucos o cenário que já era considerado complexo tornava-se mais complexo ainda.

¹¹ Guias: termo êmico que surge no campo e se remete a outra forma de trabalho encontrado pelas mulheres da *batalha* em Salvador. A guia é uma banca onde são colocados vários produtos de consumo para venda às pessoas que passam e transitam pelas ruas e pela praça. Na guia se encontra água, refrigerantes, doces, cigarros, bala para venda.

Dessa forma, este trabalho consiste em estudo sobre as sociabilidades construídas por mulheres que exercem prostituição de rua em Salvador, Bahia. O contexto da prostituição de rua é composto por vários atores: taxistas, vendedores ambulantes, policiais, clientes, transeuntes, além das mulheres que se prostituem.

O grupo pesquisado é composto de mulheres de baixa renda, em exercício da prostituição de rua, acima dos 18 anos, em uma amostra de 10 mulheres, na faixa etária de 30 a 65 anos, que foram entrevistadas no período de abril a novembro de 2015. Além deste grupo específico houve uma inserção e aproximação de outras mulheres, clientes, vendedores, familiares em bares, ruas, cines privês, unidades domiciliares, entre outros.

O referencial teórico utilizado está ancorado no campo de estudos autobiográficos em educação¹², além dos princípios metodológicos e epistemológicos da etnografia. As narrativas de trajetórias de vida considerará uma perspectiva feminista possibilitando assim um diálogo a partir da categoria gênero.

Para a teóloga feminista Ivone Gebara (2000), um aspecto a se destacar em relação ao conceito de gênero diz respeito à diferença, ou seja, existe uma infinidade de diferenças: entre homens e homens, entre mulheres e mulheres, entre homens e mulheres. Além disso, há outros cruzamentos que delimitam as singularidades das pessoas, tais como geração, cultura, religião, etnia, dentre outros. Para Gebara, o conceito de gênero não é apenas um instrumento de análise, mas também um “instrumento de autoconstrução feminina e de tentativa de construção de relações sociais mais fundadas na justiça e na igualdade, a partir do respeito à diferença” (GEBARA, 2000, p.105).

Em relação à etnografia, se entende que ela é uma prática muito utilizada na tradição antropológica e no estudo ela possibilita a aproximação e o encontro com as mulheres que exercem a prostituição de rua na cidade de Salvador.

Para Geertz (1989, p.15), praticar etnografia significa “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”, ou seja, trata-se da constituição de um arranjo onde o etnógrafo, por meio de uma “descrição densa de seus dados” constrói um universo explicativo e intermediário de singularidades dos sujeitos.

O saber etnográfico desenvolve-se a partir do contraste e das similaridades entre aspectos da cultura do etnógrafo e do nativo como produto de observação e do nativo, enquanto produtores e produtos de sentidos e

¹² JOSSO (1986); PINEAU (1983; 1985).

significados culturais, que se sustenta a base do conhecimento etnográfico (SGANZELLA, 2011, p. 23).

A proposta feita é um “olhar de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002) a partir das relações, arranjos e construções dos atores sociais, ou seja, dos saberes e formas de construções dos saberes construídos pelas mulheres. Tal forma de pesquisar supõe que haja um investimento de ambas as partes: de um lado as mulheres, de outro a pesquisadora.

[...] o que se propõe é um olhar de perto e de dentro, mas a partir dos arranjos dos próprios atores sociais, ou seja, das formas por meio das quais eles se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas – religiosidade, trabalho, lazer, cultura, participação política ou associativa etc. Esta estratégia supõe um investimento em ambos os polos da relação: de um lado, sobre os atores sociais, o grupo e a prática que estão sendo estudados e, de outro, a paisagem em que essa prática se desenvolve, entendida não como mero cenário, mas parte constitutiva do recorte de análise. É o que caracteriza o enfoque da antropologia urbana, diferenciando-o da abordagem de outras disciplinas e até mesmo de outras opções no interior da antropologia. (MAGNANI, 2002, p. 18).

Desse modo,

Ao fazer etnografia estaremos sempre testando nossos próprios conceitos em outra realidade cultural e produzindo significados de gênero para nós próprios. É preciso observar e descrever o que as mulheres realmente fazem e pensam em vez de escutar o que os outros dizem que elas fazem e pensam (SUÁREZ, 1997, p. 43-44).

Nesta perspectiva, a etnografia busca compreender os significados que os sujeitos atribuem ao seu contexto, a sua cultura e assim a pesquisa etnográfica se realiza por meio de técnicas voltadas para descrição cuidadosa do contexto estudado.

Segundo Moreira e Caleffe (2006), a etnografia se caracteriza por enfocar o comportamento social no cenário. Desse modo, o resultado da pesquisa se pauta na interpretação com referencia ao grupo ou cenário e conforme as interações no contexto.

Buscando o sentido etimológico da palavra, Graf (o) significa escrever sobre o etn(o) uma sociedade particular, então etnografia estuda e descreve as formas de viver de um povo[...] a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças, envolvendo a descrição holística de um povo e seu modo de vida (SILVA, et all, 2013, p.06)

As pesquisas etnográficas se caracterizam pelo envolvimento do pesquisador com o cenário e grupo social pesquisado. Ela consiste, portanto, em descrever práticas e saberes de sujeitos e grupos sociais por meio de técnicas de observação e conversações, “interagindo-se com o Outro, olha-se, isto é ‘ordena-se o visível, organiza-se a experiência’” (ROCHA E ECKERT, 2003, p.03). Exigem-se desse modo, uma observação e interpretação holística dos dados.

Alguns autores e pesquisadores do campo da antropologia têm desenvolvido trabalhos a partir do que eles têm denominado de etnografia de rua. A proposta destes estudos de Antropologia Urbana surge na França e a referência é Collete Pettonet (1982) e, no Brasil, Gilberto Velho (1973). Para Velho, o (a) pesquisador (a) faz parte da sociedade e cidade que está sendo pesquisada e por isso é preciso construir este lugar de estranhamento. Para os pesquisadores deste campo a etnografia de rua possibilita a descoberta e a descrição da cidade a partir de gestos cotidianos dos habitantes, que dia a dia são repetidos e reordenados conforme as situações e eventos que ocorrem no espaço da rua (ROCHA & ECKERT, 2013).

A rua, nos exercícios etnográficos, se coloca para nós como um arranjo espaço-temporal onde a vida social se desenrola nas suas mais diversas formas. São múltiplas facetas da rua que etnógrafo conhece em sua inserção na “pesquisa de campo” que são narradas pelas imagens etnográficas da escrita, da foto, do vídeo, do som e que aqui são interpretados como poética das ruas acomodadas nos ritmos temporais da vida cidadina (ROCHA, e ECKERT, 2013, p.13).

A etnografia tem o potencial teórico metodológico de desvendamento, de conhecimento das experiências que ocorrem nestes espaços, movimentos que aproximam e distanciam, surgem e desaparecem. Os dados que coletados neste espaço nos apresentam elementos da memória coletiva, narrativas e formas de sociabilidade presente neste cenário. No caso da rua, a técnica da etnografia pode contribuir para o reconhecimento por parte do (a) pesquisador (a) das distintas formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e das tensões nos territórios.

Neste estudo, não temos a pretensão de realizar uma etnografia de rua, nos moldes e com a rigorosidade proposto pela antropologia, mas pretendemos sim utilizar deste método, aliado a outros para coletar dados da realidade, captar os movimentos e ritmo da vida nos espaços da rua e *batalha*, as interações, dramas e jogos vivenciados pelas mulheres e a outros atores neste contexto.

O saber etnográfico contribuirá na medida em nos que nos ensina a lapidar nosso olhar e visão para observar, descrever e compreender o campo. Além da etnografia, os dados coletados serão analisados na perspectiva das narrativas e história de vida.

Por narrativa de história de vida, pretende-se a utilização de histórias de vida considerando as narrativas de si, as experiências vividas e interpretações individuais de experiências sociais. Desde o ponto de vista epistemológico e metodológico, as teorias que inspiram o conceito de histórias de vida são apresentadas desde dois aspectos fundamentais: primeiro, pela narrativa que o sujeito faz de si mesmo, e segundo, pela dimensão de “projeto constitutivo da história de vida” (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 361).

Enquanto atividade formadora, a narrativa de si e das experiências vividas ao longo da vida caracteriza-se como processo de formação e de conhecimento, porque se ancora nos recursos experiências engendrado nas marcas acumuladas das experiências construídas e de mudanças identitárias vividas pelos sujeitos em processo de formação e desenvolvimento (SOUZA, 2006).

A história de vida é também uma ferramenta da historicidade. O sujeito é produzido por sua história ao mesmo tempo em que a produz. Através do relato o indivíduo reconstrói essa história e lhe confere novas significações. O indivíduo através de sua subjetividade, da singularidade psíquica, retraduz sua história à sua maneira, interage e se coloca rompendo com uma suposta passividade que o pudesse imobilizar. Na medida em que identifica as determinações dessa história, entende a maneira pela que ela o condiciona. Compreende o presente e num processo de “reescritura” pode tornar-se o sujeito de sua própria história e modifica o seu sentido (OLIVEIRA, 2008, p.37).

Segundo Delory-Momberger (2011, p.51), o objeto da pesquisa biográfica se localiza em “explorar os processos de construção do sujeito no seio do espaço social; mostrar como os indivíduos dão uma forma as suas experiências, como dão significado às situações e aos eventos de sua existência, como agem e se constroem nos seus contextos histórico, social, cultural e político”. E para isso, a pesquisa biográfica se ocupa dos estudos das operações e processos segundo os quais as pessoas integram, estruturam, organizam e interpretam os espaços-tempos de seus contextos histórico e social.

A partir da narrativa pessoal, a corrente das histórias de vida traduz e transpõe no domínio da formação um processo mais geral, que é aquele da maneira pela qual os indivíduos se apropriam do mundo histórico, social, cultural no qual eles vivem. Inclusive, foi a partir da atenção dada à narrativa

pessoal – na medida em que as operações de elaboração da narrativa permitem testemunhar este processo de apropriação e singularização – que pôde desenvolver-se a perspectiva mais abrangente da pesquisa biográfica (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 49).

A narrativa permite a reunião, organização e tratamento temático dos acontecimentos da existência de forma heterogênea e multiforme. É por meio da narrativa que as pessoas definem suas posições no mundo, estabelecem conexões e sentidos, atribuem significados e se constroem como personagens de suas vidas. Neste sentido, “a história de vida tem lugar na narrativa” (Delory-Momberger, 2006, p.363), ou seja, é por meio da narrativa que o sujeito se forma e experiencia a história de sua vida.

As histórias de vida situam-se, com certeza, do lado do processo de mudança global da pessoa e da relação do formado com o saber e com a formação. As histórias de vida não formam nada que seja da ordem de um corpo de saber constituído, de uma competência instrumental específica, de um dispositivo procedimental ou conceitual determinado (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.365).

Delory-Momberger (2011, p.336), ao discutir sobre a narrativa e seu lugar na construção biográfica demonstra que no período moderno, a partir da Renascença, surge um modo de construção biográfica pelo qual o sujeito outorga a si mesmo sua “lei de constituição” e encontra em “sua experiência pessoal às fontes de seu desenvolvimento”. A autora se pergunta: “de onde procede a eficiência, a força formadora da narrativa?” e arrisca uma resposta:

Quem faz narrativa de sua vida não descobre uma história que teria ignorado até então, repentinamente revelada! Não, não há um sentido oculto, preexistente, que a narrativa vem desvendar! E para chegar ao fundo do raciocínio: Não, não há história nem sentido antes que a narrativa construa a história e estabeleça o sentido, e sempre de forma provisória e inconclusa [...] A narrativa narra histórias! (DELORY- MOMBERGER, 2011, p. 340).

Considerando o campo da educação e de um projeto mais amplo e global a pesquisa biográfica em educação está fundamentada na relação entre biografização e formação, entre biografia e aprendizagem. Assim,

A atividade de biografização apresenta-se como um processo generalizado de formação do ser individual: pela biografização, nós não paramos de dar forma à nossa experiência e à nossa existência no meio social; nós não paramos de trabalhar para formar em nós “o mundo interior do mundo

exterior”. Neste sentido, e quase por definição, a dimensão da formação está sempre presente entre os objetos de pesquisa biográfica: no espaço social e no tempo da existência, tratando-se sempre de compreender como se forma e se constrói o ser individual (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 53).

Na perspectiva de Josso (2010), as histórias de vida, desde os anos 1980, tornaram-se um material muito utilizado nas pesquisas no “campo das ciências do humano”. No campo da educação, o que se observa são trabalhos de pesquisa-formação, especificamente formação de professores que se ocupa da relação sujeitos *apreendentes* e a formação continuada. Além do mais, dois aspectos são apontados pela autora como relevantes: primeiro, as abordagens das histórias de vida buscam evidenciar um processo de mudança do posicionamento do pesquisador, e segundo, buscam demarcar a contribuição do conhecimento dessas metodologias para o sujeito. Desse modo,

A originalidade da metodologia de pesquisa-formação em histórias de vida diz respeito, em primeiro lugar, à nossa constante preocupação com que os autores de narrativas consigam produzir conhecimentos que tenham sentido para eles e que eles próprios se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (JOSSO, 2010, p. 33).

Assim, o enfoque das narrativas de trajetórias de vida permite que os sujeitos sociais sejam ativos narradores ao passo que são narrados. Segundo Bruner (1986), desde um contexto antropológico, a noção de narrativa se introduz como estrutura de significado, assim, a etnografia pode ser considerada uma narrativa tanto quanto o relato dos “nativos”, neste caso, o relato das mulheres. Bruner afirma que a etnografia se guia pela narrativa, ou seja, “uma estrutura narrativa implícita que fala sobre as pessoas que nós estudamos” (BRUNER, 1986, p.139).

Para Bolívar (2012) a investigação biográfica – narrativa tem se complexificado cada vez mais. Em contexto pós-moderno onde se verifica a crise da investigação positivista convencional e a dissolução do sujeito nas estruturas, diante da perda de fé e credibilidade nos metarrelatos modernos, as narrativas (auto) biográficas tem um potencial no sentido de representar a experiência vivida. Desse modo, a investigação biográfica – narrativa, além de ser uma metodologia de coleta e análise de dados, se constitui numa perspectiva própria, como forma legítima de construir conhecimento na investigação educativa e social.

Como metodologia “hermenêutica” permite conjuntamente dar significado y comprender las dimensiones cognitivas, afectivas u de acción. Contar las propias vivencias y “ler” (em el sentido de “interpretar”) dichos

hechos/acciones, a la luz de las historias que los agentes narran, se convierte em um perspectiva peculiar de investigación. Se trata de otorgar toda su relevância a la dimensión discursiva de la individualidade, a los modos como los humanos vivencian y dan significado al “mundo de la vida” mediante el lenguaje. La subjetividade es, también, una condición necesaria del conocimiento social. La investigación narrativa es, actualmente, um lugar de encuentro o intersección entre diversas ciências sociales, lo que la configura como transversal a dichos campos disciplinares, como um “género confuso”, como reclamaba Geertz (BOLÍVAR, 2012, p. 32).

Desse modo, a pesquisa biográfica busca explorar os processos de gênese e de vir a ser dos indivíduos em um tempo e espaço social, ou seja, mostrar como se dão formas às suas experiências, como significam estas experiências, as situações e os acontecimentos de sua existência. Assim,

A emergência da pesquisa biográfica é contemporânea daquilo que se poderia descrever como uma “mudança de regime” na relação do indivíduo e do social, mudança de regime que transforma o estatuto e as práticas da narrativa de si. Nessa nova configuração societal, a narrativa de si não é mais apenas o lugar de um uso “privado” e de um desafio de expressão e de construção pessoais, mas carrega-se de novos desafios em relação tanto com uma função societal de elaboração da experiência individual e coletiva quanto com seus usos no espaço público (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.78).

Por outro lado destacamos o conceito de memória, haja vista a importância deste ao se tratar de narrativas e trajetórias de vida, os significados do que seja saberes e construção destes a partir da percepção das mulheres, o conceito de corpo, enquanto lócus da vivência e experiência destes sujeitos e por fim o que temos apontado como transgressão e superação dos desafios da vida na rua e ou *batalha*.

Memórias, lembranças, recordações e porque não esquecimentos da vida... Estes foram sem dúvida pontos de encontro e desencontro no momento das entrevistas. Um dado importante durante o percurso foi a percepção de que para algumas mulheres o momento da entrevista foi um espaço/tempo de recordar e fazer memórias marcadamente importantes.

A confiança e nesse caso, o fato da autora/pesquisadora conhecer as mulheres e ter um vínculo estabelecido foi de fato algo fundamental. Elas falaram e se permitiram de fato tocar em temas e questões que lhes são significativas, pois compõem o seu existir. Em outras situações, o momento das entrevistas em si foi um espaço/tempo desafiante e falar/tocar em determinadas nuances de suas trajetórias era de fato difícil. Entretanto, estas mesmas mulheres em outros momentos (nos tempos em que permanecia na praça, por exemplo),

retomavam os assuntos e temas compartilhados nas entrevistas, aprofundando e rememorando.

Bosi (1987) em *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, fruto de sua tese de Doutorado busca fazer o que ela denomina de “colher memórias de velhos” escutando as lembranças de moradores da cidade de São Paulo, com idade superior a setenta anos. O registro feito pela autora buscou mostrar a memória pessoal e conseqüentemente, a partir desta, a memória social, familiar e grupal. A obra mostra alguns aspectos importantes no que tange ao conceito de memória, desse modo, no primeiro momento Bosi (1987) procura entender a função da memória na velhice a partir das entrevistas e análises de resultados.

Para Bosi (1987), a memória tem uma função decisiva no processo psicológico, isto porque ela permite a relação do corpo presente com o passado, ou seja, por meio da memória, não apenas se volta ao passado, mas este retorno se mistura às percepções imediatas. A autora fala em duas memórias: a *memória-hábito* e *imagem-lembrança*. A memória-hábito trata-se de um exercício que ao ser retomado até a fixação se transforma em hábito. Ela permite que alguns movimentos sejam aprendidos e se tornem “automáticos”, por exemplo, escrever, dirigir, comer, digitar. Para Bosi (1987), esta memória-hábito “faz parte de nosso adestramento cultural” (p.11). Por outro lado, a *imagem-lembrança*, “traz à tona um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Dai também o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória” (p.11). Por outro lado,

Há, portanto uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimento, ideias e valores que dão identidades àquela classe. A memória oral também tem seus preconceitos, sua inautenticidade [...] Esquecimento, omissões, os trechos desfiados de narrativa são exemplos significativos de como se deu a incidência do fato histórico no cotidiano das pessoas. dos traços que deixou na sensibilidade popular da época (BOSI, 2003, p.18).

A memória parte do tempo presente, voltando-se ao passado, é uma apropriação de algo que sabemos, mas não nos pertence mais, e assim às narrativas, a oralidade permitem recontar, em um processo de ressignificação daquilo que foi vivido e experienciado.

Se a substância memorativa se densa em algumas passagens, noutras se esgarça com grave prejuízo para a formação da identidade. É grave também nesse processo o ofuscamento perceptivo, ou melhor, dizendo, subjetivo, uma vez que afeta o sujeito da percepção. As coisas aparecem com menos nitidez dada a rapidez e descontinuidade das relações vividas; efeito da alienação, a grande embotadora da cognição, da simples observação do mundo do conhecimento do outro (BOSI, 2003, p.24).

A memória tem liberdade para escolher acontecimentos no espaço e no tempo, mas isto não significa que elas estão arbitrariamente ordenadas e relacionadas. A memória projeta para o futuro, pois na medida em que o/a narrador/a rememora não apenas simboliza e significa o fato narrado, mas intui um devir, algo de si próprio de ressurgir no tempo:

É mais que um reviver imagens do passado. Pode haver no narrador oral um minuto em que ele intui a temporalidade. Seu caminho familiar entre os infinitos caminhos possíveis é uma trilha de formiga: o tempo vivido pela biografia é aquele pouco captado pela memória narrativa. Mas a pessoa reflete sobre o tempo que lhe aparece como luz atrás de um pano esgarçado (BOSI, 2003, p.45).

A memória é, portanto, um trabalho sobre o tempo vivido, experiências construídas, caminhos feitos, marcado pela cultura do indivíduo. O ser humano não caminha de forma homogênea, mas a partir de realidades distintas. Cada grupo social o vive, significa e ressignifica a seu modo.

Aqui temos utilizado dos estudos autobiográficos em educação como recurso metodológico e neste sentido as autobiografias são concebidas como possibilidade de descrição da vida em memória, ou seja, a narrativa enquanto expressão da memória imprime alteridade e reciprocidade.

A memória é entendida como interpretação do vivido, que pela atribuição de sentido torna-se lembrança, sofre nova interpretação ao ser narrada. Interpretação que justifica/explica o tempo presente, a ação e o desejo que é potencialidade para um futuro imaginado. A narrativa, dessa forma, passa a ser percebida como uma interpretação da interpretação. E é nesse jogo de interpretações que as modulações são possíveis e que há espaço para o ficcional (CUNHA, 2012, p.100).

Na perspectiva de Cunha (2012), o exercício de desvelamento que caracteriza a pesquisa autobiográfica se fundamenta na memória. É a memória que assinala a singularidade de cada pessoa, direcionando as possibilidades de ser e fazer. O processo de contar a própria história possibilita aliar o passado e o presente, apontando não somente justificativas sobre o que somos, mas abrindo possibilidades de ser.

Além dos estudos autobiográficos em educação e dos princípios da etnografia, desde o campo da antropologia, pensar a prostituição a partir das reflexões desde a perspectiva feminista possibilita articular o entendimento da prostituição e das relações de gênero.

O movimento feminista no Brasil se estabelece a partir da criação de grupos por intermédio da qual as mulheres rompem as barreiras da privacidade nas relações de gênero, na medida em que trocam experiências com as demais participantes do movimento. Em um primeiro momento, no caso do Brasil, a luta implica em combater a violência doméstica, resultante de crimes praticados contra as mulheres.

Tirar a vida é diagnosticado, pelo movimento, como uma forma de apropriação do destino destas mulheres por seus maridos, ou companheiros, que se representam como donos - do - corpo de seus cônjuges. A gestão do próprio corpo ainda é parte da agenda política do movimento de mulheres, e fonte de conflitos, até o momento, como exemplo, na proposta de descriminalização do aborto (AGUIAR, 1997, p. 11-12).

A partir de uma breve revisão das diferentes propostas feministas demonstradas em seu início se verifica o tratamento das causas da opressão feminina, das quais as teorias essencialistas estão presentes, enfatizando as diferenças biológicas entre mulheres e homens.

Nos anos 1970, as feministas (principalmente antropólogas) postularam considerar as diferentes influências culturais propondo a separação das esferas doméstico-público. No final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a ênfase é colocada nas condições de trabalho da mulher, a sexualidade feminina e suas responsabilidades na criação dos filhos e nas diferenças em relação aos homens.

Na metade dos anos 80 o gênero emerge como uma categoria de análise que trata de marcar suas diferenças com a categoria sexo e se distingue da perspectiva de status da mulher e de papéis sexuais. Coerentemente, com as novas propostas teóricas, e largamente difundidas pela escola feminista francesa, as análises na perspectiva de gênero propõem uma ênfase maior nos significados do que nas causas dos fenômenos e estimulam a não divisão entre áreas de pesquisa na busca de seu entendimento mais completo (GOLDANI, 1997, p.72).

O conceito de gênero tem sido, no Brasil, trabalhado e concebido com um avanço teórico importante, seja em relação aos estudos de mulheres ou em relação aos estudos sobre mulheres. Por outro lado, a partir de pesquisas e discussões teóricas este mesmo conceito tem passado por um processo de desconstrução.

O conceito de gênero, considerado em princípio como um desnaturalizador potencialmente poderoso e como um conceito a partir do qual seria possível questionar posições teóricas estabelecidas, se impôs distinguindo-se do sexo (PISCITELLI, 1997, p.49).

Atualmente o conceito de gênero, a partir dos posicionamentos das feministas contemporâneas tem sido extremamente variável, ou seja, em determinado momento elas realizam uma crítica às ideias associadas à distinção sexo – gênero, em outro momento, pensam que é impossível esta distinção.

Gênero é uma categoria de análise utilizada para demonstrar a carga de socialização e cultura que atua, de forma relacional, sobre homens e mulheres. A sociedade brasileira é marcada por uma assimetria de gênero, sendo nessa lógica gênero masculino o “polo hegemônico”. Histórica e culturalmente, os indivíduos de sexo masculino ocuparam na sociedade brasileira e em outras, a cena pública (como a rua, o trabalho), e às mulheres era reservado o espaço privado (a casa, as emoções, os sentimentos), como classe social, raça, escolaridade e faixa etária é uma categoria explicativa para comportamentos de grupo que são, em última instância, aprendizado social, mediado por várias agências socializadoras, como a família, a escola. Os amigos, a igreja, a mídia (BRASIL, 2003, p.27).

No que tange ao mercado sexual contemporâneo, Piscitelli (2007) considera que gênero e corporalidade se interligam. É através do corpo que as mulheres vivenciam limites do que é permitido em cada ambiente onde estão. Desse modo, considerar estas categorias neste estudo se faz importante no sentido de ampliar a compreensão deste fenômeno social e ampliar o entendimento do processo de socialização das mulheres nesta realidade. Pensar gênero e suas contribuições em contexto de prostituição implica um desafio no qual se remete a diversas questões. Na atualidade, o que se entende por oferta e demanda de sexo não se resume somente ao campo da prostituição, ou seja, o campo do mercado do sexo é muito amplo e complexo. Do mesmo modo, pensar gênero não se limita somente a pensar nas relações entre mulheres e homens ou em masculinidade e feminilidades.

Piscitelli (2013) aponta a necessidade de considerar que nas últimas décadas o sexo comercial tem aberto portas para o que se denomina de indústria do sexo. Para esta autora, “a expressão indústria do sexo é utilizada para designar a estrutura organizativa vinculada ao sexo comercial” (PISCITELLI, 2013, p.25). Autoras como Agustín (2005), demonstram que a indústria do sexo tem crescido como estrutura comercial e empresarial visando à obtenção de

lucros com uma diversidade de modalidades de serviços sexuais que hoje mais do nunca envolve os meios tecnológicos e sua expansão.

Em se tratando de economia e sexualidade no Brasil há uma longa história que marca a convivência e intercâmbios diferenciados em relação à mercantilização. Existe, uma tradição de trocas de favores sexuais com diferentes benefícios, permitindo assim uma infinidade de deslocamentos e mobilidades. Nesse sentido, o sexo visando à melhora da qualidade de vida das pessoas (não sendo prostituição) são consideradas positivas. Nessa lógica, o sexo por dinheiro é visto de forma estigmatizada (Piscitelli, 2013).

Considerando o processo histórico que marca os significados da prostituição, as trocas de favores sexuais, as relações e organização da vida social no Brasil, além de considerar o campo de convivências que se realizam e concretizam nestes espaços-lugares Piscitelli entende que a noção de mercado do sexo é mais apropriada que a de indústria do sexo demonstrando, portanto que a primeira pode remeter ao intercâmbio de bens, materiais e simbólicos ampliando a noção de economia constituída por trocas “entranhadas no social”.

A ideia de mercados do sexo possibilita pensar nas relações mais intensamente marcadas por essa economia de mercado, frequentemente vinculadas à indústria do sexo. Contudo, ela situa as trocas que têm lugar no marco dessa indústria num universo muito mais amplo de intercâmbios sexuais e econômicos, materiais e simbólicos. Nele, as relações que tem lugar na indústria do sexo coexistem com outras, como modalidades de sexo transacional, nas quais se envolvem muitas pessoas brasileiras, no Brasil e no exterior, em contextos nos quais há múltiplas manifestações de mercados, comércio dádiva e intercâmbios (PISCITELLI, 2013, p.30).

Segundo Piscitelli (2000), alguns estudos mostram caminhos promissores em relação à discussão de gênero nos mercados do sexo. Algumas pesquisas como a de Pasini (2005) mostravam as mulheres no mercado do sexo como empresárias. Em outros trabalhos como, por exemplo, o de Perlongher (1987) se discute sobre os homens que ofertam serviços sexuais, além de trabalho que consideram os travestis (Pelúcio, 2009, Patrício, 2008; Jimenez, 2009; Teixeira, 2008). Essas e outras pesquisas alargam a discussão sobre os mercados do sexo e ampliam a reflexão sobre gênero.

Em um estudo sobre as construções de gênero elaboradas pelas mulheres que exercem a prostituição em bares de Santa Maria- RS, Colvero (2010) analisa as práticas corporais das mulheres na prática profissional e em suas vivências fora do espaço da prostituição. Nele a autora aponta a distinção entre o “mundo das prostitutas” e o “mundo das mulheres da sociedade”, sendo este, portanto, estabelecido entre privado e público.

Para Rago (1996) essa perspectiva do controle dos corpos está ligada a ideia de se pensar os vários tipos de espaços em que se dá a prostituição. Assim, “O corpo da mulher na prostituição é usado por ela mesma como instrumento para seduzir, fazer sexo, fazer companhia ou simplesmente conversar com homens com o explícito propósito de ganhar dinheiro” (COLVERO, 2010, p. 18).

Os variados estudos sobre prostituição têm demonstrado a delimitação desses espaços-lugares onde essa prática social é realizada. Desse modo, para além de ruas específicas, bares, bordéis onde se concretizam o movimento de distintos corpos, o movimento de negociações e trânsito, o próprio corpo de cada mulher em sua singularidade demarca os limites e fronteiras neste tipo de relação. Durante a investigação, por diversas vezes escutei as mulheres relatando limites que permitem ou não a realização do programa, ou ainda os limites relacionados aos assuntos e temas que devem ser ou não conversados diante de outras mulheres ou clientes.

Na primeira fase do feminismo considerado radical estava presente a ideia de que a sexualidade se constitui, potencialmente, de dominações de gênero. Neste caso, a prostituição é entendida como uma forma de exploração e dominação masculina e capitalista. Em contraponto, outra abordagem feminista considera que o sexo seria na verdade um lugar de exercício de poder das mulheres. Nesse caso, a prostituta seria autônoma e, portanto uma ameaça ao patriarcado (PISCITELLI, 2005). Em estudos pós modernos o foco se desloca da sexualidade para o fato de como as mulheres debatem e discutem sobre o tema.

Para Colvero (2010), apoiando-se em Saffioti (2004), o patriarcado é um sistema de desigualdades de gênero que foi sendo construídos historicamente, sendo que as diferenças entre macho e fêmea implicam na subordinação das mulheres. Butler (2001), afirma que gênero é *performativo* e expressa a ritualização de práticas que produzem o efeito de algo inerente ao ser, algo presente na essência do ser. O gênero é, na realidade, um jogo de interpretações do corpo, e por isso mutável. Patriarcado estaria então direcionado às relações de gênero em que os seres desiguais são hierarquizados, um conceito mais amplo, que compreende não somente relações desiguais, mas também as relações igualitárias.

Scott (1995, p.75) em sua definição sobre gênero aponta duas proposições que estão em conexão. A primeira refere-se ao entendimento de que gênero é um “elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos”. A segunda entende que gênero é uma “forma primária de dar significado às relações de poder”. Sendo, portanto, um elemento constitutivo das relações sociais, o gênero considera quatro elementos que estão inter-relacionados: primeiro, os símbolos culturalmente construídos e suas representações;

segundo, os conceitos normativos, ou seja, as interpretações dos significados dos símbolos; terceiro, a concepção política do conceito; e por fim, a identidade subjetiva.

Sendo a prostituição uma prática social complexa e que, portanto, está relacionada a diversos pontos, economia, trabalho, sexualidade, gênero, moral, compreendê-la exige o reconhecimento da atividade como multifacetada e composta por diversos fatores sociais. O debate em torno deste tema tem sido ambíguo e permeado por pontos convergentes e divergentes.

Para Tedesco (2008), trabalhar com uma concepção de gênero (não essencializada) é importante, pois possibilita (re) pensar a “dominação masculina” e o lugar do feminino nas análises sobre gênero e poder. A autora problematiza a discussão de gênero e prostituição a partir do campo jurídico recordando que os crimes sexuais eram tidos como “crimes contra os costumes”, ou seja, “as mulheres (também no direito civil) não gozavam dos mesmos direitos que os homens nem eram iguais entre si, elas eram consideradas capazes ou incapazes, honestas ou desonestas dependendo do lugar e posição que ocupavam dentro ou fora da família” (TEDESCO, 2008, p. 37-38). Em contexto das sociedades modernas a prostituição tem sido constantemente tema debatido com posições distintas: ora com tentativas de controle, ora com a auto determinação das prostitutas. Em todo o Ocidente diferentes posicionamentos têm sido defendidos em torno desta prática, são eles: proibicionismo, abolicionismo e regulamentarismo.

Olivar (2010) retoma o pensamento de Marilyn Strathern, no Gênero da Dádiva e tenta avançar no processo de desconstrução das matrizes lógicas que imperam na antropologia e no feminismo ocidental.

Em contraposição à fixação de identidades de gênero e ao naturalizado “antagonismo sexual” que o feminismo sustentou por tantos anos, em contraposição à relação hierárquica através da qual o par indivíduo-sociedade tem sido compreendido e universalizado por alguma antropologia, a autora investe no primado das relações práticas de perspectivas e na compreensão das representações uno-múltiplo desde a homologia e analogia (e não desde a hierarquia). O conceito de “divíduo” nasce dessa lógica. Em franca contradição com a noção ocidental de indivíduo (aquele uno que só é dizível se doente, esquizofrênico), a pessoa é pensada como núcleo de existência de séries de potências (perspectivas) em relação, por exemplo, potências femininas e masculinas, singularizantes e coletivizantes (OLIVAR, 2010, p. 49).

Ao analisar as relações entre prostitutas e seus parceiros afetivos (maridos- gigolôs), Tedesco (2008) utiliza-se da categoria proteção para demonstrar os afetos e desafetos presentes nestas relações. Neste sentido, afirma a autora,

As relações entre prostituta e marido- gigolô, embora informadas por um sistema de honra mais amplo e dialogando com concepções estigmatizantes que colocam o homem que atua no negócio da prostituição como um “explorador” têm a capacidade de apresentar uma configuração própria (TEDESCO, 2008, p. 131).

Em contexto de prostituição, onde as relações também estão inseridas em uma situação mercantil e de negócio, o gigolô, na concepção de Tedesco, não pode ser percebido como “marido que não deu certo” e, portanto considerado um “explorador”. Antes, existe uma relação acontecendo, e assim, misturam-se as relações afetivas, conjugais e profissionais.

Em relação às análises sobre prostituição na produção internacional, a tensão tem sido voltada para as relações de poder e relações de violência presentes na prostituição feminina, aspecto também presente na produção brasileira em trabalho como os de Olivar (2010) e Rodrigues (2004). No trabalho de Oliveira (2011) no Porto em Portugal com prostitutas de rua, a violência foi um dos aspectos mais observados pela pesquisadora:

As agressões assumem diversas formas e graus e apesar, de muitas das mulheres, homens e transexuais não pedirem ajuda, nomeadamente a serviços de saúde e-ou justiça, estas acções imprimem um elevado grau de sofrimento na vítima. As violências ocorrem com muitíssima frequência, afectando de forma traumática o bem-estar físico e mental e podem ter como consequência o tratamento hospitalar ou mesmo resultar em homicídio (OLIVEIRA, 2011, p.223).

No processo de construção da pesquisa foi possível dialogar, a partir das narrativas apresentadas pelas mulheres, com as diferentes formas de entender e (experienciar, construir) as relações de gênero. Essas diferentes formas marcam tanto a perpetuação de formas hegemônicas de dominação, como formas de enfrentamento (agenciamento) e construções de outras e novas formas de relação.

Neste processo tem-se verificado (com muito cuidado), as relações e interações que se estabelecem (e são construídas) entre as mulheres, entre mulheres e clientes, entre mulheres e filhos (as), enfim, as relações, os movimentos e envolvimento nesta prática.

Linda conta que na rua é possível construir relações de amizade, inclusive entre clientes. Expressa ainda que na medida em que fala, pode aos poucos romper com expressões

de preconceito. Desse modo, a partir de sua realidade Linda busca formas de compreender sua própria realidade, assim como de contribuir no processo de (re) pensar as formas e expressões de dominação.

Na prática da prostituição Linda encontra o que ela chama de círculo de amizade diferente e isto lhe possibilita diversas interações. Ao escutar e adentrar nestas narrativas o objetivo não é estabelecer critérios ou formas de julgamentos acerca do modo como as mulheres vão construindo, nas práticas, suas relações e interações, antes o objetivo é compreender os movimentos destas práticas e interações.

Em um estudo desenvolvido por Sales (2014) com “meninas”¹³ do Restaurante Granada, no centro de Fortaleza, a autora discute os espaços de prostituição e os espaços de dominação. A partir da observação feita pela autora, no espaço do Granada, as relações entre as mulheres eram de modo geral íntimas e próximas. De outro lado, as relações com os homens marcam duas diferenciações, uma se relaciona a não consideração destes homens como homens de fato, isto significa que eles são clientes e nada mais. Homens para as “meninas” são seus companheiros e parceiros, ou ainda aqueles pelos quais elas vão ao encontro em festas e outros ambientes que não são o do bar. Desse modo, “no bar, todas são meninas e todos são clientes. Diante disso, não há contato entre elas e eles, a não ser que o programa se coloque como fato” (SALES, 2014, p.223).

A partir do cenário apresentado por Sales (2014), a perspectiva das meninas se impõe. Neste lócus, o domínio, desde a articulação do tempo, preço do programa, performances são estabelecidas pelas “meninas”, ou seja, o espaço do Granada é o espaço das “meninas”.

No Granada, trabalhando na prostituição, elas são um coletivo organizado (mesmo que não institucionalizado), elas têm e demonstram seu poder que serve, têm que estar sujeitos à forma do programa e, portanto, à perspectiva das meninas (SALES, 2014, p.229).

Diferente deste contexto, as mulheres que encontrei (e tenho encontrado) na Praça da Sé e outros espaços de prostituição em Salvador, principalmente a prostituição de rua, as mulheres oscilam nesse movimento de poder, ou seja, ora, elas definem e estabelecem as regras (ainda que estas estejam previamente demarcadas) em relação à realização dos programas (modos, preços, tempo), ora, são os clientes que demarcam estas questões. Estes momentos são fortemente marcados pelo tempo em que as mulheres dizem “não está muito bom”, ou seja, momento, em que o movimento é fraco. Nessa situação o preço do programa

¹³ Categoria utilizada pela autora para se referir às mulheres adultas que trabalham na prostituição.

pode cair, ou o tempo do programa pode ser ampliado. Por outro lado, como as mulheres se encontram no espaço da rua, a segurança e os limites desta se tornam muito tênues, por isso, elas acabam se sujeitando a determinadas situações.

De outro lado, as mulheres na Praça da Sé, não se veem como um coletivo, no sentido institucional, como as “meninas” do Granada. Ainda que em determinados momentos elas se juntem, em decorrência de alguma violência ou dificuldade, elas também se separam, mantendo distância umas das outras. No caso das mulheres da Praça da Sé o coletivo de mulheres existe e se organiza, mas não de uma forma demarcada e regrada

As relações e interações, a partir da realidade das mulheres pobres que exercem a prostituição na Praça Sé e adjacências marcam um modo próprio de construção de relações de gênero. Afirmar, portanto, que elas são um modo próprio não significa deslocar das construções nas quais as mulheres e homens da sociedade em que vivemos se inserem, significa antes dizer que elas não são fixas e imutáveis, antes, elas podem expressar a continuidade de formas de dominação, como também a possibilidade de reconstruções.

3 PROSTITUIÇÃO: MUNDOS DIVERSOS, DESLOCAMENTOS E TRANS(A)ÇÕES

“Para além do trabalho/comércio, a prostituição teria que ser entendida como corpo e espaço de experiência... espaço privilegiado de EXISTÊNCIA.” (OLÍVAR, 2010).

Os estudos sobre prostituição no Brasil vêm sendo constituído ao longo dos últimos anos a partir de análises que têm levado em consideração a busca por desconstruir perspectivas que até o início do século XXI estavam pautadas em valores morais. Na época, o foco de discussão considerava a pobreza, doenças, processo de vitimização e exploração como pontos cruciais para inserção das mulheres na prostituição. Estes escritos sobre prostituição no final do século XIX, por exemplo, pautavam-se em argumentos médicos e policiais para explicar e regular a prática da prostituição.

Lagenest (1960) em *Lenocínio e prostituição no Brasil* reflete sobre a prática da prostituição a partir da observação da realidade e dos “fatos sociais”. O autor parte da “vida real das prostitutas”, recolhendo falas das mulheres e suas considerações sobre o exercício da prostituição. Em seguida, faz uma análise da prostituição em diversos contextos: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Natal, São Luiz, Campinas, Uberaba e Marabá traçando um perfil sociológico do grupo estudado. Em sua análise considera a organização dos bordéis, o funcionamento, o motivo de inserção das mulheres no meretrício, causas, situação familiar.

A partir destes dados discute a prostituição e o lenocínio, o processo de regulamentação e abolicionismo da prostituição. Importante considerar neste estudo, assim como em outros do mesmo período, a valorização que se coloca numa visão da prostituição a partir do processo de vitimização, exploração, falta de oportunidades sociais e arrependimento em relação à inserção na prostituição. Ao considerar as falas das mulheres, há uma ênfase exacerbada neste processo. Por vezes, além destes elementos o autor fala da “debilidade mental” das mulheres que exercem a prostituição afirmando:

Como causa frequente de prostituição deve-se salientar a debilidade mental. A insuficiência do julgamento, a noção imperfeita do bem e do mal, que são características da *oligofrenia*. A sugestibilidade fácil e uma tendência ao luxo tolo e o gosto dos enfeites, levam muito as débeis mentais a se prostituírem e, pela falta de iniciativa e pela insuficiência de elementos que as conduzem a um trabalho eficiente, continuam depois na vida de prostíbulo (LAGENEST, 1960, p.103).

Em relação ao lenocínio o autor aponta que o drama maior na prostituição está naqueles que “tiram proveito” da mulher “vítima” e explorada. Nesse sentido, o lenocínio e a prostituição são dois aspectos de uma mesma realidade: a escravidão da mulher. Por isso, a prostituição deve ser proibida, visto que a sua regulamentação implicará a continuidade destas mulheres neste sofrimento e a facilitar a proliferação das doenças sexualmente transmissíveis.

Fonseca (1982) faz um resgate histórico analisando como a prostituição foi se configurando desde o Brasil quinhentista. A partir da realidade de São Paulo, o autor considera que já no século XVI “a vadiagem” era um problema, demonstrando que o aumento das casas de jogo neste período era um fato que atravessava a vida da população. Esta estava praticamente abandonada pelos homens, já que as cidades viviam um processo de êxodo e migrações. Para o autor, o abandono das mulheres, idosos e crianças, atrelado à miséria, propiciava uma maior inserção das mulheres na prostituição.

A partir do século XVIII, Fonseca (1982) aponta o surgimento das primeiras casas de prostituição em São Paulo. Neste período, a cidade era um ponto de passagem para muitas regiões, principalmente àquelas das minas, e por isso visando à distração e diversão destes passantes as “casas de mulheres” tornam-se uma constante na prática e na vida da cidade. O autor ainda fala em tráfico de mulheres, de crianças, da prostituição entre as mulheres indígenas, negras e do processo de discussão de regulamentação da prática neste período.

A pesquisa de Pereira (2012) aponta que esta polícia de costumes e este processo de regulamentação da prostituição no século XVIII e posteriormente XIX seguem o modelo de regulamentação francês. De acordo com as políticas regulamentaristas francesas executadas pela polícia de costumes no período de 1870-1914: “o regulamentarismo é um elemento do projeto global de exclusão, de marginalização e de reclusão de todos os desviantes, bem como ilegalidades difusas” (PEREIRA, 2012, p.31).

Anterior ao século XIX houve várias propostas de intervenção policial na prática do meretrício. Neste cenário, o tema era debatido por juristas, autoridades policiais, médicos e especialistas das áreas de sifilografia e higiene. Em 1928, um ministro da justiça, baseando-se em experiências mineiras e paulistas tenta prevenir e reprimir a prostituição e o lenocínio propondo uma delegacia de costumes no Rio de Janeiro. Pereira (2012) estuda e analisa o processo de constituição e promoção de uma educação moral liderado pela polícia de costumes e que propôs intervenções na prática do meretrício em Belo Horizonte ao longo das décadas de 1920 e 1930. O autor inspira-se nos trabalhos de Rago e Schettini e entende a prostituição como uma das facetas do mundo do trabalho e uma possibilidade de produção de

outras sexualidades contrapondo-se a ideia de que a prostituição é lugar de exploração e opressão.

Durante o estudo, Pereira (2012) foi compreendendo que as propostas de políticas de intervenção na prática do meretrício buscavam impactar e modificar as posturas e comportamentos das meretrizes das décadas de 1920 e 1930. Para tal impacto foi sendo consolidado um projeto de educação moral que estava intimamente ligado aos projetos de modernidade para a capital mineira. Segundo o autor, nos estudos da modernidade sobre a prostituição existe uma oscilação de perspectivas quanto ao tema, ou seja, ora a prostituição era tratada com certo glamour, ora era vista como uma prática que envolve exploração.

Em São Paulo, a polícia de costumes elaborava portarias que organizavam e regulavam a prática do meretrício funcionando como suporte para guardas civis no policiamento da cidade. Rago (1991) demonstra que foi desenvolvida uma ação contínua de fiscalização nas “casas de diversão”, “cabarés”, “bares”, mas não aprofundou sobre como foi realizada esta fiscalização.

No Brasil, é durante o século XIX que ocorre uma série de transformações, dentre elas: a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social; a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade – burguesa – reorganizadora das vivências familiares e domésticas (D’INCAO, 2013, p. 223).

A vida urbana no início do século XIX praticamente inexistia no Brasil, então um enorme país rural. O estilo de vida da elite dominante na sociedade brasileira era marcado por influências do imaginário da aristocracia portuguesa, do cotidiano de fazendeiros plebeus e das diferenças e interações sociais definidas pelo sistema escravagista (D’INCAO, 2013, p. 223).

O espaço urbano que antes era utilizado por todos para encontros coletivos, festas, mercados, convívio social passa a ser utilizado desde um novo interesse, o interesse público. Segundo D’Incao (2013), este fato propiciou a modernização da cidade no Rio de Janeiro por exemplo.

O processo de urbanização que aos poucos vai se consolidando assim como o crescimento sócioeconômico da cidade misturavam ou “embaralhavam” como afirma Rago (1991) as tradicionais demarcações entre as atividades masculinas e femininas. Entram em cena mulheres de várias classes sociais, seja nas fábricas, escritórios, escolas, comércio ou em serviços de infraestrutura urbana.

Este período marcou a passagem das relações sociais e senhoriais às relações sociais de tipo burguês. A cidade burguesa teria sistematicamente de lutar contra os comportamentos, atitudes e expressões tradicionais considerados inadequados para a nova situação. O que se presenciava era a dissolução das formas tradicionais de solidariedade representada pela vizinhança, família e grupos clânicos, compadrio e tutelagem (D'INCAO, 2013, p. 226).

A rua passou a ser vista em oposição ao espaço privado, pois a cidade aos poucos se tornava lugar de interesse público onde as antigas formas eram extintas e surgia uma nova ordem social. Durante esta época (1890-1920), com a plena instauração da ordem burguesa, a modernização e a higienização do país surgem como lema dos grupos ascendentes, pois estes estão preocupados em transformar as metrópoles em ambientes civilizados.

Os hábitos populares se tornaram alvo de especial atenção ao momento em que o trabalho compulsório passava a ser trabalho livre. Neste sentido, medidas foram tomadas para adequar homens e mulheres dos segmentos populares ao novo estado de coisas, inculcando-lhe valores e formas de comportamento que passavam pela rígida disciplinarização do espaço e do tempo do trabalho, estendendo-se às demais esferas da vida (SOIHET, 2013, p. 362).

No regime capitalista que se formava, a implantação da família era vista de forma primordial, pois com a supressão do escravismo, o custo de reprodução do trabalho era calculado a partir da contribuição não remunerada do trabalho feminino. Com a aceleração da urbanização, houve um aumento significativo de populações, principalmente mais pobres para as capitais em busca de trabalho.

Durante as primeiras décadas do século XX, no Brasil, a presença das mulheres compondo junto das crianças parte do proletariado é intensa. Ainda que no período de 1890 e 1930 houvesse muitas greves e mobilizações contras as diversas formas de exploração do trabalho, as mulheres foram em muitas situações deixadas de lado. Segundo a documentação disponível sobre a situação das fábricas a grande parte da produção “concentra-se nas perspectivas de autoridades públicas, como médico e higienistas, que eram responsáveis pelos códigos normativos de conduta, ou então pelos policias, responsáveis pela segurança pública” (RAGO, 2013, p.579).

Desde meados do século XIX, o governo brasileiro procurou atrair milhares de imigrantes europeus para trabalhar tanto na lavoura, nas fazendas de café, quanto nas fábricas que surgiam nas cidades, substituindo a mão de obra

escrava, especialmente depois da promulgação da Lei do Ventre Livre e a da Abolição dos Escravos (RAGO, 2013, p. 580).

Apesar de se ter um significativo número de estudos relativos à história da imigração e da industrialização no Brasil, poucas referências em relação à presença feminina neste cenário. Segundo Rago (2013), de modo geral, muitas mulheres trabalhavam nas indústrias de fiação e tecelagem, mas poucas mulheres no ramo da metalurgia, calçados e mobiliário que eram majoritariamente ocupados pelos homens.

Diante do crescimento urbano vertiginoso de muitas cidades brasileiras, com um grande contingente de trabalhadores concentrados nos bairros operários, o mundo público acabou sendo considerado um espaço ameaçador para a moralidade das mulheres e das crianças. Evidentemente, os problemas decorrentes da urbanização – o aumento das epidemias, da violência, dos roubos, a presença de mendigos, loucos, caftens, menores abandonados nas ruas da cidade, sem falar nas agitações políticas, em grande parte promovida por anarquistas e socialistas- aumentavam a insegurança (RAGO, 2013, p. 588).

De acordo com médicos e higienistas o trabalho feminino fora do lar conduzia a desagregação da família. Ou seja, se as mulheres passavam a maior parte do tempo no trabalho a quem caberia o cuidado do lar, com as crianças, com os afazeres domésticos? Para as mulheres de classes médias, este era o centro das discussões e preocupações. Para as mulheres pobres, restavam a ignorância e consideração de que estas eram irresponsáveis e incapazes.

Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral como esposas modelares e boas mães. Cada vez mais é reforçada a ideia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família “burguesa e higienizada” (D’INCAO, 2013, p.229).

Para Margareth Rago (1991) a figura da prostituta era neste cenário, um *fantasma* no imaginário social. Diversas reações iam contra as mulheres advertindo contra os perigos de contaminação física e moral.

Na passagem do século, a prostituta ainda era pouco citada explicitamente, a não ser pelos setores mais especializados nas discussões dos problemas sociais, como médicos, juristas, chefes de polícia, jornalistas, políticos, e alguns literatos. Na fala das mulheres de elite, nas leituras destinadas às moças, nas revistas femininas, a prostituição não encontrava espaço, assim como os assuntos que remetiam ao desejo e à sexualidade. Mesmo assim, a

“mulher pública” era uma figura presente, porém menos como um figura empírica, dotada de carne e osso, do que uma identidade a ser elaborada no plano dos enunciados. Era, portanto, como um fantasma que ela aparecia, como virtualidade a irromper das profundezas do desconhecido corpo feminino, como possibilidade de perigo que poderia habitar a sexualidade de todas as mulheres (RAGO, 1991, p.38).

A partir de uma moral rígida presente nesta época, o sexo era visto como pecado e doença ao mesmo tempo. Por isso, constroem-se diferenciações quanto às duas figuras femininas: de um lado a mulher honesta e de outro a meretriz. A ideologia da maternidade é fortalecida pelo discurso masculino e assim, ser mãe torna-se a missão mais importante da mulher em um mundo em que a preocupação era o estabelecimento de fronteiras entre a esfera pública e privada. Desse modo, pouco a pouco, positivistas, liberais, anarquistas, socialistas e mais tarde comunistas vão incorporando este discurso da valorização da maternidade.

Muitos médicos alinhavam-se com as feministas liberais, com as escritoras e, alguns, com as libertárias. O médico Claudio de Souza, por exemplo, assinava vários artigos publicados na Revista Feminina, dirigida por sua irmã Virgilina de Souza Salles, e defendia um feminismo moderado, que incluía trabalho feminino fora do lar, a educação profissional da mulher, seu acesso a todos os campos da cultura e o direito de voto. Mas, fundamentalmente, todos reafirmavam o valor e a importância da preservação da família. O ideal da “mãe cívica”, trabalhadora moderna e competente mãe de família, participante dos debates nacionais, era retomado e difundido para toda a sociedade (RAGO, 2013, p.593).

O discurso que valorizava a mãe pela educação acabava atingindo dois alvos: de um lado, enobrecia a função doméstica que era desqualificada econômica e socialmente pelo surgimento do capitalismo e de outro; ganhava a adesão de amplo público em torno do tema, seja ele masculino ou feminino.

Outro elemento importante a ser considerado neste cenário é aquele apontado por Engel (1989) onde uma vez que à mulher é atribuído o pensamento de que ela seja movida pelo instinto e por isso perigosa, deve-se, portanto, tratá-la a base de uma educação autoritária, isto porque a ambiguidade que detecta neste corpo feminino é carregada por um significado moral.

A concepção de prostituta é, deste modo, construída fundamentalmente através da oposição ao papel de esposa- mãe. O instinto sexual não controlado feriria a perversão-e-ou a depravação, comprometendo não só a capacidade orgânica, mas também a capacidade moral da mulher para conceber filhos (ENGEL, 1989, p. 83).

Oliveira (2011) em seu estudo sobre a prostituição de rua urbana no Porto, em Portugal, retoma a noção de prostituição ao longo dos tempos e como esta tem evoluído. A autora, afirma que desde os primeiros estudos, realizados no século XIX, a prostituição tem sido definida por médicos e higienistas, sendo possível citar Parente-Duchâtelet (1981), em 1836, na França, e Santos Cruz (1984), em 1841, em Portugal. Segundo estes autores a prostituição era praticada por mulheres fazendo com que as mulheres estivessem inseridas em ambientes públicos. A prostituição era neste contexto caracterizada por uma conotação moral negativa. Posteriormente foram surgindo outras expressões como, por exemplo, a meretriz tolerada, como também abordou Margaret Rago (1991).

No livro *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*, Mary Del Priore (2014) aborda o tema iniciando pelo período colonial, passando pelo século XIX e examinando o século XX, até a atualidade. Da Colônia ao Império, a autora demonstra que a noção de intimidade deste período se diferencia dos séculos seguintes. Neste momento, a vida cotidiana era regulada pelas leis imperativas, ou seja,

Fazer sexo, andar nu ou ter reações eróticas eram práticas que correspondiam a ritos estabelecidos pelo grupo no qual estava inserido. Regras, portanto, regulavam condutas. Leis eram interiorizadas. E o sentimento de coletividade sobrepunha-se ao de individualidade (DEL PRIORE, 2014, p.13).

No período da colonização havia uma luta intensa contra a nudez e simbolismo trazido por ela. Os padres jesuítas traziam tecidos de algodão de Portugal para vestir as crianças indígenas que frequentavam as escolas. O nu e o erótico eram duas categorias presentes neste contexto. O nu se referia à imagem do corpo sem defesa, porém em equilíbrio e seguro de si. Os seios não eram vistos como sensuais neste período, pois estava associado à ideia de alimento, pelos seios se alimentavam.

Del Priore (2014) exemplifica o banho e aponta que os banhos públicos, durante o Império, se multiplicavam e se tornavam locais de prostituição. Eram denominados “banhos bordeis”, onde as “filhas de banho” ofereciam seus serviços. Já no período inicial do cristianismo frequentar os banhos, era, de modo especial para as mulheres, o reconhecimento de má reputação. Na Idade Média, mulheres e homens não se banhavam juntos, a não ser que fossem em prostíbulos.

Entre os séculos XII e XVIII, a Igreja identificava, nas mulheres uma das formas do mal sobre a terra. Quer na filosofia, quer na moral, ou na ética do período, a mulher era considerada um ninho de pecados. Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da Lua, ao mesmo tempo em que seduziam os homens, os repugnavam. O fluxo menstrual, os odores, o líquido amniótico, as expulsões do parto e as secreções de sua parceira os repeliam. O corpo feminino era considerado impuro (DEL PRIORE, 2014, p.35).

Práticas amorosas eram controladas e a atividade sexual extraconjugal com outro fim que não fosse a procriação era vista de forma negativa. Neste sentido, várias manobras contraceptivas e abortivas eram criadas. O sexo era admitido, exclusivamente com a finalidade de procriação, além de ter posições “certas” durante as relações sexuais. E assim, na passagem para o século XIX, com a chegada da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro em 1801, o domínio entre senhor e escravas deu lugar ao que Priore chama de “relação venal”, ou seja, se estabelece de modo mais explícito o que é denominado de adultério.

Até o período em que se deu a Independência, vivia-se na América portuguesa num cenário com algumas características invariáveis: a família patriarcal era o padrão dominante entre as elites agrárias, enquanto, nas camadas populares e urbanas, os concubinatos, uniões informais e não legalizadas e os filhos ilegítimos eram a marca registrada. A importância das cidades variava de acordo com sua função econômica, política, administrativa e cultural (DEL PRIORE, 2014, p.62).

A violência nas relações conjugais estava presente e não era somente a violência física, mas a violência do abandono e desprezo. Neste momento, a mulher casada passa a se vestir de preto, amarrar os cabelos com fitas e a “obedecer” a sua função de “mulher casada”. A honestidade era uma característica marcadamente atribuída à mulher casada e, portanto, a fidelidade conjugal era uma responsabilidade que cabia somente à mulher. Desse modo, a honra e a fidelidade da esposa garantia a estabilidade do casal.

Nesse quadro onde se misturavam casamentos por interesse e concubinatos, a prostituta tornou-se necessária. O adultério masculino era, nessa lógica, necessário ao bom funcionamento do sistema. As mulheres ocupavam-se da casa e iam à igreja; os homens bebiam, fumavam charutos e se divertiam com as prostitutas (PRIORE, 2014, p.83).

O bordel surge neste contexto como representação do espaço que coage a vida conjugal. As mulheres estrangeiras, por exemplo, representavam neste cenário, a

libertinagem. Neste início do século XX, o número de mulheres públicas aumenta significativamente, sendo a chegada das estrangeiras crucial neste processo. Eram conhecidas como *demi-mondaines* e muitas tinham chegado ao Brasil após terem fracassado na Europa.

As cidades portuárias mais importantes tornam-se abrigo para cáftens internacionais, fundadores de bordéis e cabarés. As francesas, sucedidas pelas polacas, começam a chegar com a inauguração do Alcazar Francês, em 1862. Elas trazem na bagagem a palavra “trottoir” [...] Entre os dois grupos, as diferenças se estabeleceram rapidamente. Havia as cocotes e as polacas. As primeiras, representavam o luxo e a ostentação. As segundas, substituindo mulatas e portuguesas representariam a miséria. “Ser francesa” significava não necessariamente ter nascido na França, mas frequentar espaços e clientes ricos. Ser polaca significava ser produto de exportação do tráfico internacional do sexo que abastecia os prostíbulos das capitais importantes e... Pobre. (DEL PRIORE, 2014, p.86).

As casas de passe neste contexto eram formadas por mulheres de casebres ou mucambos e se tratavam de “nauseabundas habitações pertencentes a negros quitandeiros”. De acordo com Del Priore (2014), “graças aos prostíbulos”, a noção de prazer sexual começa a surgir. No entanto, a frequência do bordel não significava que os homens podiam realizar práticas aprendidas com as prostitutas com suas esposas.

A prostituição ameaçava as mulheres “de famílias puras”, trabalhadoras e preocupadas com a saúde dos filhos e do marido. Tal ameaça à rainha do lar era feita de duas maneiras - todo desvio da ação. Pensamento e movimento poderiam aproximar e confundir o espaço privado da casa com o espaço público da rua (DEL PRIORE, 2014, p.87).

No século XIX, temos, portanto, uma divisão acerca da sexualidade. De um lado, o sexo considerado legítimo e de outro, o sexo considerado ilegítimo e clandestino. Este último é consolidado graças ao bordel. Desse modo, o bordel tinha duas funções: iniciação dos jovens à vida sexual e o estímulo das pulsões na idade adulta (DEL PRIORE, 2014).

A partir da última década do século XX, as definições acerca da prostituição foram incluindo outras nomenclaturas tentando considerar os diversos atores que compõem este cenário. Desse modo, se começa a considerar os clientes, donos de estabelecimentos, michês, transexuais, enfim, outros indivíduos que também integram o cenário da prostituição.

Na atualidade, o conceito tem sido definido por diversos autores como compra e venda de serviços sexuais por pagamento de dinheiro (PASINI, 2000). Este pagamento tem sido considerado para além do dinheiro, o que envolve outras formas, incluindo, jantares, presentes, “favores”, compras, entre outros.

A partir dos anos 1970, visualiza-se uma mudança em relação à prostituição, sendo esta entendida a partir do conceito de trabalho sexual. Carol Leigh foi quem trouxe para o campo político esta noção. Ela, uma prostituta e ativista dos EUA aspirava a desestigmatização da prostituição. Desse modo, a prostituta deixava de ser a desviante social ou a escrava sexual e passaria a ser a trabalhadora sexual (OLIVEIRA, 2011).

Este termo, trabalhadora sexual, implica em considerar a prática como uma atividade de prestação de serviços sexuais, reivindicando, portanto, a profissionalização da atividade visando a dignificação do trabalho exercido por mulheres, homens e transexuais.

O trabalho sexual relaciona-se então, com serviços, desempenhados ou produtos sexuais comerciais (prostituição, pornografia, *strip tease*, danças eróticas, chamadas eróticas). A prostituição é apenas uma das formas de trabalho sexual, incluindo-se sob esta designação uma série de atividades que ultrapassam os limites da prostituição, mas que, de alguma forma, se relacionam com o sexo ou o erotismo e com o objetivo de ganhar dinheiro (OLIVEIRA, 2011, p.14).

No Brasil, neste mesmo período, as prostitutas começam a dar visibilidade à imagem da categoria através da liderança de Gabriela Leite.

As primeiras entrevistas que Gabriela concedeu à imprensa causou forte impacto junto à opinião pública, e a partir daí ela não parou mais de se manifestar e de se colocar como interlocutora da categoria. Desde o início o seu discurso é lírico, apaixonado, emocional e com grande força literária. Mas também irá se caracterizar por ser profundamente questionador do padrão burguês de organização social e familiar, incisivo, agressivo na defesa da categoria e valorizador da cultura e modos de vida daqueles que são identificados como os marginalizados e excluídos (MORAES, 199, p. 198).

A compreensão acerca do trabalho sexual considera que os serviços sexuais acontecem entre adultos e com consentimento. Quando, porém, não há consentimento, trata-se de violência, abuso ou escravização sexual. Ele é multiforme e envolve diversos tipos de atores, desenvolvendo-se em diversos tipos de contextos. Existem trabalhadores sexuais, femininos, masculinos, transexuais, a orientação pode variar, assim como as idades, os gêneros, nacionalidades e características étnicas. Em relação às condições de trabalho também podem ser as mais variadas possíveis. Existem prostitutas de rua, *call girls*, *strip teasers*, atrizes e atores de filmes pornográficos, garotas de programa, prostitutas de bares, boates, portos. Os locais também são diversos: bares, boates, casas de massagem, orla, rua, hotéis, cines privês entre outros.

Piscitelli (2005) aponta que para além de pensar o mercado do sexo considerando o sexo comercial e a indústria do sexo é importante considerar que as definições correntes da prostituição não são suficientes para se pensar os diversos tipos de inserção entre o jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade. Desse modo, marcada pelo processo de mercantilização a prostituição não assume “necessariamente a forma de contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro”, ou seja, a inserção no mercado do sexo não se restringe apenas a realização de programas, mas envolve uma série de outras relações e movimentos.

A discussão sobre as relações entre agentes situados nos dois lados (demanda e oferta) deste mercado e sobre sua própria organização remete, neste momento, a um aspecto particular: à intensificação da circulação através das fronteiras, com o objetivo de oferecer ou comprar serviços sexuais, um fenômeno que, na produção sobre o tema, é inserido na problemática da transnacionalização (PISCITELLI, 2005, p. 09).

De acordo com a literatura feminista o termo transnacional pode ser utilizado de diversas maneiras. De modo geral, significa laços, vínculos e conexões que são estabelecidas entre grupos e que, portanto ultrapassa as fronteiras. Nesse sentido, o entendimento desta circulação implica em considerar as redes migratórias de modo mais amplo.

Ao vincular o mercado do sexo à transnacionalização, essas abordagens não ignoram a circulação através das fronteiras que, vinculada ao comércio do sexo, teve lugar no passado. As análises sobre as narrativas do tráfico de mulheres produzidas na última parte do século XIX e início do XX mostram a relevância a elas concedidas nesse período (PISCITELLI, 2005, p.10).

A discussão atual sobre o mercado do sexo, considerado o interesse pelo tema do tráfico de seres humanos com fins de exploração sexual, apresenta a força política da circulação das ideias por meio das fronteiras. De acordo com Piscitelli (2005), um ponto importante neste debate está relacionado às legislações nacionais sobre prostituição, pois estamos diante de uma discussão internacional que tem considerado a repressão do tráfico internacional de pessoas.

Refletir sobre esta questão exige considerar que os estudos sobre esta problemática tendem a estarem informados pelas diferentes posições feministas no debate da prostituição. Essas posições foram delineadas, sobretudo, na discussão internacional, conhecida como as batalhas do sexo (*sex wars*), centrada na pornografia e na prostituição e se articularam com diferentes posturas em termos do estatuto legal que a prostituição deveria assumir (PISCITELLI, 2005, p.12).

Neste cenário vem sendo construído o pensamento acerca do fenômeno do mercado do sexo e de modo mais específico nesta pesquisa, o fenômeno da prostituição feminina. Desse modo, as diferentes formas de perceber e entender a prostituição podem ser apreendidas a partir dos múltiplos significados e compreensões que ela possibilita.

3.1 Estudos circulares: o dito e o escrito sobre prostituição feminina

A pesquisa sobre prostituição se amplia na atualidade mostrando para além da complexidade do tema, a possibilidade de um pensamento que seja heterogêneo e que busque compreender “desde dentro” seus matizes, deslocamentos, transições e movimentos. Compreender desse modo estes estudos, analisar, estabelecer pontos convergentes, divergentes, pontos de encontros e desencontros significa cada vez mais, principalmente se consideramos os estudos do âmbito da antropologia, ciências sociais, psicologia e educação, considerar os sujeitos históricos e sociais que estão imersas nesta realidade. Estes sujeitos são: mulheres e homens com diferentes opções, diversas práticas, distintos posicionamentos. Estas mulheres e homens são: da *batalha*, putas, trans, clientes, prostitutas, garotas de programa, meninas, chulos, gigolôs, sacizeiras (os) e se localizam na Praça, na orla, nas boates, em casas, ruas, cines privês, entre outros.

Durante a pesquisa foi identificado um amplo leque de estudos sobre o tema, principalmente a partir do início do século XXI, e inícios dos anos 2000. Nos estudos mais recentes se tem buscado considerar a diversidade de contextos, sujeitos, experiências e vivências no contexto da prostituição seja feminina ou masculina. Grande gama de estudos desde a antropologia, ciências sociais e psicologia. Poucos estudos, entretanto no campo da educação. Neste sentido uma lacuna que se percebe é que se busca compreender este fenômeno social a partir de diversos pontos de partida: relação entre mulheres e clientes, relação entre o “mundo de fora” e o “mundo de dentro”, situações de violências na prostituição, processos de confinamento das mulheres, organização social e representações sociais deste universo. Entretanto, poucos trabalhos no âmbito da educação que buscam uma inter-relação destes diversos saberes. A seguir um quadro com o levantamento de alguns estudos sobre o tema:

QUADRO 1 – Levantamento de estudos sobre o tema.

AUTOR (A) E TÍTULO	CAMPO DE ESTUDO	ANO	OBJETIVO
MAZZARIOL, Regina Maria. <i>“Mal necessário” Ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas</i>	Ciências Sociais	1976	Estudo sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas – São Paulo.
BACELAR, Jeferson Afonso. <i>A família da prostituta</i>	Ciências Sociais	1982	Compreender as famílias das prostitutas a partir de seu contexto de moradia e de sua relação com a prostituição, no bairro Maciel de Salvador – Bahia.
FONSECA, Guido. <i>História da prostituição em São Paulo</i>	História	1982	Apresentar a história e desenvolvimento da prostituição na cidade de São Paulo.
ESPINHEIRA, Gey. <i>Divergência e prostituição</i>	Sociologia	1984	Análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel.
GASPAR, Maria Dulce. <i>Prostituição em Copacabana e Identidade Social</i>	Antropologia Social	1984	Estudo sobre garotas de programa de um bairro de classe média da cidade do rio de Janeiro com o objetivo de compreender a organização social e o sistema de representação desse tipo de prostituição.
FREITAS, Renan Springer de. <i>Bordel Bordéis: negociando identidades</i>	Sociologia	1985	Compreender a prostituição como uma negociação da ordem social através de uma investigação rotineira, no Centro de Belo Horizonte.
PERLONGHER, Néstor. <i>O negócio do Michê: A prostituição viril em São Paulo</i>	Antropologia	1987	Análise das relações entre michês e seus clientes masculinos em território de prostituição viril de rua em São Paulo.
MORAES, Aparecida Fonseca. <i>Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo</i>	Sociologia	1995	Compreender o universo da prostituição na Vila Mimosa, Rio de Janeiro, como um mundo de relações de trabalho.
SOUZA, Ilnar de. <i>O cliente: o outro lado da prostituição</i>	Ciências Sociais	1998	Pesquisa sobre prostitutas e clientes na cidade de Fortaleza focalizando na experiência das mulheres na prostituição
PASINI, Elisiane <i>“Corpos em evidencia”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição da região da Rua Augusta em São Paulo</i>	Antropologia	2000	Estudo antropológico sobre prostituição feminina em ruas localizadas na Região da Rua Augusta na cidade de São Paulo. O trabalho trata de compreender como suas práticas corporais expressam uma “performance” enquanto garota de programa e, ao mesmo tempo, uma divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição.
SOUZA, Fabiana Rodrigues <i>Saberes da noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes</i>	Educação	2007	Identificar os processos educativos desenvolvidos nas relações estabelecidas entre mulheres e seus clientes a partir da percepção das mulheres em relação a estes processos.
TEDESCO, Letícia da Luz <i>Explorando o negócio do sexo: uma</i>	Antropologia Social	2008	Análise antropológica sobre as relações afetivas e comerciais entre mulheres que

etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre/RS			se prostituem e os demais agentes da prostituição.
BARRETO, Leticia Cardoso <i>Prostituição, Gênero e Sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte.</i>	Psicologia	2008	Realizar levantamento de diferentes formas de hierarquização e os modos como tem sido politizadas por prostitutas no contexto de Belo Horizonte.
OLIVAR, José Miguel Nieto <i>Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre.</i>	Antropologia Social	2010	Estudo sobre as políticas da prostituição feminina de rua, na região central de Porto Alegre – RS, a partir das narrativas de quatro mulheres militantes.
SOUSA, Fabiana Rodrigues. A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição. Universidade Federal São Carlos. São Carlos, 2012. Tese de Doutorado em Educação.	Educação	2012	Compreender como as prostitutas se educam na prática da prostituição.
PISCITELLI, Adriana <i>Trânsitos: brasileiras nos mercados transnacionais do sexo</i>	Antropologia Social	2013	Análise sobre o mercado do sexo e dos mercados de casamentos transnacionais a partir dos trajetos migratórios de brasileiras.

Quadro elaborado pela autora.

Os trabalhos que envolvem o campo da educação estão muitas vezes atrelados às estratégias educativas com mulheres que exercem a prostituição como, por exemplo, saberes relacionados ao campo da saúde, aos filhos das prostitutas, à exploração sexual com adolescentes (meninos e meninas). Dentre estes trabalhos é possível citar: Bonadiman; Machado e López (2012); Santos (2011); Rebolho (2011), entre outros. Apenas um trabalho foi encontrado no sentido de pesquisar os saberes das mulheres no contexto de prostituição, saberes construídos entre mulheres e clientes neste cenário (SOUSA, 2007, 2012).

A partir do trabalho de Mazzariol (1976) se tem uma análise da situação de mulheres confinadas na zona de meretrício de Campinas, São Paulo. A autora descreve o processo de organização e estabelecimento do confinamento da prostituição nesta realidade demonstrando que a presença da prostituição em convívio no mesmo espaço físico das “famílias” acabava gerando uma desorganização distinguindo duas categorias sociais: as “senhoras” e “senhoritas” de “família” e as “putas”. Por isso, o processo de limpeza tornou-se neste cenário de suma importância constituindo assim a prostituição ao confinamento a um espaço da cidade que fosse menos povoado e localizado fora dos limites da cidade.

Gaspar (1998) pesquisa sobre as garotas de programa de Copacabana e procura entender a organização social e o sistema de representação da prostituição praticada por elas em boates. As mulheres de sua pesquisa vêm de camadas médias e se consideram garotas de

programa. Para realização da pesquisa, assim como a maioria dos pesquisadores neste campo, Gaspar realizou uma inserção em campo, buscando conhecer as boates, a organização e funcionamento. No desenrolar de sua pesquisa considerou importante ampliar a discussão para além das mulheres acrescentando em seu campo os posicionamentos dos clientes.

Tedesco (2008) se propõe a estudar desde uma análise antropológica as relações afetivas e comerciais entre mulheres que se prostituem e os outros agentes da prostituição, ou seja, os rufiões ou proxenetas. Seu interesse se concentra em saber como os relacionamentos entre os agenciadores e prostitutas, em espaços diferentes da prostituição, produzem sentidos e representações sobre as concepções de trabalho e de exploração.

Olivar (2010) realizou um trabalho etnográfico na região central de Porto Alegre, entre 2006 e início de 2009, discutindo e abordando sobre as políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes desta cidade. Sua tese explora as formas e transformações da relação prostituição e políticas da prostituição feminina de rua. Olivar (2010) entende a prostituição como um trabalho que

[...] Deve ser respeitado, protegido e legitimado social e legalmente [...] é preciso dizer também que o trabalho e o comércio são apenas duas dimensões possíveis, como outrora foi a saúde pública, para aproximar-se da prostituição. Isto é, abordar antropológicamente a questão da prostituição terá que passar pela troca comercial e pela afirmação laboral, mas deverá compreender a prostituição enquanto ideia cultural, enquanto nome, enquanto corpo e espaço da prática e experiência. (OLIVAR, 2010, p.28).

O levantamento de pesquisas e estudos voltados para a temática da prostituição e educação possibilitou o reconhecimento de que neste âmbito faltam estudos que especificamente relacionem educação e prostituição. Dentre os estudos encontrados, a maioria versa sobre educação entendendo-a como estratégias de cuidado e proteção no contexto de prostituição. Neste sentido, muitos trabalhos relacionados à área de saúde com o objetivo de apresentar como as profissionais do sexo “se cuidam” em sua prática profissional. De outro lado, os estudos da área de educação não se relacionavam propriamente com a prostituição, mas a temas como: exploração sexual de crianças e adolescentes, violência de gênero, educação em saúde.

Em levantamento feito no banco de dissertações e teses da Capes¹⁴, no período de maio e junho de 2015, especificando as palavras chave: prostituição e educação, entre o período 2010-2015 registrou-se 11 trabalhos envolvendo em certa medida estes conceitos.

¹⁴ Fonte: bancodeteses.capes.gov.br

Deles, oito eram dissertações de Mestrado Acadêmico, duas teses de Doutorado e um Mestrado Profissional. Destes, seis trabalhos se concentram na área da educação, um trabalho na área da saúde (enfermagem), um em Gestão Social, um em Psicologia e por fim um na área da teologia. No quadro a seguir, registro dados referentes a estes trabalhos. Importante pontuar que estão aqui colocados os trabalhos que aparecem por ordem sequencial na pesquisa.

Quadro 2 – Levantamento de estudos sobre o tema.

AUTOR (A) E TÍTULO	CAMPO DE ESTUDO	ANO
SANTOS, Verônica Gomes dos. <i>Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no centro de Fortaleza – CE</i> . Universidade Federal do Ceará	Educação	2011
REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo. <i>Se essa rua fosse minha: concepções de gestores e professores de instituições escolares estaduais que convivem com a exploração sexual</i> . Centro Universitário Moura Lacerda.	Educação	2011
Sousa, Fabiana Rodrigues. <i>A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição</i> . Universidade Federal de São Carlos.	Educação	2012
PEREIRA, Lucas Carvalho Soares Aguiar. <i>“No intuito de produzir influência educativa”: Delegacia de costumes e a prática do meretrício em Belo Horizonte</i> . Universidade Federal de Minas Gerais.	Educação	2012
LUNA, Izaildo Tavares. <i>Educação em saúde com adolescentes em situação de rua visando à prevenção de DST/AIDS</i> . Universidade Federal do Ceará.	Enfermagem	2011
FERNANDES, Raquel Martins. <i>O olhar, a menina dos olhos, única e total – uma abordagem fenomenológica da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na interface da educação</i> . Universidade Federal do Mato Grosso.	Educação	2012
MACEDONIO, Marcio Andre Orso. <i>O acesso à eucaristia aos casais de segunda união: uma perspectiva ecumênica</i> . PUC Rio Grande do Sul.	Teologia	2012
ALVARENGA, Alexandre Augusto. <i>Segregação Urbana socioespacial e mercado do sexo: uma análise dinâmica espacial da prostituição de rua em Belo Horizonte</i> . Centro Universitário UMA.	Gestão Social	2012
RIECK, Maira Brum. <i>O sujeito não sabe o nome do que ele é: enigmas do nome próprio</i> . Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Educação	2012
SOUZA, Heloisa Aparecida de. <i>Os desafios do trabalho na vida cotidiana de mulheres transexuais</i> . PUC de Campinas.	Psicologia	2012
OLIVEIRA, Ana Conceição Borges de. <i>Gêneros discursivos e práticas sociais</i> . Universidade do estado do Pará.	Educação	2012

Dos estudos registrados pelo banco de teses e dissertações da Capes, apenas o estudo de Sousa (2007) possibilita o diálogo entre os conceitos prostituição e educação, sendo esta entendida como campo amplo e que ultrapassa os espaços formais de educação. Os demais trabalhos discutem ora sobre a relação das prostitutas com seus filhos, ora sobre costumes e a prática do meretrício em determinados períodos históricos, ora, sobre a exploração sexual e comercial de crianças e adolescentes ou ainda sobre a relação da participação da eucaristia na experiência de casais de segunda união, como foi o caso do trabalho teológico.

O trabalho de Sousa (2007) centra-se na oportunidade de diálogo com conceitos que podem contribuir no desenvolvimento deste estudo. Além da dissertação de mestrado, Sousa (2007) desenvolve outros dois trabalhos que são a tese de Doutorado (2012) e a pesquisa de Pós Doutorado (2015) articulando questões relacionadas ao processo de educar-se das mulheres prostitutas.

Em outra pesquisa feita no banco de teses e dissertações da Capes com a palavra chave: prostituição, no mesmo período (maio-junho de 2015), o leque de trabalhos se ampliou. O período da amostragem foi o mesmo, entre os anos de 2010-2015, visto que em pesquisas anteriores a este período o leque de trabalhos encontrados foi muito pequeno. Por exemplo, colocando as datas 1965-1973, 1975-1985, até o período 200-2005 não se localizou nenhum registro.

Entretanto, ao utilizar o período 2005-2015 surgiram alguns trabalhos que foram realizados antes deste período e que, portanto tratam da prostituição em alguns aspectos específicos: confinamento da prostituição em Campinas com a pesquisa de Mazzariol (1976), Almeida (sem acesso) tratando da prostituição masculina, Perlongher (1986) tratando da prostituição viril em São Paulo, Rago (1990) tratando da prostituição feminina, Oliveira (1996) abordando o tema desde a ótica do cinema, Trindade (1999) a partir da perspectiva histórica, Pasini (2000) a partir da antropologia, Silva (2000) na área da saúde pública, Soares (2000) na área das ciências médica e por fim Sousa (2001), com trabalho retido.

Apresentemos os dez primeiros trabalhos registrados e contabilizamos um total de 50 registros, a partir da palavra chave: prostituição. Destes, 34 eram dissertações de mestrado acadêmico, 13 teses de doutorado e 03 de mestrado profissional. Importante ressaltar que os estudos na área de educação concentram-se nas perspectivas ditas anteriormente, ou seja, não envolvem especificamente o tema da prostituição.

Destes trabalhos, apresentaremos a pesquisa de Pasini (2000) por tratar-se de um estudo antropológico sobre a prostituição feminina buscando compreender como as mulheres que praticam a prostituição de rua estabelecem relações neste espaço. Ambos, os trabalhos: de Sousa (2007) e de Pasini (2000) trazem contribuições para esta pesquisa.

O trabalho de Pasini (2000) trata-se de um estudo antropológico sobre prostituição feminina em ruas localizadas na região da rua Augusta em São Paulo. O trabalho consiste em compreender como as práticas corporais expressam uma *performance* da garota de programa e ao mesmo tempo, compreender a divisão entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. O foco do trabalho de Pasini é a prostituição feminina e de rua. A autora entende a prostituição como uma atividade que é praticada por mulheres que estabelecem relações sexuais com diferentes homens em troca de dinheiro ou outras formas de pagamentos.

O primeiro capítulo da pesquisa trata-se de um levantamento feito pela autora sobre as discussões acerca da prostituição que se tem realizado no Brasil. Pasini (2000) demonstra que de modo geral os estudos feitos no Brasil sobre prostituição têm se concentrado a partir de análises onde os valores morais, seguidos de expressões preconceituosas, focando a pobreza, doenças, arrependimentos e vitimização estão no centro das discussões.

O levantamento feito por Pasini (2000) é extenso e rico contribuindo para se verificar as perspectivas, metodologias e contribuições destes estudos. Seu objetivo ao verificar e apresentar estes estudos implica em apontar que os locais e práticas vivenciadas a partir destes diferentes contextos de prostituição apresentam esta como espaço de sociabilidade.

A escolha do método de pesquisa no trabalho de Pasini (2000) foi o etnográfico, sendo justificada pela autora como o “método que é possível olhar e compreender tanto as práticas como os discursos dos sujeitos estudados” (PASINI, 2000, p.25). A pesquisa se localiza onde a prostituição é realizada, mas durante a pesquisa a autora trouxe dados sobre o contexto por meio de vivências com as garotas de programa fora do espaço da prostituição. A partir deste método de pesquisa Pasini (2000) contou com informantes, na faixa etária dos 25 aos 36 anos, originando-se de grupos sociais de baixa renda.

Após a o levantamento dos trabalhos sobre prostituição e apresentação do método escolhido a autora apresenta o cotidiano das garotas de programa, observando de modo particular, a relação das garotas de programa com os clientes. A partir de seu trabalho etnográfico vai tecendo e apontando alguns conceitos questões que surgem a partir do estudo:

violência (vivenciada pelas mulheres na prática da prostituição), significado do que é beleza, construções socioculturais acerca do corpo, relação garotas de programa e clientes.

Além de apresentar a garota de programa neste contexto, a autora se preocupa em apresentá-la fora do espaço da prostituição, ampliando o leque de discussões. Neste ponto, fica evidente para a autora que as mulheres vivem uma diversidade de relações em seu cotidiano tanto na rua quanto fora dela.

O trabalho de Pasini (2000) contribuiu no sentido em que apresenta alguns conceitos como: prostituição, sociabilidade, corpos, prostituição de rua que nos permite dialogar e ao mesmo tempo ampliar o olhar sobre e a partir da prostituição. O relato etnográfico feito pela autora, entrecruzando com reflexões sobre o tema nos permite adentrar e conhecer um pouco mais este complexo contexto da prostituição a partir da realidade da rua Augusta em São Paulo.

O esforço de Sousa (2007), por outro lado, consistiu em desvelar a prática da prostituição, a partir do que ela denomina de saberes feitos na prática. A pesquisa de Sousa (2007) teve como objetivo identificar os processos educativos desenvolvidos pelas mulheres a partir das relações com os clientes, partindo da percepção que as mulheres têm sobre estes processos.

Sousa (2007) inicia sua discussão apresentando alguns conceitos que lhes serão importantes no desenvolvimento da pesquisa: educação, práticas sociais, saberes de experiência. A autora entende que o ser humano, na perspectiva freireana: “não está apenas no mundo, mas com o mundo”, neste sentido, ela procura demonstrar por meio da discussão que envolve os conceitos citados acima como o ser humano cria estratégias para interferir e modificar a realidade. Para Sousa (2007), com base em Larrosa- Bondía, “o saber de experiência é aquele que se adquire a partir da forma como o sujeito responde e dá sentido ao que lhe vai acontecendo ao longo da vida” (p.21).

O percurso metodológico utilizado na pesquisa foi a partir do levantamento de temas geradores e problematização destes temas. Segundo Sousa (2007) em seu método a busca pela dialogicidade está presente durante o processo. A autora definiu as seguintes etapas metodológicas em sua pesquisa: contextualização, levantamento de temas geradores: a partir de encontros e diálogos com as mulheres; formulação do roteiro de entrevistas, realização de entrevistas e análise de dados. A partir de então a autora busca compreender os dados sempre em diálogo com as mulheres e tece algumas reflexões sobre a experiência na prática da prostituição, focando nos saberes que são construídos pelas mulheres a partir desta prática.

O que se tem dito, falado, pensado sobre prostituição demonstram as diferentes formas de perceber a prostituição e a diversidade de olhares sobre esta prática social. Compreender estes movimentos, interlocuções e discussões tem grande relevância nesta pesquisa. No próximo círculo de discussão que se aproxima iremos dialogar com o processo de lutas, enfrentamentos e deslocamentos de prostitutas, buscando interagir com estas formas de consolidação dos direitos destes sujeitos históricos.

3.2 Movimento das Prostitutas: lutas, deslocamentos e enfrentamentos

Ao considerar o tema da prostituição nas sociedades ocidentais, durante muito tempo ela esteve permeada por tensões, posicionamentos diversos, lutas, processos de rejeição e segregação, tanto em relação a espaços considerados de “tolerância” quanto em relação às prostitutas. Em diversas áreas de conhecimento este fenômeno partiu de uma interpretação funcional. Nesse sentido, o discurso de que a prostituição era um “mal necessário” se integrava bem à instituição do casamento.

Classificada como uma ameaça à lógica do ordenamento social, ao suscitar ideias de transgressão e liberdade associadas aos papéis femininos, a prostituição era, ao mesmo tempo, útil à manutenção das famílias, uma vez que separaria os impulsos e desejos sexuais masculinos da intimidade doméstica e do modelo do amor romântico (MORAES, 2014, p.119).

No Brasil, várias áreas de saberes instituídos como, por exemplo, a Medicina, o Direito, apresentaram visões sobre o corpo da prostituta e sobre seu exercício profissional considerando-o ora como vadiagem, perversão, doença, pecado, consequência da miséria, ameaça aos costumes e à saúde pública. Estes processos de formação e ressignificação pelos quais historicamente foram sendo construídos os significados da prostituição localizam-na no lugar daquilo que é marginal. “A prostituição carrega uma significação marginal, e como parte de um grupo social marginal as prostitutas são afastadas econômica da categoria de trabalhadoras, e identificadas como desviantes do papel sexual” (MARINHO, 2007, p.18).

Em seus estudos Rago (1991) demonstra que a prostituição tem sido predominantemente focalizada como sendo uma resposta à miséria econômica, a transgressão de uma ordem moral rígida. Desse modo, seu papel é considerado o de dar razão aos impulsos libidinais que estão presos no interior da família nuclear, em contrapartida, fica a marca e o lugar de marginal.

Os novos imaginários do corpo feminino, que se instituíram, acabaram sendo incorporados inclusive pela produção científica relativa ao tema. As figuras polarizadas da prostituta que emergem na documentação – de um lado, a meretriz vitimizada pelas condições econômicas adversas e por um destino implacável; de outro a *femme fatale*, que, embora não seja originariamente prostituta, é frequentemente associada a ela para designar a cortesã poderosa e cruel- correspondem a dois tipos de explicação que os estudos sobre a prostituição apresentam (RAGO, 1991, p.21).

Fonseca (1982) quando aborda a história da prostituição em São Paulo considera a polícia de costumes e vê o problema da prostituição como algo que deve ser tratado pela polícia. Neste contexto a regulamentação da prostituição esta diretamente relacionada ao processo de regulação.

Segundo o Código do Processo Criminal de 1832, no Rio de Janeiro, dentre as atribuições do juiz de paz estava a de manter a ordem por meio de um “termo de bem viver” que deveria ser assinado por vadios, bêbados e prostitutas. Em seguida, o comportamento dessas pessoas deveria ser vigiado. Em 1890, o Código Penal passa a considerar o lenocínio crime, com penas de prisão e multa. Deste modo, a prostituição não é abordada de forma precisa, mas como “ultraje ao pudor” (ENGELS, 1989).

O Rio de Janeiro era visto neste período como um local perigoso, com presença de epidemias e hábitos inapropriados por parte das classes populares. Diante desse contexto, ocorre um processo de disciplinamento dos habitantes. A cidade deveria ser cada vez mais modificada e transformada possibilitando assim ser um local civilizado. A influência da medicina francesa marca essa conjuntura, a partir da perspectiva do Dr. Parent- Duchâtelet que busca resolver as questões relacionadas à saúde e ao social.

Na perspectiva de Engels (1989), no processo de higienização da cidade, temas que se relacionavam às crianças e mulheres eram fundamentais. Engels (1989) relaciona a quatro dispositivos da sexualidade propostos por Foucault (1988): histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do prazer perverso.

Na elaboração de um saber que buscava normatizar a vida cotidiana na cidade nos seus mais variados aspectos e seguindo bem de perto os passos percorridos pela medicina europeia no sentido da construção de um discurso sobre o sexo, os médicos brasileiros do século passado revelavam uma preocupação, cada vez mais explícita, com a sexualidade, expressa, por exemplo, na abordagem de temas tais como o amor, o casamento, a prostituição e o aborto. Aqui, como em outras partes do mundo ocidental,

intensificava-se o processo no qual a *vontade de saber do cientista*, transformando o *corpo*, o *desejo* e o *prazer* em objetos de conhecimento, formulava um discurso sobre o sexo que era “unicamente o da moral, mas da racionalidade” (ENGEL, 1989, p.13).

A partir da influência de Parent-Duchâtelet, os médicos brasileiros estudam a prostituição compreendendo-a como doença e definindo sua origem, sintomas e formas de tratamento. Segundo estes médicos eram necessários impedir que as doenças se propagassem.

Para Wijers (2004), é possível apontar quatro regimes legais sobre prostituição: proibicionismo, regulamentarista, abolicionista e laboral. Em todos os regimes, com exceção do último o objetivo é o controle e a supressão do mercado do sexo. Na perspectiva regulamentarista, que teve seu início no Brasil da década de 1840 e também foi influenciado por Parent-Duchâtelet, esse modelo vai se consolidando entendendo a prostituição como algo reprovável moralmente, mas ao mesmo tempo algo que não se pode acabar por completo sendo, portanto, um “mal necessário” (BARRETO, 2008).

Rodrigues (2010) aponta que para além da diversidade de modalidades em que a prostituição se concretiza na atualidade, o que se destaca é a concomitância entre mulheres que trabalham como prostitutas, de um lado, e a emergência de organizações de defesa dos direitos das prostitutas de outro.

Rago (1991) demonstra que o regulamentarismo e o abolicionismo são duas das principais abordagens presentes nos debates sobre prostituição. De um lado, o regulamentarismo, originado em meios juristas e tem como objetivo enfrentar este “mal necessário”. De outro lado, a vertente abolicionista, apoiando-se em um discurso corrente em países da Europa, se posicionando contrariamente a qualquer interferência estatal na questão, considerada um atentado contra a liberdade individual.

De acordo com Chapkis (1997) o aprofundamento dos debates sobre a prostituição, no campo do feminismo, a partir da década de 1980, deu origem a uma “guerra de posições” bastante hostil. Enquanto alguns setores, para as quais o sexo está na origem da opressão das mulheres, entendem a prostituição como a forma mais literal de escravidão sexual, outros destacam a positividade invariável do sexo, que é entendido como nada mais que a origem do prazer e do poder na vida das mulheres. A prostituição nessa perspectiva se coloca como a mais subversiva das práticas sexuais dentro da ordem social sexista. Esse novo enfoque se desenvolveu inicialmente e com maior expressão nos EUA e Holanda, como resultado de articulações e parcerias múltiplas e diferenciadas entre prostitutas e ativistas feministas – essas em sua maioria lésbicas ligadas a movimentos e entidades homossexuais (RODRIGUES, 2010, p. 08).

No Brasil, esta perspectiva ganha adeptos a partir dos anos 1980, momento em que as prostitutas começam a se organizar politicamente, buscando o reconhecimento da prática da prostituição enquanto trabalho (Rodrigues, 2010; Moraes, 1996).

Para Piscitelli (2013), nas discussões sobre sexualidade no mundo contemporâneo, a prostituição situa-se entre as práticas sexuais que no passado foram objeto de repressão, mas que atualmente se insere em um processo de relativa normalização e por isto permeada por embates, negociações advindas dos movimentos sociais e organizativos.

Desde 1975, o dia 02 de junho é conhecido como o dia Internacional das prostitutas, isto ocorre a partir do fato de que em Lyon prostitutas francesas ocuparam uma igreja em atitude de protesto contra o preconceito e discriminação vivenciada a partir da relação com policiais.

Em 1985, na Holanda, ocorreu o I Congresso Mundial de Putas e terminou com a criação do *International Committe for Prostitutes* (ICPR). O II Congresso Internacional ocorreu em 1986. Ambos os Congressos versavam sobre o trabalho sexual no ocidente. No II Congresso, foi elaborada uma declaração sobre prostituição e feminismo. Nesta declaração, as prostitutas se identificaram com o movimento feminista e repudiaram sua condição de vítimas ou símbolos de opressão patriarcal. Reivindicaram seus direitos como trabalhadoras e como mulheres (BRASIL, 2012, p.30).

No Brasil, 1979 é considerado um marco no que tange ao processo de organização das mulheres que exercem a prostituição. Neste cenário, as mulheres começaram a se denominar profissionais do sexo. Em São Paulo, e posteriormente no Brasil, Gabriela Leite é uma figura importante neste processo por ser a liderança do movimento das prostitutas e por fortalecer cada vez mais a categoria (MARINHO, 2007).

Neste momento, várias questões relacionadas ao exercício da prostituição mobilizam as mulheres, instalando aos poucos outra concepção a respeito do lugar da prostituta na sociedade. Foi a partir da década de 1970, que as prostitutas no caso dos EUA e em diversas cidades francesas criaram organizações com o objetivo de se defender de práticas violentas, assédios, abusos e agressões físicas por parte de clientes e policiais.

No Brasil, os movimentos reivindicativos que mais impactos produziram em torno do reconhecimento dos direitos humanos e da liberdade civil da prostituta adulta começaram nos anos 1980 e foram fortemente marcados pela liderança de Gabriela Leite. A partir dessa década, constituía-se no Brasil a produção de novo lugar social das prostitutas através de: a) fortalecimento da liderança de Gabriela Leite e o surgimento de novas

protagonistas; b) entrada de mediadores e colaboradores de ONGs que forneceram uma linguagem política à compreensão da situação das prostitutas e de seus direitos; c) circulação de diferentes discursos sobre a prostituição na mídia, por meio do confronto de ideias, como caso de polícia versus questão social e política, e pelo desdobramento de eventos locais específicos; d) interlocução entre prostitutas associadas, poderes públicos representantes políticos (MORAES, 1995, p. 196-197)

Em 1987 acontece o primeiro Encontro Nacional de Prostitutas, no Rio de Janeiro, contando com representações de oito capitais brasileiras. Em 1988, constitui-se, no Rio de Janeiro, na Vila Mimosa, a primeira Associação de prostitutas. Aos poucos, em todo o país diferentes modelos associativos foram surgindo. Em 1989 acontece o Segundo Encontro das Prostitutas tratando do tema do HIV. A partir de então, nos anos seguintes ocorrem outros encontros nacionais e regionais reunindo prostitutas de todo país. No Ceará temos a APROCE (Associação das Prostitutas do Ceará), em Sergipe a ASP (Associação Sergipana de prostitutas), no Rio Grande do Sul o NEP (Núcleo de Estudos da Prostituição). O surgimento da Associação de prostitutas da Bahia (APROSBA) acontece entre os anos 1995 (MARINHO, 2007).

Olivar (2012) ao fazer a memória deste momento histórico e do movimento de prostitutas remonta a primeira mobilização política de trabalhadoras do sexo no Brasil por volta dos anos 1979 e 1982 em São Paulo. Neste momento, a luta das mulheres relacionava-se a luta pelo respeito à vida e integridade física das mulheres prostitutas acompanhada da luta contra a epidemia da AIDS.

Naqueles primeiros momentos, parece-me a fabricação de um sujeito de direitos “prostituta” não ocupava a pauta principal do movimento. O tom da luta estava muito mais afinado. Para além da aplicação das leis, firmava-se na universalidade, na vida e na dignidade humana delas enquanto mulheres e da luta contra florescente epidemia da AIDS (OLIVAR, 2012, p. 94).

Importante situar que o movimento organizado de prostitutas ao final da década de 1980 ainda não contava com uma articulação sólida com os direitos humanos. Os encontros nacionais das prostitutas vão aos poucos se consolidando neste processo. A prostituição passa a ser considerada “um trabalho como outro qualquer” e desse modo a luta pela proteção do direito ao trabalho vai ganhando força, sendo pauta até hoje das agendas do movimento (SKACKAUSKAS; OLIVAR, 2010, p. 02).

Nesses cenários, observamos que o corpo das mulheres adultas na prostituição vão sendo processados culturalmente como representativos de

processos de individualização e de escolhas pessoais, o que enseja a ideia de uma sexualidade não contaminada ou mesmo valoriza a dimensão da liberdade sexual (MORAES, 2014, p. 127).

Em relatórios nacionais e internacionais, além de pesquisas acadêmicas, em diversas partes do mundo, chama a atenção o processo de empoderamento de prostitutas adultas como agentes de controle de HIV-AIDS. De acordo com Moraes (2014), diversas organizações internacionais de prostitutas compartilham informações por meio de cartilhas, publicações, pesquisas, artigos sobre HIV-AIDS possibilitando assim a prevenção e organização de um grupo que está ligado ao trabalho sexual.

No contexto da prevenção à AIDS, o conjunto de práticas discursivas sobre o corpo da prostituta em condições de negociar o uso do preservativo (ou seja, fora de contextos limite) aproxima-se de uma imagem na qual a mulher pública pode oferecer sexo seguro. Tais concepções giram em torno de modelos emancipados e autonomizados de construção da sexualidade. Os corpos das adultas na prostituição estão associados às imagens de mulheres que, dentro de margens específicas de escolhas, têm-se individualizado nesse percurso. Tais práticas sugerem também a noção de áreas corporais não contaminadas e de uma sexualidade que não cabe em uma noção simplificada de constrangimento. Essas visões ainda se somam à reconstituição dessas mulheres adultas como *profissionais do sexo*, *trabalhadoras sexuais*, *agentes multiplicadoras* de práticas de prevenção sexual. É um percurso político que vem reconstruindo-as como adultas experientes que atuam sobre os próprios corpos e desenvolvem o cuidado de si (MORAES, 2014, p. 130-131).

O debate e bibliografia sobre prostituição tratam de processos globais que associam prostituição à migração, ao tráfico de mulheres e pessoa, à expansão da atividade no mercado de consumo. Estes temas são articulados por Piscitelli em vários de seus estudos. Em um estudo recente de Pós Doutorado, a autora fala em “*Trânsitos e mercados transnacionais do sexo*” considerando diferentes facetas do tema e articulando a partir de um trabalho etnográfico, onde a autora acompanhou os trânsitos de brasileiras em diversos lugares do Brasil, além de Itália e Espanha. Para Piscitelli (2013),

A vinculação de deslocamentos nos mercados do sexo e tráfico de pessoas recria noções que permeiam a literatura internacional e os debates feministas sobre prostituição. Tais noções são atualizadas por instâncias diversificadas-organizações dedicadas a proteger os direitos da criança, movimento de mulheres e organismos que combatem o crime organizado transnacional-, em discussões nas quais confluem interesses que operam em diversos planos. Essas noções informaram a promulgação de leis com diferentes graus de alcance, cujos efeitos são complexos, porque, visando proteger potenciais vítimas, incidem no desempenho de atividades nos mercados do sexo e na

migração, atingindo particularmente as migrantes não documentadas (PISCITELLI, 2013, p. 20).

O encontro com os movimentos, deslocamentos e encontros das prostitutas, principalmente a partir do contexto brasileiro, possibilita um olhar mais amplo sobre o debate. Entretanto, este movimento se concretiza de formas diversas e a partir de realidades específicas. Enquanto em algumas regiões as prostitutas se organizam de formas institucionalizadas (e este movimento é seguramente importante), existem contextos em que estas formas de organização, encontros e deslocamentos se configuram de outros modos. Estes são, portanto, modos outros de organização, modos marginais de empoderamento. Na dança deste texto que vem sendo tecido a partir do diálogo com diversos teóricos, mas também (e principalmente) em diálogo com as mulheres que exercem a prostituição em Salvador pretendemos nos aproximar desta realidade: primeiramente dos locais e pontos onde estas mulheres se encontram e posteriormente a partir de suas narrativas e trajetórias de vida.

4 EM SALVADOR: CIRCULANDO, LADEIRANDO E DESCORTINANDO MUNDOS: Primeiros passos de uma observação etnográfica

“Os lugares, pontos, ladeiras, mundo (s) da prostituição são tantos e tão complexos, uma rede imensa, visível e invisível, tecida por diversos atores. Sempre tive esta sensação ao aproximar destes contextos, seja em Belo Horizonte, seja em Salvador. As boates, hotéis, cines privês, bares, orla, a rua trazem contornos próprios, para além do mercado do sexo. Estes espaços-lugares trazem histórias, memórias, sentidos e significados. As pessoas que ocupam estes espaços-lugares o inventam, reinventam, modelam e remodelam a cada dia. São cartazes, dizeres, músicas, sons, cheiros, perfumes específicos. São gritos, silêncios, ruídos, gemidos de gente bem concreta. Na Ladeira ou na orla, no bar ou na Praça, cada local com sua marca, com gente que o marca e é marcada por estes espaços-lugares” (Trecho da autora).

Ao lado das observações sistemáticas dos lugares de sociabilidade de rua, das suas intensidades segundo os diferentes horários, o comportamento corporal dos indivíduos e/ou grupos nas esquinas, suas formas de interação nos bares e bancos de praças, suas regras de “evitações” ou, ainda, as suas performances orais e etiquetas para cumprimentarem-se ao cruzar olhares nas calçadas, tudo, enfim, vai criando sentido na observação atenta do pesquisador, à medida que se desloca (ROCHA e ECKERT, 2013, p.25).

A pesquisa tem uma localização específica: estamos falando de Salvador, Bahia. Considerar os aspectos relacionados à forma como a cidade foi (e continua) sendo construída historicamente possui uma grande relevância na medida em que possibilita compreender seu dinamismo, formas de organização da vida, política, cultura, aspectos sócio econômicos, dentre outros.

Não é nossa pretensão fazer um estudo aprofundando do modo como a cidade de Salvador foi sendo construída, entretanto, interessa-nos, particularmente, visualizar as modificações e transformações ocorridas nesta cidade a partir do Centro Histórico. A escolha desse lugar tem sua importância, ao tempo em que nos permite aproximar-nos do contexto e organização da prostituição neste *locus*.

A partir da perspectiva de Milton Santos (2012) em *O Centro da Cidade de Salvador* adentro neste universo. Na obra o autor apresenta o centro da cidade a partir de um recorte espacial, realizando uma análise da construção histórica e geográfica, permitindo assim o reconhecimento dos diversos espaços, ora esvaziados, ora ocupados, conforme a realidade sócioeconômica, política e cultural da época.

Para Santos (2012), o centro da cidade de Salvador/BA reflete ao mesmo tempo as formas de vida atuais da região e da cidade assim como reflete as formas de vida do passado da cidade.

De modo geral, o caso de Salvador é uma das grandes cidades que marcam uma espécie de traço de união entre um mundo rural, a cuja vida preside e do qual ela comercializa os produtos, um outro mundo, industrializado, que lhe compra essas mercadorias. Essa constante da história urbana desde a fundação da cidade coloca em relevo o seu papel de porto, cuja atividade se reflete na diferentes etapas da valorização dos territórios; e, em última análise, é a principal responsável pela elaboração do organismo urbano (SANTOS, 2012, p.29-30).

O surgimento da cidade de Salvador, em 1549, como capital da colônia aconteceu após o período em que houve a tentativa de ocupação do território através das Capitânicas Hereditárias. Salvador tem o seu surgimento vinculado a duas funções básicas: ocupar e proteger a colônia portuguesa na América e servir como porto de abastecimento do Atlântico Sul (ANDRADE e BRANDÃO, 2009).

Nos séculos XVII e XVIII, produziu-se um sistema aberto gerando riquezas expressas nas construções de igrejas, sobrados, prédios públicos. Como cidade portuária, o crescimento acontecia, pois através do porto a cultura da cana se estendia. Santos (2012) pontua que Salvador, neste momento, exportava açúcar, utilizando-se do porto, mas também por meio dele eram realizadas as entradas de escravos, vindos da África.

Na segunda metade do século XVIII, inicia-se um processo de decadência política e econômica da cidade. Andrade e Bandão (2009) descrevem quatro aspectos para esta decadência: (1) transferência estratégica da capital para o Rio de Janeiro em 1763; (2) Forte concorrência externa- especialmente do Caribe – na produção mundial do açúcar; (3) café em terras do Paraná e São Paulo e (4) estabelecimento de leis que conduziram ao fim do tráfico negreiro.

No final do século XIX e início do século XX inicia-se a implantação de indústrias em Salvador, entretanto, como havia uma forte concorrência com o Rio de Janeiro e São Paulo houve um período de estagnação econômica.

Durante o século XIX o crescimento da cidade e o alargamento de suas funções refletem-se principalmente na Cidade Baixa. Fazem-se novos cais sobre os aterros, para melhoria do porto. Esses aterros estendem a Cidade Baixa até o lado par da Rua Miguel Calmon. O outro lado é ocupado pelo cais sobre esses aterros são construídos grandes imóveis de utilização comercial, sobretudo. No final do século, a introdução dos primeiros bondes

a burro permite uma maior extensão do perímetro construído, e provoca migração da parte mais abastada da população, que abandona o centro, seja na sua parte alta como na parte baixa (SANTOS, 2012, p.108).

Na segunda metade do século XX, a cidade de Salvador passa por grandes transformações espaciais. Com a implantação da empresa Petrobras (1953) e a construção de complexos industriais (Centro Industrial de Aratu, em 1967 e Complexo Petroquímico de Camaçari, em 1976) representa um novo momento de crescimento para a cidade e sua região metropolitana (ANDRADE e BRANDÃO, 2012). Para Santos (2012, p. 109): “o século XX é o das grandes transformações no centro. A introdução dos transportes mecânicos (o automóvel em 1901, o bonde elétrico em 1904) exige adaptação da velha estrutura urbana às novas necessidades”.

Espinheira (1971) realiza um estudo sobre o Maciel por meio de um levantamento sócioeconômico com o objetivo de conhecer os problemas sociais e econômicos da área sul do Pelourinho, área em que neste período estava concentrada a prostituição. A partir dele compreendemos o movimento da prática da prostituição no Centro Histórico. Fazendo uma delimitação da área, Espinheira (1971) mostra que a zona conhecida por Maciel é formada por duas ruas principais, que fazem o elo entre as praças do Terreiro de Jesus e José Anchieta com o Largo do Pelourinho.

O Maciel é a parte mais antiga do conjunto arquitetônico do Pelourinho, construída em sua maior parte no século XVIII, em circunstâncias de grande desenvolvimento e expansão da economia baiana. O Pelourinho era então, zona residencial mais nobre da cidade, morada dos homens de negócios, grandes comerciantes exportadores e importadores, senhores de engenho e altos funcionários da administração pública (ESPINHEIRA, 1971, p.08).

Com a crise econômica afetando diretamente o desenvolvimento da cidade, nos anos posteriores esta realidade foi se modificando. Assim,

Levas de imigrantes, procedentes de cidades do interior e estados vizinhos chegaram a Salvador em busca de melhores condições de trabalho, ocupando as habitações existentes e concentrando-se nas zonas residenciais, em locais onde as populações de estratos econômicos mais baixos podiam depender de serviços prestados aos grupos economicamente mais elevados[...]O Pelourinho foi sendo gradativamente desocupado por seus moradores originais, que vendiam seus imóveis ou os arrendavam e a comerciantes, transferindo-se para os novos bairros que surgiam, como os mais próprios para a residência, cujas construções se adequavam melhor às necessidades criadas pela crescente urbanização (ESPINHEIRA, 1971, p.09).

A valorização de outras áreas da cidade acompanhadas da estabilização e deterioração, nos primeiros anos do século XX, influenciou um processo irreversível de empobrecimento da área. De um lado, a região norte do Pelourinho “foi ocupada por uma população de estratos econômicos médios”, de outro, ao sul do Convento e Igreja do Carmo, as “casas foram ocupadas e, seus pavimentos térreos por um pequeno comércio e artesanato – prolongamento das atividades comerciais da Misericórdia, Praça da Sé e Terreiro de Jesus” (ESPINHEIRA, 1971, p.10).

No Maciel, concentra-se, portanto a prostituição deste período. Nos anos 1920, por exemplo, a comunidade do Maciel é marcada pela construção do grande meretrício. Segundo Espinheira (1971), “as prostitutas convergiam para o Pelourinho, por um lado, atraídas pelas condições sociais e econômicas da localidade, enquanto que, por outro lado, aí se estabeleceram compelidas pela ação policial dos órgãos encarregados dos costumes” (ESPINHEIRA, 1971, p.11).

No início da década de 1960, a cidade de Salvador apresentava o seguinte quadro com referência à localização de grupos prostitucionais:

Barroquinha, Rua Ruy Barbosa, Praça do Tesouro e adjacências, Ladeira da Praça, Praça dos Veteranos, Rua 28 de Setembro e transversais, Rua do Saldanha, Rua da Oração, Rua de São Francisco, Rua Mont’Alverne, Terreiro de Jesus, Praça Anchieta, Maciel e Largo do Pelourinho, Subida do Carmo, São Miguel, Julião, Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Gameleira, Ladeira do Pau da Bandeira, Preguiça, Ladeira da Misericórdia, além de outros locais onde a prostituição se fazia mais discreta” (ESPINHEIRA, 1971, p.12).

Espinheira observa ainda que a concentração da prostituição nos locais está relacionada às áreas desvalorizadas e às construções antigas. As ruas citadas acima se referem, portanto, aos locais onde havia moradia das prostitutas. A partir do controle feito pela polícia em defesa dos costumes, há um deslocamento de alguns destes pontos. Assim,

O centro de Salvador ficou livre dessa prostituição extensiva, enquanto que em determinadas residenciais, as comunidades prostitucionais cresciam constituindo polos de segregação social, a exemplo do Maciel, Julião, Preguiça e Misericórdia, zonas caracterizadas como o de puteiro ostensivo; enquanto que a Ladeira da Montanha, Gameleira e Ladeira da Conceição, caracterizavam-se por uma prostituição mais discreta, formada por unidades isoladas, predominando as boates e castelos (ESPINHEIRA, 1971, p.13).

Em seguida, veremos a partir da contextualização de cada local de prostituição que atualmente são pontos no Centro Histórico que devido o processo de “limpeza” realizada por

polícias em defesa dos costumes que o Maciel enquanto lócus de prostituição deu lugar a outros pontos, como é caso da Praça da Sé.

No entanto, é importante ressaltar que todo o entorno ainda continua marcado por esta prática. Na atualidade, ainda existem mulheres e familiares residindo em muitos dos casarões que se concentram nesta região. A partir desta contextualização podemos seguir descrevendo os elementos presentes nesta pesquisa.

Foi assim que ao descer a Ladeira da Montanha, após os desabamentos que marcaram a cidade de Salvador durante os meses de maio e julho de 2015, pude ver desse outro lugar aqueles antigos casarões, alguns deles agora demolidos e sendo reconstruídos.

Em meio aos destroços, uma interlocutora que me acompanhava contava histórias de um tempo já ido, mas ainda muito vivo e presente. Descendo as escadas ela mostrava onde se localizavam os quartos e como as coisas eram “naquele tempo”.

Figura 7: Interior do Bar 73 (localizado na Ladeira da Montanha) após o período de desabamentos em decorrência das chuvas em maio de 2015.



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

A partir de memórias como estas, contadas pelas mulheres sobre suas lembranças e narrativas pretendo, neste circular do texto, me aproximar um pouco mais deste contexto, de suas formas e peculiaridades. Aproximar-me, portanto, deste lugar que é a prostituição de rua e de baixa renda, uma prostituição exercida em Ladeira, na Orla, em bares. Aproximar-me destes espaços-lugares percorridos durante e antes desse estudo, lugares inquietantes e desconcertantes.

Existem mulheres no exercício da prostituição, homens, travestis, com idades diversas, regiões, nacionalidades distintas, gostos, preferências. E tratando-se das condições de

trabalho, essas também são distintas. Estar na Praça da Sé ou na Orla é marcado por diferenças específicas, ainda que em ambos os lugares a prostituição seja de rua. *Batalhar* em um bar cujo gerente é homem ou mulher também possui diferença, “esconder-se” em um cine privê para não ser vista ou reconhecida também aponta uma especificidade.

Nesses lugares cada grupo especificamente, ainda que esteja na rua, atribui uma forma própria de se nomear. Na Orla, as mulheres consideravam-se garotas de programa, já na Praça da Sé, foi escutado durante observação as expressões prostituta, puta e muitas vezes a negação em utilizar qualquer uma dessas denominações.

Uma expressão muito comum na Praça da Sé, ouvida durante os anos de convivência com as mulheres, era a “*mulher da batalha*”. Em diversas ocasiões as mulheres afirmavam: “*tô na batalha*”. Tal expressão vem muitas vezes acompanhada do “ser guerreira” e se reconhecer como tal. Estar na *batalha* significa estar na luta, trabalhando, ganhando o “pão de cada dia”.

Em uma pesquisa realizada por Filho (1996), o autor reflete sobre o circuito do turismo sexual em Salvador. Nele o autor se refere a lugares, eventos e agentes que movimentam o comércio do sexo na cidade. O público preferencial de sua pesquisa foi os estrangeiros e “gringos” mostrando como eles chegam à cidade em busca de diversão com as mulheres “nativas” e mulheres pobres com idade entre 18 e 28 anos, residentes em regiões de baixa renda.

A partir de então, Filho (1996) questionou-se sobre a organização desse mercado, sobre quem são os principais atores que o compõem, seus frequentadores, os turistas, os agentes. Referindo-se à cidade de Salvador, Filho dialoga:

A cidade de Salvador e sua Região Metropolitana (RMS) possuem vários pontos de atração turística e alguns deles se destacam como os preferidos pelos visitantes estrangeiros. [...] Salvador é conhecida, também, como a cidade onde “todo dia é dia de festa”. Exageros a parte, alguns eventos, além do carnaval, tornam bastante peculiar a noção de lazer para os soteropolitanos- a terça da benção, por exemplo, é uma festa fixa que ocorre todas as semanas no centro Histórico, atraindo um grande número de nativos e turistas (FILHO, 1996, p.52-53).

Assim como em outros contextos, na prostituição de rua e de baixa renda existe uma forma de organização, dinâmicas, práticas, saberes construídos, relações de gênero e poder que vão construindo a rede deste que é o negócio do sexo. Piscitelli (2005) pontua que o sexo comercial tem dado lugar a uma verdadeira indústria sendo infinita a lista de trabalhos sexuais

que são desempenhados em bordeis, bares, discos, saunas, linhas telefônicas, casas de massagem, serviços de acompanhantes, hotéis, motéis, cines e prostituição de rua.

4.1 Locais de Batalha em Salvador: peculiaridades entre a Rua, Praça e a Casa.

*“Subindo as escadas...Olhares...Curiosidade. Subindo as escadas.
Cheiros. Música intensa.
No canto, um encontro. Do canto, possibilidades.
Descendo as escadas. Intensidade.
Descendo as escadas. Surpresa. Complexidade”* (Trecho da autora).

O presente item apresentará alguns pontos ou locais de *batalha* em Salvador, principalmente aqueles que foram focos de contatos e aproximação nesta pesquisa. Esses pontos são os locais de interação e socialização das mulheres, lugares onde elas passam a maior parte do tempo em que se encontram no exercício da prostituição. São eles: Ladeira da Montanha, Largo do Tanque, Ladeira da Conceição, Praça da Sé, Calçada, Comércio, Carlos Gomes e a Orla de Patamares. Para Pasini (2000),

O ponto de prostituição é o local privilegiado de sociabilidade. Principalmente porque, enquanto elas estão nos pontos, realizam mais do que negociações com os clientes. Neste espaço elas conversam sobre seus problemas, trocam experiências e ajudas, aconselham-se, enfim, interagem. Essa reunião de mulheres é um modo de formar laços, de estar com os outros, de formar grupos através da sociabilidade (PASINI, 2000, p.42).

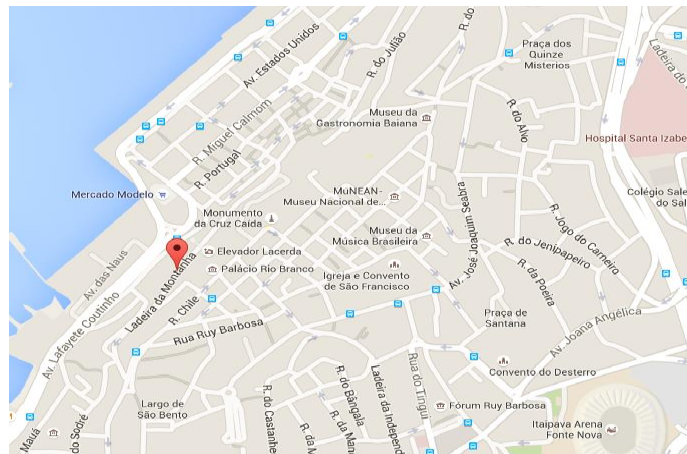
Em Salvador, são diversos os pontos de prostituição, assim como são diversas suas formas e modos de organização. Dentre os vários locais de abordagem (Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Comércio, Calçada, Orla de Patamares, Largo do Tanque) aos quais a autora teve acesso durante o período que atuou no PFF encontram-se: Praça de Sé, Ladeira da Montanha, Ladeira da Conceição, Taboão, Rua Chile, Barroquinha, Gameleira, Carlos Gomes, além da Orla, principalmente o bairro Patamares e mais recentemente Itapuã. No Largo do Tanque o PFF iniciou sua aproximação em 2014, além de outros bares na região do Subúrbio.

Assim, esta pesquisa concentrou-se na região do Centro Histórico, principalmente na Praça da Sé e Barroquinha onde foram realizadas visitas aos bares da Ladeira da Montanha e Conceição, além dos bares do Comércio. Entretanto, vale ressaltar que Ladeira da Montanha e Conceição já sofriam um processo de decadência há alguns anos e com as fortes chuvas

ocorridas no período de maio e julho de 2015 alguns casarões acabaram por desabar totalmente.

A abordagem acerca destes lugares – territórios nos remetem a pensar sobre o significado destes espaços para as pessoas que nele circulam. Nesse sentido, Santos (2012) demonstra que o território não é apenas um conjunto de sistemas criado pelas pessoas. Antes, o “território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base de trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi” (SANTOS, 2012, p.96).

Figura 8: Localização da Ladeira da Montanha e região.



Fonte: Google Maps (2015)

4.1.1 Ladeira da Montanha

Numa das visitas realizadas ao local, acompanhada de uma da interlocutora da pesquisa, foi possível rever o interior destes casarões totalmente destruídos, como citado anteriormente e enquanto observávamos os movimentos de operários na construção, a informante recordou o tempo em que a Ladeira da Montanha era marcada pelo glamour. Para explicitar segue um trecho do diário de campo do dia:

“Ao chegarmos à Ladeira da Montanha vimos alguns homens trabalhando nas construções. O primeiro bar, que eu já conhecia e chamávamos de Bar de Midi, estava totalmente vazio e sem teto, em processo de demolição. A informante fez questão de lembrar que este era o antigo Bar 73, onde ela iniciara sua vida na batalha. Continuamos a descer a Ladeira e ao passarmos em frente ao espaço vazio onde funcionava o bar em que ela ficava antes do desabamento a mesma me pediu para bater uma foto. O interessante é que quando estávamos no início da Ladeira ela afirmou:

“nossa quando chego aqui me transformo, viro puta mesmo”, e diante dos trabalhadores da obra ela falou alto dizendo: “pois, derrubaram meu brega¹⁵, já trabalhei muito aqui”. Se por um lado em alguns momentos ela dizia que não gostava de ser reconhecida como prostituta por outro ela afirmava que ali já tinha feito muitos programas. Continuamos a descer a Ladeira até chegar ao Bar 51, conhecido por nós no Projeto como Bar de D. Carmem, mas minha informante me disse que seu nome era 51. Na porta se encontrava a atual proprietária do espaço, totalmente precário. Pedimos permissão para entrar e o que se percebia era uma decadência enorme. Do lado existe um corredor pequeno e estreito. Minha informante mostrou-me o espaço, mas havia três homens usando drogas neste espaço. Em pouco tempo uma mulher subiu as escadas. Acabava de realizar um programa. A situação era precária e até mesmo minha informante disse quando descíamos o restante da Ladeira: como pode ter mulher que ainda faz vida aí? Seguimos descendo a Ladeira e encontramos alguns sacizeiros¹⁶ além de um homem chamado pela minha informante de cigano” (Diário de Campo, 14 de julho de 2015, grifo nosso).

A Ladeira da Montanha é conhecida em Salvador como uma das zonas mais sofisticadas da cidade em termos de privilégio de vista para a Baía de Todos os Santos. Entretanto, a fama de local de prostituição vem das primeiras décadas do século XX, quando os bordéis e as casas noturnas recebiam homens de prestígio. Até hoje o local é marcado por este signo.

Figura 9 – Descida da Ladeira da Montanha



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

¹⁵ Termo êmico que designa o lugar onde as mulheres exercem a prostituição. O brega geralmente é reconhecido como um bar onde as mulheres se encontram e onde os clientes frequentam, não apenas com finalidade da realização de programas mas também de consumir bebidas e outros no espaço.

¹⁶ Expressão popular em Salvador (BA) que define as pessoas viciadas em crack ou usuário de drogas pesadas em geral.

Figura 10 – Subida da Ladeira da Montanha



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

Na atualidade, o abandono, acompanhado da presença de “sacizeiros”, roubos, caracteriza o local. Em pesquisa realizada pelo PFF em 2008, a situação de abandono do local já era evidenciada.

A cada dia, a cada fechamento, incêndio ou desabamento de casarões, a cada morte por brigas, a cada carro que passa, a cada sorriso e lágrimas das mulheres fica mais evidente a aproximação de uma transformação do local (Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina, 2008).

Durante a visita ao local, além de visualizar este abandono e escutar a informante falar do tempo glamoroso da Ladeira foi possível observar o vazio presente nos casarões demolidos, nas poucas pessoas que transitam no espaço, além de muita sujeira e miséria. Mesmo diante deste quadro, o bar 51 insiste em funcionar:

Figura 11: Interior do Bar 51.



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

Na década de 1980, a Ladeira da Montanha era considerada o ponto que interligava a cidade baixa e a cidade alta. As vias de acesso eram auxiliadas pelo elevador Lacerda. Antes a ligação era feita pela Ladeira da Misericórdia e a Ladeira da Conceição da Praia.

Em 1878, a Assembleia Legislativa autoriza o início das obras e o engenheiro militar Fransisco Pereira de Aguiar, o mesmo que fez o Forte de São Marcelo, desenha seu plano de execução. O orçamento era estimado em 120 contos de réis e sua inauguração se deu em 1881, com um valor final de 200 contos de réis, 70 % a mais do que o estimado, mobilizando cerca de 500 homens: nascia ali a Rua Barão Homem de Mello, a Ladeira da Montanha ou, simplesmente Montanha (Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina, 2008, p.18).

Em um levantamento feito pelo PFF em 2012-2013 para um diagnóstico da realidade se verificou que a Ladeira da Montanha já passava por um processo de decadência. Nesse período o PFF visitava três bares denominados: Bar de Midi (Bar 73), Bar de Dalva e Bar de D. Carmem (Bar 51). Entretanto o Bar 73 e o Bar de Dalva foram demolidos.

Na ilustração abaixo é possível visualizar o estado desses bares. Em um deles visualizamos as escadas que levavam em direção aos quartos onde eram realizados os programas.

Figura 12: Escadas do Bar 73.



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

Figura 13: Local onde se localizava o Bar de Dalva.



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

4.1.2 Praça da Sé

“É melhor pra mim. Lugar fechado não dá certo. Os homens não me olham. Meu negócio é na rua... porque é muita gente, tem mais população, tem mais gente. Tem mas vantagens. Tem mais gente circulando. Lá dentro é muita

mulher. Ai chega o homem pra escolher, tem quatro, cinco, seis mulher... e aqui não. Tem vários homens. Tem varias pessoas que passam. Tem muita mulher, mas tem vários homens” (Carla).

A Praça da Sé certamente é o ponto de prostituição onde estive mais próxima e é também o com o maior número de mulheres presentes. Diferente da Ladeira da Montanha, onde as mulheres ficavam dentro dos bares geralmente sob a gerência de uma Dona e pagavam um taxa para uso do quarto, ficavam durante todo o dia na Praça da Sé, na rua. O que se caracteriza de modo evidente como prostituição de rua. De acordo com a pesquisa feita pelo PFF em 2008, 65 % das mulheres que frequentavam o PFF eram procedentes da Praça da Sé.

Figura 14: Praça da Sé



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP

A Praça da Sé é um ponto de grande circulação e movimento. Para se chegar ao Pelourinho se passa pela Praça da Sé. Para quem vem da cidade baixa ou na Avenida Carlos Gomes e Avenida Sete, após passar pelo Elevador Lacerda se passa pela Praça da Sé. Vários vendedores, “guias”, baianas de acarajé ficam neste ponto. Vindo do Elevador Lacerda, à esquerda temos a Cruz Caída, do lado direito o antigo Cine Excelsior. O Palácio Arquiepiscopal, a Coelba. À esquerda temos várias lojas de som, roupas, restaurantes e pequenas ruas que dão acesso às ruas menos movimentadas. Em meio a elas está a Rua Saldanha da Gama, onde se localiza o PFF e outras pequenas ruas que atualmente possuem um grande número de pessoas que fazem o uso de substâncias psicoativas.

A Praça da Sé, ponto de passagem de todos que querem ir ao Pelourinho é certamente um ponto que representa diversos pontos. Na diversidade de gente que circula neste lugar, pessoas curiosas, turistas, transeuntes... Na diversidade de gente que permanece cotidianamente neste espaço: mulheres, crianças, vendedores, policiais, donos de lojas e estabelecimentos, a vida se inventa a todo momento [...]A Praça é um ponto intenso de circulação de pessoas que transitam no Centro Histórico. Para chegar ao Pelourinho as pessoas devem passar pela Praça da Sé. O que muitas pessoas não percebem é que nestes bancos encontram-se muitas mulheres da batalha e possíveis clientes. Na verdade, esta é uma percepção de quem não conhece o ponto e é um relato constante de muitas pessoas que até mesmo são soteropolitanos. No entanto, para quem circula neste ambiente cotidianamente sabe que o cenário se mistura e que este é um lugar diverso (Diário de Campo, 07 de julho de 2015).

No século XVI a Sé era conhecida como o primeiro bairro da cidade de Salvador. A Praça Municipal fora construída neste espaço, pois naquela época o Governador Geral Tomé de Souza se preocupava com ataques dos indígenas e invasores franceses vindos do mar. Em 1549, foi construída a primeira Igreja da Sé. Em 1765, a Sé perde a condição de Catedral com o discurso de que se encontrava deteriorada, passando agora a ser no século XX a Linha do Bonde.

A partir da década de 1950, a Praça da Sé sofre uma série de transformações em função da chamada evolução ou crescimento da urbe. A cidade de Salvador crescia em direção a Vitória e Barra, um surto de cólera que assolou o centro da cidade no final do século XIX acelerou ainda mais a fuga da classe dominante deste sítio. Assim, a partir deste momento histórico, pode-se dizer que o Centro Histórico de Salvador já se constituía em comércios e moradias populares, zona de boemia e meretrício. A Linha do Bonde transformou toda a Praça da Piedade em um terminal de transporte, influenciando no fluxo de pessoas ao local. Mas, como “a cidade não para”, o sítio sofreu uma segunda transformação com a decadência dos Bondes e o início da circulação dos ônibus no local. Na década de 1970 a Praça da Sé vira então Terminal de ônibus (Diagnóstico da realidade das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina).

Sobre esta realidade uma das mulheres pesquisadas, conhecida como Luci, nos contou como era a organização da prostituição neste período e posteriormente, antes da nova reestruturação da Praça da Sé:

“Luci: Antes era bom demais. Nesse tempo era bom. Tinha um bocado de coroa aqui que ajudava mesmo. Pagava lanche. Ô tempo bom, tempo bom danado. Eu andava ali naquele expresso, café expresso. Ali era café expresso (apontando para uma das lojas). Cada um pegava seu cliente e ia para onde queria. A gente pegava cliente aqui na Praça da Sé, na Piedade, eu tinha cliente bom. A gente ficava tomando cerveja, comendo tira gosto.

Esse cliente me ajudava direto. Depois ele morreu (...) Rapaz, aqui não tinha esses bancos não, era só ponto de ônibus, aqui dava dinheiro, uns bocado de coroa, pagava lanche, a gente fica aqui nos pontos de ônibus. De lá pra cá que piorou né? O movimento caiu. Chegou um bocado de menina roubando, tem muitas que roubam, usam drogas, ai ficou defasada a Praça (...) Os programa fazia nos hotel mesmo ai, fazia no Ibiza, que no Ibiza hoje é mais caro né”.

Luci refere-se há este tempo como um tempo bom. Neste momento, as mulheres já ficavam na Praça da Sé e realizavam os programas nos hotéis do entorno. Na atualidade muitas mulheres ficam na Praça e continuam realizando programas nos hotéis do entorno.

4.1.3 Comércio

O Comércio também é composto por bares de prostituição, principalmente próximos ao Elevador Lacerda. Estes bares têm estruturas parecidas com a de outros bares de prostituição de baixa renda na cidade de Salvador.

Figura 15: Bar Damasco, localizado no bairro Comércio.



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

O que caracteriza esta região é o grande movimento de turistas e pessoas circulando, além de pontos de ônibus, proximidade com o Mercado Modelo e com os navios que chegam constantemente.

4.1.4 Largo do Tanque

Minha aproximação em bares na região do Largo do Tanque aconteceu recentemente, no ano de 2013, a partir da atuação no PFF e posteriormente como pesquisadora por meio de visitas de abordagens do PFF. A estrutura do bar é parecida com as de outros bares. O que chama atenção, entretanto é o horário de funcionamento que diferente da Ladeira da Montanha, Conceição e Praça da Sé onde a realização dos programas ocorre no turno diurno, no bar do Largo do Tanque o funcionamento se restringe ao turno noturno. O espaço é aberto por volta das 19h e finda por em torno das 23h ou mais. Um trecho do Diário de campo na visita feita ao bar apresenta o contexto da região.

O bar fica no segundo andar de um prédio que se localiza na Avenida San Martin, no Largo do Tanque. A sua porta de entrada fica em frente um ponto de ônibus e a loja do primeiro andar é de uma farmácia. O bairro é bastante movimentado, na verdade, a localização do bar está em meio a uma área comercial de grande fluxo e movimento de pessoas. Existem lojas de cosméticos, bancos, padaria, lanchonetes, bares, feira onde se vendem frutas e verduras. Além do Largo do Tanque ser um ponto que pode levar a vários destinos na cidade de Salvador, tendo saída e integração com diversos bairros: São Caetano, Suburbana, Sieiro, Liberdade. Após subir as escadas, há um corredor com duas portas. Ao entrar pela primeira porta e virar a direita nos deparamos com uma máquina de música e mais adiante uma sala interna com grades, onde ficam as bebidas e lanches. Neste espaço, se encontram os donos do bar, um casal: (...) e (...). A visita do projeto neste espaço é aceita de forma tranquila pelos donos do estabelecimento. Nesta sala, a dona é a responsável por receber o dinheiro, servir as bebidas e lanches. O esposo por sua vez, circula pelo bar e em alguns momentos fica no interior desta sala junto da esposa. Além, dos donos, há um gerente do bar, que é responsável por receber o dinheiro dos quartos e controlar o movimento de entrada e saída dos mesmos, e um garçom, que segundo as mulheres “é muito gaiato”, pois aproveita o momento que tem de servir as mesas e “passa mão” nas mulheres. A segunda porta de acesso do corredor leva a um espaço mais no fundo do bar onde se localizam os quartos para realização dos programas. O salão é grande, contendo pequenos espaços subdivididos onde ficam mesas. Os clientes que frequentam o bar são trabalhadores advindos da classe popular, muitos chegam ao espaço ainda com uniformes e outros se vestem com bermudas e se encontram de chinelos. Alguns vêm ao espaço após o expediente de trabalho. Chegam, escolhem uma mesa e consomem bebidas alcoólicas. Na medida em que sentam, algumas mulheres se aproximam ou então eles sentam junto a mulheres que se encontram em uma das mesas. O consumo e pagamento das bebidas são de responsabilidade dos clientes, desse modo, quando convidam algumas das mulheres para lhes acompanhar é de sua responsabilidade o pagamento. De outro lado, durante muitas visitas que fiz anteriormente e ainda neste dia presenciei mulheres pedirem para que os clientes lhes pagassem alguma bebida antes mesmo que eles oferecessem. Alguns clientes, entretanto, preferem ficar só apenas bebendo e ouvindo as músicas.

Em relação às músicas em sua maioria são: forró, brega, sendo que nestes tempos tem sido intensa a música de tipo “sofrência”. Próximo a entrada dos quartos, como espaço é maior algumas mulheres dançam sozinhas ou com alguns dos clientes (Diário de Campo, 18 de junho de 2015).

O ponto deste bar localizado no Largo do Tanque é extremamente estratégico por permitir o acesso de pessoas que vêm de várias regiões de Salvador. Muitos dos clientes que frequentam estes espaços vêm de seus trabalhos, ou seja, trabalham no entorno e antes de seguirem para suas casas passam pelo espaço. As mulheres presentes no ambiente também vêm de várias regiões da cidade. Algumas, inclusive, realizam programas em outras regiões como é o caso de mulheres que também batalham na Ladeira da Conceição. Em outros casos, existem mulheres que batalham somente neste bar, afirmando considerar um espaço reservado e distante de suas unidades domiciliares.

4.1.5 Orla de patamares

Este ponto se localiza em um bairro da orla marítima de Salvador, situado entre as avenidas Octávio Mangabeira e Luiz Viana Filho (Paralela), ao lado do Parque Pituauçu.

Fotografia 16 - Orla de Patamares



Autoria: DA SILVA, Fernanda P. A. 2015. Fotografia digital, 814 x 676 x 24 BPP.

Segundo um levantamento feito pelo PFF em 2012, a prostituição nesse espaço acontece predominantemente à noite. Entretanto, durante a pesquisa a autora esteve com as

mulheres em horários diurnos, o que também aconteceu em momentos de abordagens da equipe do PFF.

Diferente da Praça da Sé, onde as mulheres realizam programas nos hotéis próximos da Praça e a aproximação se dá na medida em que estabelecem relação com possíveis clientes que circulam pela Praça, ou ainda em relação à Ladeira da Montanha, Comércio, Largo do Tanque onde as mulheres se encontram em bares, na orla as mulheres ficam em grupo paradas em alguns pontos específicos, que podem ser em frente a restaurantes, postos de gasolina, orla em si.

Nestes pontos os clientes aproximam-se em seus carros e estabelecem contato com a mulher que interessa. Nessa aproximação acontece uma combinação de preços, serviços e valores. Em entrevista uma das mulheres relatou como é a dinâmica neste ponto:

*“**Fernanda:** Me fale um pouquinho da Orla, dos programas aqui...**Linda:** Conversando com as meninas lá do projeto no Pelourinho, elas dizem ‘ah, mas a gente faz programa de R\$30,00’. Aqui não. Aqui a gente tem assim uma tabela. Meia hora normal R\$70,00, e é assim ó, se um parar pra você, você dá o preço e pra outra a outra dá o mesmo preço. Se não der a gente briga. **Fernanda:** E o que é o normal? **Linda:** É o oral e o vaginal. Mas se for com anal, R\$100,00, meia hora. Se passar de meia hora ai paga outro programa. E aqui a gente tem isso. Sempre tem os grupinhos, você sabe o grupo, é eu fulana, cicrana. Então a gente faz assim, a gente combina o preço. Porque fica chato você cobrar R\$100,00, ai a outra sai por R\$50,00. Claro que ele vai sair por R\$50,00. Então você tá prejudicando a sua colega. Aqui a gente tem muito isso. E aqui a gente ajuda muito a outra. A gente pede cliente pra levar a outra, sempre pedindo pra levar as duas. Nesse caso assim a gente é bem unida”.*

5 PRA DENTRO DO CÍRCULO: TRAJETÓRIAS DE VIDA

“É, eu faço a vida na Ladeira da Montanha” (Ivone)

Adentrando um pouco mais o círculo e a partir da análise das trajetórias de vida das mulheres participantes da pesquisa pretendo conhecer, desconhecer, escutar, dialogar com suas narrativas, percepções, socializações e circulações. De dentro do círculo, a vida pode ser vista desde outro ângulo, a partir de dentro do círculo a dança pode apresentar outros movimentos e contornos.

A partir de diálogos¹⁷, conversas, entrevistas, encontros e desencontros as mulheres foram se dizendo, se contando, rememorando. Os espaços de conversações sobre suas trajetórias a partir de suas narrativas trouxeram a compreensão de que o percurso feito pelas mulheres que se prostituem é diverso e, portanto não linear. Existe uma diversidade de narrativas assim como existe uma singularidade desde cada relato.

A partir dos discursos trazidos pelas mulheres a tentativa foi analisar os significados e sentidos que elas atribuem à sua trajetória de vida, os caminhos percorridos, as memórias, lembranças, afetos, circulações e socializações sejam a partir da experiência escolar, familiar, inserção em outros contextos sociais ou na realidade da prostituição.

Dessa forma, a pesquisa concentrou-se em fazer uma análise de dentro pra fora e de fora pra dentro, ou seja, a partir de cada mulher em sua singularidade, e a partir da diversidade e complexidade que o contexto apresenta.

Por meio da oralidade, do narrar às trajetórias de vida, as mulheres trouxeram recordações dos caminhos por elas percorridos. Para Bosi (2003), a memória parte do presente sendo, portanto, marcado pelo passado. Desse modo, “é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”. Assim, “a fonte oral sugere mais que afirma, caminha em curvas e desvios obrigando a uma interpretação sutil e rigorosa” (BOSI, 2003, p.20).

O processo de narrar trajetórias de vida permitiu um desvendar a si mesmas e desvendar a realidade. Em alguns momentos, na medida em que relatavam, as mulheres se surpreendiam com o que diziam, pareciam se escutar, pausar e compreender de outro modo o que relatavam, pois era exatamente o que foi vivido e experienciado.

¹⁷ Compreendo diálogo como a força que impulsiona o pensar crítico-problematizador em relação à condição humana no mundo (FREIRE, 2005).

A principal interlocutora da pesquisa escutou tantas vezes sua própria voz durante o estudo que ao final solicitou acessar o conteúdo do áudio que havia sido feito. A cada vez que escutava de novo e outra vez sua própria voz, atribuía um significado e parecia compreender a si mesma e sua trajetória. Desse modo, a narrativa não ocorre de modo linear, antes ela é permeada pelo ir e vir, pelo compreender e o não compreender, pelos silêncios e gritos.

Especificamente a escolha das mulheres que foram entrevistadas, para além daquelas que encontrei em campo, em diversos espaços como a rua, os bares, a orla e unidades domiciliares, foram realizadas a partir do conhecimento e proximidade que tinha com elas.

Com todas elas já havia um convívio de anos seja a partir das abordagens sociais, seja pelos encontros e acolhidas ocorrida no Projeto Força Feminina ou ainda por visitas a suas casas. Com algumas, por exemplo, havia até mesmo a experiência de ter viajado juntas para Seminários e outros encontros de modo que, em vários momentos, na medida em que narravam suas trajetórias, as mulheres diziam: *“já te contei isso...”* ou então: *“acho que você se lembra”*. Nestes momentos, afirmava que sim, que recordava, mas dizia que elas podiam contar outra vez e foi exatamente neste recontar que, em muitos momentos, elas se surpreendiam ao passo em que ambas as partes se surpreendiam ao escutar uma “outra versão” do fato.

Em nenhum momento isto deu margem a pensar que eram “mentiras”, pelo contrário, e sim como a outra face da “mesma” história, uma face que, se contada em outro momento, poderia apresentar novos contornos.

A narrativa como gênero discursivo, constitui não somente o meio, mas também o lugar; a narrativa dá lugar à história de vida. O que dá forma à vivência e à experiência dos homens (e mulheres) são as narrativas que delas se produzem. Assim, a narração não é somente o sistema simbólico pelo que os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida (DELORY- MOMBERGER, 2011, p.340).

Pela narrativa e através dela, de dentro pra fora, é possível reconhecer o caminho percorrido, os aprendizados e saberes construídos. Ivone, uma outra entrevistada, narra o momento em que conheceu o PFF, sua inserção em outros espaços, para além do bar, conta como foi descobrindo que lhe era possível estar no “meio da sociedade”. Interessante considerar neste aspecto que sua inserção nesses outros espaços permitiu-lhe narrar sua trajetória a partir de outros pontos e contextos, o que não anula o que foi vivido no contexto

da prostituição. Pelo contrário, acrescenta e enriquece. O trecho a seguir apresenta sua narrativa:

*“Ivone: Era assim lá... Ai as irmãs desciam e eu dizia, vou ficar olhando e disse fulana, cicrana, venha cá ver aquelas mulheres descendo a Ladeira da Montanha. E fiquei parada na porta. Ai conversou comigo e disse: eu vim conhecer vocês, ver como é que vocês estão, eu sou do Projeto chamado Força Feminina, lá tem curso, ai eu achei aquilo demais. Eu disse: mas fulana que curso é esse que ninguém nunca veio oferecer nada pra gente aqui? Ela disse: fica na Praça da Sé... As meninas disseram bem assim: ah, eu não vou não. Deu os folhetinhos, deu camisinha, já foi na época de camisinha. Ai foi passei muito tempo sem vir no Projeto. Ai chegou as irmãs...Chegou Manuela, chegou Fernanda lá e dizia: vamos pra Força Feminina e eu disse : só vou no Projeto se lá tiver uma escola pra gente estudar. Ai foi quando eu vim pro projeto. Ai foi que botou escola. Ai eu fui estudar e fui conhecer gente lá fora que eu não conhecia ninguém da sociedade, que meu mundo era ali na Montanha. Ai passei, quando sai da Força Feminina, quando me alfabetizei, fui estudar no V. Ai quando minha professora falava no ônibus, chegava na escola e diz mesmo assim: Ivone, eu vi você na Ladeira da Montanha, com cigarro fumando, com shortinho curtinho na bunda fazendo a vida. Eu digo: é, eu faço a vida na Ladeira da Montanha. Mas, minha filha, já tá na hora de você sair e eu não é hoje, é manha, mas eu nunca tinha condição de sair. Ai depois eu fui sentindo vergonha das pessoas, da sociedade, eu fui conhecendo as amizades na escola, não queria que elas soubessem que eu fazia vida na Ladeira da Montanha, fui me sentindo com vergonha porque eu fui conhecendo outras amigas. **Fernanda:** Você voltou a estudar, você gosta deste espaço da escola? **Ivone:** Eu gosto, mas eu não sei que tem nessa cabeça que eu não aprendo nada (ri)... Não, eu aprendi um pouquinho. De primeiro, eu não sabia ler os nomes dos ônibus, não sabia andar sozinha porque eu não conhecia nada. Ai eu aprendi a olhar os nomes dos ônibus todos. Já me desarme. Sei resolver minhas coisas... Eu resolvi fazer minha bolsa família, eu agora sei andar no médico do SUS que eu não sabia. Eu mesmo consigo marcar. Resolvo um monte de coisa. Fiz amizade com a assistente social. Fui conhecendo... Sai do brega, fui morar na (...) que fiz um quarto sala, cozinha, banheiro, mas não pago aluguel. Se eu não tivesse feito aquele lugar (casa) pra morar porque hoje eu já tava velha e como quase todas as mulheres mais velhas do que eu não tem casa, fica ai morando nos quartinhos de aluguel e as donas humilhando e elas correndo atrás pra pagar aquele quarto porque se ela não pagar elas vão pra rua. Mas pelo menos isso eu tive cabeça. Ai fui morar no bairro. No meu bairro todo mundo ficou sabendo que eu batalhava na Ladeira da Montanha fazendo a vida”.*

Fazer vida na Ladeira Montanha para Ivone é algo permeado por vários significados. Por muitos anos ela ficou totalmente inserida neste contexto. Em sua narrativa conta que não conhecia outros espaços além da Ladeira da Montanha. Sua inquietação ao ver aquelas “mulheres” que sobem e descem a Ladeira da Montanha a inquietava, mas ela não para aí, pergunta, interage, dialoga.

Seu envolvimento posterior seja no espaço da Força Feminina, seja na escola ou na busca pelos seus direitos lhe possibilita encontrar outras realidades. Ela sente “vergonha”, tanto a partir do que a professora diz ou outras pessoas, quanto a partir das suas construções subjetivas sobre o que significa ser prostituta. Entretanto, isto não a paralisa, pois ao narrar, tanto sua inquietação é perceptível quanto seu entendimento de que “não sabia andar sozinha”. Apropriando-se de novos códigos sua narrativa vai dando lugar a sua história de vida. Apropriando-se, construindo, desconstruindo e reconstruindo Ivone segue fazendo vida, descortinando saberes e aprendizados. Neste sentido,

Expor, contar, referir, dizer, registrar, por em memória (e, portanto lidar com a temporal idade) são elementos semânticos constitutivos do termo narrar. Os sujeitos sobre os quais se debruça uma pesquisa narram ao pesquisador eventos, trajetórias, valores, ações, atores e enredos, e é isso também que o pesquisador relata as seus leitores. Ora, se a faculdade de intercambiar experiências se atualiza no ato de narrar, e se a fonte a quem recorrem todos os narradores é a transmissão da experiência de pessoa a pessoa, oralmente ou pela escrita, poderíamos traçar um nexos ente experiência, narrativa e memória (KOFES; PISCITELLI, 1997, p.346).

Durante as narrativas contadas pelas mulheres entrevistadas a ambivalência em relação ao significado da prostituição em suas vidas conferia um aspecto positivo e negativo. Como Ivone dizia “sentir vergonha” outras mulheres também trouxeram esta experiência. Apesar de esta ambivalência estar presente quando as mulheres se posicionam ao fato de serem prostitutas, durante a análise destes discursos, percebe-se uma oscilação entre estes. Ora as mulheres relatam sentir vergonha ou ainda que não gostariam que seus familiares soubessem o “tipo de trabalho” que fazem, ora sentem-se orgulhosas por ter criados seus filhos e filhas com o dinheiro da *batalha*. Carla conta que seu filho de 16 anos sabe que ela *batalha*, entretanto, explica que de sua parte nunca tocou no assunto. Evita falar, mas sabe que tanto seu filho quanto outros familiares conhecem seu trabalho.

“Fernanda: Seu filho sabe que você batalha? Carla: Sabe, sabe. Eu não contei não. Ele tem 16 anos e vai vendo. Ele sabe. Ele já veio aqui. Ele veio muito aqui. Foi crescendo. E ele sabe. Ele vinha. Quando tinha algumas coisas eu trazia ele. E ele via. Minha mãe trazia ele quando tinha alguma coisa. E ele via eu conversando com os homem. Ai ele perguntava: você foi aonde ali com aquele homem? E eu dizia: Não, ele foi pegar um negócio pra mim. Fernanda: Mas assim abertamente você nunca falou... Carla: Não. Ele sabe. Eu nunca contei pra ele, mas ele sabe. Todo mundo da minha família sabe. Ninguém nunca me falou nada não. Todo mundo sabe. Se falar é por detrás. Pra mim nunca ninguém falou nada não. Ninguém nunca chegou pra mim e disse: Carla, tá errado essa vida. Todo mundo sabe.

Nesse sentido, evitar tocar no assunto abertamente é uma das estratégias encontradas por Carla e por tantas outras mulheres no que se refere às suas vivências e inserção na prática da prostituição. Numa situação relatada por uma educadora social, em encontro de formação das equipes de trabalho dos Projetos da Rede Pastoral Oblata, uma das mulheres dizia que todos os dias levava para casa um avental e fazia questão de lavar o mesmo e estender em lugar onde poderia ser visto pelos vizinhos. Isto porque, segundo a mulher, ao ver o avental as pessoas da “sociedade” poderiam pensar que ela trabalhava em uma padaria e não desconfiariam que ela na verdade era profissional do sexo.

Em um estudo realizado por Oliveira (2008), sobre o cotidiano das profissionais do sexo de baixo meretrício em Belo Horizonte, a autora busca compreender a prostituição a partir da análise deste cotidiano e dos relatos das mulheres. Durante a discussão, Oliveira (2008) ressalta que a sociedade resiste à prostituição, marginalizando-a e projetando alguns conceitos como o de “vida fácil”.

Desta forma, as próprias profissionais do sexo apontam dificuldades em assumir que a prostituição possa ser ao mesmo tempo: um trabalho, uma atividade difícil, sofrida e que oferece vários riscos, um meio de sobreviver, mas também uma atividade que trata do prazer do outro, cujo objetivo é realizar fantasias alheias, satisfazer desejos e ao final ter a segurança de ter fidelizado o cliente pelos bons serviços prestados o que inclui promover diversão e se divertir mesmo em um contexto contraditório, caracterizando-o como uma atividade nada fácil (OLIVEIRA, 2008, p.123).

As contradições presentes nos discursos das mulheres são expressões das contradições do discurso da sociedade como um todo, ou seja, sociedade que mostra e esconde aquilo que considera moral ou imoral. Essas contradições estiveram presentes em vários momentos de diálogo com as mulheres. Ao mesmo tempo em que se consideram guerreiras por conseguir sustentar os filhos, por ter conseguido decidir e ter iniciativas em momentos de vulnerabilidades, consideram também que estes mesmos filhos/as e familiares não deveriam saber explicitamente de onde vem o dinheiro fruto de seu trabalho.

Por outro lado, existe presente em outros discursos um reconhecimento da prática da prostituição como trabalho. Desse modo,

No trabalho com narrativas, a trajetória biográfica e a experiência do coletivo se colocam em jogo constantemente. Constantemente as autoras/narradoras testam suas vozes com os diversos públicos, aprendem a chocar ou agradar, mas além da *performance*, encontram-se com seus

próprios limites e possibilidades, isto é, com a própria configuração da sua imaginação e do seu corpo presente (OLIVAR, 2010, p.55).

As contradições destes discursos, assim, como os diversos percursos feitos por estas mulheres demonstram a complexidade do tema. Vida fácil ou não, saber ou não saber o que se faz, reconhecer da *batalha* pedaços diversos deste grande mosaico. Cristiane, uma outra entrevistada, expressa que a prostituição é, em sua opinião, uma “vida fácil” comparando a experiência de ter sua guia onde vende água e outras bebidas.

*“Cristiane: Pro meu futuro agora eu quero que uma coisa melhore em minha vida, pra mim e meus filhos. Porque eu hoje eu crio meus filhos numa boa sem aquela vida que eu tava. Com minha guia tá melhor porque esse dinheiro aqui rende mais que o dinheiro de programa. **Fernanda:** Por quê? **Cristiane:** Porque o pouco que eu ganho dá pra fazer um bocado de coisa. Eu tava falando isso até hoje pra A. eu disse: Olha A. meu dinheiro é pouco, mas dá pra fazer... E ainda junto mais. **Fernanda:** E por que você acha que esse dinheiro rende mais? **Cristiane:** Porque é um dinheiro suado... Você tá dando um duro aí. Não é um dinheiro fácil. O outro era fácil e entrava por aqui e saía por cá. E aqui não. Você pega gelo, pega isopor, pega cerveja. Chovendo. Debaixo de chuva você tá aqui trabalhando. Ai pronto.*

Para Cristiane, portanto, a realização de outros serviços, como ter sua guia, é visto como um trabalho, pois além do dinheiro “render mais” que aquele recebido pela realização do programa, ela exerce uma série de outras atividades (para além das atividades próprias da prostituição) como pegar gelo, isopor, cerveja, seja debaixo de chuva ou não.

Esse é um discurso presente em diversas falas das mulheres. Em muitas ocasiões as mulheres pesquisadas afirmavam que o dinheiro vindo da prostituição era um dinheiro “amaldiçoado” ou ainda que da mesma forma que entra rápido, sai rápido. Percepção que se vincula àquela de que é uma “vida fácil” somando-se a isto concepções moralistas.

Entretanto, em muitas ocasiões ouvi das mulheres que o trabalho na prostituição requer uma série de cuidados e agilidades, assim como as coloca em situações constantes de desafios e intempéries, principalmente aquelas que se encontram na rua.

Outros elementos trazidos por elas têm sido as dificuldades encontradas com determinados clientes que não querem pagar pelo serviço, são violentos, dificuldades entre as mulheres nestes ambientes como discussões, intrigas e rivalidades. Isto sem contar a precariedade dos espaços onde são realizados os programas sem a mínima estrutura e higienização.

As reflexões sobre a prostituição enquanto trabalho nos remetem às suas características depreciativas como a discriminação derivada do estigma e a

pressão psicológica advinda da necessidade de se encobrir o exercício da prostituição. A construção de sociabilidades para as profissionais do sexo parece vir a partir da ocultação da sua atividade profissional já que é tida como uma atividade desvalorizada e depreciada (OLIVEIRA, 2008, p.124).

Daniela, quando relata sua inserção na prostituição fala desta ocultação da atividade profissional e do conflito que vivencia nesta situação. Ela considera alguns elementos que estão presentes em sua família que é muito “rígida”, a postura da mãe e do pai. No entanto, ainda que considere um “não saber” por parte da família também tem presente à possibilidade real de um “saber” de sua atividade profissional.

“Fernanda: E a batalha? Daniela: Eu comecei a batalhar já tava velha. Foi tempo de J (segundo filho). No tempo de W. (primeiro filho) não... Eu vivia na casa da minha irmã e eu já tinha W. e minha irmã ficava pedindo ele (o segundo filho) porque o pai não queria assumir. O pai já tinha outra família. Não morava, mas depois pretendeu morar com a outra mulher dele. Ai eu fiquei no canto. Fiquei sobrando. Ai tinha essa minha irmã que cria meu filho hoje em dia, ai ela ficou dando em cima de mim pra eu dar ele pra ela: “Não me dê ele, não faça nada com ele não. Você não vai tomar remédio pra matar o menino, não faça isso não”. Todo final de semana ela ia em casa. Ai eu escondia pra ela não me ver e não ficar me atormentando. Ai eu com raiva dela eu dizia: eu prefiro tirar mas eu não vou lhe dar. Depois que eu falei isso pra ela, ela ficou mais revoltada ainda. Ficava atrás de mim. Ai quando eu tive meu filho eu não falei pra ninguém. Cheguei foi de surpresa com ele no braço pra ela. Ela não estava nem em casa. Ai a vizinha ligou pra ela e num instante ela veio. Meu filho era tão lindo. Ai eu fiquei com ele. Minha filha ficou na casa de minha mãe. Minha mãe cuidando dela. Mas depois eu fui buscar ela porque eu não conseguia viver longe dela também né. Ai depois, uma colega minha: você tá fazendo o que pra criar seu filho? E eu disse: tô na casa de minha irmã. E ela disse: Vamos ali... e eu disse: não, vou não se alguém pega. Minha mãe me bota pra fora. Minha família é muito rígida. Minha família não gosta destas coisas. Já fui convidada também no tempo da minha filha, quando ela era mocinha, mas eu nunca fui. Tinha medo. Achava feio. Naquele tempo eu trabalhava, trabalhava numa coisa, trabalhava noutra. Mas nunca pensei nisso não. Mas ai um certo dia...Tudo tem seu dia né. Ai ela vem: vamos pra Boa viagem, vamos pra orla, não sei o que, para uma casa de massagem, a gente fica escondida lá dentro. Não precisa ninguém vê a gente não. Ai eu disse: não tem nada neste mundo que não se descubra. A gente se arrumava e saia de noite toda perfumada... eu tinha uns trinta e poucos anos. Ai ela ficava me chamando, me chamando, a gente tudo novinha, naquele tempo, tudo bunitinha, ai a gente ficava nas boates, escondida dentro das boates. Mas sempre tem um corujão que vê. E não dava pra disfarçar né, a gente sai toda arrumada, ai a família começa a desconfiar logo. Mas ninguém na minha família nunca deu pra isso não...Fernanda: Ninguém sabe...Daniela: Ninguém sabia....Sabe... Fica aquela suspeita assim, mas sabe. Fernanda: Você não chegou a falar...Daniela: Eu nunca cheguei a falar pra ninguém. Meu filho também aquele tempo que tava aqui comigo as fofoqueira ai dizia. Aquelas... ela chegava ai me procurando e elas dizia: ah, a sua mãe foi para um hotel com um homem, porque ela faz vida. Eu já disse a Daniela pra

parar com isso. Elas são muito falsa. Ai ele chegava e ficava se acabando de chorar... Depois daquela morte daquela mulher ai também foi uma válvula, ele caiu no chão porque ele conhecia a mulher e também quando apresentou aquelas meninas na Praça da Sé que foi morta daquela maneira e que fazia vida. Ai pronto. Ai ele se retou, e voltou (para a terra natal) chorando mais ainda. Ai quando eu vim pra cá e tinha que prometer que não vinha mais pra cá. Ele é muito sentimental”.

Oliveira (2011) realizou uma investigação sobre os contextos de prostituição de rua e pessoas que a praticam, observando mulheres, transexuais, clientes, companheiros e maridos. Sua opção foi pela prostituição de rua urbana no Porto, em Portugal, utilizando-se do método etnográfico e observação participante. A autora em seu estudo também verifica esta ambivalência e contradição presente nos discursos das mulheres que exercem a prostituição. Ambivalência que confere ao exercício da prostituição um sentido negativo e positivo. Para a Oliveira (2011),

Além das racionalizações e ambivalências, salienta-se ainda as contradições: sentir mal-não sentir mal, gostar- não gostar, escolher-fazer por obrigação. Estas incoerências radicam quer na reação social negativa que existe em relação ao trabalho sexual, quer nas restantes desvantagens reconhecidas pelas trabalhadoras do sexo, por oposição às vantagens que identificam. As prostitutas confirmam que, entre outras, a grande vantagem de sua atividade é econômica, mas sentem de forma severa que lhes é projetado, as agressões que lhe são dirigidas e os riscos que correm (p.173-174).

Corroborando com Oliveira (2011), a análise dos dados no presente estudo apontou que o dinheiro é um elemento comum e considerado positivo nos discursos das mulheres. Além do dinheiro que lhes possibilita o acesso a uma série de aquisições e de ter uma “vida digna”, segundo expressão utilizada por elas, o glamour e encanto pelo belo é ainda outro elemento apresentado como positivo na prática da prostituição. Algumas mulheres que vivenciaram, por exemplo, a época dos anos 1980 e 1990 na Ladeira da Montanha relataram a forma como as mulheres se vestiam e se encontravam bonitas.

“Rosângela: Não, nessa época eu trabalhava como doméstica. Ai eu arrumei um namorado por nome Jorge e a mãe dele tinha uma casa na Montanha. Ele tinha uma namorada... Olha como eu era sabida (em tom irônico)... Ele tinha uma mulher, uma amante e eu a namorada. Ele vivia com nós duas... Eu era tão sabida que eu aceitava (e ri), mas de vez em quando eu olhava assim e achava estranho: ô xente, eu não tô entendendo, ele beija ela e me beija. E ela me chamava mana, mana, eu me acostumei de apanhar dele também, que ele era polícia né? Ai eu fui pra casa da mãe dele, era um bar que ela tinha. Ai ele disse: ó mãe, essa aqui é minha noiva. E ela: como é que você traz uma moça pra cá? Mas eu via aquelas mulheres

de vestido longo, bonita... Mulher de Minas, mulher de Recife, Maceió. Ai bebia mais o home, dançava e daqui a pouco saia e eu dizia: onde é que essas mulher vão? Ai depois de um mês e pouco que ia na casa dela eu disse: ô Dona (...) é o que que essas mulheres fazem aqui tão bonita? Ela disse: são mulher da faculdade. Mas sempre tem um malandro... A mulher de roxo. Já ouviu falar na mulher de roxo? Que morreu... Ai ela pedir esmola a gente lá, como eu sou cozinheira Dona (...) aceitou que eu fosse os fim de semana pra fazer peixada, fazer moqueca, fazer sarapatel porque ia muito estudante da faculdade pra lá e u ganhava meu trocado que eles me dava. Eu gostava. Até ai não tinha me chamado pra fazer peregruedê nenhum, mas eu ficava encucada, essas mulher tão linda e eu perguntava: essas mulher vão pra onde? E ela dizia: pra faculdade minha filha. E eu disse: sabe que eu vou pra faculdade também? Olha pra você ver... Ela disse: senta aqui, você quer que eu converse com você? Essas mulher é dama da noite e eu não, minha Vó chama cabaré mesmo, pois eu acho elas tão bonita. Ai passou, passou, passou... Mas ai depois chegou um navio de marinho e eu me apaixonei por um marinho, era sargento. Ele me levava pra conhecer muita coisa, me dava muita coisa, me dava sacos e mais sacos de queijo... Tudo eu levava pra casa da finada e eu fui gostando, fui gostando. Ai eu ia pra interior, levava presente pra todo mundo. Abria a minha bolsa e era muito dinheiro. Agora não dizia a família de meu filho, nem ao pai dele que eu estava nesta vida... Meu cabelo era aqui ô (aponta para a cintura), o pessoal me chamava de Sônia Braga, tanto que o marinho dizia: não deixe que ninguém te chame de Sônia não, Sônia era bregueira danada. E eu digo o que que eu sou ? Meu cabelo era bem caralocado”.

No discurso de Rosângela está presente um encantamento com o mundo da prostituição. Este encantamento envolve a beleza que encontra em outras mulheres ou então por clientes por quem se apaixona, além do ambiente que favorece a vivência de fantasias e prazeres. Estes são dados importantes, pois de um lado as mulheres relatam que existem clientes que não querem pagar, que são violentos e agressivos, por outro, elas afirmam a existência de clientes que as tratam bem, que lhes pagam além do combinado, que lhes dão presentes e que as procuram por se preocuparem com elas. Durante a inserção em campo, pude ver diversas destas situações, tanto daquelas consideradas negativas quanto destas positivas, ou seja, vi por meio das falas das mulheres ou por presenciar clientes que as procuravam nos ambientes para lhe deixar um “agrado” ou ainda para verificar como elas se encontravam. Estas relações permitem a construção de amizades nestes ambientes.

5.1 Algumas trajetórias... Continuidades e discontinuidades...

E assim de repente elas me afetam. De repente, mas não tão de repente elas me deslocam. De diversas formas... Contando... Narrando... Inquietando. Assim, bem

de repente... Um repente que continua... Descontinua. Trajetórias de Vida. Vidas em Trajetória (Trecho da autora).

Partindo do entendimento de que aqui se tecem diálogos circulares, de dentro pra fora, de fora pra dentro, desde a realidade das mulheres inseridas em contexto de prostituição em Salvador (Bahia) foram delimitadas algumas trajetórias que após as entrevistas causaram diversas reflexões.

São trajetórias singulares, com silêncios e ruídos, percepções e estranhamentos. No processo de escutar, de sentar e dialogar num constante círculo que ora se fechava e ora se abria, por muitas vezes enquanto entrevistadora me via sem palavras, e neste caso, enquanto pesquisadora com objetivo de conhecer um pouco mais esta complexa realidade da prostituição por meio das trajetórias de vida das mulheres me enxerguei nestes momentos também marcada por hiatos e suspiros, pausas e interrupções que lhes mostravam que o próprio lugar de pesquisadora é inquietante e marcado por diversos estranhamentos.

A seguir temos, portanto, algumas trajetórias. A escolha delas não se deu por privilégios, mas pelos arrepios causaram, pelos movimentos circulares e desestabilizadores.

- **Daniela**

Daniela é uma mulher de poucas palavras, discreta e sensível. Quando a conheci escondia-se para não ser vista no Projeto Força Feminina, pouco falava, no entanto, estava sempre atenta e observando os movimentos ao seu redor. Em uma das primeiras vezes em que consegui estabelecer o diálogo com ela, o reconhecimento de que sua timidez a atrapalhava a se aproximar das pessoas foi inevitável. Ela afirmara que conseguira dizer isto a mim por perceber que também eu era tímida. No momento em que confirmei sua percepção a abertura ao diálogo tornou-se uma constante. Muitas vezes chegava ao Projeto e me procurava para conversar. Mesmo tendo vencido, parcialmente sua timidez, alguns elementos de sua vida eram ditos de forma sutil e cautelosa. Segundo Daniela, sua inserção na *batalha* se deu tardiamente, exercendo-a em dois contextos distintos: sua terra natal e Salvador. Sua vinda à cidade soteropolitana foi marcada pelo medo de ser reconhecida em casas de massagem em sua cidade de origem. Em sua fala expressa esse medo afirmando que ela e outra mulher se escondiam nas casas de massagem para não serem vistas. Assim, sua decisão, em vir para Salvador, trazia, pelo menos parcialmente a possibilidade de não ser reconhecida e de não ter que “prestar contas” a seu pai e sua mãe que segundo ela eram muito rígidos. Nos momentos em que narra sua trajetória sempre se refere à saudade que tem de sua cidade e a falta que lhe faz estar longe de seus filhos. Pede no momento, em que a entrevisto para registrar que já é avó e que tem um neto lindo, assim como a filha. Conta que frequentemente telefona para os filhos para saber como estão e aproveita para dizer mesmo a distância o que devem ou não fazer. Dentre os sonhos que carrega, está o desejo de voltar para sua terra de origem e afirma que

está se organizando para concretizá-lo. Entretanto, desde que a conheço, há aproximadamente cinco anos expressa este sonho. Este por sua vez não a faz ir com frequência a sua cidade natal, pelo contrário, recentemente, seu pai faleceu e ele não foi acompanhar o sepultamento. A distância de seus familiares parece lhe trazer um “certo conforto” diante do medo que tem em ser reconhecida como mulher da *batalha*. Afirma várias vezes durante a narrativa e em outros momentos que sente vergonha do que faz, que em determinados momentos fica de longe, e não tem vontade de se aproximar dos clientes. Por isso, busca outras atividades alternativas, como por exemplo, vender água, refrigerante e cerveja, além de recorrer a outros tipos de atividades laborais que podem lhe garantir algum dinheiro. Em sua timidez, esconde por vezes situações de violências que enfrenta com seus companheiros. Constantemente tem-se a notícia, algo que é dito por outras mulheres, pois Daniela pouco toca no assunto, de que sofre violências, chegando a agressões físicas. Ainda assim, permanece na companhia destes companheiros que na ausência de outras presenças parecem ser as companhias que lhe restam. Daniela sempre foi e é uma mulher que muito me intrigava, pois ao mesmo tempo em que carrega uma força extraordinária, afinal de contas, em suas expressões artísticas é extremamente cuidadosa e criativa, demonstra uma fragilidade ocultada, escondida. Quem a vê não sabe que por detrás da mulher discreta e silenciosa existe uma mulher convicta, segura ao mesmo tempo em que medrosa, como ela mesma diz e tímida. As ambiguidades presentes em seu olhar, em seu modo de conversar, em seus distanciamentos e aproximações, os recortes em suas narrativas e as retomadas em momentos inesperados possibilitam o reconhecimento da singularidade de sua trajetória e história.

- **Rosângela**

Uma mulher que vive só atualmente, apenas na companhia de seus dois cachorros, que são, segundo ela, seus filhos, suas companhias do dia a dia. Narrar sua história a faz ficar emocionada em vários momentos. Vai e volta, misturando temas e assuntos, o que na verdade não a faz se perder do que relata e como quer relatar. Rosângela é uma mulher forte e intensa. A primeira vez que a vi no Projeto Força Feminina foi acompanhada de uma briga com outra mulher que também batalhava na Praça. Elas se desentendiam por estarem se relacionando com o mesmo homem. Seus relatos eram sempre marcados por estas histórias de brigas e desentendimentos com outras mulheres, clientes e companheiros. Quando a conheci vivia com um homem que segundo ela, a espancava. Atualmente a decisão de ter se separado e superado esta situação é uma conquista. Em sua casa, fruto de luta e participação junto ao Movimento de População de Rua para conseguir a casa pelo Programa Minha Casa Minha Vida é uma vitória diante de tantas idas e vindas de sua vida. Ainda menina, vencida pelo cansaço na roça, deixou os estudos. Saiu de casa, onde sofria violência e ganhou o mundo. Posteriormente reencontra a família quando já na batalha tinha a possibilidade de “ajudar” com o dinheiro que ganhava batalhando. Nunca quis que a família soubesse o que fazia, apesar de atualmente seu filho saber de sua história e de sua vida na Praça da Sé. Em distintos momentos de sua participação no Projeto Força Feminina expressava a vergonha que tinha em ser reconhecida como mulher da *batalha*. Participava ativamente das atividades e enfrentou dificuldades até o momento em que

conseguiu verbalizar publicamente, em Seminários e encontros promovidos pelo Projeto . Este reconhecimento será marcado por dizer e não dizer. Ao mesmo tempo que afirmava em um momento, evitava tocar no assunto em outro momento. Rosângela é uma mulher de muitas crenças e convicções, sua relação com o candomblé é muito forte e isto a faz recordar os tempos de infância e sua relação com avó, mulher que a criou, quando com nove anos de idade perdera a mãe. Ainda que verbalize situações de sofrimento, em muitos momentos, sorri, dá gargalhadas e recorda com alegria do que viveu com marinheiros, nos cabarés e com aquelas mulheres bonitas que conheceu no tempo em que as casas eram glamorosas em Salvador. Nestes momentos, seu olhar brilha e ela deixa escapar a vergonha ou receio de que descubram o que ela faz. Nestes momentos, se recorda de amizades que construiu neste ambiente e de como estas amizades verdadeiras a ensinaram a viver. Seu contar e recontar é permeados de silêncios, lágrimas escondidas e uma força que atravessa os desencontros possibilitando assim o encontro com vida, ainda que com suas ambiguidades e complexidades.

- **Bianca**

Encontrei Bianca sentada no banco da Praça da Sé. De longe seu olhar me acompanhava. De longe, ela pede um pouco de atenção. De longe, ela comunica que deseja aproximação. Das muitas vezes que encontrei com Bianca no Projeto Força Feminina tive sempre a mesma sensação. No momento que ela narra, conta, esconde, mostra, oculta sua trajetória, eu começo a entender seu olhar. Mas apenas começo... Há muito mais por detrás daquele olhar. Natural de Salvador, conta que em sua infância foi rejeitada pela mãe. Aliás, esta relação com a mãe permanece presente em sua narrativa. Moradora de rua por muitos anos, após idas e vindas em orfanatos e espaços de acolhimento para crianças. Com memórias de abusos na infância relata a continuidade destes abusos na idade adulta, quando na companhia de seu companheiro se vê imersa em situações de constante exploração e violências. Escutar seu relato não foi tarefa fácil. Por vários dias fiquei “remoendo” sua narração. Nos momentos em que retornava a campo e ela retomava algum aspecto que considerava importante compartilhar percebia que além de me deixar entrar como pesquisadora em seu universo, ainda que pouco entendia, ela na verdade queria encontrar um espaço para contar, recontar sua trajetória. Na rua aprendera muitas coisas: desde a dormir debaixo de chuva e procurar um lugar de fuga, a construir relações de amizades com pessoas que a faz sorrir e dar boas gargalhadas. Por detrás daquele olhar “pedinte” Bianca esconde uma lucidez desconcertante. Em meio às reclamações e falas sobre seus sofrimentos demonstra uma grande capacidade de distinguir seus medos de suas fortalezas, suas alegrias de suas tristezas e opção em decidir o que contar e quando contar. Em vários momentos, ela parava, pensava, media as palavras, significava-as de um modo que estranhamente me assustava. De repente soltava uma gargalhada e sorria, ria de suas próprias dores, buscava modos e meios de continuar vivendo, ainda que em muitos momentos isto se desse através do olhar, aquele inquietante e desconcertante olhar.

- **Carla**

Sentada sozinha em um banco da Praça da Sé, olhando para todos os lados, e ao mesmo tempo distante, sem um ponto específico onde consegue repousar sua atenção. Negra, aproximadamente 38 anos, natural de Nazaré das Farinhas, tímida, mãe de um adolescente de 16 anos, mulher de poucas palavras e poucas relações. Nunca vi Carla envolvida ou conversando com outras mulheres que não fossem as mesmas duas ou três colegas. Normalmente a encontrava sozinha ou acompanhada dessas outras duas mulheres. Carla sempre me trouxe algumas inquietudes. Quando ia ao Projeto recordo-me que não demorava muito, falava pouco, às vezes sorria, mas observava bastante. Estava sempre apressada, pois precisava “ganhar dinheiro” e evitava falar de coisas de sua vida no espaço coletivo. Certa vez estávamos conversando sobre algumas experiências das mulheres que haviam sido presas e incrivelmente para surpresa de todos os presentes Carla relatou que havia sido presa por furto e contou algumas situações de violências sofridas no espaço da prisão. Foi uma das poucas vezes que vi Carla falando, contando algo que lhe sucedera e que lhe havia marcado. Quando, no período das entrevistas lhe convidei para participar ela ficou um pouco receosa a princípio, pediu para marcar em um momento em que estivesse tranquila, mas quando aceitou disse que confiava em mim. Expliquei o motivo da pesquisa e ela incrivelmente falou e trouxe elementos significativos de sua trajetória. Mulher de poucas palavras, timidez nítida e observadora incansável. Carla conta que após algumas trocas feitas com outras colegas, se afirma ser uma sabedora do que faz... Ao mesmo tempo em que afirma desejar acordar pela manhã e não ter que ir para a Praça, também reconhece e se orgulha disso em ser alguém que de fato “sabe de tudo da prostituição”. Seu foco principal é ganhar dinheiro e por isso não perde tempo em conversas e interações com pessoas que podem atrapalhar seu trabalho. Uma vez, estava em campo, sentada na Praça da Sé ao seu lado. Neste dia, Carla não hesitou em se levantar e me deixar sozinha no banco, pois estava combinando com um cliente um possível programa. A minha presença estava certamente atrapalhando e eu incrivelmente não fui capaz de perceber. Na verdade, ela me deu alguns sinais, mas como não percebi (eu que ingenuamente achava que sabia dos códigos daquele espaço, engano meu), ela simplesmente se levantou, deu uma volta pela praça, saiu com o cliente e ao retornar, veio ao meu encontro sem tocar no assunto. Só fui capaz de perceber posteriormente a situação, mas comecei a notar que este era um movimento recorrente de Carla. Se em um espaço algo lhe atrapalhava a fazer seus programas, ela se deslocava, mudava de posição.

- **Ivone**

Conheci Ivone na Ladeira da Montanha, no período em que realizava abordagem nos bares deste território. Mulher alegre, de bem com vida, questionadora e ousada. Sempre me trouxe muitos questionamentos, acerca da vida, de suas escolhas, dos caminhos que traçou para sua vida. No processo da pesquisa tornou-se uma das minhas interlocutoras, interagiu, deu dica e informações e em muitos momentos se dizia “minha amiga”. Neste processo, sempre me telefonava para saber como eu estava e perguntar qual seria o próximo passo da pesquisa. Mas, quero falar agora da mulher inquietante que conheci, participou de vários espaços (rodas de conversas e encontros propostos pelo PFF), esteve sempre atuante nos processos de

mobilização e enfrentamentos dos desafios cotidianos da prostituição. Afirma que em seu processo “descobriu” o mundo quando se permitiu transitar e circular em outros espaços, para além dos bares da Ladeira da Montanha. Viveu na Ladeira da Montanha por aproximadamente 18 anos e neste período seu trajeto se limitava a ir de casa para os bares e dos bares para a casa. Após algumas doenças que enfrentou percebeu que precisava “sair” daquele espaço e conhecer outros territórios. Neste movimento se permitiu inclusive interagir mais com as mulheres que *batalham* na Praça da Sé e experimentar outras formas de batalhar, como por exemplo, marcar com clientes via telefone. Neste “novo formato” para ela ficava mais fácil, pois outra colega marcava com o cliente o programa. Neste caso, segundo ela, “podia ter mais tempo para si”, pois ficava aguardando chamadas em sua casa ou em outros espaços para a realização do programa. Ivone tem sido uma dessas mulheres que nos fazem ver o mundo desde outra ótica, ela consegue recolocar e ressignificar o lugar das mulheres neste mundo e reposicionar movimentos outros. Sua ousadia me faz desbravar possibilidades outras... Bem outras.

- **Cristiane**

O que falar de Cristiane? Das muitas vezes que a encontrei a marca principal deste encontro foi simplesmente “estar com o outro”. Quando a conheci no Projeto ela pouco falava, mas ao mesmo tempo me buscava em momentos oportunos para conversar. Certamente construímos um vínculo de confiança. Muitas partilhas de sua vida e andanças foram trocadas. Durante a pesquisa, expliquei a Cristiane o motivo de estar ali e ela se mostrou feliz em poder colaborar. Algumas vezes ao passar pela Praça, ela me chamava pedindo para sentar próxima a ela. Assim eu fazia. Cristiane tem uma “guia” e diz que sua renda na atualidade se deve mais a venda de refrigerantes, água, balas e outras bebidas do que propriamente à realização de programas. Ao relatar sua trajetória afirma que o fato de não ter estudado foi uma das grandes perdas em sua vida. Menina do interior da Bahia conta com emoção o processo de chegada a Salvador e sua inserção na 28, primeiramente no envolvimento com as drogas, e posteriormente, inserindo-se na prática da prostituição. A família é algo que lhe marca, as falas de sua mãe ainda a inquieta bastante, por outro lado tenta da melhor forma que pode ser uma mãe presente para suas filhas e filhos. Muitas das vezes que estive na Praça ficávamos sentadas uma do lado da outra observando o movimento da rua. Algumas vezes tentei me levantar, mas Cristiane insistia para que eu ficasse. Em algumas situações chegou a afirmar diante de outras mulheres que gostava da minha presença ali. Demorei em perceber que isto era algo importante para Cristiane. Demorei em notar que das poucas vezes que falava de si, estava compartilhando e encontrando naquela situação um espaço de confiança que não tivera. Estando no lugar de pesquisadora, em alguns momentos me inquietei com este movimento, mas aos poucos fui percebendo que deveria respeitar este movimento, respeitar os movimentos que o campo estava me apresentando. Fui aprendendo com Cristiane o significado e importância de estar presente diante do outro. Certamente ela esteve presente diante de mim e certamente pude também estar presente diante dela.

- **Viviane**

Desconfiada. Viviane é uma mulher muito desconfiada. “Deu pra puta” com 14 anos e seis meses. Esta expressão era sempre utilizada por ela. Quando ela não sabia o que significava “ser puta”, sua mãe já afirmara que ela “daria pra puta”. Andou por diversos lugares e conta com alegria como foi estas andanças, em bares de vários tipos espalhados pelo Brasil. Atualmente, tenta se fixar em Salvador, diz que já não está em idade de ficar andando por ai e que precisar “ter um teto” onde ficar. Seus filhos? Ficaram em sua terra e foram cuidados e criados por seus familiares. Hoje, já adultos, acompanha de longe e procura sempre estabelecer comunicação com os mesmos. Participante ativa das ações desenvolvidas pelo Projeto, Viviane vai se inserindo e participando de outros projetos sociais. Uma de suas marcas tem sido a de criar situações de desentendimentos com as pessoas, isto porque a desconfiança e o pensamento de as pessoas não gostam dela estão sempre presente. Certamente isto tem a ver com sua história e com os caminhos que percorreu e tem percorrido. Ao mesmo tempo, coloca desafios para si mesma e busca cotidianamente vencê-los. Alegra-se quando em determinadas situações consegue “respirar fundo” e não partir pra “briga”.

- **Linda**

Linda! Linda! Uma mulher que sabe exatamente o que quer. Relatar sua trajetória foi uma experiência dolorosa, mas gratificante, como ela mesma aponta. Olhos fortes, passos firmes e beleza encantadora. Carregando várias bolsas com maquiagens, roupas e revistas para vendas, além de sua bolsa pessoal com muitos itens e objetos que auxiliam na *batalha*. Linda sabe o que faz na rua. Conhece estratégias e regras e busca respeitá-las. Vê a prática da prostituição como trabalho e verbaliza com muita clareza seu pensamento. Em relação ao passado não quer falar muito: as marcas deixadas por uma infância violenta e controlada, por parte de seu pai, a faz querer esquecer os tempos de infância. Ao mesmo tempo afirma que a figura da mãe é sua referência e motivo para seguir lutando na vida. Casou-se muito nova, segundo ela mesma vai relatar, e vivenciou a experiência de um relacionamento abusivo e violento, marcado por agressões de vários tipos. Consegue se “libertar” do casamento e começa a traçar seu próprio caminho. Antes havia deixado a casa dos pais para se casar pois não “suportava” a relação de controle e violência por parte do pai. Enveredou-se por um casamento que também fora marcado por violências e por este motivo decide romper este ciclo. Sempre com muita firmeza e pés no chão. Linda me conta que sabia que não seria fácil. Estar em Salvador e “começar do zero”, vendendo roupas, revistas, lingerie, e outros utensílios. Por essa via acontece sua aproximação de outras mulheres da *batalha*. Por esta via se dá sua inserção na *batalha*. Aprendendo com outras colegas vai constituindo seu “modo de trabalho” e construindo metas e regras para si. Linda sabe exatamente o que quer, ela afirma várias vezes durante seu relato. Com ela aprendi que a *batalha* possibilita a construção de círculos de amizade. Categoria cunhada por ela. Círculos de amizade e a possibilidade de refazer a vida com pessoas que a respeita. A *batalha* é para Linda não apenas um meio para viver e sobreviver, antes, a batalha constitui de fato o seu lugar de trabalho, mas muito que isso, ou seja, ultrapassa os limites e expressa o lugar onde ela se reconstitui enquanto mulher, o lugar onde constrói amizades, estabelece relações outras, realiza seus sonhos e principalmente, a *batalha* foi e tem sido para Linda o lugar de agenciamento, o lugar onde encontrou

modos de enfrentamento de situações de violências e abusos. O olhar de Linda me acalmou e serenou desde o dia que a conheci até o momento em que pude escutar sua história de vida. Sua firmeza e centralidade, seu olhar sereno e ao mesmo forte me fez reconfigurar muitos dos meus modos de pensar a *batalha*. Obrigada Linda Linda!!!

- **Luana**

Sempre andando apressada pela rua, movimentos rápidos e fugazes. Luana parece estar sempre fugindo de algo. Esta foi a sensação que sempre tive ao encontrá-la no PFF ou em espaços de abordagem. No entanto, quando pude escutar sua trajetória percebi que seu corre corre não expressava fuga, mas busca. Menina criada pelos avós, expressa em sua fala o desejo de ter sido cuidada pelos pais. Por outro lado, hoje não tem “criado” nenhum de seus filhos e filhas. Estes se encontram sob os “cuidados” de outras pessoas. A batalha não é para Luana seu foco principal, na verdade, sua inserção nesta prática se concretiza com o objetivo de ter recursos para comprar drogas e garantir o seu consumo e de seu companheiro. O que me toca na trajetória de Luana é a situação de abuso e violência vivenciada com o companheiro. Quando se tenta tocar no assunto, e isso já sido feito no PFF, Luana muda de assunto ou então “defende” o companheiro. Durante muito tempo isto me incomodou bastante, mas no momento em que me coloquei em outro lugar, o que escutei foi uma mulher que na verdade ainda é muito menina e que busca proteção. Em sua perspectiva, a figura do companheiro lhe garante proteção. Como ela não tem um lugar onde morar, ora dorme na rua, ora consegue dinheiro com a realização de programa para pagar o hotel, a garantia do companheiro ao seu lado lhe garante a segurança. Ele esta com ela o tempo todo. A relação é marcada por muitas ambiguidades. Bem, qual relação não é. Na verdade, o que quero compartilhar é que não, não aprovo ou concordo com esta relação abusiva e violenta. Mas sim, sim e este é um sim que ecoa em mim. Ainda que não concorde, ainda que saiba que teria muitos caminhos para serem construídos com Luana de enfrentamentos de suas situações violentas, este tem sido o modo como ela pode enfrentar seus desafios cotidianos. Isso não significa que eu esteja sendo determinista, antes preciso estar no lugar de quem vê os fatos e as tramas tecidas e construídas por cada uma das mulheres e acima de tudo respeitar que na concretude da vida e dentro de sua realidade elas tecem o que é possível. Luana é uma menina mulher que busca. Conversa, pergunta, retorna para seu companheiro, depois volta e pergunta de novo. Ela esta se perguntando e se questionando, diria, que Luana esta no caminho, no caminho único de sua vida. No caminho único de seus percursos e andanças.

- **Luci**

Luci me conta com um sorriso no rosto e um semblante de quem recorda com gratidão que sua inserção na batalha aconteceu quando ela já era “velha”. Aos 22 anos Luci chega a Calçada, primeiro ponto de prostituição que ela se aproxima. Em seguida, a convite de uma amiga se próxima da Praça da Sé. Sua inserção na *batalha* acontece após o término do casamento. Ela relata que a se ver com três filhas não teve dúvidas sobre o que faria. Contou para sua mãe e saindo do subúrbio de Salvador se dirige ao Centro para batalhar. Durante os mais de vinte anos na batalha, seu ponto, depois da Calçada, sempre foi a Praça da Sé. Conta com nostalgia as várias mudanças que a Praça da Sé sofreu em decorrência de construções e modificações estruturais. Em sua perspectiva o “tempo bom” na Praça da Sé era o tempo

de antigamente, pois as mulheres estavam na praça para batalhar, os clientes eram bons e não havia mulheres drogadas. Cliente bom para Luci é aquele que trata bem, paga bem e não age com violência. Luci conta que atualmente os clientes querem “fazer coisas” que não foram combinadas, pagam pouco e agem com muita violência. Para ela, isso ocorre porque as mulheres não respeitam mais as regras da *batalha*. Estas regras consistem em: manter o preço base do programa, evitar clientes violentos e comunicar às outras mulheres quando encontram um cliente violento, não “pegar” clientes de outras colegas, isto porque existem os chamados “clientes fixos” e o principal: usar preservativos. Luci diz se preocupar com as mulheres que não estão nem ai e acabam realizando programas sem camisinha. Para ela, estas mulheres colocam todas as outras em risco. Luci fala de sua família, da criação de suas filhas e netos, de sua relação com sua mãe e da vida na batalha inter cruzando elementos o tempo todo. É evidente na sua fala que não há separação entre sua vida com a família e a vida na *batalha*. Pelo contrário, sua família sabe, reconhece e respeita seu trabalho na Praça da Sé. O que incomoda Luci e por isso aparece várias vezes em seu relato, é a condição de sua saúde. Diagnosticada com mioma, fala constantemente desta situação como algo que atrapalha sua vida. Poucas coisas a “tiram do sério” e de modo geral está sempre com um sorriso no rosto e uma tranquilidade estampada em seu semblante. Poucas vezes vi Luci se alterar por algo. Mas muitas vezes a vi parada, pensativa, e ainda que carregue uma alegria e um sorriso, muitas vezes a vi com um olhar triste. Nestes momentos, conseguia perceber que ela estava tentando buscar respostas e alternativas para algumas situações do dia a dia ou alguma dificuldade que estaria enfrentando. Aprendo com Luci a importância de encarar a vida com um sorriso largo no rosto, pois nos faz pensar e perceber que a vida vale a pena, ainda que em alguns momentos a tristeza nos tome.

O processo de escutar as mulheres por meio de suas narrativas estando em campo, através das entrevistas ou em diálogos informais permitia, aos poucos, descobrir silêncios, presenças e ausências. Nesses diálogos vários elementos foram surgindo como, por exemplo, o processo de socialização e escolarização, as vivências familiares, memórias do tempo da infância e adolescência, assim como esquecimentos e interrupções.

Neste processo, recordações de figuras parentais, amizades, inserção, permanências e distanciamentos da prostituição foram surgindo num movimento constante de ir, vir, chegar, distanciar. A partir do próximo ponto e na sequência dos outros círculos de diálogo vamos tecer discussões acerca destes movimentos e temas.

5.2 Escolarização e socialização: trajetórias percorridas antes da inserção na prostituição

Pensamento que circula. Confuso. Cambiante. Trechos soltos. Escrito in. Completo. Pensamento que dá voltas. Palavras soltas. Necessitando, gritando por eles. De repente meu pensamento é tão complexo. Confuso.

Que me remeto a elas... Elas: as outras que me desconcerta. Com suas memórias. Seus ruídos... Seus dizeres e silêncios. Buscando eixos de conexão. Perdida neste desafio que me move. Memórias... Recordações...Trajetórias...Pesquisar é labor. Escuta atenta. Ousadia e solidão. Labor e pensamento. Pensamento e corpo. Pulsar... Sentir... Pensamento é conexão. E dispersão. Saber e não saber. Permanecer e partir. Constantemente. No encontro... No desencontro... Inquietantemente (Diário de Campo, 08 de novembro de 2015).

As memórias do tempo de infância e adolescência recontadas na atualidade, no momento em que se vive outra fase da vida, tem sido uma tarefa desafiante para as mulheres com quem mantive contato em campo.

Recordar em algumas situações foi motivo de alegria, por remeter a um tempo de envolvimento e relações com lugares e pessoas que significaram suas trajetórias; em outras situações, recordar tais vivências se fez acompanhado de silêncios que expressavam um tempo “não tão bom”, havia ainda situações em que esta recordação se remetia a uma falta, um vazio, um lugar de onde não se pode pronunciar por não haver a experiência e vivência no âmbito escolar.

Compreender o processo de escolarização e socialização das mulheres em contextos escolares era um dos pontos centrais da pesquisa, entretanto, durante o desenvolvido foi possível verificar que este é entendido de forma ampla, ou seja, o processo de escolarização vai muito além da inserção em espaços formais de educação, visto que dentre as mulheres entrevistadas, apenas uma concluiu o ensino médio e as outras ou não se inseriram nestes espaços, ou tiveram que deixá-lo em decorrência de diversas situações. Desse modo, os relatos acerca destas experiências estiveram marcados por silêncios, o que nos impulsionou a uma atenção redobrada acerca do tema.

De acordo com a Antropologia e seu método comparativo, a proposta é de que aprendizagem e ensino estejam em relação, na escola e fora dela. Assim, desde que nasce o ser humano está imerso nos mais diversos processos educativos (GUSMÃO, 2012). Escutar e partilhar a partir das memórias das trajetórias das mulheres permite compreender outros lugares da educação, seja pela sua ausência enquanto processo formal seja pela sua construção que se concretiza no cotidiano da vida das pessoas.

Partilhar é a essência de uma educação intercultural e emancipadora; nela não se nega o outro, fazendo-o à nossa imagem e semelhança, mas assume-se o que somos de modo a nos fazermos sujeitos significantes uns com os outros, uns através dos outros, por meio de nossos símbolos – o mundo da cultura; de nossos poderes – o mundo da política; e de nossas instituições

sociais, entra as quais se insere o espaço educacional com as práticas que lhes são próprias (GUSMÃO, 2012, p.174).

Na perspectiva de Freire (1982), a educação é entendida como processo de conscientização, e, portanto processo de interações e relações contínuas. O ser humano está inserido na história e por isso ele é um ser de relações, desse modo, na busca constante pelo sentido o ser humano está constantemente a se movimentar, a ir e vir, inconcluso, inacabado. Entender a educação a partir desta perspectiva possibilita entender os movimentos e interações das mulheres, ainda que não estivessem inseridas em espaços formais de educação.

As relações que o homem (e a mulher) trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal. Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar com o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 1982, p.39).

O processo educativo se faz na vida e a partir da vida. Os saberes se tecem no constante movimento de relações que se estabelecem e se constroem. Ainda que “saber ler” e “saber escrever” faça a diferença, as mulheres trouxeram, a partir de seus relatos, experiências que evocam outras formas de aprendizados e educação. Estar na rua ou ainda trabalhar na roça lhes possibilita construir outros saberes.

A passagem de falas relacionadas à escola às falas relacionadas ao mundo do trabalho foi recorrente durante as entrevistas deixando, portanto, um vazio no que tange a experiência destas mulheres no âmbito escolar. Cristiane relata que desconhece este espaço, temia o colégio apresentando a falta que o mesmo lhe traz.

“Cristiane: Olha quando eu era pequena ai minha mãe botava eu pra estudar, mas eu não queria estudar não. Ai quando chegou nesta idade agora pra estudar nem escrever eu escrevo. Ai o nome eu sei fazer. Ai agora eu me arrependo porque naquele tempo minha mãe queria botar eu pra estudar e eu não queria, me arretava. Eu tinha medo do colégio. Ai agora mesmo eu... Que vida eu levei porque não queria estudar. Minha mãe falava e dava conselho a gente, pra estudar é bom pra aprender alguma coisa e não ficar burra. E agora cadê... Eu vou fazer 38 anos. Sou de Camamu/BA. Fernanda: O que mais se lembra? Cristiane: Lembro essas coisas da escola porque a pessoa quando vai tirar documento, não sabe escrever, tem que meter o dedo. Ai eu fico assim: que vergonha. Ai eu vejo todo mundo

escrevendo e só eu não. Ai eu fico com uma vergonha da porra... Ai eu fico assim... ”.

Para outras mulheres o universo escolar e as vivências neste lugar vêm acompanhadas das memórias de pessoas concretas, de professoras, da escola, de cheiros e sabores, merendas, recreios. A escola a partir desses olhares não se remetia apenas às paredes concretas ou às suas formas institucionais, antes, é nela em que se vivem os aprendizados, cantigas, e por que não sabores de comidas e temperos que marcaram um tempo do qual se tem saudades.

Saudades das brincadeiras, das idas e vindas, das estradas e caminhos percorridos. Para outras mulheres, reencontrar-se com este universo significa recordar que houve silêncios e abusos, distanciamentos desencontros. Algumas relatam que “ter que ir trabalhar” lhes impossibilitaram a vivência e construção de um processo educativo dentro do ambiente escolar.

Rosângela expressa o carinho que tinha por sua professora, recordando-se do nome “Nilda”. Essa memória vem acompanhada da roupa, “vestidinho de chita” e de outros espaços de circulação para além da escola. Havia gosto pela escola, mas o trabalho na infância lhe impossibilita a continuidade dos estudos.

*“**Fernanda:** E as recordações da escola? **Rosângela:** Uma professora que eu tinha Nilda, não sei se ela tá viva. Eu amava essa professora. Ela tratava a gente com carinho de igual pra igual. Não tinha besteira... Saia da escola e ia pro catecismo. No dia de hoje era dia do catecismo. Só tinha um vestidinho de chita, de manguinha, que minha avó fazia. Fazia uns dois vestidinhos daquele de chita, de babadinho. Foi logo que minha mãe morreu e eu passei...**Fernanda:** Sua mãe morreu você tinha quantos anos? **Rosângela:** Sete anos. Ai eu fui morar com minha avó, mãe de papai. Era bom. Era bom estudar. Só que não tinha cabeça porque eu trabalhava muito na roça. **Fernanda:** Você estudava e trabalhava? **Rosângela:** Catava algodão, cortei cana, plantei. Tirava cinco, seis tarefa de terra, de milho. Mexia farinha.... (silêncio, pensativa) **Fernanda:** E você estudou até que série? **Rosângela:** Até o primeiro ano. Foi quando eu fugi da casa da minha avó porque ela me batia muito porque queria que vigiasse minhas irmãs adotivas que eram as filhas que ela criava, que ela tinha um amor danado. Ela não gostava muito de mim porque disse que eu parecia com ela. Era doida igual a ela e tinha o jeito de meu pai. O pai parecia com ela mesmo. **Fernanda:** E quando você fugiu tinha quantos anos? **Rosângela:** Onze anos. Fugi no circo... Ah, foi bom. Tinha uma patri né. Se chamava pátria, essa moças que tomava conta das adolescentes, pra homem nenhum abordar...”.*

Além do trabalho infantil, Rosângela enfrentou situações de violência no ambiente familiar o que a fez fugir desse espaço. Sua fuga lhe distanciou cada vez mais do universo

escolar e lhe aproximou de vivências seja no circo ou da inserção em novos espaços, seja no assumir-se como alguém por si no mundo.

Viviane também reconhece, ao narrar sua trajetória, situações de violências vivenciadas no ambiente familiar. Esta memória a fez enxergar-se como uma “adolescente”, uma pessoa “revoltada”, alguém que “guardou na cabeça” situações que carrega até hoje.

*“Viviane: Ah rapaz...vou lhe dizer, vou lhe dizer. Da minha infância eu tenho aquela coisa que eu já dei entrevista e tudo lá no (...) que quando eu crescesse e completasse 14 anos eu ia dá pra puta. Eu tinha isso. Eu não sabia o que era. Achava que era um emprego, um trabalho. É mas realmente hoje é uma profissão. Mas naquela época não era... Na verdade Fernanda, eu sou uma adolescente, que desde criança eu sou revoltada. Eu sou revoltada desde criança. Meu jeito é assim. Não é com ninguém. É de mim isso. Eu guardei isso dentro da minha cabeça que minha irmã tirava muito sangue de mim. Então, o meu jeito é assim (...) porque foi minha criação porque quando eu saí de casa eu só pensava de matar, bater... Era, eu não tinha estudo, eu não tinha nada...**Fernanda:** Você não foi para a escola?
Viviane: Eu fui, mas foi pouquinho tempo...**Fernanda:** E do tempo que você foi, como era? **Viviane:** Eu tinha oito anos com uma blusinha branca, com uma sainha, aquelas sainhas preguiçadas e um bolsinho com o nome da escola e blusinha branca. Não era? Antigamente tinha assim. Isso eu me lembro. E também eu me lembro assim: que minha fazia... Era eu e minha irmã, ela de 15 e eu de 07, 08. Minha mãe fazia vestido pra gente e eu embanhava o vestido. Minha irmã me ensinou embanhar o vestido até em cima pra gente ir pras festas... era tempo de festa. Ai de vestido, tudo igual. Parecia que a gente era gêmea. **Fernanda:** E da escola? **Viviane:** E na escola eu me lembro que a gente tomava leite, este leite achocolatado, já existia na época claro. Fazia... Era um leite. Acho que era Nescau. Comia biscoito, comia mingau. Essas coisas mesmo que a gente come hoje. A gente brincava de corda, de roda, cantando. Eu me lembro... Atirei o pau no gato e era isso. **Fernanda:** E alguém levava você para a escola? **Viviane:** Eu ia sozinha. No interior. Meio dia. Minha mãe ia pra roça. Às vezes ela deixava comida, às vezes não. Ia pra escola com fome. Chegava lá, assistia a aula e ficava no recreio. Era recreio naquela época”.*

Por outro lado, assim como Rosângela que relembra do “vestidinho”, Viviane se lembra da “blusinha branca”, das “sainhas preguiçadas”, do “bolsinho com o nome da escola” remetendo-se a uma vivência positiva. A riqueza de detalhes tanto em referência às roupas quanto às merendas e brincadeiras contornam e embelezam a narrativa sinalizando que para além das violências do ambiente familiar havia espaços outros como o da escola que eram, portanto espaços de socialização e relacionamentos.

Louro (2014), ao discutir sobre a escolarização dos corpos e das mentes, considera que a escola delimita espaços. Nela se inscrevem símbolos, códigos, gestos, significados. Através

destes símbolos, do “bolsinho com nome da escola” ou ainda das brincadeiras de roda na escola “faz sentido” para os sujeitos.

Gestos, movimentos, sentidos são produzidos no espaço escolar e incorporado por meninos e meninas, tornam-se parte de seus corpos. Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e sabores “bons” e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras (LOURO, 2014, p.65).

Por outro lado, para algumas mulheres o lugar da escola e de suas vivências tanto foi uma experiência de falta quanto de interrupções decorrentes de uma série de fatores. No processo de narrativas das trajetórias de vida esteve muito presente nas falas situações de fuga em decorrência das violências, interrupções decorrentes do trabalho infantil, envolvimento com outras situações. Não querer ir para escola por “ter medo do colégio”, como sinalizou Cristiane, dificuldades socioeconômicas, dificuldades com a proposta da escola.

Neste último ponto, a figura da professora é a representação mais presente nas falas das mulheres tanto com uma referência positiva no sentido de ser alguém que as motivou, como em sentido negativo como alguém que provocou medo. Como mencionado anteriormente, em apenas uma narrativa das mulheres entrevistadas houve a permanência na escola até completar o ensino médio, isso acontece porque segundo ela houve uma interferência das figuras parentais, neste caso mãe e pai, que se preocupavam com a educação dos filhos.

Ivone tem boas recordações de sua infância, diz ter sido uma garota sapeca e que aprontava bastante. Mas relata também que permanecer na escola foi entrecortado por diversas situações, dentre elas destaca as brincadeiras de colegas e a situação de fome que passava. Segundo Ivone sua família “era fraca” e “não tinha condições” porque sua mãe assumiu a responsabilidade de cuidado e provisão da família.

“Ivone: Da minha infância eu me lembro, da minha infância quando eu era pequena eu me lembro quando eu tinha 09 anos de idade. Eu me lembro que a minha mãe me botou na escola lá que era um grupinho e me botou pra estudar, mas como minha família era fraca né, não tinha condições de me manter na escola porque minha mãe criou 08 filhos sem pai e trabalhando no pedal da máquina de fazer bordado, aquelas camisolas de..., para Tobias Barreto, então, fui para escola, como eu só tinha um vestido rosa, aí os meninos começaram a colocar apelido em mim: é a filha de Dona Lourdes só tem um vestido só, parece uma pantera cor de rosa. Ai eu fiquei tão

*envergonhada que eu ficava inventando pra minha mãe que eu não queria mais ir pra escola, ela dizia mesmo assim: “porque você não quer ir?” Ah, minha mãe, porque não vai ter aula nesse dia, aí quando eu não aguentei mais eu disse pra minha mãe: eu não vou mais pra escola porque os menino, meus colegas diziam que eu só tinha uma roupa só, que era rosa, que ficava me botando apelido de pantera cor de rosa né. Aí também me botou um apelido no interior que é Lelé, ninguém me conhece por Ivone lá, só é Lelé meu apelido. Minha infância foi muito boa, brincava muito, mas na rua eu era solta na rua, minha mãe não ligava, às vezes eu nem tomava banho, dormia sem tomar banho, descalça, né. Às vezes dormia com fome porque minha mãe não tinha dinheiro pra dar comida aos 08 filhos. Às vezes ela dava até um chazinho de erva cidreira com farinha. Aí todo mundo ia dormir. Quando ela não tinha comida aí ela fazia pipoca pra gente se alimentar, os 08 filhos. Aí depois a minha mãe botou eu, minha irmã e meu irmão pra ir vender banana numa bacia, de casa em casa batendo nas porta. **Fernanda:** E aí você tinha quantos anos? **Ivone:** De porta em porta eu tinha 10 anos, vender essas bananas. Aí uma vez minha irmã tava com tanta fome que ela sentou no jardim... Eu me lembro como hoje, sentou num jardim e ficou olhando pras bacia das bananas, aí ela foi e comeu a bacia toda de banana... E eu olhando, mas eu não tive a coragem de comer a banana porque eu sabia que eu ia apanhar, mas mesmo assim eu apanhei, porque minha mãe disse que foi combinado eu e minha irmã comer a bacia de banana. E a gente não trouxe nem um real, um cruzeiro sei lá porque naquela época não chamava real. Aí a gente apanhou. Minha mãe dava uma surra na gente com corda, com quatro volta na corda, chega a ficar aqueles vigo na perna, depois ela ficava com pena da gente, ia na cozinha botava um punhado de sal no copo e passava e jogava no corpo da gente. Mas a minha infância... Minha mãe nunca me orientou para eu fazer nada, pra ter uma profissão, minha mãe nunca me botou pra lavar um prato, nunca me ensinou a fazer uma comida, porque quando ela não trabalhava na máquina costurando, que ela virava à noite costurando, aí quando não tinha, quando não dava renda, as costuras, aí ela ia trabalhar na roça dos outros e depois carregava lenha na cabeça, ia pro mato procurar lenha. Aí botava a gente também pra trazer lenha que eu chegava a ficar com meu pescoço coitadinha, quase morrendo, tão fraquinha que eu era. Aí foi quando eu arrumei um namorado lá. Eu quis logo sair de casa pra não passar tanta necessidade. Aí eu fui namorar com um rapaz que era padeiro. Aí eu dizia mesmo assim. É eu vou namorar com ele porque pelo menos todo dia eu como pão quentinho. Aí ele mandava o pão”.*

Em meio aos desafios encontrados possibilidades são inventadas e tecidas como é o caso de conseguir um namorado padeiro com a finalidade de “não passar necessidade”. De um lado Viviane e Rosângela saem de casa para fugir de situações de violência, de outro, Ivone busca estratégias para enfrentar a “necessidade”, a fome e adversidades. Entretanto, tanto nas falas de Viviane, de Rosângela, Cristiane ou ainda as outras mulheres entrevistadas para além de narrativas que trouxeram situações adversas, em sua maioria, as mulheres rememoraram vivências positivas, situações das quais sentem saudades, encontros, brincadeiras, pessoas que foram referências neste tempo.

Tabela 1: Perfil Mulheres que exercem prostituição de baixa renda em Salvador-BA

	Origem	Ano Nascimento	Idade	Cor	Escolaridade	Filhos (as)	Estado Civil	Ano de inserção na prostituição	Idade Início na prostituição	Tempo na prostituição	Local de Trabalho	Valor Média Programa	Outros trabalhos
1	Poço Verde SE	1963	52	Branca	4 série fundamental	2	Solteira	1980	17	35	Ladeira da Montanha	R\$ 30,00	Não
2	Recife PE	1971	44	Branca	6a- série fundamental	2	Solteira	1995	24	20	Praça da Sé	R\$ 30,00	Guia
3	Penedo AL	1953	62	Negra	1a- série fundamental	2	Separada	1970	17	45	Praça da Sé/ Ladeira da Montanha	R\$ 30,00	Não
4	Camamu BA	1977	38	Negra	Analfabeta	12	Casada	1992	15	23	Praça da Sé	R\$ 25,00	Guia
5	Garanhuns PE	1966	49	Parda	1a- série fundamental	3	Solteira	1980	14	35	Praça da Sé	R\$ 20,00	Vendas
6	Serrinha BA	1975	40	Negra	Ensino Médio Completo	1	Separada	2000	25	15	Orla	R\$ 70,00	Vendas
7	Salvador BA	1971	42	Negra	3a- série fundamental	0	Casada	1988	17	27	Praça da Sé	R\$ 10,00	Não
8	Salvador BA	1981	34	Branca	8a- série fundamental	5	Solteira	1996	15	19	Praça da Sé/ Pelourinho	R\$ 10,00	Não
9	Salvador BA	1966	49	Parda	Ensino Médio Incompleto	4	Separada	1988	22	27	Praça da Sé/ Calçada	R\$ 30,00	Não
10	Nazaré das Farinhas – BA	1978	37	Negra	1a- série fundamental	1	Casada	2000	22	15	Praça da Sé	R\$ 40,00	Não

Tabela elaborada pela autora.

Durante o processo de inserção em campo e de escuta das narrativas das mulheres um elemento chamou bastante atenção: o silenciamento acerca da experiência escolar no período da infância. Esse silêncio, num primeiro momento, sobre como foram as experiências escolares, parecia ser algo “normal”, dado que dentre as dez mulheres entrevistadas somente uma concluiu o ensino médio, uma concluiu o ensino fundamental, e como poder ser visto no quadro abaixo, uma das mulheres não chegou à escola e as outras sete mulheres não chegaram a concluir o ensino fundamental.

O silenciamento das mulheres acerca das experiências escolares trouxe alguns questionamentos sobre o porquê deste não falar, sobre como deveriam ter sido ou não tais experiências e a importância desse elemento nas suas histórias. Durante o período que estive atuando junto às mulheres como educadora social esse tema era algo recorrente, ou seja, elas “reclamavam” a falta que os estudos, e principalmente a leitura, lhes fazia no dia a dia. Por este motivo, algumas delas voltaram a frequentar as escolas formais. Com o tempo, algumas abandonaram os estudos dizendo não se identificar com a proposta.

Viviane aponta suas dificuldades:

“Viviane: É uma experiência negativa. Depois de velha é. Criança é positivo, mas depois de velha é negativo. Eu vou fazer o que? Depois de velha sim. Nunca é tarde sim. Essa conversa de nunca é tarde não existe. Tudo bem, eu concordo que não existe, que existe. Nunca é tarde. Mas é pra

mim esse tarde existe. Vou fazer o que? Vou fazer o que uma pessoa com 50 anos e não estudou. Não vejo que tem essa chance depois de velha. Eu sou sincera, né, Fernanda. Está certo que estudar é bom. Eu acho bonito. É... Desde criança que eu achava bonito estudar. Eu gosto. Eu teimo porque eu gosto, mas eu vejo que no fundo, no meio da gente gostar tem a professora que desgosta a gente. Ela só se interessa mais pelas crianças do que pelos idosos. A professora não interessa muito por gente véia não. A não ser que ela só ensine a velho. Mas uma professora que passe o dia todo ensinando as crianças vai ensinar velho de noite é diferente. Essa que eu estudo ela é assim... Ela tem um dizer: “quem quiser que faça o seu, eu já fiz o meu”. Ela diz isso direto. E aí? Você acha que a gente depois de velho vai se interessar muito? Depois de ouvir isso aí? Ela não ajuda. Ela desengana a pessoa. Quando a gente não vai, ela cobra. Ai na hora que dá vontade da pessoa abrir a boca e falar: professora, por que a senhora cobra? A senhora diz tanto que a sua vida já tá ganha, a senhora não precisa mais disso. Ela professora, já aposentada e aí? Ela não precisa Fernanda realmente. Ela era pra dizer o quê: “vocês aprendam minha gente. E aprender é bom”. E deixar o não precisar dela de lado. Mesmo a gente sabendo que ela não precise que todo mundo sabe. Ela tem o salário dela. A gente sabe. Uma professora que viaja pra exterior todo ano, essa professora não precisa de tá ali mais. Então...”

Viviane coloca como dificuldades a idade, considerando que na infância o processo de ensino-aprendizagem é mais positivo que na fase adulta. Por outro lado, tece crítica ao sistema educacional, expresso na figura da professora, e aponta formas de como poderia ser o processo educativo, questiona posturas, visualiza sua própria postura em relação ao processo. No fundo Viviane, não nomeia claramente os desafios presentes da educação, mas aponta, do seu modo, de forma consciente, os elementos que julga importantes.

Voltemos, pois, ao silenciamento. Além de Viviane, ao narrar sua experiência na educação de adultos, as outras mulheres silenciaram diante esta realidade. Tal silenciamento aponta então o silenciamento da sociedade enquanto responsável pelo processo formativo e educativo das pessoas¹⁸, principalmente de pessoas em situação de vulnerabilidade social e advindas de classes populares.

Gadotti (1995) aponta que a educação é um processo que nunca se repete da mesma forma. Neste sentido, cada época histórica exigirá uma nova leitura da realidade. Desse modo, a formação da consciência do ser humano não é inata, antes exige uma diversidade de elementos subjetivos e objetivos, que muitas vezes são contraditórios. Na atualidade, entretanto, o caráter básico da educação é a tecnoburocracia, ou seja, exige-se cada vez mais indivíduos eficientes que sejam capazes de gerir a máquina. Assim, “a tecnoburocracia não

¹⁸ O pensamento acerca deste tema surgiu a partir das discussões e diálogos na aula de Educação e Contemporaneidade ministradas, ou melhor, dialogadas, com as professoras Tânia Maria Hetkowski e Mary Salles. Gratidão por esta descoberta.

controla apenas os aparelhos do Estado e a organização, como também impõe novas crenças e valores: supervaloriza o planejamento e o conhecimento técnico-organizacional, a hierarquia, as estruturas, a impessoalidade, etc.” (GADOTTI, 1995, p. 25).

A proposta de Gadotti (1995) seguindo a perspectiva de Paulo Freire é a construção de uma educação que seja libertadora, ou seja, uma educação que seja capaz de se colocar à escuta, formar-se, informar-se e em seguida possibilitar uma reflexão crítica da realidade destinada à problematização da situação vivenciada.

Tomar a palavra é uma expressão utilizada por Freire e por algumas teólogas feministas da libertação que vêm compreendendo que quando as classes oprimidas, e neste caso as mulheres, tomam a palavra lhe é possível a construção de novos modos de vida e o reconhecimento dos saberes que se tem. A partir da realidade das mulheres, tomar a palavra tem se concretizado de diversas formas e a partir deste pronunciamento da palavra que elas rompem com o silenciamento no qual vivenciam. A educação (formal) que lhes fora negada no período da infância, e o que denuncia os processos de desigualdades sociais de nosso país aponta por outro lado processos de resistência e empoderamento de mulheres que constroem saberes a partir de seus cotidianos.

Assim, “o processo de tomar a palavra, de romper com o silêncio supõe o reconhecimento da própria história. É preciso contra e recontar a própria vida com todas as tramas” (SILVA, 2015, p.19).

Falar, contar a própria história significa um longo caminho de tornar-se pessoa. Este caminho desafiante de romper barreiras: tomar a palavra e aos poucos sendo. Quando uma mulher sente que o sonho pode ser empreendido, o conhecimento toca e inspira profundos centros criativos nela. Os sonhos evocam sentimento e imaginação e tocam temas que são parte da herança coletiva humana (SILVA, 2015, p.20).

Em *Pedagogia dos sonhos possíveis*, Freire (2001) acredita que é possível criar meios de compreensão de realidade política e histórica que possibilitem a mudança. Para Freire (2001), “é impossível existir sem sonhos”. Se por um lado, em contexto neoliberal, a educação esteja atrelada a prática tecnológica, o que Freire entende por educação aponta que esta não é a única forma de se conceber a educação. Desse modo, a prática educacional não é o único caminho à transformação social. Antes, “ser no mundo significa transformar e (re) transformar o mundo, e não adaptar-se a ele. Como seres humanos, não resta dúvida de que nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter a esperança” (FREIRE, 2001, p.36).

O reconhecimento dos sonhos -, e, portanto, o processo de tomar a palavra – aponta para um processo que tem a ver com o reconhecimento das dúvidas. Há dúvidas no caminho. Tomar a palavra supõe capacidade de questionar a si mesmo. Neste sentido, é preciso aprender a “parar de olhar para baixo” e começar a olhar para dentro deixando margem para a possibilidade de se tornar pessoa, mas também de se reconhecer outra pessoa na pessoa que se é. Olhar para si, assim como olhar para o lado e desse modo perceber o outro, contribui para o processo de se fazer e de construir (SILVA, 2015, p.21).

Sob esta perspectiva a educação parte da vida concreta das pessoas, de seu cotidiano, do lugar onde elas constroem saberes. Isto não significa desvalorizar a importância da educação formal, antes significa perceber a diversidade de possibilidades neste processo. Se por um lado, identificamos e por isso mesmo denunciemos o silenciamento das mulheres em relação ao seu processo de escolarização e assim a responsabilidade da sociedade sobre estes processos, por outro podemos perceber formas de sociabilidades e construção de saberes em lugares dos quais muitas vezes estigmatizados, ou ainda, a partir de pessoas as quais a sociedade insiste em colocar à margem.

Quando as mulheres da *batalha* se organizam na Praça da Sé, por exemplo, articulando horários de cuidado e responsabilidade em relação às crianças, quando denunciam situações de violências enfrentadas no cotidiano da prática da prostituição e assim buscam os órgãos de direitos responsáveis, quando elaboram formas e meios de lidar com a saúde (isto inclui diversos saberes aprendidos com suas avós e mães), quando encontram formas criativas de “atrair” clientes, ou de diálogos com pessoas que circulam nos espaços que elas transitam; quando não sabendo ler e escrever vão ao Ministério Público e conseguem dialogar com os operadores do serviço público, reconhecendo-se como cidadãs de direitos, enfim, quando em diversas situações as mulheres reinventam e recriam a vida, estas mulheres estão de fato, colocando em prática seus saberes e aprendizados. Desse modo,

Tomar a palavra não se concretiza da noite para o dia. A relação será um meio eficaz para contribuir em sua concretização. A relação pode ser a grande oportunidade para o crescimento. Os pequenos grupos de partilha de vida, as trocas de experiência, de sonhos, utopias são efetivamente espaços de vida e sentido onde mulheres podem fortalecer-se, reconhecer-se, enquanto pessoas. Nestes espaços, elas encontram, desencontram, visualizam um futuro, recontam histórias, fazem memórias, “brigam”, “rasgam o verbo”, “costuram remendos” (SILVA, 2015, p.21).

Durante o período de atuação junto às mulheres, assim como o período de pesquisa, foi possível verificar outras formas de fazer educação, formas estas que partem do

reconhecimento dos saberes construídos no cotidiano da prostituição. A seguir compartilho o relato de uma experiência vivenciada no período de atuação junto às mulheres. O relato é fruto de uma percepção acerca desta realidade (neste caso minha percepção marcadamente sentida). Ele mostra um pouco de como o encontro das mulheres seja na Praça, seja em espaços como o do projeto Força Feminina, pode ser transformador de espaços de construção de saberes e aprendizados. Segue...

5.3 Relatando um encontro¹⁹ e alguns gestos transformadores...

Era tarde de segunda feira, início das atividades (roda de conversa sobre o que significa ser mulher), começo da Semana da Mulher. Alguns temas foram pensados para serem refletidos juntos às mulheres. Aos poucos a casa (neste caso o espaço do projeto onde acontecia os encontros, rodas de conversa e atividades) ia ganhando corpo. Aos poucos as mulheres iam chegando. Encontros. Saudades. Movimentos. Uma apresentação inicial abre as portas para o diálogo.

Um convite a andar pelo ambiente, observar os detalhes, escutar a canção. Então, elas andam pelo espaço. Há flores, espelhos, velas acesas, tudo muito bem arrumado, gesto de carinho de quem prepara a casa para receber o hóspede.

As mulheres andam pelo espaço, se cumprimentam, se olham no espelho, conversam consigo mesmas, conversam umas com as outras, estabelecem relações, ou melhor, fortalecem relações, já que elas são conhecidas da “praça”.

Próximo aos espelhos havia frases de incentivo: Mulher coragem, Mulher do perdão, Mulher da transformação. Elas leem as frases. Expressam com qual se identifica. Ao se identificar com a frase que falava da transformação, uma das mulheres diz: *“é assim mesmo, a gente tá sempre se transformando, às vezes acontecem coisas na vida da gente e a gente fica lá em baixo, mas gente precisa dar a volta por cima e transformar...”* Sua fala e expressão deixam nítidos que ela vive essa transformação. Outra mulher ao escutar a reflexão continua: *“é assim, eu entendo o que você está falando, eu entendo, eu tô passando por isso”*.

¹⁹ O encontro aconteceu no ano de 2011, na semana que se comemora o 08 de março – Dia Internacional da Mulher. Nesta ocasião, o Projeto Força Feminina promovia uma semana de atividades específicas com temáticas voltadas para a mulher. Cada dia se discutia, por meio de rodas de conversas, palestras e dinâmicas de integração temas voltadas à saúde, prostituição, direitos da mulher, cidadania. Neste dia especificamente foi realizada uma roda de conversa onde a pergunta norteadora era o que significava ser mulher. Para isso, o Projeto Força Feminina organizava o espaço com elementos, símbolos que possibilitassem e fomentassem a discussão.

Há uma compreensão entre as mulheres, um escutar uma a outra, um compartilhar das mesmas dores, que deveria ser reconhecido por parte de quem com elas caminha junto. Ao falar que vive também esta transformação a mulher chora. Um pranto doído. Forte. Um pranto calado e ao mesmo tempo um pranto gritado.

Um silêncio se faz na sala. Há tentativas de continuar a dinâmica proposta. Outra mulher, porém, também chorando, diz: “*Não, vamos esperar, vamos deixar nossa colega chorar, ela tá sofrendo...*” Na sala toda se faz um silêncio. Silêncio e cumplicidade se misturam. Talvez fosse hora de parar aqui também. O silêncio se instaura aqui, ao escrever as palavras fogem, mas continuam presentes, na verdade, é o tempo do silêncio, da cumplicidade, do reconhecer a dor do/a outro/a, do sentir com, do estar do lado.

Enquanto a dor se aquieta e certa calma vem, pois a acolhida se fez, as mulheres vão se recompondo. Há dor continua latente, mas a cumplicidade, a solidariedade fortalece o coração. O grupo faz uma roda e agora sim o convite a dançar ciranda pode se concretizar. Fico pensando, refletindo, degustando... Só há ciranda se houver cumplicidade, respeito, saber escutar o silêncio e as dores de cada uma.

A ciranda começa... Aos poucos sorrisos vão surgindo. Canções do tempo de criança, canções de um tempo lúdico. Melodias vão sendo gestadas, corpos se movimentando. Descompassos. Acertos de passos. Ciranda. Canto. Festa. “*Esta ciranda não é minha só, é de todas nós, é de todas nós...*”. A melodia vai sendo repetida, e os passos ganhando compassos, encontros, sintonias.

Após a ciranda, a partilha do alimento. Antes, porém, alguns questionamentos, vozes vão surgindo. A realidade de cada uma foi surgindo como melodia da ciranda que ainda não terminou. Talvez ela não termine nunca. Talvez ela deva continuar a movimentar estes corpos. Talvez no movimento do cirandar buscas e sonhos sejam fortalecidos.

Uma das mulheres então levanta uma questão: “*mas quando é que vamos conseguir nosso emprego...Tô cansada de estar ai nesta praça?*”. Reações. Várias mulheres falando ao mesmo tempo. “*Mas o que o projeto pode fazer por nós?*” Outra mulher responde: “*Ei, o projeto já tá fazendo, temos muitas coisas aqui, mas a responsabilidade tá nas nossas mãos. Como a gente vai aproveitar isso?*” A conversa continua. Experiências são trazidas. O grupo de economia solidária é lembrado como uma possibilidade. Outra mulher recorda: “*mas é difícil, a gente não tem estudo. Hoje em dia pra qualquer emprego tem que ter estudo*”.

Pequenas iniciativas, a busca de muitas mulheres estudando hoje demonstra que a ciranda não para, mas há um descompasso social, marcado pela desigualdade que perpassa a

história e que freia a dança. De repente, se escuta: “*A mulheres unidas podem chegar lá*”. Mas como? Pergunto. E um grito com precisão tão nítida surge: “*Olha você não conhece a nossa realidade. Você não conhece o que a gente passa ai na praça.*” Entre o grupo olhares de confirmação, como que dizendo que apoiava a colega. É verdade, não conhecemos, respondo. E como é? Prossigo. Vocês devem nos dizer. E as mulheres falam, gesticulam, denunciam violências, buscam soluções, discordam entre si, concordam entre si. Uma ciranda política, formativa, engajada, questionadora se instaura. Mas como? Continua a pergunta. “*A gente não consegue. Há muitas brigas entre nós.*” Mas como não conseguem? É perguntado a elas novamente. Quem consegue sentir a dor da companheira, como o visto aqui hoje não consegue se unir, lutar junto, falar do que vive? É percebido uma concordância nos olhares, um movimento afirmativo. Propostas são feitas. “*A sociedade tem que saber o que a gente vive*”.

No final do dia foi possível concluir algumas coisas:

- É preciso compartilhar as dores... Urgente silenciar, parar tudo, ser cúmplice, companheira no reconhecimento do que machuca. É urgente fazer pausa, por um tempo e ficar do lado, junto, com.
- A ciranda só acontece quando há escuta da dor do outro. Os compassos só são ritmados quando conheço a dor do outro e suas fragilidades. O cirandar junto, encontrando sintonias só acontece quando há cumplicidade.
- É na ciranda, no movimento, no dançar junto, mesmo que por vezes descompassado impulsiona às perguntas, aos questionamentos, ao reconhecimento da própria realidade e a busca por respostas.

5.3.1 Círculos de Socialização e Relacionamentos Familiares

“Coisa da infância fica até morrer. Fica na memória pra sempre” (Daniela).

O circular no ambiente familiar foi um tema marcado por muitos silêncios durante as narrativas das mulheres. A figura materna (seja a mãe, uma irmã mais velha ou a avó) foi, sem dúvida, a mais importante nos relatos. Por outro lado, a figura paterna (o pai ou padrasto) foram figuras trazidas com temor e medo, seja pela rigidez ou pela agressividade. Em alguns momentos, durante as entrevistas, foi necessário parar por instantes, respirar fundo, dar tempo.

Aos poucos, era percebido que este tempo era fundamental e necessário. Afinal de contas estávamos retornando a memórias que para algumas têm sido guardadas por muito tempo. Mesmo algumas mulheres que já conhecia há um bom tempo pela vivência no PFF, durante estas narrativas surgiram relatos que eram desconhecidos.

Nestes momentos, a surpresa no rosto das mulheres era muito clara. Pareciam estar confidenciando vivências, e na verdade elas estavam. Era interessante notar que, em alguns, as pausas eram marcadas por sussurros... Sussurros. Memórias sussurradas que carregam a presença de gente que já se foi e de gente que ainda se faz... Foi assim com Daniela. Após falar de seu sofrimento na infância, da difícil relação com o pai, se recordou que seu pai falecera há pouco tempo e chorou. O momento de narrar sua trajetória lhe permitiu chorar a morte do pai, de um pai que lhe trouxera marcas das quais ela falava... Tempo e silêncio. Escuta e paciência em meio à dor e lembrança.

*“Daniela: Minhas recordações é... Eu sofri um pouco na minha infância porque meu pai não deixava a gente ir pra casa de ninguém. Tinha um aniversário do vizinho e ele não deixava porque tinha esse negócio de dinheiro pra comprar presente. E ele dizia: não vai não, não vai não porque não tem presente pra dar e depois o povo fica falando. Vai não. Quando é fé a televisão quebrava também e a gente não podia ir pra casa do vizinho pra assistir... Meu pai era muito ignorante. Ele batia na gente de cipó, de mangueira. Ai pronto, a gente nem saía direito de dentro de casa. Por causa disso a minha infância foi sofrida. Marca né? (pensativa) Esse ano ele morreu, 88 anos (choro, silêncio). Mas isso é das coisas que a gente fica na mente né. Coisa da infância fica até morrer. Fica na memória pra sempre. Eu não tenho raiva não, mas a gente lembra o que a gente passou né. Apanhando assim, sem a gente fazer nada. Na inocência, por besteira né. Às vezes por besteira. A gente errava uma besteirinha e já apanhava tanto. Eu não entendia porque a gente tava apanhando tanto. **Fernanda:** Ele não falava porque estava batendo? **Daniela:** Às vezes falava, às vezes não. Ele era mais de ficar calado. Colocava todo ódio batendo na gente”.*

Linda também fala das relações familiares e refere-se ao pai como alguém que “bebia” e “espancava muito”, diz que não quer se recordar do tempo de infância por ter sido um tempo difícil. Mais uma vez, a saída de casa, seja das mulheres, seja de outros parentes, como é o caso dos irmãos de Linda acontece devido a uma situação de vulnerabilidade. Linda nos conta:

“Linda: Ai Nanda, minha infância foi difícil porque meu pai bebia muito, espancava muito a gente. Eu não tenho boas lembranças da minha infância não. Tanto que eu não gosto nem de comentar porque eu já sofri muito e vi minha mãe sofrer muito, ai não gosto não. Já sofremos muito. Éramos, eu, minha mãe e mais dois irmãos. Meus irmãos casaram cedo, justamente por

causa do meu pai mesmo. Minha irmã casou com 15 anos, meu irmão com 17. Ai eu fiquei em casa com minha mãe, mas era horrível. Chegou ao ponto até de eu fugir de casa por causa do meu pai que era muito difícil.”

As relações familiares envolviam a presença de outras figuras no ambiente doméstico. Para algumas mulheres, a figura da avó, é considerada, portanto, como suas mães, pois foi com elas que se “criaram”. É o que acontece com Luana e Rosângela. Luana se criou com a avó, pois a mãe “saiu pelo mundo” e Rosângela perdera a mãe muito cedo. No caso de Rosângela havia na casa a presença de outras irmãs adotivas, netas adotivas e de seu pai. E em relação à Luana, na casa cabiam os outros filhos de sua mãe, ela e avó.

Para além dessas pessoas: irmãos, mãe, pai e avó, muitas mulheres falaram de outras pessoas que para elas fazem parte de seus círculos familiares, pessoas, portanto, que compõem suas trajetórias e percursos. As figuras femininas são as que ressaltam nos relatos das mulheres: avós, tias, irmãs mais velhas e das quais receberam cuidados, tem lembranças boas e com quem aprenderam muitas coisas. Daniela fala de sua avó:

“Daniela: Eu não lembro não porque eu era muito pequena. Me lembro da minha avó que ela parecia com uma índia. Ela fumava muito cachimbo nesta época. Ela soltava os cabelos. Os cabelos dela eram bem lisos, fininho. Eu tenho uma lembrança dela assim. Ela era morena, clarinha. Ela era bonita. Ela fumava muito cachimbo. Ela morreu de câncer. Ainda me lembro. Eu era pequena, mas tenho lembrança dela. Mas eu gostava muito de ir pra casa dela”.

Viviane quando relata sua primeira menstruação diz que foi sua irmã quem lhe orientou e conversou. Além do mais, esta irmã era a pessoa com quem saia junto, passeava e em quem confiava.

“Viviane: Me lembro. Eu tive um pouquinho de medo, saiu sangue e eu achei que tinha me perdido, mas depois eu me lembrei do que minha irmã me ensinou, ai eu não fiquei com medo não. Minha irmã ia tomar banho do rio quando ela tava menstruada e me mostrava e me dizia: eu vou lhe ensinar pra depois você não pensar que você se perdeu. Era. Aprendi assim...”

No momento em que relatam sobre a menstruação fica evidente os cuidados dessas meninas, mulheres, mães, tias e avós; e ainda que haja medo, na percepção das mulheres foram nestes momentos em que sentiram cuidados e estimadas. Foi o que ocorreu no caso de Rosângela. Em sua primeira menstruação, com medo da avó, ela a espera pensando que esta

brigaria com ela, mas o que ocorre são momentos e expressões de cuidados que as mulheres guardam com estima.

“Rosângela: Eu menstruei eu tinha dez anos. Minha avó tinha ido pra roça, aí eu menstruei. Mas eu pensei que eu me furei. Fiquei com medo de minha avó me dá peia, porque eu subia em coqueiro, eu subia em jaqueira e eu pensei que eu tinha me furado na jaqueira e minha avó fazia aquelas camisas com madrasto, branquinha de alcinha e as calçolas da gente era uns tampão assim que ela passava na máquina pra não encardir e a gente tinha que passar aquilo no coco. Ai eu fiquei o dia todo sentada na janela esperando minha avó chegar e o sangue aqui ô... E eu com nojo, fedendo e eu vomitei. E olhava pra lá e olhava pra cá, minha avó vai me bater... Não tinha ninguém em casa, o pessoal tava tudo no colégio e as meninas tinham ido pra roça. E eu fiquei esperando minha Vó e com medo. Quando minha Vó veio chegando, ela tinha aqueles pancadão, que ela era de candomblé e ela: o que que minha filha tem? O que é isso aí menina? E eu, aí minha avó, não me bata não minha avó. Ai ela foi... E chegou lá e disse: “Minha filha já é moça” e foi cuidar de mim”.

A passagem entre “ser moça” e “perder a virgindade” foram duas vivências que surgiram de modo muito próximo nos relatos das mulheres. Em algumas narrativas estiveram presente às violências sexuais por parte de padrastos, ou outros homens do ambiente familiar ou vizinhança, ou, em outros casos os relatos das primeiras relações sexuais e namoros se confundiam com os relatos da primeira menstruação. No caso de Bianca, a ocorrência de uma violência sexual, faz com que não queira comentar ou falar do assunto. Tais relatos nos demonstram e indicam que a violência já era vivenciado pelas mulheres em contextos familiares e não apenas em contexto de prostituição.

*“Bianca: Eu não quero comentar porque fui estuprada pelo homem que tinha... Eu era criança, não sabia o que era homem não. **Fernanda:** Você tinha quantos anos? **Bianca:** 10 anos **Fernanda:** Ele era quem? **Bianca:** Conhecia minha mãe, a minha família... Ai ele pegou me levou pra praia e me estuprou, botou o revólver em cima de mim e eu tava comprando carne de sertão e ai aconteceu. Tapou minha boca e me levou. Até hoje eu nunca me esqueci, até hoje quando eu me lembro disso. Eu quero trazer recordação boa e não recordação triste.*

Já no caso de Ivone, ela fala em sair de casa e conjuga várias situações e vivências: “se perder”, primeiro namorado, menstruação, casar-se:

“Ivone: Ai foi quando eu arrumei um namorado lá. Eu quis logo sair de casa pra não passar tanta necessidade. Ai eu fui namorar com um rapaz que era padeiro. Ai eu dizia mesmo assim. É eu vou namorar com ele porque pelo menos todo dia eu como pão quentinho. Ai ele mandava o pão.

Fernanda: Esse foi seu primeiro namorado? **Ivone:** Esse foi. Primeiro namorado que eu me casei. Me casei dentro da delegacia. **Fernanda:** Como é que foi? **Ivone:** Ai eu vi minha barriga só crescendo, crescendo dentro de casa. Ai a minha irmã mais velha que morreu de câncer disse bem assim: você está grávida. Eu disse: e agora o que eu digo a minha mãe? Ai ela disse: mas minha mãe vai conhecer. É melhor você contar logo. Ai quando eu contei a minha mãe foi... Minha mãe abafou o caso pra ninguém saber por que no interior ninguém podia saber. Ai chamou ele e fez meu casamento. Vendeu dois sacos de feijão, comprou um vestido azul, ai essa minha irmã que faleceu foi a madrinha do meu casamento, a irmã dele também foi a madrinha do casamento. Quando eu cheguei na delegacia com 13 anos e ele, mais velho do que eu. Ele já tinha 20 anos. Ai, o delegado perguntou a mim se ele forçou né. Eu disse: não seu delegado. Foi porque eu mesma quis ir. O delegado disse: Como foi que você se perdeu? **Fernanda:** E o que é se perder? **Ivone:** Se perder é quando tira a virgindade da mulher de casa, naquela época se chamava se perder. Ele me levou na bicicleta pra fora da cidade. Quando chegou distante numa roça, tinha um tanque de barro ai foi lá que tudo começou, que ele foi tirar a minha virgindade. Forrou o chão com a camisa dele. Eu me deitei. **Fernanda:** Mas você já tinha ideia como era? **Ivone:** Eu não tinha ideia de como era essas coisas não. Ai quando ele foi pra tirar minha virgindade que saiu sangue, um pouquinho de sangue que doeu, eu disse a ele que não queria mais. Ai fiquei com raiva dele e terminei o namoro. Ai ele tinha me dado um relógio de presente. Quando um homem dava um relógio de presente naquela época era uma grande coisa. Ai eu disse mesmo assim: Carlos eu não vou namorar com você não porque você transou comigo, não transou não, você ficou comigo e saiu sangue e ele disse mesmo assim: mas agora não tem mais jeito não porque eu tirei sua virgindade e agora você não é mais moça. Eu fiquei teimando com ele que eu era moça, mas eu pensei que eu tinha era menstruado. **Fernanda:** Antes dessa relação você já tinha menstruado? **Ivone:** Nunca tinha menstruado. Foi tudo a primeira vez. Ai tá. Ai minha mãe fez o casamento. Ai o pai dele tinha uma serraria que fazia móveis, cadeira. Ai tinha casa. Ai me botou na casa do pai dele, do lado da serraria. Eu fiquei morando com ele e tive esse filho. Ai ele se desempregou dessa padaria, passei mais fome do que quando eu tava dentro da casa da minha mãe. Ai minha mãe foi melhorando também, a situação dela, os filhos foram crescendo e ajudando ela. Eu tinha um irmão que trabalhava no açougue, ai trazia as carnes. Ai foi melhorando. Ai ele (o marido), fazia de tudo pra eu ficar de mal da minha mãe e eu fiquei de mal de minha mãe. Eu fiquei de mal da minha mãe. Mas eu passava tanta fome que tinha lá no quintal tinha um monte de pé de quiabo. Ai ele mandava eu tirar as folhas pra poder fazer comida só com aquelas folhas de quiabo. Quando eu fui ver as folhas de quiabo, ficava aquela gosma. Ai eu não comia. Ai quando foi uma vez que eu não aguentava mais de fome eu fui pra casa da minha mãe. Quando eu cheguei lá na casa da minha mãe, peguei dois ovos, fritei e comi. Ai, minha mãe brigou porque eu peguei os ovos sem pedir a ela, ovo de galinha. Tomei uma surra, já depois de casada. E ele tinha muito ciúme de mim porque eu era mais nova do que ele. Todo dia ele também me batia e eu digo: eu não vou aguentar essa vida. Eu vou me embora daqui. Eu vou pra Salvador. **Fernanda:** Antes de você vir pra Salvador... Você falou da sua irmã, da sua mãe, quando você pensa em família... Quem é família pra você? **Ivone:** A minha família nessa época era minha mãe que criou os 08 filhos e os 08 filhos foi unido. Meu irmão me ajudava. Minha irmã também. Ai quando eu me separei do marido minha

mãe disse que era para eu andar direitinho dentro de casa. Não era pra arrumar homem nenhum. Me separei dele e voltei pra casa. Ai minha mãe disse que eu não ia ficar lá na casa dela porque não queria filha puta na família entendeu. Ai me botou na rua. Ai eu disse mesmo assim: olha minha mãe, já que a senhora está me botando pra rua, tem uma mulher que tá precisando de empregada doméstica em Salvador. Ai eu vim com essa criatura, com essa mulher aqui em Salvador. Quando chegou aqui em Salvador eu fui pra casa dela ali em Brotas. Eu tava com 18 anos. Ai eu vim”.

Esses são temas recorrentes nas falas das mulheres, o que nos faz pensar e repensar muitas vezes, e de diversos modos, o lugar ocupado por elas na *batalha*, as formas como teceram os sentidos e significados destas trajetórias. Ainda que considere o processo de autonomia e escolhas que são feitas por parte das mulheres, e esta percepção é relevante desde “pequenos” movimentos de saídas e transformação como: procurar um namorado padeiro para suprir a necessidade da fome, sair de casa para fugir das violências familiares, procurar ser uma “boa aluna”, ir para o circo, enfim, tantas situações em que as meninas (mulheres) buscam para superar os desafios; existem marcas na vida destas mulheres que de certo modo, e de modo “certo” configuram os lugares, as transições e circulações feitas por elas. Considero que as escolhas que são feitas por elas (e por todas as pessoas) estão pautadas a partir de um contexto social e de trajetórias que são construídas e tecidas. Desconsiderar estes elementos, nessa perspectiva, empobrece a discussão acerca do complexo mundo da prostituição.

De acordo com as políticas e diretrizes de prevenção das DST/Aids entre mulheres do Ministério da Saúde, por exemplo,

A iniciação sexual feminina, no Brasil, é precoce e acontece por vários motivos, desde manifestação espontânea, pressão social, coerção de homens mais velhos, até por pura violência física. Há ainda o comércio informal de sexo, em troca de dinheiro, proteção, alimentação ou habitação. Meninas jovens são procuradas porque se acredita que são “seguras” e não infectadas com o HIV. Adolescentes que vivem e/ou trabalham nas ruas muitas vezes se envolvem no comércio sexual, e vivem em circunstâncias bem difíceis (BRASIL, 2003, p.27).

Deste modo, o fato de sair de casa em fuga, ou de buscar outras condições longe de um companheiro que agredia, por exemplo, pode ser entendido como movimento de empoderamento, mas para outras, esta não foi a melhor das opções. Para Linda, estar na batalha lhe proporcionou outras vivências. Ela retoma o relato de violências sofridas em casa por parte do pai:

“Linda: A gente não saía de casa. Minha mãe às vezes tentava sair com a gente, mas não deixava, sempre batia na minha mãe pra gente não sair de casa. Era horrível, eu digo a você. Teve muita violência, tanto que eu tenho cicatrizes porque ele batia na gente, a gente quebrava o braço, teve uma vez que ele me furou com um ferro nas costas. Era muito sofrida a minha vida... Hoje, hoje eu digo, eu sou feliz mesmo fazendo programa, passando por todo tipo de humilhação. Hoje eu sou muito mais feliz...”

São vários os fatores que movimentam as trajetórias e caminhos percorridos pelas mulheres, desde suas vivências na infância à suas vivências na *batalha*. Os discursos, as falas e narrativas são o tempo todo e a todo tempo marcados pela historicidade e pelo contexto em que elas estão (e estiveram) inseridas e pelas ambiguidades, luzes e sombras de memórias e narrativas. Ao se empoderarem da prostituição, algumas mulheres consideram este lugar como aquele possível de se vivenciar condições melhores do que aquelas antes vividas nos ambientes familiares.

No recontar das histórias a preocupação em relação à prostituição, a vergonha que algumas sentem deste lugar, as falas em torno do sofrimento nesta condição, assim como a tentativa de ter outras alternativas têm sido atribuídos nas narrativas ao fato de que ainda que tenham experiências positivas pra contar, ainda que construam círculos de amizades, ou que consigam criar seus filhos com o dinheiro da prostituição, o olhar das pessoas sobre esta realidade, e mais especificamente, o olhar de seus próprios familiares marcam o ocultamento em relação a este lugar.

Mesmo Linda que fala dos círculos de amizade que tem e de pessoas que sabem do seu trabalho, quando lhe foi perguntado sobre sua família, foi enfática: *“Não. Ninguém. Não tenho coragem de contar. Não. Ninguém da minha família e eu não tenho coragem...”*. Outro exemplo situa-se no contexto da Praça da Sé, ou seja, ainda que muitas mulheres tenham seus familiares transitando neste espaço, escutei muitas vezes por parte delas que temem situações de preconceitos, ou ainda como foi o processo de contar para seus familiares o que fazem, ou então, o desejo de que seus filhos não tenham a mesma “sorte” que elas.

Daniela vivera esta experiência de modo intenso, pois sendo ela de outro estado, em um determinado momento trouxe seu filho para Salvador. Este muitas vezes permanecia na praça à sua espera. Ela recordava que sua família é muito rígida e “não gosta destas coisas”, por outro lado, ela mesma achava feio e por isso se escondia nas casas de massagem em Recife. Ela vivia uma ambiguidade entre o saber e o não saber da família.

O saber e não saber, esconder, ocultar ou contar está relacionado ao processo de estigmatização e preconceito vivenciado pelas mulheres que batalham. Sendo um assunto

recorrente em muitos trabalhos e pesquisas que tratam da prostituição, como vimos ao longo deste trabalho. Desse modo, de dentro pra fora e de fora pra dentro, as mulheres constroem suas identidades e trajetórias, seja a partir das vivências e circulações no ambiente familiar, seja, a partir das vivências na *batalha*.

5.3.2 Entre transições, circulações e movimentos: das passagens que a vida faz

“Ai é isso ai. Tô vivendo na batalha, na Praça...”

A passagem ou ainda a inserção na rua, na *batalha*, na prostituição trouxe a partir das narrativas das mulheres entrevistadas e de outras em campo o reconhecimento de que não há uma linearidade e homogeneidade no que tange a esta inserção. São diferentes formas e em distintos contextos. Ainda que alguns elementos sejam comuns, o modo como cada mulher irá significar esta inserção e passagem será diverso e singular.

Para algumas a fuga do ambiente familiar violento foi um motivo de saída, para outras a separação de um companheiro acompanhada da responsabilidade de cuidar e suprir os filhos foi o mote impulsionador, para outras mulheres ainda a inserção na batalha aconteceu após sua inserção no contexto das drogas.

Em alguns casos, as mulheres chegaram aos espaços (rua, praça, bares, orla) por conta própria, outras através de uma amiga, conhecida ou namorado que lhes apresentaram o ambiente. Ao longo do tempo, algumas mulheres significaram positivamente o estar e permanecer na *batalha*; outras, porém, consideram a rua como um lugar do qual desejam sair. Na realidade, “estar na *batalha*” versus “sair da *batalha*” foram expressões presentes em todas as entrevistas. Ainda que recordassem situações positivas e que as fazem considerar a prostituição um trabalho, um lugar onde constroem círculos de amizades ou que se sentem livres e autônomas; também consideram este como um lugar de sofrimento e do qual desejam sair e deixar.

Esta ambivalência esteve presente durante os discursos e falas das mulheres, seja durante as entrevistas, seja durante as conversas em campo.

Neste dia fui até a Praça da Sé com o intuito de encontrar com as mulheres e iniciar a aproximação do espaço. Na verdade, trata-se de uma reaproximação visto que já conheço um pouco aquele espaço. Era por volta das 10 horas da manhã e na verdade quase não havia mulheres. Alguns homens sentados nos bancos, uma vendedora de acarajé preparando seus quitutes, mais a frente próxima à cruz caída uma mulher trançando cabelos. Encontrei uma das

mulheres sentada com seu filho junto de outros dois homens. Na rua do lado, outra das mulheres conversava com um funcionário de um dos hotéis. Andando calmamente pelo espaço, talvez na tentativa de perceber e observar desde outro lugar vi mais adiante Beatriz. O encontro foi muito bom. Com um abraço, ela me recebeu. Da bolsa retirou algumas camisas que está fazendo e empolgada disse que vai fazer outro curso para aprimorar seus conhecimentos na arte da customização. Este encontro nos possibilitou uma conversa. Beatriz contou que tem vindo pouco a praça. De repente como se já tivéssemos combinado ela começou a falar e recordar de alguns elementos de sua vida. Falou de sua mãe e que é de uma região próxima a Porto Seguro. Sua mãe decidiu sair de lá, pois era violentada pelo pai. Neste movimento de andar por vários lugares ela veio para Salvador. Chegando aqui uma conhecida lhe mostrou o brega: “*pois é, conheci o dance 16, depois a gameleira, ali era bonito, tudo bem organizado e não é que gostei da putaria?*”. Perguntei quantos anos ela tinha nesta época e ela disse que tinha mais ou menos 20 anos. E continuou: “*Hoje em dia eu tenho vergonha sabe?*” Por que tem vergonha, perguntei. E ela: “*Imagina uma mulher de 60 anos, eu sou de 1955, ficar aqui na praça. Se quando eu era mais nova passava gente e dizia: o que você tá fazendo aqui? Imagina agora. Eu vim hoje, pois tenho fé em Deus que vou encontrar um conhecido (cliente) sabe. Ele me ajuda muito, eu sei que ele vai aparecer e quando ele aparecer vai melhorar minha situação*” (Diário de Campo, 01 de junho de 2015).

“*E não é que gostei da putaria?*”, essa expressão de Beatriz revela uma dimensão presente em muitas das narrativas das mulheres entrevistadas. Certamente, este era um discurso muito mais presente nas narrativas de mulheres acima de 40 anos e que vivenciaram um momento distinto na *batalha* em Salvador. As mulheres falam de certo glamour, mulheres bonitas e se referem aos clientes como coroas bons. Sem dúvida, estas são memórias e recordações de um tempo ido e claro que em comparação ao tempo presente houve uma constante reclamação de que atualmente “o movimento está fraco”, “naquele tempo é que era bom”, “hoje em dia os clientes não são como aqueles”.

Discursos que vêm muitas vezes acompanhados de falas que expressam “vergonha” do lugar da rua ou da *batalha* e o desejo de encontrar outras possibilidades como, por exemplo: fazer artesanato, colocar uma “guia”, ter seu próprio comércio ou um trabalho fixo. No entanto, desde o início neste campo de estudo uma fala sempre se fez presente: sair *versus* permanecer na *batalha*. Sendo muito presente nos discursos que o fator dinheiro e a possibilidade de tê-lo sempre foi crucial.

Linda relatou como foi sua inserção na *batalha* e logo em seguida os seus planos em buscar outras possibilidades para além da prostituição. Mas quando questionada se deixaria a prostituição oscilou dizendo não saber ao certo, por ser muito vaidosa e gostar de ter as coisas dela.

O ter e conquistar as próprias coisas foi algo dito pelas mulheres como elemento crucial para sua permanência na prostituição. Aliás, este foi um elemento presente no momento da inserção na prostituição. Dentre as mulheres entrevistadas boa parte era empregada doméstica, exerciam outros tipos de trabalhos e quando se depararam com o dinheiro recebido na batalha optaram por ele. É exatamente o que nos conta Linda.

“Linda: Eu vim e comecei a vender roupa. Ai um dia, eu tava realmente precisando de dinheiro. Ai nesse dia, eu fiz o que, cinco programas. Eu tirei o que, R\$800,00. Ai pronto, eu comecei a vir e ai... Sempre neste ponto. Sempre aqui. Ai fui me acostumando. O mal que a gente se acostuma, a gente ganha mais porque a gente acaba não querendo sair pela agilidade do dinheiro. A verdade é esta”.

A inserção na *batalha*, no caso de Linda ocorreu através das vendas de roupa e quando em um dia em que ela “tava realmente precisando” fez cinco programas. Com Carla aconteceu algo parecido:

“Carla: Me indicaram. Eu olhei o jornal, eu e uma amiga minha. Ela não mora aqui mais não. Olhei o jornal e tava precisando de 10 garçonetes ali na rua Chile, ali subindo a Le Biscuit. Ai quando a gente chegou lá a mulher explicou pra gente: isso aqui a gente trabalha a noite de garçonete, era R\$10,00 a noite. Se a gente fazia programa a gente não ganhava os R\$10,00. Ai eu fiquei. Ai eu achei o programa pra fazer. Gostei e não quis mais trabalhar. Ganhava mais. Ai depois um rapaz chegou e me explicou que aqui na Praça da Sé quem fazia era a gente...”

Esse dia do qual as mulheres falam foi apontado por Daniela como “o dia”. Em sua narrativa ela dizia: “sempre tem o dia”, referindo-se a um momento específico e que marca a inserção na batalha e na prostituição. Em seu caso, foi uma amiga quem lhe sugeriu o trabalho.

No caso de Cristiane, a inserção e passagem para a vida na batalha ocorreu após sua inserção no comércio das drogas. Ela conta que sua vinda para Salvador foi para “vender droga”, sendo que somente depois se inseriu na batalha.

“Cristiane: Quando eu vim pra Salvador eu vim pra vender droga na 28. Ai eu passei droga. Ai pronto. Depois não quis mais vender droga. Ai eu fui pega. Ai a mulher: ah, não vou pagar não. Ai eu tinha que pagar do meu bolso. Eu ganhava R\$50,00 por dia, eu pagava R\$200,00 pra ela e R\$50,00 era meu. Ai o policial era arregueiro, ai pegou e eu paguei R\$100,00. R\$100,00 naquele tempo era dinheiro. Ai vim pra Praça da Sé. Ai fiquei aqui. Na Praça da Sé eu cheguei tinha 15 anos. Quando eu vim pra aqui eu não vim prostitui não. Eu vim morar dentro da 28, ai comecei a passar

droga, droga, ai foi, um dia eu fui pega com a droga. Ai a mulher disse que não ia pagar não. Ai eu disse a ela: não vou mais vender isso não. Ai pronto. Ai conheci uma mulher chamada S.... Ai me trouxe aqui pra Praça da Sé. Ai tinha três irmãos... Ai S disse: eu sei de um lugar bom pra ganhar dinheiro: você quer isso? Oxe, eu cheguei aqui... Ela disse: chega lá, você faz programa, você pede tanto e o homi te dá. A primeira vez e eu tirei logo uma nota de 200,00. Ai pronto. Até hoje.”

No trabalho de Oliveira (2011), a autora verifica que a inserção e posteriormente a permanência na prostituição são elementos que encontram ponto de encontro, ou seja, muitas vezes os motivos que fizeram com que as mulheres se inserissem na batalha acabavam sendo os mesmos motivos que as faziam permanecer. Dentre os discursos das mulheres que entrevistei este foi um fator preponderante. Na perspectiva de Oliveira (2011),

Depois de se encontrarem no trabalho sexual, as mulheres mantêm-se pelos mesmos motivos pelos quais iniciaram: o desemprego, os filhos aquém desejam proporcionar o melhor, um marido dependente, a ajuda a outros familiares, especialmente os progenitores, a vontade de comprar ou continuar a pagar casa e carro e ainda guardar dinheiro para o futuro, a existência de dívidas, querer ter um melhor nível de vida e necessidade de droga. Mantêm-se porque ganham muito dinheiro e é este que lhes permite satisfazer essas necessidades (OLIVEIRA, 2011, p.206).

Na passagem e inserção na *batalha*, as mulheres vão construindo saberes e aprendizados em relação a este modo de trabalho e vivência. Se por um lado, em alguns casos, as mulheres são apresentadas à *batalha* por meio de outras figuras, por outro lado, em alguns casos estas figuras lhes mostram que existem uma série de saberes e aprendizados específicos que elas deverão desenvolver nesta realidade.

Além do mais, estar na rua, implica em um agenciamento de relações e interações, mas principalmente um agenciamento da própria corporalidade. Na pesquisa de Pasini (2000), onde a preocupação consistia em refletir sobre a maneira como as garotas de programa operam os limites simbólicos corporais na prática da prostituição feminina, a autora verificou que na prática das garotas de programa é possível compreender a maneira como elas vivenciam a prostituição por meio das regras que são estabelecidas nos pontos. Desse modo, é nos pontos que as mulheres agenciam sua *performance* na prostituição, por meio de práticas que se expressam na corporalidade e nas relações sociais.

Nesta pesquisa, a compreensão dos saberes que as mulheres constroem na prática da prostituição, por meio de suas relações e interações aponta, corroborando com Pasini (2000), que é no corpo e por meio dele que estes saberes se constroem. Em Pasini, a *performance*,

incluía uma série estratégias de sedução em relação aos clientes, onde por exemplo o tipo de roupa utilizado tem significativa importância, no caso das mulheres da *batalha* desta pesquisa, a relação com o corpo se volta na medida em que se deve cuidar deste por meio de ações preventivas, o que inclui, a higienização e determinados cuidados específicos.

A realização de programas, por exemplo, exige das mulheres uma série de habilidades e desempenhos que as possibilitam ter mais clientes ou menos, além do mais, o modo como abordam os clientes, a forma como se relacionam entre si, o cumprimento de regras que são estabelecidas nos pontos, a forma como lidam com a bebida e outras drogas, o tratamento dado a clientes, a forma como se apresentam e neste sentido o cuidado que tem com o próprio corpo, as estratégias que utilizam para o uso de preservativos e o escape de situações violentas são aprendizados construídos ao longo da inserção. Deste modo, ter figuras que lhes ensinem estes procedimentos foi fundamental para as mulheres no momento em que se inseriram na prostituição.

A chegada de algumas mulheres ao “brega” está permeada por um desconhecimento e somente aos poucos e na relação com outras mulheres que vão compreendendo o significado desse espaço. Ivone nos conta com uma riqueza de detalhes este processo:

“Ivone: Ai ele disse mesmo assim: ‘olha você quer um trabalho mesmo?’ E eu disse: eu quero. Ai ele disse mesmo assim: ‘eu vou lhe levar’. Ai me levou pra Ladeira da Montanha. Ai quando eu cheguei lá. Ele me levou pra Ladeira da Montanha (...) Ai eu fiquei lá na Ladeira da Montanha. Quando eu cheguei, a dona do brega na Ladeira da Montanha, eu não sabia que era brega não Fernanda. Ai eu disse: é aqui que vou trabalhar é? Um salão cheio de cadeira, cheio de luz, um monte de quarto com umas bacias né. Ai ela (dona do brega) fez eu arrumar aquelas cama toda, colocar bacia, botar as vasilhas dentro. Quando eu arrumei tudo eu fui dormir porque eu tava cansada durante o dia. Quando foi de noite abriu a casa. Ai eu só via um monte de mulher e eu disse mesmo assim: o que é isso aqui? Essa luz negra. Um monte de mulher, um monte de homem porque a Ladeira da Montanha era novinha, tinha o 63, o 71... Era tudo brega. Descendo lá no pé da Ladeira da Montanha era outro brega chamado Saionara que já fechou. Ai eu vi aquele movimento e ela disse mesmo assim: “você não vai fazer a vida não, você vai ficar ai no corredor que as mulher vai trabalhar e você fica com essa caixinha na mão com uma faixa e vai receber um número”. Todas as mulheres que passarem aqui no corredor, elas vai te dar essa fichinha. Ai eu fiquei. De hora em hora ela me chamava, a cafetona do brega. Ela dizia mesmo assim: “a mulher saiu e você vai arrumar o quarto”. Eu digo que historia é essa? Ai eu subi os quarto e tinha um monte de papel no chão. Naquela época não tinha camisinha. Não me lembro o ano. Arruma o quarto e tudo. Quando eu fui forrar a cama eu vi aquela poça de sangue, eu disse: meu Deus, o que é isso? Essas mulher tão fazendo o que? Ai foi que uma das mulheres que faz a vida chegou pra mim e disse: “olha isso aqui é uma brega, uma boate”. E eu disse: Boate é como? “As mulher arranja esses home que tão tudo na mesa ai, vão pra quarto com a gente, chega lá transa

e essa fichinha que você recebe ele paga ai no balcão e o dinheiro da gente fica todo ai com o gerente, quando fechar a casa ai que vai fazer a conta de quanto a gente ganhou. Mas a gente tem que beber muito pra dar lucro a dona da casa, porque senão ninguém fica”. Eu digo: É? **Fernanda:** De certa forma ela foi explicando e ensinando pra você o que era aquele espaço...**Ivone:** Eu não tava sabendo. Ai eu vi as mulher tudo cheia de dinheiro quando fechava a casa né. Ficava um monte de mulher pra dormir, trinta e não sei quantas mulher numa boate. Cada uma mais linda do que a outra. Tinha até uma mulher que era gerente de banco. Ela largou o trabalho dela pra ir pra prostituição. Ela era de Fortaleza. O nome dela era Leda. Tinha Veronica, tinha Fátima, era um monte de mulher. Eu digo é, o negócio tá é bom aqui. Ai quando fechava a boate, aquelas mulheres, tinha até uma Elas ficavam lá transando com a mulher. Eu digo: Oxente, além de transar com homem, ainda roça! Por que lá no meu interior a gente chama roça. **Fernanda:** Roçar quando é mulher com mulher...**Ivone:** Quando é duas sapatonas, duas mulher viu... Ai eu disse mesmo assim é, tá bom, cheia de dinheiro, depois quando fechava as boate elas mesmo pagavam as bebidas delas com a boate fechada. Ai eu disse: eu também vou fazer a vida porque eu trabalho aqui com essas fichas, não tenho roupa, não tenho nada, essas meninas que me dá roupa pra vestir. Eu dizendo e elas tudo cheia de dinheiro e a dona do brega não me paga. **Fernanda:** Além dessa mulher que te explicou, houve mais alguém que foi te ensinando como é que você deveria... Quem foi te educando ali no brega? **Ivone:** Foi assim. Tinha o gerente e a gerente. Era um homem e uma mulher. O homem ficava no balcão e a mulher ficava nas mesas. Ai ela dizia mesmo assim: todo mundo dormir! Porque o quarto dela lá no brega era o mais chique que tinha, porque ela era poderosa, porque ela era a colega da cafetona, a que ficava administrando tudo. Ai chega Leda e disse: Ô Ivone, eu vou te contar uma coisa, tem um freguês meu ai que ele é louco por você, porque eu dava as fichas. Eu não transava com ninguém e os homem ficava fissurado quando ia pra quarto com as mulher porque me via ali novinha, magrinha, de peitinho duro. Agora não que eu já tô velha. Ai eu disse é mesmo e eu com uma vontade de transar. Era nova. Ai eu disse: olha Leda, eu não vou transar não porque se Elza ver eu transando vai ser a maior confusão. Ela disse: “ô besta a gente faz cobertura” (...) Mas como as parede do brega eram de tábuas, era assim de meia parede, não sei como foi que aquelas mulheres achou uma escada e botou em cima da parede e quando eu tava transando com o freguês... Eu não sabia transar não. Ai quando o freguês chegou e tirou o pênis e disse: dê uma chupadinha aqui. Eu disse: não, que eu nunca fiz isso com ninguém. Ai ele disse: chupa... E eu nada de chupar. E tava as meninas lá em cima: Chupe Ivone que a gente faz isso. **Fernanda:** Elas todas foram te ensinando...**Ivone:** Foi me ensinando, em cima da parede, eu disse não, não, não... Ai eu fui fazer, mas tem uns pênis que é chorão, sai aquele líquido. Ai eu me engasguei. Ai o homem me deitou normal. E elas: vai, suspende as pernas, elas me ensinando. E eu morrendo de vergonha. Perdeu tesão. Perdeu tudo pro meu lado. Vira de quatro. Põe sua perna de dentro da dele. Levante o bumbum. Eu me arretei, não quis mais homem. Ai quando tá nessa confusão chega a Elza e pergunta: “o que vocês tão fazendo com a menina ai?” As meninas tudo ai na escada olhando. Abre a porta. Quando abriu tava eu. Foi uma confusão. Ai eu pedi a dona do brega: eu quero fazer a vida porque eu trabalho pra senhora e a senhora não me paga e as mulheres cheia de dinheiro ai, eu nova e os homem tão me querendo. Vou fazer a vida. Ela disse: “não aqui você não vai faziam a vida não. Se você quiser fazer a vida você vai fazer no 51”. Ai

*eu desci pra Ladeira da Montanha, fui fazer a vida lá no 51. Quando eu chego lá a boate era linda. Ai fiquei lá fazendo a vida... **Fernanda:** Depois que você foi lá para o 51 e as mulheres te ensinaram você foi aprendendo outras coisas...**Ivone:** Ai fui aprendendo as outras coisas que as outras mulheres que fazia a vida lá foi me ensinando... Elas ia me ensinando, dizendo olha você pegue aquele homem ali que ele é bom, ele tem dinheiro, peça seu preço certo, peça suas doses de campari, de uísque, que era tudo luz negra e vá combinar com o dono da casa, com o garçom para ele botar, ao invés de botar a bebida no seu copo, ele bota mais água e chega e pega o campari e molha a beira do copo pra não ficar bêbada. Ai bebia umas três doses, ai já convidava pra ir pro quarto, a gente descia uma escada, pois os quartos eram lá em baixo, ia transar com ele, voltava, ai ele ia ficar na mesa ou se não quisesse e ai a gente já não ligava pra ele porque já tinha transado. A gente sentava numa mesa, os homem era que chamava. Era o homem que chamava dentro da boate. Ai eu ia pro quarto. Eu sei que nesse dia. Nessa noite eu peguei mesmo uns 10 homens. Chega eu fiquei com a xereca inchada e o pé da barriga tudo doendo, tudo acumulando aqueles esperma”.*

O relato de Ivone revela para além de sua inserção no *brega* uma série de situações, aprendizados e saberes que vão sendo construídos neste lugar. Durante a pesquisa e inserção em campo, ainda que em sua maioria não houvesse entre as mulheres uma inserção duradoura em espaços de escolarização formal, foi possível perceber que a sagacidade, as perguntas: “*Brega é como?*”, a curiosidade, as habilidades desenvolvidas, a lucidez são elementos presentes em suas trajetórias e que as permitem e permitiram estabelecer um processo educacional que parte da prática e do cotidiano, que parte do enfrentamento das adversidades e a busca por soluções. Paulo Freire, em uma pedagogia da pergunta aponta que neste movimento de perguntas e não apenas de resposta o ser humano se constitui um ser de consciência, autonomia e a caminho da liberdade. Neste movimento de busca o ser humano busca a melhor resposta para si, a partir de sua singularidade e historicidade.

No jogo constante de suas respostas altera-se no próprio ato de responder. Organiza-se. Escolhe a melhor resposta. Testa-se. Age. Faz tudo isso com a certeza de quem usa a ferramenta com a consciência de quem está diante de algo que o desafia. Nas relações que o ser humano estabelece com o mundo há, por isso mesmo, uma pluralidade na própria singularidade. E há também uma nota presente de criticidade (FREIRE, 1982, p.40).

A pluralidade a partir da singularidade de cada mulher esteve presente nos relatos e narrativas apresentados. Na medida, em falavam da inserção na *batalha*, apontavam deslocamentos, transições, movimentos, ambiguidades e contradições presentes tanto em seus discursos quanto no contexto. Além do mais, o modo como foram construindo o “estar na

rua” e “estar na *batalha*” foi se alterando, com o tempo, ganhando contornos novos, ressignificados, novos aprendizados e saberes.

Na *batalha* algumas estratégias são utilizadas pelas mulheres a fim de garantir o cuidado consigo mesmas. Ivone fala da bebida e do que deveriam fazer para não ficarem embriagadas. Rosângela fala de cuidados a partir de aprendizados que trouxeram do ambiente familiar e que as ajudam no cotidiano da *batalha*. Ela rememora um tempo em que não havia camisinha e o que deveria fazer para se proteger. Na mesma medida demonstra que aprender a administrar os próprios bens, ajudar a família em contraponto com o farrar eram medidas necessárias.

*“Fernanda: E na batalha? Tem várias coisas que vocês vão aprendendo no dia a dia, teve coisas que alguém foi te ensinando, te dando dicas...
Rosângela: Tinha... Tinha quem dizia, Rosângela, bote dinheiro na caixa, leve pra sua família. Eu não botei na caixa. Botei na... E levei pra minha família. Ajudei muito a minha família. Agora não dizia de onde vinha. Dizia que era doméstica e tal. Fui muito besta também. Fui muito lesada. Me roubavam muito. Tinha dona de casa que mandava eles roubar. Fui muito enganada. Hoje não. Hoje pra me enganar tem que ter cem anos de perdão. Foi quando eu tive essa menina aqui (mostra a foto). O avô dela já morreu, a tia já morreu...Viajava muito. Gostava muito de viajar. E outra coisa, gostava muito de fazer meu dinheiro, quando meu marido chegava eu tinha... Eu pegava meus dólar, era mais pra farrar, chegava no brega e os homens diziam: venha dançar comigo. E eu dizia: Eu? Me sujar toda? Meu corpo limpinho. Não era pra dançar a noite toda...
Fernanda: E na época que não tinha camisinha, você tinham algumas técnicas que vocês usavam?
Rosângela: Tinha, a gente usava muito arueira...Quando não tinha aquela ducha da farmácia a gente comprava desodorante. Quando secava a gente lavava. Fazia um chá, enchia aquele negócio e dava a ducha. A gente se cuidava assim...”*

Luci também fala de aprendizados e da experiência que foi adquirindo com o tempo. Se antes “farrava” muito, hoje pensa duas vezes antes de gastar tudo o que ganha.

“Luci: Eu ganhei dinheiro. Mas não soube aproveitar. Tomava cerveja, bebia. Agora hoje em dia eu sei poupar as coisas porque já tô com idade já. Depois que veio minhas filhas e meus netos eu comecei a pensar mais as coisas. Na época era um cosia boa, era bom demais. Os coroas ajudavam a gente. Davam presentes. O meu eu ganhava. Tinha cliente que dava roupa. E os cliente eram fiéis. Depois que começou essa bandidagem aqui na Praça ai eles foram lá pra Piedade. Estão tudo lá na Piedade”.

Dentre os aprendizados está o reconhecimento de coisas que não se soube aproveitar. A entrada e inserção na *batalha* exigem uma série de saberes e aprendizados, no entanto, a

sua permanência exige também a capacidade de continuar desenvolvendo e recriando estes aprendizados.

Nesta pesquisa, o que se tem pretendido é a partir das narrativas das trajetórias das mulheres que exercem a prostituição de baixa renda compreender de que modo elas foram se socializando, se educando, aprendendo e construindo saberes a partir da *batalha*. Isto significa não apenas os saberes e aprendizados entre elas e os clientes, mas entre elas mesmas, com outros atores (vendedores, ambulantes, passantes, turistas), com pessoas de instituições e projetos sociais, com seus familiares. Deste modo, entre outras coisas o que importa nesta pesquisa são suas narrativas, trajetórias contadas desde e a partir delas e suas circulações, ou seja, o modo como se movimentam neste contexto.

Olivar (2010) tratando da experiência de quatro mulheres militantes em Porto Alegre e baseando-se em narrativas de trajetórias aponta que a memória, neste processo, não é algo que deve ser provado ou demonstrado. Desse modo, as formas como as mulheres narram suas trajetórias, imbuídas de contradições, encontros e desencontros significa seu modo de “agenciamento”, seu modo único de estar e se fazer no mundo.

Durante a pesquisa, o modo como as mulheres narram e narraram suas trajetórias as colocam como autoras de seus caminhos possibilitando entrelaçar os laços, dar significados e empreender sua própria autoria diante da vida, das escolhas realizadas ainda que em meio à escolhas “pré escolhidas” porque pautadas em um contexto social específico.

6 TRAJETÓRIAS, MOVIMENTOS E CIRCULAÇÕES NA BATALHA: SOBRE O COTIDIANO NA RUA

“Gente vai e Gente vem... De todo canto... De todo tipo. Vem a Salvador: terra de todos os Santos. Gente vai e Gente fica...De cada canto... De cada ponto da praça...Dos bancos que escondem estórias. Das vidas que carregam memórias” (Trecho da autora).

Estar na Praça, na rua, na orla ou em bares constitui um tempo longo de vivências e trocas entre mulheres, homens, passantes, ambulantes, vendedores o que possibilita o estabelecimento de “círculos de amizade” como relata Linda, numa das entrevistas. As trajetórias, os movimentos e circulações na batalha envolvem um tempo de espera de clientes, de conversas sobre os mais variados assuntos, de trocas de informações, de compartilhamento de tarefas como o cuidado dos filhos e filhas, entre outros.

Em uma das idas e permanência na Praça, uma pipoqueira com quem conversava, além de mais três mulheres, falou de minhas olheiras e começou a dar dicas do que deveria fazer para cuidar, fornecendo informações sobre estética e beleza. No trecho a seguir apresento o relato feito nesta ocasião. Além das dicas sobre estética outras situações que demonstram os movimentos e o cotidiano na rua.

Da Barroquinha retornamos à Praça da Sé onde encontramos diversas mulheres. Joana estava com um homem e a sogra de Cristiane, que só depois fui saber que era sua sogra. Este homem tentava fazer piadas de cunho sexual, mas não obteve muito sucesso. Algumas outras mulheres foram se aproximando e conversamos. Em seguida, fui ao encontro de Viviane que me chamou a parte para conversar, disse que estava muito chateada com Roberta e durante um longo tempo falou de várias coisas. Começou a chover e tivemos que sair de perto da Cruz Caída onde estávamos. Viviane foi procurando um espaço dizendo-me que a conversa estava boa. Fomos então para a casa das baianas e ficamos até que a chuva passasse. Em seguida atravessamos a Praça e ficamos paradas de frente uma loja de som. Enquanto chovia observávamos as pessoas passarem e pude pela primeira vez como as mulheres se organizam nestes momentos. Em instantes elas se amontoam uma junto das outras tentando fugir da chuva e do frio. Ficam meio que desalojadas e de certo modo encontram umas nas outras a segurança para o momento. Cristiane me vendo veio correndo dizendo que tinha ido resolver questões relacionadas à documentação. Neste momento, me apresentou sua sogra, foi quando disse que já havia visto quando cheguei a Praça. Despedi-me de Viviane e das outras e fui para o outro lado da Praça. Neste momento, Viviane me disse para me afastar de uma determinada mulher. Então, pude perceber que elas meio “disputavam” minha presença. Isto confirmei quando depois de atravessar e ficar de frente a Coelba junto de Amanda, Kátia, Mel e Adriana (a pipoqueira) via de longe as outras mulheres me observarem. Como estava

chovendo sentei-me próximo a elas e Adriana me dava conselhos referentes à beleza, como por exemplo, como acabar com minhas olheiras. Falou de vários produtos bons e que seria interessante procurar uma dermatologista. Me perguntou se eu era psicóloga e se eu conhecia a pessoa só de olhar. Sorrimos e disse que não. Para se conhecer é preciso falar, disse. E ela concordou: “é a pessoa tem que se mostrar”. Neste momento, fomos interrompidas por uma discussão que não se tornou em briga maior pela nossa postura. Sônia chegou alcoolizada e cobrava de Amanda um dinheiro que havia emprestado. Elas começaram a discutir, sendo que Sônia se exaltava de modo mais agressivo. Amanda se conteve e Sônia a deixou. Vale considerar que Sônia estava acompanhada de um rapaz que a defendia e tomava seu partido. Com sua saída, Adriana se dirigiu a Amanda dizendo: “Ta vendo, eu te disse pra não pegar dinheiro com ela.” Neste momento, chega o companheiro de Bárbara com Léo vindo da escola. Ele tenta deixar o menino com Amanda que se recusa. Logo em seguida, vejo Barbara do outro lado da rua com Léo no colo e mais sua filha sentada do lado. (Diário de Campo, 14 de julho de 2015).

No trecho descrito acima se visualizam várias situações que apontam os diversos movimentos, encontros, desencontros, trocas, cumplicidades e distanciamentos que ocorrem na rua, neste caso especificamente na Praça da Sé. Nas pesquisas realizadas por Sousa (2015) e em seu “convívio metodológico” com prostitutas foi possível apreender diversas experiências que na prática da prostituição são desenvolvidas pelas mulheres e, portanto considerados como processos educativos: “aprender a ouvir, a respeitar o outro, a tornar-se cautelosa, a cuidar de si e das colegas de ocupação, a lutar por seus direitos, dentre outros” (SOUSA, 2015, p. 163).

Aprender a viver é uma expressão usada pelas prostitutas (entrevistadas por Sousa) para aludir ao desenvolvimento da habilidade de tornar-se cautelosa, aprendendo a agir com a razão e não só com a emoção, isto é, por impulso. Essa habilidade é fruto de processos educativos que levam as prostitutas a selecionar as palavras que vão ser ditas e de distinguir em que momento ela deve falar ou quando deve fingir que não viu e não escutou (SOUSA, 2015, p. 167).

No próximo ponto aprofundaremos os processos de aprendizados, convivência e intrigas presentes neste cenário, como é o caso da briga entre Amanda e Sônia em decorrência de um empréstimo que ainda não havia sido pago, ou ainda da recusa de Amanda em ficar cuidando do filho de Bárbara. Para além destas situações, o que gostaríamos de demonstrar são os vários movimentos que acontecem nestes lugares.

Ainda em relação ao trecho acima, dentre os movimentos de mulheres e outros atores, a cumplicidade que vai se estabelecendo entre as mulheres, assim como suas contradições, permite que em muitas situações elas estejam com familiares neste ambiente. Se por um lado,

algumas mulheres relatam que seus familiares não sabem de seu trabalho, ou ainda que elas não tivessem “coragem” de falar abertamente como é o caso de Daniela e Linda, por outro lado, no espaço da Praça da Sé é mais comum a presença dos familiares das mulheres do que em outros ambientes. Algumas levam seus filhos e acabam contando com a colaboração de outras colegas no cuidado com os mesmos. Outras como Cristiane, se encontram com outros familiares, neste caso a sogra, a qual ela fez questão de me apresentar. Além destes encontros, em momentos de chuva, observamos como, em certa medida, as mulheres se ajudam e se protegem.

O intenso movimento de encontros e desencontros, acompanhado de um longo tempo juntas, faz com que as mulheres formem “círculos de amizade”. Se considerarmos o tempo que elas gastam na realização dos programas, que pode ser entre quinze minutos à uma hora, e o tempo que elas passam na rua, que pode ser entre oito e doze horas por dia, o tempo em que elas permanecem na presença uma das outras é muito maior.

No trabalho de Pasini (2000) também se verificou o cotidiano da prostituição marcadamente como um cenário onde se estabelecem relações considerando o tempo em que permanecem neste espaço. A autora aponta que neste tempo ocorrem trocas e interações entre as mulheres. Nesta pesquisa, corroborando com Pasini, foi possível verificar a rua como este lugar de interações, movimentos e circulações. Encontramos a partir dos relatos das mulheres que batalham na Praça da Sé que estar na Praça não significa apenas a espera de um cliente ou a busca da realização e programas. Daniela relata que às vezes vem a Praça, mas apenas para estar com as outras mulheres, ficando a observar a circulação de pessoas sem “vontade” para sair com clientes: *“às vezes eu tô trabalhando ali e eu não vou entendeu. Não me desperta vontade não.”*

Nestes lugares, ou nestes pontos como foi utilizado por Pasini (2000) em seu trabalho, as circulações e movimentações entre as mulheres permitem com que elas realizem vendas de produtos de cosméticos, roupas e outros, além de momentos de lazer onde elas bebem juntas ou ainda fazem um churrasco conjunto. Além do mais, elas podem compartilhar refeições ou trocas de objetos de consumo. Falam de seus filhos, conversam com pessoas da prefeitura, das lojas ao redor, tomam conta da guia umas das outros, ou seja, neste lugar suas trajetórias são tecidas e suas circulações transformam-se em possibilidades de sociabilidade. Para Pasini (2000),

O ponto de prostituição é o local privilegiado de sociabilidade. Principalmente porque, enquanto elas estão nos pontos, realizam mais do que negociações com os clientes. Nesse espaço, elas conversam sobre seus problemas, trocam experiências e ajudam, aconselham-se, enfim, interagem.

Essa reunião de mulheres é um modo de formar laços, de estar com os outros, de formar grupos através da sociabilidade (PASINI, 2000, p.42).

É no ponto de prostituição, portanto, que a vida é narrada, contada, dialogada. No ponto, entre movimentos e circulações que as mulheres interagem, “dão risadas”, se juntam e se separam. Bianca fala deste movimento contando que na Praça ela se “distrai muito”, “conversa com as meninas” demonstrando a transitoriedade deste lugar.

*“**Fernanda:** Vocês constroem amizades na rua? **Bianca:** Sim... As meninas que eu fico conversando, meus amigos que eu fico conversando, me acabando na risada. Me distraio muito. Gosto muito de praia... Ai as meninas conversa comigo e eu converso com as meninas e eu me distraio. Ai uma vai pra um lado, outra vai pra outro. Depois se gruda todo mundo de novo na Praça. Todo mundo some e se encontra (risadas)... Gosto de conversar. Acho que eu me distraio muito...”*

Este movimento expresso por Bianca de ir e vir, ou seja, de sumir e encontrar, foi percebido em várias idas e permanências em campo. Em algumas situações as mulheres se encontravam ao redor de uma das guias de outra colega, bebendo, conversando, falando “besteiras”. Em vários pontos da Praça se visualizam estes grupos sentadas ou de pé, entre si, ou com algum possível cliente por perto, transitando e estabelecendo relações. Em outros momentos, as mulheres se encontravam isoladas, sozinhas, cada uma em um ponto, sem conversa, sem diálogo, pensativas.

Nestes momentos, minha chegada sempre era feita de modo mais sutil, pois percebia que nessas situações elas não estavam muito dispostas a conversar. Em várias situações permanecia sentada do lado em silêncio, assim, como outras mulheres também assim agiam. Em outros momentos, entretanto, a presença das mulheres na Praça era quase nula, notando apenas os vendedores, passantes, ambulantes. Trata-se deste “grudar” e desgrudar dito por Bianca, momentos de grude e desgrude no tempo vivido na Praça.

O lugar da Praça da Sé ou mesmo os outros ambientes onde estive em campo, como a orla e bares são vistos pelas mulheres em alguns momentos como um lugar onde o movimento não está bom. Uma reclamação constante era a de que o “movimento não está bom”, referindo-se ao fato de não estarem conseguindo realizar programas ou fazerem suas vendas.

Em relação às mulheres da Praça da Sé é muito comum além da prática da prostituição, desenvolverem outra atividade que é ter a guia. A guia é uma banca onde se vende água, refrigerantes, balas, doces, cigarros, entre outros. Algumas mulheres afirmam que

na verdade não estão mais batalhando e se firmam dizendo que somente estão com sua guia. Outras estabelecem como sonho para seu futuro poder “colocar uma guia” considerando que esta seria uma fonte de renda. Nestes momentos, algumas mulheres relatam e consideram a guia como trabalho desconsiderando a realização de programas.

Em um Seminário desenvolvido pelo PFF, em 2010, pela comemoração de 10 anos do Projeto uma das mulheres expressava seu desconforto em relação a sua vivência na prostituição:

“Meu nome é (...), eu vivo em Salvador e represento a Força Feminina... Eu vivo nesta vida porque eu não tenho outro meio e me sinto envergonhada, decepcionada, humilhada, arrasada, porque sou discriminada, somos discriminadas... Não temos direito na sociedade, não temos liberdade dentro da sociedade. Então, enfim, todas nós somos discriminadas, nós que faz parte do sexo, da vida, do sexo. Muitas vezes tem mães de família, nós somos mãe de família, tem mulher ai que como eu, eu mesmo me sinto envergonhada. Fico mais nos bares, fico mais distante de minhas colegas que faz programa porque eu não gosto de estar no meio, assim na praça, porque é público, porque sou muito vista, a gente fica muito vista, eu tenho muito conhecimento, tenho amizade lá fora e quando eu me encontro, ai as pessoas me perguntam você esta na Praça da Sé fazendo o que? Ah, eu fui pagar uma luz, passei ali e fui na Coelba, fui fazer uma compra, fui na farmácia... Tudo isso eu fico me escondendo atrás da realidade... porque eu me sinto envergonhada desta vida que eu levo. Então, eu acho o seguinte, se a gente, que não tem coragem de enfrentar a vida da prostituição não entre no mundo do crime, porque o crime não merece a vida de uma mãe de família. Então ela que vive no meio do crime, que deixa a prostituição pra se envolver na droga e muitas e muitas vezes a gente é forçada mesmo a ir pra dentro de um motel com um cidadão porque ele oferece 50 conto, oferece 100,00... Ai a gente vai, não é pra usar drogas, muitas e tantas vezes eles oferece: Você não quer vender não... eu mesmo não tenho medo, porque minhas costas é estreita e não guenta castigo e tenho medo de ir pra trás da grade. Então eu não vou participar do mundo da droga porque eu sei que eu não me garanto, ser traficante. Então elas, tem muitas delas que vai e leva desacerto. Muitas delas que sai do mundo da prostituição, ai vai pra droga e chega lá vai presa, vai castigada e ai o mundo da prostituição... eu mesmo eu faço, eu participo da prostituição mas eu fico envergonhada, eu me sinto envergonhada e massacrada porque... Principalmente pela sociedade mulher, porque elas pensam logo... Ali é prostituta, sai com meu marido, sai com meu sobrinho, ai elas, a mulher, o homem nem tanto, o homem não tá ai nem tá cheirando, mas as mulheres é quem mais discriminam a prostituição... E somente”.

O trecho exposto, atrelado ao que as mulheres falaram muitas vezes durante as abordagens em campo em relação a ter uma guia, normalmente estava relacionado a um não estar bem neste espaço (a prostituição). Se por um lado, as mulheres afirmam junto de Bianca que na Praça muitas relações são construídas, há um grudar-se e desgrudar-se, estar na Praça remete também para muitas e para as mesmas mulheres uma situação de desconforto e

vergonha. Nessas situações as mulheres que afirmam sentir vergonha também falam que gostariam de ter uma guia como uma possibilidade de “saída” desse ramo. Essa saída, entretanto não é permanente, na maioria das falas das mulheres que expressaram o desejo de ter uma guia, esta deveria ser na própria praça onde poderiam então continuar em relação com as outras colegas e com o ambiente. Para Bianca, por exemplo,

Pra ter uma vida melhor tem que ter uma guia pra trabalhar, qualquer coisa pra eu sair dessa vida. Porque eu não tenho precisão de andar nesta vida, minha família toda de bem. É isso que eu quero. Tem dia que a gente ganha, tem dia que não ganha. Ai vou pro projeto, venho pra praça, que isso não é vida. Tá no projeto, tá na praça. Não adianta. Tem que ter uma atividade na vida. Outro tipo de projeto.

É justamente o movimento de incerteza entre “tem dia que a gente ganha” e “tem dia que não ganha” em relação com “o movimento não está bom” que muitas vezes se relaciona com o desejo de ter uma guia, de ter outra fonte de renda. Daí as mulheres falam em ter um trabalho, ou um “outro tipo de projeto”, como diz Bianca desconsiderando a batalha como trabalho. Um movimento ambíguo onde em alguns momentos afirmam que a batalha é um trabalho e em outros desafirmam esta mesma premissa. A própria Bianca o faz:

“Fernanda: Você acha que as pessoas têm preconceitos com quem faz programa? Bianca: Eu acho. Porque o povo tira foto da pessoa que faz vida. Ela tá ganhando o pão de cada dia dela, não tá roubando, não tá matando. O mal é o preconceito. O Mal... Quando eu vi aquilo ali no... Quando eu assim que a menina me mostrou eu disse: ai meu Deus do céu, ainda bem que eu não tava aqui na praça. As meninas de R\$10,00, de R\$20,00... Todas na praça... tá no jornal... botaram no jornal. Tiraram foto. Tiraram foto das meninas que fazem programa na praça. Ainda bem que eu não tava nem aqui. Ai elas falaram: já pensou as famílias saberem que eu tô fazendo vida? Que vergonha. É isso Fernanda que eu tenho medo. Já pensou sair no jornal? Cada uma vive como quer”.

Assim como a fala da mulher citada anteriormente em participação do Seminário de 10 anos do PFF de que se sente envergonhada em decorrência do preconceito e discriminação que vivencia na prostituição, Bianca aponta claramente estas contradições: ora quer ter uma guia para enfim ter um trabalho, ora, considera que a pessoa que faz vida “tá ganhando o pão de cada dia” e, portanto, não está realizando outras atividades que considera ilícitas. Este foi certamente um dos pontos muito presentes nas falas, nos gestos, nos movimentos das mulheres na medida em que narravam suas trajetórias, ou seja, a discriminação e o

preconceito com que são vistas pelas outras pessoas da sociedade é o que marca profundamente os discursos apresentados por elas.

Em momentos de descontração e liberdade elas conseguem falar e expressar elementos que consideram importantes na vida da *batalha*. Sobre relações importantes com clientes, entre elas ou com outras pessoas, com a vizinhança e o entorno e como se sentem respeitadas e respeitam estas pessoas.

A fala relacionada ao trabalho desenvolvida pelo PFF vem acompanhada demonstrando que o fato de estarem inseridas no Projeto tanto lhes permite perceber que devem ser respeitadas quanto que “fazem parte da sociedade”. Outra fala de uma participante do Seminário de 10 anos do Projeto nos esclarece:

“Bom dia... Eu sou (...), de Itapetinga, sou uma mulher muito sofrida, saí da casa de meus pais com 11 anos de idade, eu conheci o mundo, sofri, lutei, entendeu? Eu me considero uma mulher guerreira porque eu já passei por muitas coisas, agora nunca usei drogas, nunca andei com pessoas erradas, o meu defeito que eu só tinha é vender meu corpo. Sempre gostei de andar bonita, frequentei várias boates aqui de Salvador, boates lindas. Hoje eu tive um acidente comigo, eu tentei suicídio, dei derrame, mas eu me considero uma mulher guerreira, frequento a Força Feminina... Estudei, eu não sabia nem ler, nem escrever. Hoje escrevo, já tirei meu título, já votei, já sou uma cidadã, entendeu? Me considero outra pessoa entendeu?”

Dentre as diversas ações desenvolvidas pelo PFF se encontrava a de fomentar a participação e ocupação das mulheres em espaços públicos e políticos. Na medida em que participavam das discussões nesses espaços iam descobrindo que na verdade elas fazem parte da sociedade sim.

Após uma das idas ao Ministério Público para falar da realidade da prostituição, apresentar as ações do PFF e apresentar situações de violações de direitos vivenciadas pelas mulheres, em momento de avaliação sobre esta ação uma das mulheres expressa: *“Fomos bem vistas pela sociedade. Você não sabe o que foi pra mim estar naquele lugar? Eu me senti valorizada, eu me senti valorizada...”*. Estar nestes outros lugares, para além da Praça, requer não apenas deixar de lado o ser prostituta, antes significa empoderar-se a partir deste lugar e das vivências que ele possibilita. Significa, portanto, vencer as situações de envergonhamento diante de uma sociedade que discrimina e estigmatiza.

Espinheira (1984) apresenta o conceito de divergência quando discute sobre prostituição a partir da realidade no Maciel em Salvador e enfatiza que este conceito é entendido como um “mecanismo que não encontra saída nos padrões de condutas vigentes” e

desse modo ele perde o sentido de simples desvio ou transgressão. Quando se fala em uma conduta divergente questiona-se sobre a que, a quem e por que é divergente. Seguindo alguns estudos com campo da sociologia alguns tipos de comportamentos vistos como desviantes estão ancorados em um sistema que preza pela homogeneidade e uniformidade destes comportamentos. Assim,

Divergentes são todos os comportamentos que, de uma forma ou de outra, não seguem os padrões normativos, não implicando, contudo, em necessária transgressão, que pode, entretanto, ocorrer, criando alternativas não validadas pelo sistema de valores, adotadas por um grande número de pessoas isoladamente ou em agrupamentos, formando muitas vezes comunidades características em que a divergência com relação a determinados padrões assume o lugar da própria ordem normativa, formando subculturas próprias e envolventes (ESPINHEIRA, 1984, p.29).

Ao tratar sobre a prostituição e a sociedade o autor retoma alguns posicionamentos sobre o tema e afirma que ela tem sido um problema e um dos temas mais constantes e presentes em todas as sociedades. Resgata as reflexões que foram sendo feitas acerca da prostituta ao longo da história. Após retomar as visões de tipo médico, psicológico e social Espinheira afirma:

A prostituição é um fenômeno que envolve a estrutura da sociedade; é constituída pelas condições econômicas precárias e desprestígio social, e mantida pela vigência de normas e valores tidos como ideais, mas que, na verdade, estão distantes da realidade. A prostituição torna-se funcional na medida em que ajuda a preservar determinadas normas e valores, e disfuncional por ser a expressão de comportamentos divergentes (ESPINHEIRA, 1984, p.45).

Consideradas como aquelas que carregam estes comportamentos divergentes, as mulheres que exercem a prostituição carregam essa ambiguidade presente em seus discursos como temos percebido ao longo de suas falas e relatos. A sociedade estigmatiza e discrimina, assim como as mulheres assumem este processo de estigmatização oscilando ora aceitação do trabalho que fazem, ora negando.

Trazer esses elementos ao abordar as trajetórias, movimentos e circulações das mulheres na rua implica em considerar que os mesmos estiveram fortemente presentes nas falas, nos corpos, nos deslocamentos e relações das mulheres. O pouco conhecimento deste universo acompanhado do profundo respeito por esta realidade e pelas atrizes que dele fazem parte, faziam-se tanto estando em campo quanto rememorando o que vivenciei junto à elas a

partir da experiência nos Projetos da Rede Oblata mostrando o quanto esta realidade é ambígua e complexa.

Por diversos pontos, de diversas formas, de distintos jeitos e modos deve ser olhada esta realidade. Às vezes compreendendo, às vezes desconhecendo, indo e vindo, seguindo o próprio movimento da rua, o movimento de “grude” e desgrude, o movimento de se sentir parte e se sentir fora desta parte. Enfim, estabelecer um movimento dialético e constante de busca e entendimento.

Desse modo, com Olivar (2010), entendo que a prostituição assim como as trajetórias e caminhos feitos, pelas mulheres ai imersas está para além do trabalho ou comércio. Ela deve ser entendida como corpo e espaço de experiência, ou seja, “espaço privilegiado de existência” (p.27).

No espaço da prostituição, na praça, nos bares ou na orla, as mulheres se fazem e se constroem nestes lugares-territórios em meio aos movimentos e circulações elas dão significados e sentidos a sua existência. Na perspectiva de Benedetti (2004), é

Na convivência nos territórios de prostituição que as travestis (em nosso caso as mulheres) incorporam os valores e as formas do feminino, tomam conhecimento dos truques e técnicas do cotidiano da prostituição, conforma gostos e preferências (especialmente os sexuais) e muitas vezes ganham ou adotam um nome feminino. Este é uma dos importantes espaços onde as travestis constroem-se corporal, subjetiva e socialmente (BENEDETTI, 2004, p.06).

A rua então se constitui como território e lugar. Por território se entende que ela é marcada pelo domínio e pela posse e, portanto se mostra como uma área delimitada de pertença de diversos atores. Por outro lado, a rua se constitui como lugar por corresponder a um pedaço onde se desenvolvem relações que ultrapassam o limite do trabalho e se constroem relações e afetividades (SGANZELLA, 2011).

No trabalho de Sganzella, a autora buscou entender em que medida havia amizade entre as mulheres prostitutas além do ponto de trabalho, como eram as relações, o que elas faziam em tempo livre, de que modo se constituía a sociabilidade entre elas. A partir do próximo círculo de diálogo pretendo a partir das narrativas das mulheres adentrar um pouco mais neste aspecto: a sociabilidade e convivência das mulheres na Praça, na rua, nos bares, na orla; assim como compreender os modos de relações com os clientes, familiares e outros atores que compõem o cenário da prostituição.

6.1 Aprendizados, convivência e intrigas na *batalha*

Dos muitos espaços de diálogo e conversação com as mulheres durante a permanência em campo e das memórias de encontros e vivências do tempo que estive atuando no PFF, este talvez tenha sido sempre um tema intrigante e com diversas nuances. A pergunta acerca das relações entre as mulheres veio quase sempre acompanhada de expressões do tipo: “aqui a gente não tem amizades não”, “aqui não tem amizade, só tem uma querendo passar por cima da outra”, “eu prefiro ficar no meu canto pra não me misturar”. Entretanto, apesar das intrigas presentes nas falas e nos gestos das mulheres por diversas vezes foi possível observar situações de amizade e cuidado de uma para com as outras.

Linda fala que é possível construir relações de amizades na batalha:

“Fernanda: Então assim, você construiu uma amizade com ela e dá pra construir amizades na batalha? Linda: Dá sim. Tem muita inveja, tem muita falsidade, mas tem pessoas que eu acho que a gente passa a ser irmã. Eu tenho amigas, amigas mesmo. Não é dizer assim, são colegas não. Tenho amigas, mas também tem muita inimiga, tem muita gente querendo te destruir, não guenta ver você tendo uma coisinha a mais porque quer jogar você contra as outras. É um mundo assim sabe Nanda, é mais traição do que amizade. Se você não tiver uma cabeça no lugar você acaba fazendo um monte de besteira. Principalmente se envolver com drogas. Se você não tem uma cabeça boa, você se envolve mesmo”.

Em muitas das narrativas, a amizade com algumas mulheres se fortaleceu no processo de construção de aprendizados e saberes dentro do contexto da prostituição. Viviane conta que a mulher que lhe levou para conhecer as boates, e em Recife, foi uma das poucas amizades que conseguiu construir na batalha.

“Fernanda: Quando você começou a batalhar alguém te mostrou, te ensinou? Viviane: Foi uma amiga que me mostrou. Essa menina já mataram ela. Os cara matou ela enforcada. Ela me ensinou tudo. Ela me ensinou. Ela me levou na boate e me falou como era e como não era. Muitas coisas... Ela me mostrou as boates de Recife todas. E eu não conhecia as boate não. E ela me levava pros restaurantes chique, churrascaria. Quando mataram ela, ela tava grávida de um alemão e ela deixou muita coisa pra mãe dela. O nome dela era Ana Paula. Foi a única amiga que eu tive. Pronto. Vou lhe dizer logo. Por isso que hoje eu sou assim. Foi ela que me ensinou tudo. Foi ela que pediu pra mim não confiar em todo mundo e realmente aqui ninguém tem amiga. Não tem Fernanda. Eu digo uma coisa a você: você tenha muito cuidado, assim, porque aqui ninguém tem amiga não. Também não dê confiança pra ninguém não porque você dentro dos projetos é uma coisa, mas fora é outra. Pronto. Depois dela eu não quis amizade com ninguém. E era amiga. Não era onçona não”.

Constantemente as mulheres evidenciavam que era necessário “tomar cuidado” com algumas delas. Muitas vezes recebi sinais de que não deveria se aproximar de algumas.

Luci e Carla usam como estratégia ficar mais isoladas e sozinhas com o intuito de não “arrumar confusão”, segundo elas.

*“**Luci:** Elas sentam aqui de junto de mim e diz: Ah, Luci, você tem um sangue bom. Toda vez que a gente senta de junto de você as meninas fazem programa. Você tem um axé muito bom. Ai eu digo: tudo bom. Ai elas sentam aqui, fazem os programas delas ai. E pronto. Tá tudo bem. Mas eu não me ajunto com ninguém. Meu negócio é só. Como aquele ditado: antes só... Pra evitar fofoca e “diz que me disse” Ai eu sento aqui no meu cantinho. Isso ai”.*

E Carla:

*“**Carla:** Você sabe né... Tem amizade. Tem uma brigando. Mas eu fico conversando com elas aqui. Eu não ando brigando com elas. É elas lá e eu cá no meu cantinho. Gosto de ficar mais sozinha...”.*

Por outro lado, Rosângela, fala de uma amizade de solidariedade, de uma amiga que dividia comida e compartilhava o que tinha, esta mesma mulher era para Rosângela referência de alguém que lhe ensinou a viver, alguém que marcou sua trajetória.

*“**Rosângela:** Tinha muita amiga. Eu tinha uma amiga muito boa. Se ela comia um ovo ela separava. Tinha muita amiga boa, mas tinha mulher também, que já tomei tapa. Já dei tapa, já fui pra... Bater... Foi um inferno.
Fernanda: Teve alguma mulher durante estes tempo ou cliente, alguém no mundo da batalha que marcou sua vida, que te ensinou alguma coisa?
Rosângela: Não minha filha, eu não vou mentir a você não. Quem me ensinou a viver... Quem me ensinou a viver foi a finada (...) que morreu no desabamento. Essa me ensinou a viver. Ela não queria meu mal, só queria meu bem. E a finada (...) (referindo-se a outra mulher) que era minha dona de casa. Mas era não pra ter morrido, não. Mas entrou no mundo das drogas”.*

Luana também fala dessas amizades, contando que na verdade, cada uma fica no seu canto, mas quando a “coisa fica feia”, uma vem ajudar a outra. Em seu caso, nos momentos em que se desentende com seu companheiro é a intervenção de outras mulheres e moradores da região que vem em seu auxílio.

“Fernanda: E entre vocês mulheres? Luana: é muita falsidade. Pode contar no dedo as mulheres que são amigas. As mulheres, a maioria é só pilantragem, é só falsidade. Fernanda: Mas vocês não conseguem construir amizades? Luana: Consegue. Tem muitas amigas... Amizade que compreende, que luta por você, amizade que dá conselho, amizade que diz; calma, vamos ver a situação. E eu tenho amizades... São poucas, mas temos. A depender... Se por exemplo: eu coisar com meu marido já defende, entendeu. É isso. Que às vezes eu tô muito distante e deixo ele ai e todo mundo que vê... Assim são amizades que eu tenho... Eles vão me ajudando. Olha meu lado com ele”.

Ainda que haja inimizades e intrigas, em algumas situações sobressai mais a amizade do que a intriga e competição. O fato de estarem no mesmo espaço durante várias horas possibilita a construção de arranjos e organização. Observando atentamente os movimentos da Praça é possível perceber algumas mulheres que sempre se encontram juntas, mulheres que cuidam dos filhos e filhas umas das outras enquanto realizam programas ou ainda em outras situações, visitas em hospitais ou em momentos em que se encontram doentes. Em situações em que ocorrem, por exemplo, violências e mortes, como foi o caso de uma das mulheres que foi brutalmente enforcada por um cliente no hotel as mulheres se unem e solicitam ajuda no enfrentamento destas situações.

A convivência das mulheres nos espaços da *batalha*, seja, na Praça, na orla, rua ou bares requer, segundo as mulheres, o estabelecimento de algumas regras de convivência. Regras, que como vimos, estão relacionadas ao funcionamento do comércio sexual. Nesse sentido, o estabelecimento de valores para a realização dos programas, não ficar com companheiros e ou maridos de outras mulheres, usar preservativos, são pontos cruciais. No entanto, ainda que haja estes acordos, muitas vezes acontece a quebra dos mesmos. De modo mais recorrente, escutei essas reclamações vindas das mulheres da Praça da Sé. Dentre outros fatores, algumas reclamaram de que as sacizeiras e as mulheres que roubam os clientes atrapalham muito no trabalho delas.

A relação com as mulheres usuárias de drogas aparece nos discursos das mulheres entrevistadas como algo conflitante. Ainda que na atualidade a maioria das mulheres faça uso de algum tipo de drogas, as reclamações surgem em relação àquelas que chamam de sacizeiras, por fazerem uso contínuo e abusivo de álcool, crack e outras drogas.

Silva (2000), em sua dissertação em práticas de saúde com mulheres da luz, zona central da cidade de São Paulo, buscou conhecer as relações estabelecidas entre a prática da prostituição de baixa renda e a prática do uso de crack mostrando, portanto, os preconceitos e processo de estigmatização que estão sujeitas as mulheres neste contexto.

Na Praça da Sé esta relação não se deu de modo distinto. Antes, as mulheres que além da prática da prostituição fazem uso abusivo de drogas são vistas pelas outras mulheres de modo diferente. É possível afirmar, portanto, que dentre os processos de convivência das mulheres existem distinções e separações de grupos: existem aquelas mulheres que não se cuidam, que andam sujas, aquelas que estão sempre bem apresentáveis, as que usam drogas ilícitas, as que não usam.

Fatos evidentes ao término da entrevista com Luci, conforme relato do Diário de Campo:

Ao final da entrevista Luci fala de uma das mulheres que está andando pela praça. O nome dela (...) (do cine privê). Luci me diz: “Está vendo esta mulher? Ela esta empestada...” Pergunto: O que é empestada? E Luci responde: “Tá botando doença nos homem tudo, tem dois ai que tá querendo matar ela. Já veio aqui e tudo procurar ela mas não achou.” A partir dai conversamos sobre estes cuidados que deveria se ter na realização dos programas. Luci me fala que na verdade na Praça todas sabem umas das outras, não tem como não saber, sempre que saem com algum cliente e se percebe algo em relação à doenças se conversa, se fala... Na sua opinião, é justamente por causa deste “disse me disse” que ela procura ficar em seu canto, sem muita conversa. Tem amizades com poucas mulheres. Na verdade, este é um elemento que venho percebendo em minha ida a Praça: algumas mulheres estão sempre acompanhadas ou em grupos, outras preferem permanecer sozinhas para “evitar confusão”, como elas mesmas dizem (Diário de Campo, 27 de julho de 2015).

Além do grupo daquelas mulheres que não se cuidam, tem aquelas que não respeitam os preços comuns a todas e acabam realizando programas por preços inferiores, o que acaba por prejudicar as outras. Tem o grupo das mulheres que bebem juntas. Ainda que brigassem estavam sempre juntas ao redor da guia de uma delas, conversando, brigando, bebendo e contando histórias. Nestes espaços, elas falam das pessoas que passam pela Praça da Sé, estabelecem relações, dividem angústias e procuram soluções conjuntas.

6.2 Atores, Práticas, Movimentos e Envolvimentos

“Tem pessoas que vê nesse mundo da prostituição um círculo de amizade diferente, coisas que você não tinha antes” (Linda).

A circulação na *batalha* envolve uma diversidade de atores e movimentos que compõem uma rede de relações e a rede do comércio sexual. Além dos clientes, das mulheres,

dos familiares que muitas vezes circulam pela rua, outros personagens surgem compondo o cenário.

Na Praça da Sé é possível observar vendedores, turistas, agentes sociais (Assistentes Sociais, Enfermeiras, Redutores de Danos) de Instituições que se localizam no Pelourinho, Pipoqueiros, Artistas, Policiais. Na orla, também pude observar, além do grupo de mulheres que permanecem sempre juntas, Vendedores de água de coco, Salva Vidas, Guardadores de Carro, Vendedores de Queijo, entre outros.

Em uma tarde de sábado, estando na Orla à espera das mulheres, estabeleci um diálogo com o vendedor de água de coco e caldo de cana e então pude perceber quantas informações ele trazia e como de certa forma ele e o guardador de carro, que também participava do diálogo, observam, interagem e estabelecem relações com as mulheres e seus clientes naquele espaço. Durante nossa conversa, chegou um cliente à procura de uma das mulheres e foi justamente o vendedor de água de caldo de cana quem lhe deu todas as informações: falou de horários, do melhor dia para encontrar a mulher e ainda teceu outros comentários. E lá vou para mais um dia no campo. O local deste dia é a Orla, em Patamares. Marquei um horário com uma das mulheres. Cheguei cedo. Era sábado e como ela não havia chegado comprei uma água de coco e sentei a ver o mar. Logo em seguida, o rapaz que vendia a água de coco percebeu que eu demoraria e me ofereceu um de seu banquinho para sentar-me. Ali fiquei... E o tempo passava. Várias pessoas se aproximavam e compravam ora água de coco, ora caldo de cana ou água mineral. O movimento era constante. Além dele ficou junto de nós o rapaz da prefeitura que fica a observar e cobrar as cartelas dos carros. Os dois conversavam várias coisas: “papo de homens”. O guardador de carros falava de sua ex companheira, que a mesma havia colocado-o na “justiça” por ele não estar pagando a pensão do filho. Entretanto, em sua fala, ela estava equivocada, pois estava pagando, mas como ele não pegava recibo ficou parecendo que não pagava. Ele dizia que até o final do ano aprontaria algo com a ex companheira. O dono da barraca de água de coco por sua vez o aconselhava a não fazer nada dizendo que não ia dar em nada. Enquanto escutava o diálogo de ambos ficava pensando: este é um papo de homem. Foi o que me ocorreu naquele momento. Tantas vezes juntos das mulheres escuto tantas conversas e neste sábado enquanto elas não chegavam pude escutar um pouco do outro lado. O rapaz do carro saiu e ficamos somente eu e o dono da barraca que tirando amendoim para comer me ofereceu e ai começou a conversar. Perguntou de onde eu era e o que estava fazendo ali. Falei então que esperava uma das mulheres e ele ofereceu-me uma revista de apartamentos dizendo: olhe ai para passar o tempo. Enquanto isso se levantou e foi atender mais um cliente. No retorno, continuou a conversa dizendo ser de Cachoeira e que desde os 11 anos de idade vive em Salvador, disse gostar muito da cidade e que prefere viver aqui a voltar para sua terra. Enquanto conversávamos chegou uma das mulheres, além do salva vidas. Ambos ficaram sabendo que eu esperava uma das mulheres e como esta não aparecia aquela que havia chegado conversava comigo e falava um pouco como andava o movimento nos últimos dias. Disse que as mulheres chegariam mais tarde. Tentou conseguir outro telefone da mulher que havia marcado comigo. Ligamos mas em vão. Na verdade, à tarde toda ali me

parecia sem sentido algum. Não havia conseguido falar com quem gostaria, entretanto, depois percebi que sentada ali por longo tempo observando e me aproximando de outros atores que compõem o cenário que é de meu interesse era a oportunidade única de ir entendendo ainda que muito pouco o que se passa neste contexto. Estando neste espaço pude observar algumas relações neste ambiente: a mulher que neste espaço vende cosméticos e outros produtos, o vendedor de água de coco tem uma boa relação com o guardador de carro, existem pessoas que trazem comidas para aqueles que estão nestes ambientes. Neste ambiente, várias relações acontecem, mulheres e homens tecem diálogos sobre suas vidas. Em alguns momentos mulheres entre si, em outros homens entre si. Não somente clientes circulam nestes ambientes, antes existem vendedores, ambulantes, guardadores de carros, transeuntes. No caso da Orla, os clientes dificilmente ficam parados neste espaço como acontece na Praça ou em bares. Eles passam em seus carros. As mulheres se aproximam e antes de entrarem nos carros realizam as negociações. Segundo relatos das mulheres, elas somente entram nos carros quando o combinado acerca de preços e serviços fique acertado. A realização dos programas pode ser dentro dos carros ou em motéis próximos ao ponto. Normalmente, durante o dia a dia maioria dos programas acontece nos motéis. À noite, porém, ocorre com mais frequência os programas nos carros (Diário de campo, 18 de julho de 2015).

No espaço da *batalha* são vários os movimentos e envolvimento acontecendo o tempo todo. Desse modo, é possível afirmar junto de Pasini (2009) que a prática da prostituição é um “sistema relacional”, envolvendo além da relação de duas pessoas (ou mais), outros atores que interagem e tecem os fios da rede. No trabalho de Pasini (2009), a autora buscou estudar os homens no contexto de prostituição, procurando saber deles e ler sobre eles, mais especificamente com os homens da zona conhecido por Vila Mimosa no Rio de Janeiro.

Gaspar (1985) teve como objetivo entender a organização social e o sistema de representações da prostituição praticada por mulheres, vindas da classe média, em boates de Copacabana. Neste trabalho, Gaspar ao se aproximar da realidade das boates procurou ouvir as opiniões que os clientes tinham acerca das garotas de programa.

Importante considerar que os debates e discussões acerca da prostituição têm sido marcados com significativa complexidade. Moraes (2014) afirma que há “diferentes atores envolvidos”. Desse modo, estudar a prostituição implica mais do que nunca em considerar os diversos atores que compõem o “cenário do consumo erótico”.

Ampliando um pouco mais o leque de compreensão, o objetivo nesta pesquisa implica em considerar as relações entre as mulheres e os clientes, as relações das mulheres entre si e seus familiares e as relações das mulheres com outros atores. É neste sentido que estamos falando em atores, movimentos e envolvimento, entendendo que além dos clientes e das mulheres, vários são os atores que participam desta rede do comércio sexual. Piscitelli (2005)

considera que o sexo comercial tem dado lugar a uma verdadeira indústria, por isso, é necessário pensar nos diversos tipos de inserção neste jogo que extrapolam o limite da oferta e demanda de sexo, envolve circulação, movimentos, rompimento de fronteiras.

Em relação à clientela que compõe o grupo de atores, estas são pessoas de diferentes grupos sociais, que exercem profissões diversas e solicitam serviços sexuais diversos. Segundo as falas das mulheres são clientes da região e que circulam pelos mesmos ambientes que elas. É comum, por exemplo, na Praça da Sé ver estes clientes sentados nos bancos conversando com as mulheres ou outras pessoas.

Em bares, como é o caso de um bar situado no Largo do Tanque ou subúrbio ferroviário, é possível observar que são trabalhadores da região, sendo que alguns deles chegam ao espaço com o uniforme do trabalho. Em relação aos clientes da Orla, possuem carros, e apesar de demonstrarem ter um poder aquisitivo mais elevado, ainda se enquadram no grupo das classes mais populares. Linda, entretanto, conta que entre seus clientes “tem de tudo”, tem advogado, mas também tem drogado.

“Linda: Olhe Nanda, eu não tenho cliente problema com meus clientes não. Graças a Deus eu tenho clientes médicos, clientes advogados, clientes drogados... Tem muitos clientes bons mesmo. Alguns que você sai uma vez e não tem coragem de sair de novo porque acha que você é garota, que te humilhar, quer te bater, mas graças a Deus eu não tenho esse azar de pegar cliente ruim, eu tenho muitos clientes bons, muitas amizades. Sim. Quando minha mãe teve câncer mesmo eu tinha um cliente medico que ele agilizou toda a cirurgia dela, graças a Deus, me ajudou bastante, tanto financeiramente, me ajudou muito mesmo. Minha mãe precisava às vezes de ambulância e ele disponibilizava pra me ajudar. Então, assim você acaba criando círculos de amizades. Não é só cliente que te pagou ali e vai embora não. Porque eu tenho clientes assim que em qualquer momento se eu precisar, é advogado, é tudo, não é só comigo não, com as outras meninas também. Querem ajudar a gente a qualquer custo. Tem cliente que se disponibiliza a pagar cursos pra gente, se disponibiliza... quer que a gente saia daqui, dar uma vida melhor. A gente acha. Agora às vezes a gente que, por sentir aquele prazer de estar com ele a gente acaba rejeitando. Prefere ficar aqui ganhando dinheiro”.

Além de Linda, outras mulheres também falaram deste amplo leque de clientes considerando o que elas chamam de clientes bons e clientes ruins. Por um lado, existe uma diversidade quanto às profissões, por outro, uma diversidade quanto às demandas sexuais, gostos e fantasias. De toda forma, as mulheres estabelecem alguns critérios tanto em relação à escolha de clientes, quanto a de permanência, considerando que alguns clientes acabam se tornando “cliente vip” ou “fixo”.

Com os clientes “fixos” acabam muitas vezes estabelecendo relações, eles as ajudam em outras situações de suas vidas. Dentre estes clientes muitos procuram as mulheres para conversar e buscar opiniões acerca de situações vivenciadas com suas companheiras e outras questões.

Dentre as diferenças e os critérios expostos pelas mulheres em relação às escolhas e permanência com clientes duas apareceram de modo mais frequente: clientes “coroas” e clientes que julgam (por algum motivo) serem violentos. No primeiro caso, a maioria das mulheres entrevistadas disse preferir os “coroas” por serem mais carinhosos, não fazerem tantas exigências na relação sexual e por se preocuparem com elas dando-lhes presentes. Em contraponto com os clientes mais novos, que segundo elas são mais exigentes, costumam demandar maior tempo durante o programa, além de várias outras fantasias que na perspectiva delas muitas vezes não “querem realizar”.

Carla e Luci têm preferência por clientes coroas e justificam:

“Carla: Meus clientes são legais porque é mais coroa, eu gosto mais de coroa, não gosto desses meninos não. Não gosto de sair não porque menino novo tira muita onda no quarto, paga pouco, e quer escaliflar com a gente...Fernanda: O que é escaliflar? Carla: É fuder muito, e os coroa não. Botou a camisinha, deu uma chupadinha, gozou e pronto. Já os meninos não. Tome, tome, tome, tome... E não acabou não, tô pagando. E é mais exigente. Ai eu não gosto. O meu negócio mesmo é coroa”.

Além da preferência, Luci fala da brutalidade com que percebe alguns clientes, sendo este um motivo para não querer mais sair com tais clientes. Este foi de fato, um segundo motivo presente nas falas das mulheres. Algumas falam que ficam observando os clientes para ver se são violentos ou não, quando saem e percebem a violência não saem mais com aquele cliente.

“Luci: Meus clientes... Tenho uns clientes bom...Fernanda: O que é um cliente bom? Luci: Cliente bom é aquele que só sai comigo. Tem um mesmo que pegou meu número aí. Quando eu tô em casa ele liga pra mim. Neste instante acabei de ligar pra um. Esse é gente boa mesmo. Tá trabalhando esses dias, mas quando eu tô em casa eu venho para sair mais ele. Ele é um cliente vip mesmo (...) São moradores daqui mesmo, de Amaralina, tem outro que mora aqui na Pituba. Tem um outro que é meio bruto mas ai eu cai fora dele. Fernanda: Tem clientes brutos? Luci: Tem... Só esse ai mesmo. É muito ignorante. Ai eu peguei e cai fora dele. Nunca me bateu no quarto dele, mas faz muita brutalidade. Quando eu ligo pra ele diz: ah, não vou sair com você mais não. Me deixe. Ai depois ele liga de novo pra mim e eu nem atendo. Da outra vez levou quase um mês ele ligando pra mim direto. E quando eu retornei a ligação ele: ah, não vou sair com você mais

não. Ai eu disse: ah, me deixe viu! O outro não. O outro toda hora eu ligo pra ele. Toda hora eu ligo e ele é gente boa mesmo”.

Ivone estabelece outra distinção em relação aos clientes falando que os casados são piores e que os clientes solteiros são mais atenciosos. A mesma ressalta ainda que os clientes que são assaltantes costumam ser muito bons, garantindo-lhes uma boa quantidade de dinheiro no pagamento.

“Ivone: Olha, os piores homem que transavam no brega com a gente, que maltratavam mesmo, que puxavam o cabelo, às vezes davam tapa na cara da gente eram os homens casados. Eles não deviam fazer isso com a gente porque eles eram casados. Já aqueles homens que eram ladrão, que saia da detenção... Quando eles tava transando com a gente eles diziam: “fiz um assalto ali agora, eu ganhei muito dinheiro e eu vou lhe dar”. Ai me dava dinheiro, como dava às outras. Quando tinha um ladrão pra transar com a gente, aqueles homens que trabalhava na Veiga, naquele tempo, aqueles gari que ninguém dava valor. Antigamente aqueles garis pagava melhorzinho. Tinha ladrão. Eles pagavam bem as mulheres. Dava uma briga. Tinha uma mulher lá... uma prostituta, igual a mim, que fazia vida junto comigo. Ela brigava por um ladrão, porque sabia que eles vinham com dinheiro”.

Interessante observar que seja casado, solteiro, “novo”, “coroa”, ladrão ou trabalhador um ponto convergente aparece em todas as falas, ou seja, cliente bom é aquele que paga bem, que dá presentes, que não fica pedindo para baixar preços dos programas. Sendo um dado relevante na prostituição, pois atende ao objetivo das mulheres inseridas na mesma. Esse fato foi o elemento chave presente nos relatos das mulheres entrevistadas: o dinheiro como fonte de busca de melhores condições de vida.

A prostituição, como forma de viabilizar planos econômicos, pode se manifestar através de situações em que procurem manter ou alcançar um padrão de vida mais elevado, seja garantido os estudos dos filhos, ou até adquirindo a casa própria. Quando atingem este nível de racionalização, a permanência na atividade aparece menos carregada de tensões, e a prostituta não se coloca mais como vítima diante da necessidade econômica, mas como uma mulher empreendedora e responsável, que procura visibilizar os seus sonhos de ascensão social (MORAES, 1996, p.84-85).

Souza (1998) desenvolveu um estudo da prostituição considerando o “outro lado” desta, ou seja, o olhar e a perspectiva do cliente. A autora considera a prostituição como uma atividade na qual é possível observar padrões de interação na realidade da prostituição. Desse modo, entender o fenômeno da prostituição só é possível considerando o discurso da

prostituta e do cliente o que implica em nortear a discussão a partir da perspectiva do casal: mulher-cliente, mulher-mulher, mulher dona de casa, desejo-perversão, desejo-impotência.

E além dos clientes... Para além dos clientes há muita gente, muita circulação, muito movimento.

“Linda: Ah minha filha de tudo. A gente faz muita amizade. Inclusive porque a gente sempre bebe muito porque essa vida sempre faz com que a gente beba muito. Então, os bares que a gente frequenta, a gente conhece. Há pessoas que respeitam a gente, já tem pessoas que discriminam, que não querem que a gente entre no ponto comercial dele. Mas, graças a Deus, a gente vai levando. Conhecemos pessoas como vocês que querem ajudar a gente, que a gente agradece muito. Você não sabe o quanto é satisfatório pra gente, quando chegam aqui e dá uma palavra amiga pra gente, é muito bom, ver o desempenho de vocês em querer ajudar a gente, a procurar um medico, a ter mais uma proteção, a gente gosta muito Nanda das visitas de vocês. Enfim, as pessoas têm assim: a vida de prostituta é ruim... Algumas, mas pra outras não. Tem pessoas que vê nesse mundo da prostituição um círculo de amizade diferente, coisas que você não tinha antes. Tem gente que fala: ah, prostituta é infeliz, ah não é não. Eu mesmo não sou infeliz... As pessoas têm assim: Ah, a prostituição não presta, pronto. Ali acha que a gente tá no fundo do poço e na realidade não é porque hoje eu sendo prostituta eu tenho mais oportunidades de crescer do que antes quando eu era casada. Acredite. Olhe Nanda, antes eu não tinha condições de fazer um curso, hoje graças a Deus eu tenho. Hoje eu tenho um circulo de amizades, eu tenho amigos advogadas, tenho clientes que me convidam assim pra festas de família. Olha o comportamento da gente e fala. Eu tenho amigas advogadas e falam. Meninas que veio da faculdade, que veio fazer uma pesquisa com a gente e que acabou agente fazendo uma amizade assim fora de serie, que a gente se encontra uma vez por semana lá no Imbuí. A gente bebe, conversa, depois elas me deixam em casa. Então não é só ser prostituta aquela mulher que não presta, que é drogada, que não usa preservativo. Nada disso. Não é. No meu curso mesmo, eu fiquei com medo de alguém passar e ver. Ai eu abri e falei pra todo mundo, onde eu trabalhava. E tem pessoas que diz que é mentira, pela minha educação, que é mentira, que eu não sou prostituta e eu digo: sou sim. E ainda trabalho na orla, que vocês acham que só fica o que não presta. Eu falei porque iam passar, iam ver Nanda e não adianta e eu falei e me aceitaram e me aceitam. Não tem discriminação. Lá não”.

Com a expressão “círculo de amizade”, Linda aponta o movimento que acontece na batalha. É certo que existe uma rede do comércio sexual, mas para além desta rede é este círculo que envolve diversos atores que compõem o ambiente: um lugar que é marcado por cheiros, gostos, vivências, trocas, cumplicidades e amizades - entre as mulheres, entre os clientes, com moradores, vendedores e outros. Um relato de diário de campo aponta um pouco deste processo.

O movimento estava incrivelmente intenso. Encontrei Cristiane sentada junto de Julia. As duas conversavam. Sentei-me e elas logo me colocaram no diálogo. Cristiane falava que no final deste ano vai descansar no Natal, mas que na virada do ano estará na Praça com sua guia. Contou que na semana anterior os moradores e vendedores fecharam a Rua 28 no intuito de impedir uma ação de prefeitura que queria inviabilizar a venda destes no período do Natal. Os moradores conseguiram impedir e deste modo poderão estar com suas guias no Centro Histórico. Cristiane contava orgulhosa pelo fato de ter participado do movimento e ter conseguido tal “vitória”. Enquanto conversávamos chegavam clientes em busca de água e cerveja. Tati ao passo que vendia continuava a conversa. Mara chegou e dando-me um abraço contou que havia falado de mim em pouco tempo. Falamos um pouco. Ela começou a contar que está frequentando uma Igreja Evangélica e que tem um compromisso a realizar: ir durante sete semanas seguidas ao culto levando uma oferta. Contou que já quebrou a corrente por duas vezes, mas que pretende cumprir com o que se comprometeu. Neste momento Julia entrou no diálogo dizendo que não faz este tipo de coisa e que a igreja só quer tirar dinheiro da população. Mara discordava e sentada no banco dizia que sua vida havia melhorado bastante e que ela não passava mais pelas vergonhas que antes passava. Neste momento chegou um rapaz e Mara se levantando pediu a ele que conseguisse algumas garrafas de água para ela vender. Ele titubeou um pouco, mas depois saiu. Continuamos a conversa. Depois de um bom tempo vejo o rapaz se equilibrando para trazer a água que Mara havia pedido. Mais uma vez me surpreendo com estas coisas que acontecem na Praça. Mais uma vez se desloca em mim o que penso acerca dos movimentos que acontecem neste lugar. Para quem passa muitas vezes o que se pensa está relacionado a lugares “fixos” e demarcados como, por exemplo, às mulheres cabe o exercício da prostituição, aos homens consumir deste serviço. Entretanto, de novo, o que vejo são interações das mais diversas possíveis, como daquelas que acontecem no cotidiano de “pessoas normais”, ou seja, as mulheres e homens não exercem papéis fixos e fechados. Eles e elas simplesmente interagem e transgridem os lugares demarcados. Fazem o favor do mostrar a solidariedade, assim como as desavenças, a colaboração assim como desentendimento, o coletivo, assim como o individual, ou seja, coisas que acontecem com as pessoas. Na rua, estabelecer relações de reciprocidade e colaboração se faz extremamente útil e necessário, já que para a maioria das pessoas que ali circulam a maior parte de seu tempo se faz naquele cenário. (Diário de Campo, 15 de Dezembro de 2015).

Durante o trabalho de campo foi possível verificar a construção destes círculos de amizades e interações; movimentos estes que expressam uma diversidade de relações e interações. Por outro lado, também estiveram presentes situações de discriminação e preconceitos em relação às mulheres que se encontram neste contexto. Algumas mulheres relataram que a discriminação vem muitas vezes por parte de pessoas que transitam por estes espaços, pessoas que passam pela orla, pela Praça e que “fazem cara feia”, tecem comentários agressivos e preconceituosos, criam situações de exposição e deboche.

Bianca cita durante entrevista uma reportagem que foi feita pelo jornal *A Tarde* em decorrência dos desabamentos que houve durante os meses de maio e junho de 2015 na

Ladeira da Montanha e Conceição. Por este motivo, algumas mulheres que batalhavam nesses locais deslocaram-se para outros pontos e deram entrevistas falando da situação. Foram publicadas fotos que na perspectiva das mulheres é possível de ser reconhecida, principalmente pelos familiares e conhecidos.

Tal elemento sempre causou inquietação, seja no tempo em que estive atuando no Projeto Força Feminina, seja no tempo da pesquisa. Em relação às mulheres da Praça da Sé este não desejarem ser reconhecidas intrigava porque muitas delas têm seus familiares presentes no ambiente da Praça, o que diferenciava de mulheres que se encontram em bares, boates e cines privês e que prezam pelo ocultamento. No caso das mulheres da Praça da Sé este temor delas intrigava, o fato de serem reconhecidas em contraposição ao conhecimento de seus familiares em relação ao seu trabalho.

Figura 17 - Demolições afetam rotina na Ladeira da Montanha.



Autoria: Jornal À Tarde Online.

À medida que estive em campo foi se descortinando uma compreensão que antes não me era acessível. Aos poucos fui entendendo que não querer ser reconhecida como prostituta ou como uma mulher que *batalha* na Praça da Sé está atrelada a julgamentos morais. Ainda que soubesse deste elemento e entendesse que houvesse preconceitos e discriminação. Ainda que tivesse ouvido muitas vezes em rodas de conversas sobre estes temas, foi estando sentada na Praça da Sé, sendo chamada explicitamente por homens que julguei “sem noção”, sendo insistentemente chamada por clientes na Orla, por me deparar com certos olhares enquanto “apenas” conversava com as mulheres que comecei a compreender. Já havia passado por esta situação antes no Projeto Força Feminina e em Belo Horizonte, mas neste caso havia uma instituição por detrás, estava sempre com camisas que de certo modo me identificavam. No momento da pesquisa, entretanto, não havia mais instituição, nem tampouco camisas que me protegessem. Ao contrário, eu ficava me perguntando todas as vezes que ia a campo com que tipo de roupa deveria ir. Ainda que parecesse um lugar conhecido percebi que ele era desconhecido e foi em campo, como pesquisadora que entendi o que significa não querer ser reconhecida neste lugar que traz um forte estigma e preconceito, pautados certamente em valores morais (Diário de Campo, 24 de outubro de 2015).

6.3 Projetos de Vida: Futuro, Perspectivas e Sonhos

Projetar o futuro, estabelecer metas e traçar objetivos era um dos elementos que mais emergiam em campo. Muitos destes projetos estavam relacionados à melhoria na qualidade de vida, da educação e oportunidades para seus filhos e filhas. Os desejos variavam entre conquistar uma moradia, deixar a batalha até a possibilidade de adquirir bens, relacionados muitas vezes com a fala constante: “deixar a batalha”. Entretanto, dificilmente esta meta conseguiu ser alcançada, pois sempre tinha um novo objetivo a se alcançar e isso fazia e faz com que as mulheres continuassem (e continuem) a exercer sua atividade profissional.

Durante os vários anos de atuação com pesquisas em contexto de prostituição feminina pude constatar que o envelhecimento foi e tem sido o motivo de afastamento da prostituição, acompanhado do cansaço, diminuição de clientes, restringindo-as muitas vezes a clientes “antigos” e “fixos”. Percepção que aponta que durante muitos anos de *batalha* não se consegue adquirir muitos bens ou organizar a vida. Na maioria dos casos acompanhados, as mulheres chegavam aos 60 anos, por exemplo, sem ter adquirido a casa própria. Neste caso, nos referimos às mulheres que atualmente estão nesta média de idade (entre 50 e 70 anos). Essas mulheres reclamam um tempo onde a prostituição lhe rendeu muito dinheiro, mas que elas não souberam aproveitar. O relato de Rosângela expressa bem este tempo. Ela se refere aos bares-boates na Ladeira da Montanha:

*“Rosângela: Eu tinha muito vinho bom. A gente ia pra quarto, naquele tempo não tinha muito banheiro, a gente se cuidava com bacia, fazia higiene com álcool. Não tinha camisinha, também mulher não pegava doença venérea porque os home já ia abrindo a mulher, já ia olhando e já ia exigindo e tinha a saúde. Toda quarta -feira a mulher tinha que passar pela saúde, se não tivesse o cartão da saúde...**Fernanda:** Era nessa época que tinha uma carteirinha? Você chegou a ter a carteirinha? **Rosângela:** Cheguei, mas eu escondia, porque meu nome neste tempo era (...) porque eu não dava nome certo, pra não sujar o nome de minha família. Ai pronto... Ai eu não demorava muito. Mulher não ficava na rua. Tinha um tal de Dr. Cloves e ele passava, se visse mulher à toa ali na Praça da Sé, tinha a Tropical, Damasco, era finado Paulo, era Dulcinha, era essa Maria Augusta, um bocado de mulher que hoje mora em Dias D’Avila, são casadas, tudo são bem de vida, ganharam muito dinheiro, porque aproveitaram a vida. Quem aproveitou, aproveitou”.*

Rosângela fala também de uma carteirinha que as mulheres tiravam nas unidades de saúde como forma de regulação da prática da prostituição. Segundo os depoimentos, naquele momento (décadas de 1970- 1980) era muito difícil ficar exposta na rua em decorrência de

abordagens policiais. Certa vez conversando sobre estes temas no PFF, algumas mulheres relataram que nesta época os policiais não podiam ver as mulheres na rua que passavam recolhendo e realizando abordagens violentas. Em muitas situações as mulheres eram levadas para as delegacias, onde permaneciam um ou dois dias, e depois eram liberadas novamente. Nestas ocasiões sofriam violências por parte destes policiais.

“Ivone: Ai foi quando apareceu Dr. Cloves, um policial malvado, que tinha na Ladeira da Montanha. Se pegasse uma mulher na rua ele jogava dentro do camburão e levava pra delegacia aqui nos Barris. Ai a gente pra não ser pega...Foi lá nos Barris, todo mês ia nos Barris, fazer a carteirinha de prostituta pra batalhar na Ladeira da Montanha. Fiz a carteirinha lá nos Barris como prostituta porque se não tivesse a carteirinha ele botava dentro do camburão... Ai foi quando eu arrumei um homem. Ai eu fui lá na delegacia e disse ao Dr. Cloves que eu ia me casar pra ele retirar minha ficha. Ai retirou a minha ficha. Ai foi quando o movimento da Ladeira da Montanha foi caindo, ai a gente passou a batalhar durante o dia, mas era com um portãozinho, na porta, quando os homem passava na rua a gente ficava chamando: ei, faça um favor... Venha cá meu filho, ai as outras mulher dizia bem assim: olha Ivone, aquele homem ali é uma capial. Capial era os homem que transava...as outras ensinava as mais nova que chegava lá”.

Tais mudanças demonstraram o que Ivone chama de “o movimento da Ladeira da Montanha foi caindo” ou ainda o que Rosângela nos diz sobre “quem aproveitou, aproveitou”. De acordo com estas mulheres “aquele” foi um tempo bom em se aproveitar os ganhos na prostituição.

Atualmente dois elementos são apresentados pelas mulheres como possibilidade ou não de ganhar dinheiro na prostituição: um está relacionado à idade. Segundo as mulheres à medida que se vai envelhecendo se torna mais difícil o ganho da prática, a não ser que haja atributos que foram sendo construídos por cada mulher em sua prática e que garantem uma assiduidade de alguns clientes. Outro elemento é que hoje, mais do que nunca, o comércio do sexo é grande e diverso, isto implica em considerar que também são mais complexas e diversas as inserções e permanências na prostituição.

Uma fala comum entre as mulheres é que “antigamente” o uso, por exemplo, de bebidas alcoólicas e outras drogas estava relacionado a estratégias dentro do contexto da prostituição. Atualmente, pelo menos é o que se percebe na prostituição de rua, a prática da prostituição está atrelada a manutenção e garantia do uso de drogas, ou seja, as mulheres batalham a fim de ter dinheiro para pagar seu consumo de drogas e muitas de seus companheiros. Um exemplo interessante, dentre as entrevistadas, foi de Cristiane que

primeiro iniciou no comércio das drogas, na 28²⁰ e somente depois se inseriu no comércio do sexo.

Recontar e rememorar as trajetórias de vida das mulheres possibilitou recordar estas histórias guardadas, revisitar sonhos e desejos escondidos e ocultados pelo tempo. Além do mais, permitiu reconhecer as formas diversas da prática da prostituição em diferentes tempos (histórico e afetivo), com diferentes rostos, corpos, sentidos de formas diversas e assumidos de modo múltiplo. Para cada mulher, a trajetória, ainda que marcada por convergências, é única, e, portanto, narrada e contada também de forma única. Neste sentido, seus sonhos que vieram em muitos momentos misturados em meio a suas narrativas são elementos que as fazem “acreditar” e seguir apostando ainda que chova ou faça sol.

O estudo das trajetórias guarda uma intenção biográfica, mas no sentido de observar o que as entrevistadas relacionam, em seus relatos, como sendo significativo, formativo e transformativo. Os relatos se tornam campo para a interpretação da construção de uma identidade narrativa. Entendendo as narrativas como forma de organização de discurso, mas também como espaço de esquecimento e de silêncios, admite-se que o discurso não se organiza de forma linear, mas se desenvolve na ida e vindas do trabalho da memória (PINHO, 2011, p.02).

No processo de relatar, as mulheres falaram de sonhos e projetos de vida. Muitos deles relacionados, como dito anteriormente, à conquista de melhores condições de vida para e si e seus familiares. Entretanto, chama a atenção que somente Linda colocou e tem estabelecido em suas metas o estudo como algo que pode lhe possibilitar outra(s) oportunidades. Linda também foi a única mulher, dentre todas as entrevistas, a concluir o ensino médio, sendo, portanto a inserção em curso de Auxiliar de enfermagem algo possível. Por outro lado, sua inserção no curso se concretiza a partir da insistência de um cliente que segundo ela lhe motiva bastante.

Duas outras mulheres, Ivone e Viviane, se inseriram novamente na escola, mas não com a perspectiva de deixar a batalha, pelo contrário, a inserção se realiza a partir do desejo de “conhecer mais” e principalmente do desejo de saber ler. Entretanto, Viviane relata dificuldades encontradas no espaço escolar. Para ela suas dificuldades se pautam em certo “desinteresse” da professora no acompanhamento de adultos em processo de alfabetização.

As trajetórias da maioria destas mulheres foram permeadas por cortes e interrupções. Ainda que no meio do caminho elas foram “fazendo escolhas” e definindo seus caminhos,

²⁰ Rua 28, localizada no bairro Tabuão.

atribuindo significados, por exemplo, à prática da prostituição, construindo círculos de amizades nestes contextos não se pode fechar os olhos diante de narrativa que nos dizem e nos falam de entradas e saídas marcadas por interrupções.

Como foi visto muitas delas se inseriram na *batalha* antes da idade adulta, assim como muitas delas interromperam seus estudos para trabalhar na roça ou em outros lugares. Tais elementos não podem justificar única e exclusivamente a inserção e permanência dessas mulheres na prostituição. O contexto é muito mais complexo, assim como as trajetórias são únicas e singulares. No entanto, estes elementos não devem ser desconsiderados.

A falta que o processo escolar e alfabetização faz na vida destas mulheres é visível, tanto que no PFF muitas mulheres afirmavam que estar ali lhe permitiram “ler os sinais”, ou ainda, “andar com as próprias pernas e fazer com as próprias mãos”. Isto significa tantas coisas: significa reconhecer a placa do ônibus (e assim não precisar da colaboração de alguém no ponto de ônibus), significa poder entrar em uma unidade de saúde ou no SAC, ou ainda no Ministério Público e correr atrás de seus direitos, significa poder escrever uma carta para um familiar distante, ou ainda conseguir acompanhar os filhos e filhas nos estudos, significa, portanto, fazer parte da sociedade.

Com o tempo foi compreendido que “fazer parte da sociedade” para elas não estava relacionado apenas à superação de preconceitos diante de uma sociedade moralista e estigmatizadora. Antes, “fazer parte da sociedade” estava relacionado a se reconhecer como cidadã e isto certamente estava (e está) relacionado a poder “ler” muitas coisas, ou ainda “ler o mundo”.

Quando no PFF, se teve por um período a escola, da qual as mulheres chamavam de Escola Força Feminina, o aprendizado com a leitura e com a leitura de mundo era fundamental e reconhecido por elas como algo primordial, pois assim, elas sabiam que podiam chegar a determinados espaços e reclamar seus direitos.

Para Freire, a alfabetização como uma maneira de ler e mudar o mundo tinha que ser repensada dentro de uma compreensão mais ampla de cidadania, democracia e justiça que fosse global e transnacional. Tornar o pedagógico mais político, neste caso, significava ir além da celebração de mentalidades tribais e desenvolver uma práxis que colocava em primeiro plano “o poder, a história, a memória, a análise relacional, a justiça e a ética como as questões centrais para as lutas democráticas transnacionais” (GIROUX, 2008, p.123).

Para Freire (1990) a alfabetização é parte de um processo pelo qual a pessoa se torna autocrítica a respeito de sua própria história. É capaz de nomear a própria experiência, ou

seja, é capaz de “ler o mundo”. Em sentido político, a alfabetização pode ser compreendida como uma infinidade de formas discursivas e culturais que são tecidas e construídas a partir das diversas relações e experiências das pessoas. Desse modo, “a alfabetização crítica é tanto uma narrativa para a ação, quanto um referente para a crítica. Como narrativa para a ação, a alfabetização torna-se sinônimo de uma tentativa de resgatar a história, a experiência e a visão do discurso convencional e das relações sociais dominantes” (FREIRE, 1990, p.10).

Na perspectiva freireana, a definição da alfabetização como leitura de mundo e da palavra significa lançar as bases teóricas para uma análise teórica mais completa de como se produz e se gesta o conhecimento e de como se constroem as subjetividades no interior de relações de interação. Sendo assim, é no interior das relações que as mulheres vão estabelecendo com o PFF, entre si, com clientes, com outros atores deste cenário e à medida que se confronta com a realidade que elas vão gestando seus conhecimentos, fazendo-se no mundo e construindo possibilidades.

Nessa construção encontram-se seus sonhos e projetos... Dentre a maioria dos projetos narrado pelas mulheres, “ter uma guia” acompanhado de ter a própria casa. “Ter uma guia” significa continuar inserida na batalha e na Praça, ou seja, continuar a conviver com pessoas com quem por anos se estabeleceu relações. Por outro lado, significa também, estar em um ambiente conhecido. Para Bianca ter uma guia vem acompanhado do desejo de voltar a estudar.

“Bianca: O meu futuro é ter uma guia pra trabalhar... Ter um bom colégio pra eu voltar estudar. É a coisa que eu mais quero... Ter um emprego. Porque sem emprego nada feito. Sempre trabalhei na rua pra sobreviver. Sempre. Já tive caixa de isopor pra sobreviver. Porque eu quero sair dessa vida, Fernanda. Porque eu quero trabalhar, eu não quero ficar nessa Praça aqui não. Quero uma coisa que eu tenha meu pão de cada dia. Pra pagar minha casa, tudo que tá faltando ainda”.

Para Luci e Luana ter a casa própria significa um sonho e um projeto de futuro. No caso de Luci, ter sua casa significa uma liberdade e ter um espaço para ela.

“Luci: Rapaz, meu desejo pro futuro é me aposentar, sair dessa Praça, as minhas filhas, cada uma na sua casa porque tão tudo na minha saia ainda. Eu queria que todas as minhas filhas, todas três tivessem o canto delas né. Elas não são responsáveis não. Elas não querem nada com trabalho. Elas não querem nada. Só querem ficar na minha saia. Só querem que mamãe dê. Eu disse: esse mole vai acabar, esse mole vai acabar. Eu disse às meninas. Elas não varrem uma casa. Ontem eu fiz uma faxina na casa. Eu disse assim: vai virar um lixão aqui. Todo dia as meninas jogam papel na casa e

sujam tudo. Ontem eu fiz uma faxina na casa. O pátio sujo dos negócios do isopor. E elas não estão nem aí. Três mulher dentro de casa. Parece que não mora ninguém dentro da casa. O banheiro fica aquelas pilhona de papel. Ai eu digo assim: vocês só me dão desgosto. Eu tô doida pra morar sozinha e vocês morar de aluguel. Cada uma suportar uma a outra. Ah mainha, ah mainha, quando você for morar sozinha você vai sentir falta da gente (risadas). Vou sentir falta, mas eu tenho que me acostumar, se não eu vou morrer e as meninas ficam. Eu tô cansada disso. Tô cansada de Praça e cansada de filho já. Eu criei as meninas, pra criar neto também tá difícil viu. Difícil. Muita dor de cabeça. Os meninos ficam brigando dentro de casa. Os dois brigam. As mães ficam brigando com as irmãs por causa dos filhos e discute as duas, fica de mal, fica de bem, fica de mal por causa dos filhos (risos). É isso aí. Eu quero só me aposentar, sair da Praça. Meu sonho: me aposentar. Com fé em Jeová Deus eu vou me aposentar. Me aposentar pra sair da Praça. Eu quero estar na minha casa já e as meninas morando de aluguel”.

Uma interessante observação dentre os relatos e entrevistas foi que em nenhum caso a expressão “ter um homem” que a sustentasse ou lhe “tirassem da vida” apareceu como projeto de vida ou sonho. Por outro lado, as mulheres apontaram seus projetos e sonhos, mas somente Linda e Luci têm estabelecido metas concretas para realização destes projetos. Linda está fazendo um curso de enfermagem e Luci paga o INSS para garantir sua aposentadoria.

Outro dado importante foi que em nenhum momento a saída da prostituição foi estabelecida como meta simplesmente por não gostar da prática. Ao contrário, ainda que houvesse falas no sentido de que existem desafios na batalha, os elementos fundamentais foram um aumento da renda e a melhora das condições de vida visto que, principalmente em relação às mulheres da Praça da Sé, a prostituição por si só não garante seu sustento.

Em um livro organizado por Jessé de Souza (2009) intitulado *Ralé Brasileira: Quem é e como vive* o autor organiza juntamente com vários autores discussões e reflexões acerca da ralé brasileira ou ainda como expressa Souza (2009), “essa “classe de indivíduos” que nasceu sem o “bilhete premiado” de pertencerem às classes alta e média”. Desse modo, o livro procura recontar a partir da dimensão da vida cotidiana o drama existencial e familiar vivenciada por esta classe. Dentre os grupos encontram-se: as mulheres da ralé, os homens da ralé, as domésticas, a puta pobre, o crente, o delinquente; a discussão sobre o trabalho, a saúde, a religião e educação da ralé brasileira. A partir da discussão proposta aponto o tema abordado por Patrícia Matos, socióloga que discute sobre: *A dor e o estigma da puta pobre*.

Antes de mais nada é importante discutir com Souza (2009) sobre a construção do mito nacional marcadamente expresso pela “solidariedade coletiva” e que tenta apresentar um sentimento e uma ideia de que “todos estão no mesmo barco” e que portanto temos todos o mesmo destino e a mesma história. Souza (2009) desconstrói este pensamento mostrando que

este mito nacional substitui aquilo que, em tempos passados, era produzido pelas religiões, ou seja, a ideia de solidariedade coletiva e identidade nacional.

A força do “mito nacional” brasileiro nas ciências sociais é avassaladora. Como as ideias-força de uma sociedade moderna são, em grande medida, produzidas com a chancela da “autoridade científica”, compreender a influência desses mitos na ciência é compreender também a mitologia social que garante a reprodução da violência simbólica de uma das sociedades mais desiguais e, portanto, moral e politicamente mais atrasadas do planeta (SOUZA, 2009, p.64).

O autor busca compreender a gênese desta identidade nacional e complexifica as questões relacionadas às desigualdades sociais no país, a perspectiva da meritocracia e por isso propõe uma “interpretação menos superficial e mais crítica da realidade brasileira e uma análise mais profunda das estruturas do capitalismo contemporâneo”. No bojo destas discussões Matos (2009, p.173-201) discute sobre *A dor e o estigma da puta pobre* apresentando de início a ambiguidade de sentimentos que tem em relação à prostituta e mostrando que esta é um tipo feminino da ralé brasileira.

Matos (2009) trabalha com histórias de vida de mulheres que exercem a prostituição no Rio de Janeiro apontando que existem alguns pontos em comum na história de vida destas mulheres, destacando: “um tipo de socialização familiar disruptivo, que irá impedir a transmissão afetiva de valores como disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo, contexto familiar marcado pela ausência da figura paterna e pela presença de relações instrumentais” (p.176). O ponto que quero chamar atenção na discussão feita por Matos (2009) está na discussão que a autora apresenta quando a partir das histórias de vida reflete sobre a saída ou permanência na prostituição. Para a autora, a justificativa dada pelas mulheres seja para se inserir na *batalha* e permanecer será sempre econômica, o que significa ter melhores condições de vida, entretanto, a partir das histórias apresentadas pelas mulheres percebe que a permanência na prostituição se prolonga visto que as mulheres não conseguem de fato ter uma reserva ou poupança que lhes garantam esta “saída” ou ainda não conseguem de fato se organizar diante dessas metas.

A partir da análise feita nesta pesquisa concordo em parte com Matos (2009) no sentido de que em relação ao contexto social desigual e levando em consideração a *ralé brasileira* existe muitas vezes uma escolha pré escolhida, ou seja, os pobres estão inseridos em um contexto que lhes permitem estar e optar por determinadas profissões. Entretanto, esta

perspectiva me parece ainda ser determinista no sentido de que não abre possibilidade para a criação e reinvenção da vida a partir da realidade.

Nas entrevistas desta pesquisa o que se percebe de fato é que as mulheres buscam alternativas para inserção, permanência e saída da prostituição dentro das opções que são possíveis e palpáveis, como acontecem com a maioria das pessoas. Por outro lado, no momento em que se inserem (ou mesmo antes) na prostituição, estas mulheres significam esta inserção e permanência. Deste modo, é a partir do sentido que atribuem a este lugar ocupado e do caminho que fazem nesta realidade e na medida em que assumem suas trajetórias de vida, tomando-as nas mãos é que estas mulheres se empoderam e se tornam autônomas, responsáveis. O lugar da prostituição se torna para elas o espaço de agência, espaços onde elas se tornam inteiramente responsáveis por suas trajetórias.

Ainda que permeada por um contexto social desigual e por diversas nuances do complexo mundo da prostituição, no momento em que se encontram neste cenário as mulheres significam, dão sentidos, constroem relações, círculos de amizades, criam conflitos, suprem suas necessidades e de seus familiares, enfim, vivem a partir desta realidade e por isso estes elementos também não devem ser desconsiderados.

Diversas pesquisas já costuraram categorias importantes para se estudar, enquanto objeto das ciências humanas e sociais, o mundo da prostituição. Assim, “estereótipo”, “exclusão social”, “relações de gênero”, “violência” orientaram e orientam ainda muitas análises que enriquecem este campo empírico. No entanto, o que de fato nos interessa está ancorado num outro terreno: o dos sentimentos e dos projetos ou, em outras palavras, o que a educação – aqui pensada amplamente como formas/lugares de constituição dos sujeitos – imprime nas dinâmicas sociais de uma vivência onde o que parece imperar é a ausência de regras de socialização. Esta visão marcada pelo moralismo – e, claro, pelas representações sociais que fazemos da prostituição – esbarra-se num conjunto de experiências pessoais que, para serem dignas e legítimas, precisam ser elaboradas como estilos de vida. E para que possam vir a ser transformadas em projeto de vida, precisam ser lembradas e esquecidas.

6.4 Ser mulher sabida: na Praça, na Rua e na Vida

No cotidiano do campo expressões e dizeres acerca dos significados de ser mulher da *batalha*, mulher sabida, mulher guerreira, eram escutadas frequentemente. Assim como a expressão: “sou retada, sou guerreira”.

Ainda que essas pessoas apresentem uma série de elementos relacionados ao medo de reconhecimento neste espaço, vergonha ou culpa, das mais variadas formas, demonstram em diversos momentos que estar na rua significa aprender a ser, a se fazer e se constituir como mulher.

As estratégias utilizadas no enfrentamento a situações de violências, as artimanhas no que tange a conseguir recursos diversos para suprir suas necessidades e “ganhar dinheiro”, o molejo em contornar situações embaraçosas mostram que, para além de estarem “negociando suas identidades” como apontara Freitas (1985), estas mulheres estão de fato tecendo saberes de vida e saberes da vida.

Em *Bordel Bordéis: negociando identidades*, Freitas (1985), em uma pesquisa realizada em Belo Horizonte, entre os anos 1980-1982, demonstra que alguns acordos como tempo, preço e práticas possibilitam um espaço onde as mulheres negociam o serviço, e muito mais do que isso, neste espaço elas negociam suas identidades, em um constante movimento entre as relações que elas estabelecem com outros (mulheres, cafetina, gigolôs), entre o discurso que a sociedade constrói sobre mulheres que exercem a prostituição e o discurso que a própria mulher faz de si e sua prática.

Freitas (1985) fala em quatro representações da sociedade e que são interpretadas pelas prostitutas: Primeiro, elas reinterpretem a representação que as visualiza como mulheres portadoras de determinados sinais físicos e morais que a definem como pessoas pertencentes a este contexto específico. Em segundo lugar, aparece a representação que as considera como mulheres que se “vendem”. Nesta perspectiva, aparece alógica de mercadoria. Outra representação se refere ao status de atividade contagiosa e, por fim a separação entre mulher prostituta e mulher mãe. Em relação a este último aspecto, em diversas situações quando falava onde trabalhava, ou o que pesquisava sempre, e quase que invariavelmente, surgiam perguntas do tipo: “elas têm muitos filhos?”, como se o fato de exercerem a prostituição lhe retirasse a possibilidade do exercício da maternidade.

O que importa, portanto, é dialogar com isto que Freitas (1985) chama de negociar identidades. Este processo aponta dimensões importantes, pois nos apresenta os modos pelos quais as mulheres vão tecendo e construído seu lugar nesta prática. Pasini (2000) falou em *performances*, modos de interação das garotas de programa em sua prática.

Nesta pesquisa, denominamos os referidos movimentos de circulações, na medida em que compreendemos que é no movimento de ir e vir, nas circulações (em trânsito) , nas quais as mulheres negociam, articulam, agenciam, constroem saberes, aprendem, ensinam,

socializam, interagem. Neste *lócus* e a partir dele os mundos diversos, ou melhor, os dois mundos: privado e público, se encontram e se transformam.

Dessas interações e conversações, um relato do Diário de Campo mostra os vários movimentos e as percepções das mulheres neste contexto: como interagem com os clientes, com outras figuras do espaço, como se observam e observam os outros.... E neste movimento tecem aprendizados...

Encontrei Antônia sentada no banco da praça. Ao seu lado Kátia vendia cerveja, água e refrigerante. Outra senhora também estava sentada e ao seu lado um senhor (cliente), bebendo cerveja. O movimento era intenso, mas ao mesmo tempo Kátia dizia que “o movimento tava fraco”. Conversamos sobre diversos assuntos. Antônia se mostrava preocupada com as vítimas do desastre ambiental ocorrido em Mariana- MG, ao mesmo tempo recordava as chuvas ocorridas em Salvador no início do ano e de forma contundente falava que nunca iria se esquecer do dia 27 de abril de 2015, o dia em que sua casa caiu. Contou que recebeu o auxílio aluguel por apenas três meses e não mais recebeu. Cobrou-me uma visita que fiquei de fazer em sua casa. Peguei o número do telefone e fiquei de ligar para combinar. Kátia lembrava que é de Minas Gerais e me perguntava se algum parente meu havia sofrido com o desastre. Paralelamente, vários outros movimentos aconteciam enquanto conversávamos. Uma mulher se aproximou pedindo dinheiro emprestado a outra que estava do lado. O policial cochilava em sua cabine enquanto as mulheres riam dele. Turistas passavam pelo espaço. Estudantes com mochilas, senhoras com sacolas, crianças correndo, sorveteiros discutiam mais a frente... Enfim, movimento intenso. Em relação aos sorveteiros começaram uma discussão na briga pelo ponto. Três deles reivindicavam o ponto e brigavam por permanecer no espaço. As mulheres começaram a rir dizendo: “está vendo, eles também brigam pelo ponto”, ao mesmo tempo outra dizia: “tem lugar pra todo mundo”, ou então: “depois dizem que é a gente que faz confusão”. Tudo se passava de modo muito descontraído. As mulheres riam tanto dos sorveteiros, quanto do policial que mexendo no celular permanecia alheio ao acontecimento. De repente, chega uma das mulheres agitada e chateada. Contou que um “maloqueiro” pediu para ela ir até um possível cliente turista. Ela se aproximou, mas o turista não queria realizar programa. Ele está apenas sentado no banco da praça. Ela estava chateada e dizia: “não gosto de abordar cliente, quando eles querem vem até a gente, mas esse maloqueiro fica insistindo, ai eu fui e o cara não quer nada, ele só quer ficar sentado ali”. Enquanto ela contava, observávamos o “maloqueiro” sentado do lado do turista e conversando. E a mulher: “olha lá... ele insistindo. Não gosto disso. Não gosto de ter que ir atrás de cliente. É horrível ter que ficar atrás”. Diante deste episódio perguntei sobre o que significava o “maloqueiro” neste espaço e as mulheres começaram a dizer que às vezes eles ajudam, mas às vezes eles atrapalham. Perguntei então, o que de fato, eles fazem e a mulher disse: “eles colocam a gente na fita”, então perguntei se elas pagavam e ela me respondeu: “olha, se ele me colocar na fita ai eu dou um trocado sim.” E outra mulher completou: “por isso ele fica assim insistindo”. Esta situação, misturada a confusão dos sorveteiros foi motivo de muitas gargalhadas. Na verdade, das minhas idas a Praça não havia vivenciado um momento tão complexo, confuso e engraçado ao mesmo tempo. Antônia se levantou e foi para o outro lado da rua.

Permanecemos conversando, quando Kátia contou que Amanda estava grávida, além de Mel. Ambas estiveram grávidas em menos de um ano. Começaram então a falar dos filhos que tiveram, de abortos, de crianças que elas entregaram para serem criadas por outras pessoas (Diário de Campo, 24 de novembro de 2015).

A partir destes movimentos e das notas etnográfica feitas durante a pesquisa trago três mulheres e o modo como cada uma dentro de sua realidade significam os sentidos e os percursos de suas trajetórias:

- I. **Antônia:** mulher reservada e observadora. Sem muitas palavras, vai falando aos poucos de sua história. Negra, com seus 55 anos, mãe de quatro filhos. Conta que uma das filhas “deu pra criar”, pois naquele momento não tinha condições de cuidar: *“eu tenho certeza que ela está muito bem. Ela mora ai no Corredor da Vitória. Está com uma família boa”*. Seu ponto de *batalha* sempre foi a Praça da Sé, desde que chegou a Salvador após suas andanças por várias cidades do interior da Bahia. Atualmente diz não batalhar mais, aliás, repete em vários momentos que nunca gostou da prostituição, por isso prefere ter sua “guia”. Natural de Itabuna – BA, conta que saiu de casa após desentendimentos com o pai, pois não suportava ver a mãe sofrer violência doméstica. O pai chegava bêbado em casa e certa vez queimou a mãe com ferro de passar roupa. Além de ver as violências sofridas pela mãe, Antônia traz em seus relatos falas sobre o modo como o pai se referia a ela, *“eu era uma menina e meu pai tinha medo de ter filha rapariga, então ele dizia que eu era porque tinha umas amigas, mas eu era moça ainda. Ai minha mãe me colocou para fora de casa. Fui para uma casa para trabalhar, quando cheguei lá era um brega, mas eu não sabia nada.”* Sua saída da casa materna e, portanto a inserção no brega se localiza a partir de situações ocorridas neste ambiente familiar. Ela continua: *“Fiquei lá. Com o tempo, a dona da casa me chamava. Um dia veio um homem e ficou me olhando. Aquela mulher me colocou no quarto com ele. Ele me chupou de todo lado, mas a rola dele não subiu. Assim que ainda fiquei virgem. Quando ele foi subir para o quarto assinou um cheque. Ai depois perguntei pra mulher: cadê meu dinheiro, o moço disse que assinou um cheque, ela me xingou dizendo: você é mulher da vida hein? Ai eu fico pensando, você vê eu não era mulher da vida, ela me colocou ali.”*

- II. **Viviane:** Agitada e quieta. Falante e silenciosa. Olhar seguro e incerto. Viviane é uma mulher que expressa oscilações de modos e formas de se expressar. Das muitas vezes que nos encontramos, ora estava muito brava com outras colegas da Praça, ora estava feliz e sem se importar muito com o que os outros iriam dizer ou pensar a respeito dela. No fundo, Viviane é uma mulher muito solitária. Não tem muitas amizades e busca cotidianamente batalhar para conseguir se alimentar, pagar o aluguel, a luz e água. Natural de uma cidade do interior de Pernambuco já passou por várias cidades: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife. Em Salvador se encontra há alguns anos sendo que já teve passagens por outros lugares em outros momentos de sua vida. Caçula de uma família com onze filhos tem boas recordações do tempo da infância, da relação com o pai, das brincadeiras e vida no interior. Sua relação com a mãe, entretanto, sempre foi um desafio em sua vida. Mãe de três filhos, sendo dois adotados. Além destes três filhos teve mais dois filhos que morreram. Apesar de falar com orgulho e carinho dos filhos, os mesmos não foram criados e cuidados por Viviane, mas por familiares. As conversas giram em torno de uma infância com memórias prazerosas e memórias das quais não gostaria de recordar: *“minha mãe dizia que quando eu crescesse e completasse 14 anos eu ia dá pra puta. Eu não sabia o que era...”* Saiu de casa após sua primeira gravidez, deixando o filho com a família paterna e seguiu andando pelo mundo, como ela mesma afirma. Nunca mais voltou para sua cidade de origem, recorda deste tempo de forma nostálgica e expressa o desejo de retorno. No entanto, já conheço Viviane há mais de quatro anos e ainda não soube de relatos nos quais ela de fato tenha ido visitar seus familiares. Antes, ela mesma conta que saiu pelo mundo, viajando de cidade em cidade e que agora pretende permanecer em Salvador.
- III. **Luana:** Natural de Sergipe, Luana tem 34 anos, mãe de 05 filhos e está na prostituição há mais de 14 anos. Em relação à sua família de origem, conta que a mãe a “deixou” sob os cuidados da avó, figura da qual tem grande orgulho e admiração. Gostava de estudar, chegando a concluir o ensino fundamental. Com 14 anos “perdeu a virgindade”, engravidando pela primeira vez: *“Eu conheci uma rapaz de... ele era filho de dona de brega.”* E assim aconteceu sua inserção no brega. Luana conta que se escondia nos armários quando

chegava alguém da “justiça”, pois ela era muito nova. Enquanto conta sua história afirma em vários momentos que foi porque quis. Considera a prostituição um trabalho, ainda que relate os riscos que vivencia: “*ser agredida, tomar calote, ser estuprada, de tomar na tora, de fazer a força*”. É neste momento, que afirma querer “sair dessa vida”. Dentre seus sonhos, sair da rua, ter sua própria casa e poder ficar com seu filho e companheiro se faz uma força para continuar na labuta. Seu maior desafio, no entanto, segundo ela mesma é superar o “vício das drogas”. Muitas vezes a prostituição acaba sendo para Luana um meio pelo qual ela consegue adquirir dinheiro para o consumo de drogas, seu e de seu companheiro.

6.5 Notas dialógicas: no movimento das narrativas...

O lugar de transgressão e agenciamento²¹ surge nas expressões de Luana e Antônia como formas de ocupar um lugar e se fazer a partir dele. No caso de Luana, ainda que sua inserção no brega tenha sido por meio de seu companheiro e por este fazer parte desse contexto, sua permanência não se localiza a partir dessa realidade. Ela insiste em permanecer no espaço, chegando posteriormente a reconhecer a prostituição como um trabalho de fato.

De outro lado, Antônia deixa claro “não gostar da prostituição”, mas foi a partir de seu movimento de saída do espaço de violência doméstica que lhe foi possível o enfrentamento à situação vivida no contexto familiar e a busca de alternativas. Piscitelli (2005), citando Giddens (2009, p.17) afirma que,

O conceito de agência não alude às intenções tomadas ao fazer algo, mas sim ao próprio fazer e os eventos perpetrados pelo indivíduo. Ser agente implica na capacidade de “criar uma diferença” e influenciar o curso de eventos preexistente, ser capaz de “atuar de outro modo” o que implica em intervir no mundo (PISCITELLI, 2005, p.43).

Para Viviane, “ser puta” também se apresenta como algo desconhecido. E assim, o que a marca é justamente a afirmativa (“assertiva”) da mãe de que ela se tornaria puta. Viviane assume concretamente o que é dito sobre ela e sobre o lugar do qual ela deveria ocupar.

Ambas, Luana, Antônia e Viviane “moças ainda” assumem o que significa ser “mulher da vida”. Ambas expressam situações emblemáticas desde suas vidas concretas. Sem olhar

²¹ Compreendemos agenciamento a partir da perspectiva de autores como Piscitelli (2013) e Olivar (2013), ou seja, lugar de agência – ação, lugar onde as mulheres ocupam e protagonizam.

dado a prostituição (sob a perspectiva do desvio) estas mulheres trazem elementos “comuns” a das “mulheres da sociedade”.

Filhas de famílias que se estruturam a partir de suas realidades, buscam alternativas de sobrevivência, brincam, se divertem, vivenciam experiências de namoricos e ao mesmo tempo de violência doméstica, dentre tantas outras situações. Ser “moça” demarca o lugar das meninas e mulheres nestes contextos: o lugar das tarefas domésticas, mas também o lugar da sexualidade. Entretanto, ao expressar que estas “moças” se tornaram “mulheres da vida”, o olhar que recai sobre elas, muitas vezes, volta a ser o olhar que desde o século XIX vem sendo reforçado. Se elas, na passagem entre ser moça e ser “mulher da sociedade”, ocupam outro lugar que é o da “mulher da vida”, então, elas são estigmatizadas.

Antônia mostra que a inserção na casa lhe possibilita o conhecimento deste outro lugar e, portanto, o entendimento de como deveria agir neste espaço: *“Ai depois perguntei pra mulher: cadê meu dinheiro, o moço disse que assinou um cheque, ela me xingou dizendo: você é mulher da vida hein? Ai eu fico pensando, você vê eu não era mulher da vida, ela me colocou ali”*. Ela se torna “mulher da vida” antes mesmo de saber o que significava isto porque os lugares e espaços têm sido, ao longo da história, demarcados como lugares de putas.

Ainda criança, ouvia de diferentes pessoas: “não passe por aquela rua, pois ali é inferninho”. Como “moça de família” não deveria transitar nestes espaços. Em outra situação, na cidade de Belo Horizonte/MG, em visita às mulheres nos hotéis de prostituição na Rua Guaicurus, encontrou um conhecido no local e ele ao mesmo tempo em que tentava explicá-la o motivo de estar ali observava o seu comportamento e tentava entender o que ela estava fazendo ali.

Em uma das suas idas a campo, dando continuidade ao relato apresentado anteriormente, estando na Praça da Sé, sentada em um dos bancos com as mulheres, conversava sobre os mais variados assuntos, até a chegada de “outra mulher”.

Enquanto conversávamos aproximou-se uma senhora e sentou ao meu lado. Ficou observando. As mulheres pararam de falar o que conversávamos e se remetiam apenas à briga dos sorveteiros (havia uma cena paralela de discussão de alguns sorveteiros). De repente, a mulher me disse que se sentou ali por ser o único lugar onde só havia mulheres, estava esperando uma pessoa. Lá pelas tantas ela me pergunta baixinho: aqui tem mulher que faz vida né? Confirmei me referindo a Praça como um todo. Ela me olhou por inteiro, observando meus trajes. Por um instante esperei ela me perguntar se eu batalhava, mas como não falei mais nada e Kátia estava vendendo água ela ficou meio na dúvida. Perguntei se ela tinha algum receio de estar ali. E

ela disse que não, mas ficou com medo de sentar no banco e atrapalhar algumas das meninas. Depois fui entendendo que na verdade ela estava com certo receio de estar naquele espaço sim. Aos poucos, ela foi se soltando e participando da conversa. As mulheres de modo geral, não falaram mais dos clientes e das conversas que estávamos tendo antes da mulher sentar. Entendi naquele momento que havia um código a ser respeitado e evitei falar de algo relacionado à prostituição. Após um tempo a mulher se levantou e foi embora, não se encontrando com ninguém da qual ela havia dito que se encontraria. Após sua saída, as mulheres voltaram a falar “besteiras”, não se preocupando com minha presença, pelo contrário, falavam abertamente dos mais variados assuntos (Diário de Campo, 24 de novembro de 2015).

No movimento das narrativas, Luana, Antônia e Viviane se encontram tanto no que significa ser moça ainda e na forma como realizam essa passagem. Ambas vivenciaram esta passagem de forma abrupta: seja no momento em que sai de casa, seja no momento que assumem uma gravidez e outras responsabilidades. Por outro lado, ambas buscam formas e alternativas de ser de fato “mulher da vida”, no sentido de ser guerreira, lutadora e, portanto, agenciadora.

Os lugares que as mulheres ocupam guardam marcas. No dia em que ocorreu a cena dita acima Antônia estava presente e ela junto das outras mulheres guardaram silêncio sobre os assuntos que conversavam, antes, justamente por perceberem o lugar que ocupam. Essa percepção, entretanto, pode significar, um cuidado sobre o que é dito e vivido neste espaço. Cuidado que se contrapõe ao olhar estigmatizador e preconceituoso sobre tais vivências, antes aponta os movimentos, afetos, desafetos, alegrias, tristezas que são vivenciados *in lócus*.

6.6 Corpos que circulam: entre silêncios, rupturas, memórias e esquecimentos

No campo de discussões que vêm sendo tecido ao longo desta pesquisa o reconhecimento de que estamos falando de corpos femininos foi um elemento gestado e percebido ao longo dos encontros, desencontros, silêncios, memórias e rupturas. Durante o período da qualificação estava ainda tão preocupada com as histórias faladas e narradas pelas mulheres que deixei passar a margem os corpos concretos. Elas não apareciam em meu texto de forma que Ana Cláudia Pacheco, com cuidadosa atenção convidou-me a escutar o silêncio presente acerca desse elemento.

Na construção de hipóteses sobre esse silêncio, reli o texto, revisei as falas, retornei novamente ao campo, retornei à pesquisa. De fato, não cabia apenas falar de corpos femininos, mas de compreender essa dimensão a partir das narrativas das mulheres, e avançar

no sentido de corporificar as palavras por meio dos movimentos, sentidos, significados, cheiros, sabores e saberes que estes corpos apresentavam.

Frangella (2000) em uma pesquisa realizada no centro da cidade de Campinas com meninos e meninas de rua, acompanhando o cotidiano de educadores de rua da Pastoral do Menor, buscou pensar as noções de corporalidade construídas por estes meninos e meninas na rua neste espaço. Neste sentido, a autora denomina estes corpos como corpos itinerantes, no sentido em que estão em constante movimento e, neste caso, por se tratarem de crianças, estão constantemente transitando os limites entre duas ordens, fazendo de suas vidas uma constante negociação.

A rua, para esses sujeitos, não é considerada apenas um lugar de passagem, ou de vivência de atividades de ordem pública (como o exercício de relações comerciais, ou o uso da rua como espaço de lazer). A rua é o lugar no qual vivem, misturando seus universos público e privado, nublando discursos que circundam os meios midiáticos e permeia o sendo comum, que opõem o mundo “seguro e ordenado das casas” à desordem e ao perigo das ruas” (FRANGELLA, 2000, p.205).

No espaço da rua são construídas *performances* sociais que se diferenciam de acordo com as situações vivenciadas. Estas *performances* configuram-se, portanto, em saberes de rua, ou ainda saberes da rua. Saberes que são vivenciados e construídos pelos corpos femininos na rua.

Uma das maneiras das garotas comunicarem a prostituição que praticam é observada na forma como elas se maquam e se vestem. O tipo de roupa das garotas de programa é um dos indicadores das estratégias de sedução em relação aos clientes, da corporalidade, da realização da prostituição. A comunicação desses significados sociais é realizada através dos corpos dessas mulheres entendendo a roupa como parte da corporalidade, portanto também como componente dessa *performance* (PASINI, 2000, p. 191).

É por meio do corpo e através das vivências construídas que os meninos e meninas de rua, as garotas de programa se fazem, ocupam espaços, interagem e constroem saberes. Entretanto, nesta pesquisa, o movimento dos corpos na Praça, nos bares, ou na orla; o estar sentada, isolada, em grupo, com cliente, na guia, ou dando alguma informação aos transeuntes, muito mais do que as roupas, demarca de modo mais preciso a *performance* das mulheres neste contexto.

Muitas vezes, sentada na Praça da Sé, em conversa com as mulheres de longe avistava movimentos, idas e vindas, gesticulações, lugares demarcados e a partir daí as circulações e interações destes corpos. Muitas vezes, sentada em um dos bancos da Praça tinha a sensação

de estar sentada à porta da casa de uma das mulheres, conversando e interagindo sobre os mais diversos assuntos.

Enquanto falavam, de repente se recordavam de algo importante, e saindo atravessavam a rua, indo buscar uma foto ou objeto, que se encontrava guardado com outra pessoa do entorno; retornava, continuava a história; e enquanto isso conversava com algum cliente ou outra mulher falando de situações diversas. Em instantes, mostravam o cabelo e como tinha ficado o novo *mega hair*, ou então, apontavam para a barriga dizendo que precisavam emagrecer, ou ainda mostravam algumas partes do corpo de clientes referindo-se à aspectos relacionados a higiene e limpeza. A seguir segue um relato do Diário de Campo:

A tarde estava tranquila. Quando cheguei havia pouca movimentação e poucas mulheres. Sentei-me do lado de Carla que estava com olhar distante e triste. Conversamos um pouco. Ela falou do filho e da preocupação por ele ainda não estar namorando. Ele tem 16 anos e ela se preocupa com o fato dele ainda não ter aparecido em casa com nenhuma namorada. Falou também do movimento. Disse que está fraco e que chegou à Praça por volta de 09 horas da manhã e ainda não tinha feito nenhum programa. No horário que conversávamos era por volta de 15 hs. Depois de pouco tempo de diálogo Carla se levantou e foi andar pela Praça. Permaneci sentada no banco sozinha por um bom tempo. Fiquei então a observar as pessoas que passavam. Algumas mulheres mais adiante em um grupo pequeno conversavam. Preferi permanecer sentada no banco. Foi crescendo certo estranhamento em mim. Sentada, sozinha naquele espaço. De novo percebi que ainda sou estranha. Vi Amanda passando do outro lado da rua. De repente ela parou e começou a discutir com outra mulher. Em seguida sumiu. Quando voltou trazia um café na mão dividindo-o com dois homens que estavam sentados em outro banco. Estar sozinha sentada no banco causou alguns movimentos interessantes. E, apesar de meu incômodo e estranheza me permiti permanecer ali. De repente um homem passa e olha. Faz sinais. Compreendo mas faço que não entendo. Ele segue. Do outro lado da Praça, próximo a uma árvore outro senhor não se cansa de olhar em minha direção, me distraio com a chegada de Rai. Está visivelmente sóbria e senta-se ao meu lado. Com os cabelos arrumados e batom nos lábios inicia o diálogo. Ela mesma começa dizendo que tem bebido pouco e tem se cuidado um pouco mais, a única bebida que tem consumido é a cerveja. Também tem ido para casa todos os dias: “eu fiquei pensando, se eu tenho casa, não preciso ficar na rua.” Rai recebeu a casa pelo Programa Minha Casa Minha Vida. Ela também, assim como Carla fala do movimento na Praça, que tem feito poucos programas: “ontem tive que pegar R\$3,00 emprestado pra voltar pra casa, pois não tinha dinheiro nem da passagem”. Conta que tem uma senhora a ajuda e por isso todo mês vai buscar uma cesta que tem alguns itens que a ajuda “levar o mês”. Falou ainda do companheiro, um senhor que vive com ela e diz que este a ajuda um pouco. Ao falar do movimento, Rai olha para o outro lado da Praça e com a cabeça aponta uma mulher loira sentada. Diz que a única mulher que tem conseguido fazer programas é ela. Eu não estava atenta a esta mulher e então comecei a observar. Não a conhecia. Pergunto a Rai se ela é nova na Praça e ela diz que sim e por este motivo tem feito muitos programas: “é assim, se eu for para um interior vai acontecer a

mesma coisa, eles fazem coisas quando chega gente nova.” Após este diálogo ela se levanta e senta-se no mesmo banco da mulher loira da qual estava falando. Volto a ficar sozinha no banco. O senhor da árvore permanece no mesmo ponto, próximo a árvore. De repente outro homem senta-se no banco que estou. Fica a me olhar. Faz sinais. Permanecemos ai um tempo significativo. Mais uma vez permaneço no meu espaço. Continuo a observar a movimentação. De repente me dou conta que a mulher loira se levanta. Ela vai à frente e um homem atrás. Dirigem-se ao hotel. Esta cena já vi várias vezes. Muitas mulheres dizem que preferem ir à frente e o cliente atrás, pois assim caso aja algum conhecido as pessoas não saberão o que estão fazendo. A loira entra no hotel e o homem atrás. Em pouco tempo, mais ou menos vinte minutos ela sai do hotel e a vejo circulando pela Praça novamente. Neste momento chega Daniela, me abraça e senta-se ao meu lado. Conta que não tem vindo muito a Praça e que no final do ano vai viajar para ver os familiares. Nossa conversa é longa. E depois de um tempo tanto o senhor que se encontrava na árvore quanto o que estava no mesmo banco que eu vão embora. Daniela reclama da enxaqueca. Tira da bolsa um remédio. Quando lhe digo que também tenho enxaqueca, ela me faz tirar da bolsa meu caderninho, pega uma caneta e diz para eu anotar o nome do remédio que ela está tomando. Continuamos a conversar e ela fala da filha, que se preocupa com a mesma e que o ex companheiro da filha já tentou violentá-la. Daniela diz que ela se separou por este motivo e deixa escapar que não é possível viver com homem violento, uma frase quase não sai: “eu aguentei muito”. Conta que o pai de sua filha era policial e também era muito violento. Das histórias que já ouvi de Daniela ela sempre tem uma relação com algum homem violento, mas dificuldades em assumir. Falamos de seus filhos. Ela diferencia a filha do filho dizendo que este último não gosta de estudar e trabalhar. Está feliz por ir passar o natal e fim de ano com a família. Relembrou uma vez que passou três meses na Suíça. Perguntei como foi. Contou então que conheceu um gringo em Porto de Galinhas e este lhe ofereceu ir com ele para passar três meses. O combinado foi que ele pagava a viagem e todos seus gastos e ela ficava com ele. Em sua fala diz que foi uma passagem muito boa. Mas terminados os três meses quis voltar logo para o Brasil. Em sua estadia na Suíça contou que lá as boates são distantes da cidade e as pessoas não gostam de muita confusão como na Praça. Disse que ficava em um apartamento sozinha, não saía muito, pois além de saber falar a língua tinha medo de se perder e não saber voltar. Após um mês o gringo voltou a trabalhar de modo que ficava a semana sozinha e ele retornava somente no final de semana para que pudessem sair. Ela relata que iam para um lugar alto cheio de montanhas. O gringo dizia para ir conhecer a Itália, mas na verdade ela tinha medo de se perder e acabava não indo. Com três meses retornou ao Brasil e perdeu o contato do gringo. Daniela diz que está mais tranquila, pois os filhos já estão criados e ela não precisa ficar batalhando: “nunca gostei, por isso eu fico aqui longe. Na minha rua, na minha terra nem pensar, não gosto destas coisas.” Conversamos mais um tempo. Ela me perguntava quando é que vou arrumar um bebê. Respondi que estou esperando mais um pouco. Ai ela me retrucou dizendo: “estas coisas não tem hora, quando Deus manda é a hora”. Rimos um pouco. Após mais algumas conversas, uma aproximação de Flávia que parecia agoniada andando pela Praça despedi-me (Diário de Campo, 10 de Dezembro de 2015).

Esse trecho do diário desponta uma série de relações e interações que ocorrem no espaço da rua, movimentos de ir e vir, histórias que são contadas, aproximações, estranhamentos, distanciamentos, fluidez que faz a rua se tornar neste cenário um local marcado por intimidades e familiaridades. A dramaticidade presente na rua e em locais de *batalha*, ainda que aparentemente “conhecidos”, trouxe de novo, a percepção de um estranhamento: sentadas sozinhas, observam os movimentos, algumas tramas surgem, fingem que não percebe, conversam, se estabelecem e se desfazem, um jogo intenso e vivo de relações e interações. Assim,

Apesar de uma presença frequente nos lugares, da insistência para ser visto e reconhecido pelo olhar do Outro, na etnografia de rua, o contato nasce de um pedido de consentimento à interação e troca possíveis que se seguem ao reconhecimento dos movimentos, olhares, dos ruídos locais, dos códigos de ética e dos direitos autorais a serem observados junto à aceitação da comunicação solicitada. Entretanto, o pesquisador que vivencia a dramática da rua está sujeito a reconhecer uma diversidade de eventos de interação a qual observa ou interage. O contato expressa o desejo de uma multiplicidade de trocas com os “nativos”, pois é a reciprocidade, sem dúvida, a razão de ser e existir deste analista da diversidade e complexidade cultural. Nesta interação, ele depende não só do domínio da língua do Outro para compreender o que é dito, mas também da atenção aos tons e meio tons, das insinuações e dos silêncios, dos não ditos e das recusas. Sem dúvida, o contato nasce deste processo de ritualização do estar na rua cotidianamente (ROCHA e ECKERT, 2013, p.26).

Neste sentido, Frangella (2000) afirma, a partir de sua pesquisa,

Intimidade com as ruas e desconfiança com as pessoas são dois elementos centrais para o “saber de rua”, para o aprendizado de linguagens e comportamentos com os quais garotos e garotas compõem, divertindo-se, suas imagens. Eles e elas tornam “domínio privado” os lugares considerados públicos e enfrentam constantes proibições de circularem por bares, lojas, porta de casas e parques. Isto indica que o circuito no qual vão se inserindo, à medida que permanecem mais tempo nas ruas, não se constitui arbitrariamente e em qualquer local da cidade (FRANGELLA, 2000, p.222).

O corpo nesta discussão, corpo em trânsito, corpo em movimento, corpo em circulação ocupa o lugar público: a rua. Perrot (2003) contribuí na medida em que traz para o debate a relação entre o silenciamento das mulheres ao longo da história e o lugar do corpo feminino neste cenário. A autora aponta que “o silêncio pesa primeiramente sobre o corpo feminino” e mesmo quando se diz algo sobre este corpo ele permanece escondido. Nas entrevistas as mulheres ainda trazem elementos relacionados ao silenciamento, ou seja, se por um lado,

historicamente o movimento de mulheres em suas mais variadas formas vem conquistando espaço e possibilitando o empoderamento de mulheres, ainda permanece presente, pelo menos nos discursos das mulheres, dados que mostram como determinados assuntos e temas relacionados ao corpo feminino são tratados de forma “oculta”, escondida. Alguns assuntos devem ser ditos no espaço privado, no âmbito da casa, longe dos homens.

Como pôde ser visto anteriormente, a relação com a menstruação, gravidez, corpo eram temas tratados com as mães, irmãs, avós, ou seja, com outras figuras femininas. Com estas figuras se aprendia o que era importante saber sobre o corpo, como perceber os sinais que este corpo mostra, o que esconder, quais os significados da sexualidade, que muitas vezes foi pautada na perspectiva moral do puro *versus* impuro, daquilo que pode e não pode, do que significa ser mulher de casa e mulher da rua.

Aspectos relacionados ao corpo da mulher permanecem ocultos para as próprias mulheres. O silenciamento do qual fala Perrot (2003) e do que vamos discutir em seguida, parece ter tido um peso tão intenso na vida das mulheres que lhe impediu de conhecer aspectos importantes de sua vida. Neste sentido, a entrada das mulheres na prostituição, em muitos aspectos contribuiu para que elas pudessem aprender de outras mulheres, muito mais do que saberes referentes à prática da prostituição, mas saberes referentes aos seus próprios corpos.

Se de um lado, em algum momento elas aprenderam de suas mães e avós alguns saberes relacionados a higiene e cuidado, de outro, na prostituição estas mulheres têm aprendido e ensinado elementos importante sobre seus corpos. Ivone fala de alguns cuidados e demonstra que se antes havia um medo relacionado a “se perder”, agora na prática da prostituição as mulheres vão descobrindo meios e possibilidades de cuidado e até mesmo de enfrentamento e questionamento do lugar ocupado pelos homens.

“Ivone: A gente descia. A gente não se cuidava. Tinha uma bacia e tinha um caneco grande dentro da bacia e a gente ficava de cócoras e era só lavar thucothuco (demonstra)... Lavava, aí vestia a roupa, passava o perfume, passava o batom, se arrumava e subia pro salão. Ai já arrumava outro programa e já descia e fazia a mesma coisa. Tinha as bacias e nada de camisinha. Nessa época não tinha camisinha... a gente ficava... Chega o esperma escorria. Às vezes a gente botava papel higiênico pra não ficar escorrendo. Ai a noite ficava transando demais e a xereca ficava folgada. Muito esperma... ai os homem dizia mesmo assim: é mas não quero mais você não porque fui transar com você, ô humilhação, porque eu fui transar com você e tá folgada demais. Eu digo: folgada tá é você. Eu não sou frouxa não. É você que tem a pica fina (ri)... a rola do homem... é você que tem a pica fina que é a rola. Ai ele dizia: é deixa pra lá...eu fazia tanto programa, era tanto homem que os quarto não dava e as mulher tinha que

transar no corredor. Às vezes transava duas num quarto. Três num quarto. Até no chão. E a gente transava com todo tipo de homem que chegava. Não tinha escolha”.

A fala de Ivone relata um pouco do cotidiano da prática da prostituição em um bar na Ladeira da Montanha, retratando a falta de instrumentos relacionados ao seu trabalho, principalmente em um tempo (década de 1970-1980) em que o acesso à camisinha era mais difícil. No entanto, ela mostra estratégias construídas pelas mulheres e modos de cuidado neste contexto. Mostra ainda uma percepção importante sobre o próprio corpo: “*a xereca ficava folgada*”, ou ainda, uma percepção acerca do corpo masculino: “*você que tem a pica fina*”, brincando e satirizando com estes elementos.

Tais aspectos parecem ser desnecessários, entretanto, quando estamos falando do processo de silenciamento acerca dos corpos femininos o falar, perceber, questionar, inventar possibilidades parecem ser, portanto, modos de rupturas destes silenciamentos.

Nesse sentido, é importante apontar a contribuição de Perrot (2015) quando em sua obra *Minha história das mulheres* busca escrever o que a autora denomina de história das mulheres tratando não especificamente de biografias ou de história de algumas mulheres específicas, mas pensando sobre o coletivo de mulheres, demarcando um período de aproximadamente trinta anos. Na discussão Perrot (2015) chama a atenção à passagem do silêncio à palavra, demarcando, portanto, a mudança de olhar acerca da história das mulheres.

Remontando a história a partir da memória de seu percurso enquanto estudante, pesquisadora e historiadora, Perrot afirma que seu interessa começa por volta dos 1970, em relação com o movimento de mulheres, após o acontecimento de maio de 1968, no período em que ela era assistente em Sorbonne e posteriormente na Universidade de Paris.

O itinerário percorrido por Perrot (2015) aponta juntamente com outras mulheres a importância do movimento coletivo. Neste sentido, o desenvolvimento da história das mulheres tem acompanhado o movimento das mulheres enquanto emancipação e libertação. Mais recentemente,

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais (PERROT, 2015, p. 15-16).

A escrita acerca da história das mulheres propicia um movimento de saída do silêncio pelo qual estavam confinadas as mulheres. Perrot (2015) aponta então a invisibilidade pela qual as mulheres eram consideradas, pois estando excluídas do espaço público, atuando na família, as mulheres eram marcadas pelo silêncio e invisibilidade. Perrot (2015) discorre sobre o silêncio das fontes, ou seja, como o acesso a escrita se deu de modo tardio, poucas são as produções e escritos. Além do mais, o que havia de escrito era muitas vezes destruído pelas próprias mulheres. De outro ponto, temos o silêncio acerca do relato, de modo que as histórias que são contadas refletem os feitos dos reis, das guerras, de coisas referentes ao espaço público. A partir do século XVIII se tem algumas tentativas de trazer a tona esta história.

Abordando o tema, Perrot (2015) discute sobre alguns pontos importantes: longevidade dos corpos femininos, infanticídio das meninas, escolarização das meninas, condição das jovens, violações. No que tange a longevidade, Perrot (2015) mostra que a taxa de mortalidade de mulheres, na Idade Média, por exemplo, era superior a dos homens. A partir dos progressos da obstetrícia e da ginecologia esta distância diminui, em contrapartida, as mulheres são menos cuidadas, e, portanto, deixadas em asilos, no período da velhice.

Em relação ao infanticídio, Perrot (2015) recorda que o nascimento de meninas é menos desejado e desse modo, em diferentes culturas o nascimento de uma menina é muitas apresentado como algo que traz prejuízos. Em culturas como a China, por exemplo, o infanticídio é uma prática que perdura ainda na atualidade. Antes do século XX não se tem relatos de infância de meninas, assim, torna-se difícil delinear a vida real das meninas. No que tange à escolarização,

É mais atrasada que a dos meninos principalmente em países católicos. Sob esse ângulo, o protestantismo, que promove a leitura da Bíblia pelos dois sexos, é muito mais igualitário. Nos meios católicos, as religiosas se encarregam de ateliês onde ensinam às meninas: rudimentos de leitura, a prece e, principalmente, a costura. Elas formam a mão de obra ideal para as indústrias de renda, por exemplo, como aconteceu na baixa Normandia, nas vizinhanças de Bayeux e de Caen, no século XVII e mais ainda no século XVIII (Perrot, 2015, p. 43-44).

Outros temas são relevantes nesta discussão, ou seja, o vínculo que se tem entre meninas e religião, o momento da puberdade como tempo de extremo controle dos corpos das mulheres; a violação, entendida como risco e ao mesmo tempo rito de iniciação sexual masculina, muito tolerada na Idade Média. O casamento neste cenário demarca o “estado de mulher”, ou seja, esta é a condição “normal” para a maioria das mulheres.

A mulher casada é, ao mesmo tempo, dependente e dona de casa. Cabe a ela usar dos poderes que lhes são conferidos ou relegados. Dependente juridicamente, ela perdeu seu sobrenome. Esta submetida a regras de direito que tem por objetivo principal proteger a família [...] Dependente sexualmente, está reduzida ao “dever conjugal” prescrito pelos confesores. E ao dever da maternidade, que completa sua feminilidade. Temida, vergonhosa, a esterilidade é sempre atribuída à mulher, esse vaso que recebe o sêmen que se supõe sempre fecundo. A esterilidade torna legítimo o ato de repudiá-las. Dependente em seu corpo, ele pode receber “corretivos”, como uma criança indócil, pelo chefe da casa, depositário da ordem doméstica (PERROT, 2015, p.47).

Por volta dos anos 1870-1880, estudantes russas cortam os cabelos, ao entrarem para as faculdades de medicina. É o período da chamada liberação política, liberação dos costumes e afirmação da feminilidade. A partir dos anos 1900 com o feminismo europeu temos as reivindicações acerca da libertação do corpo. Após a Segunda Guerra Mundial, a “tosquia”²² tornou-se na França uma prática muito utilizada pelas mulheres (Perrot, 2015).

A partir do século XVIII, as ciências naturais e médicas se voltam a discutir sobre a sexualidade feminina: o sexo, fundamento da identidade e da história dos seres. Neste cenário, o sexo das mulheres é algo que deve ser protegido, controlado, guardado. Ao mesmo tempo, a sexualidade das mulheres é considerada como algo misterioso, desconhecido e, portanto temida. Àquelas mulheres cujo não há controle da sexualidade são consideradas maléficas, feiticeiras, insaciáveis.

Corpo desejado, o corpo das mulheres é também no curso da história, um corpo dominado, subjugado, muitas vezes roubado, em sua própria sexualidade. Corpo comprado, também pelo viés da prostituição [...] A gama de violências exercidas sobre as mulheres é ao mesmo tempo variada e repetitiva (PERROT, 2015, p.76).

Nessa perspectiva a mulher é, portanto demarcada por uma imagem, um corpo, uma aparência. A diferença que marca os sexos se dá pelo modo como são vistos e utilizados: cabelos para as mulheres, barba para os homens.

No século XIX, uma mulher de “respeito” traz a cabeça coberta, uma mulher de cabelos soltos é uma figura do povo, vulgar; nas feiras, distinguem-se as burguesas que usam chapéu, que saem às compras, das feirantes que nada usam para cobrir os cabelos. A moda logo impõe o chapéu tanto para homens quanto para mulheres. Mas foi a partir dos séculos XVII e XVIII

²² Segundo Perrot, a tosquia é “um rito expiatório de purificação. Uma medida higiênica de asseio, de desinfecção e de erradicação do mal. Calcula-se o valor político do corpo da mulher, ponto de honra, objeto de poder e em particular o valor de seus cabelos” (Perrot, 2015, p.62).

que se produziu uma espantosa inflação de chapéus para as mulheres, que se tornaram verdadeiros “bolos de noiva” (PERROT, 2015, p.58).

Para Pasini (2005), uma das principais conclusões a respeito das pesquisas realizadas por ela foi a de que a “marca contida nos corpos tanto das prostitutas quanto dos homens frequentadores” é o que demarca e separa a vida na prostituição e a vida fora dela. Pasini (2005) fala em regras nos pontos de prostituição. Diferente de Pasini, o que pude perceber é que esta demarcação não se estabelece para todas as mulheres que exercem a prostituição. No caso das mulheres que batalham na Orla, ou em bares de outras regiões de Salvador, ou ainda de algumas mulheres na Praça da Sé e Centro Histórico, esta pode ser uma realidade, na medida em que as mulheres se apropriam de nomes outros que não os seus, temem o aparecimento de algum conhecido ou parente, como é possível ver no caso de uma mulher que encontrei em um bar no Largo do Tanque.

Sentamos e tecemos uma conversa. Mais uma vez, ao sentar, esclareci que era pesquisadora e que tenho estado nestes espaços para compreender a realidade das mulheres que a vivenciam. Carla, não se intimidou apesar de perceber desde a nossa chegada que ela estava em lugar mais reservado no bar. Carla me contou que está “batalhando” há cinco meses, que prefere ficar no canto e não gosta muito de ficar indo “atrás de clientes”: “eu fico aqui sabe, se eles quiserem eles chegam aqui e a gente combina”. Perguntei então como que ela começou e ela contou que trabalhava em um supermercado Centro Sul, mas o dinheiro era pouco: “tenho duas filhas e você sabe como é. Uma amiga me trouxe aqui. Bem, ela me disse: Vou te levar em um lugar pra você conseguir dinheiro.” Carla relata que não imaginava que era um bar. Ao chegar ao espaço estranhou um pouco, mas resolveu assumir o trabalho. Em seguida, contou que fora casada durante muitos anos e que a decepção com o casamento a fez buscar outras coisas. Ficou emocionada quando disse que seu marido a agredia: “ele me batia, mas depois de muito tempo eu não quis mais isso.” Fiquei em silêncio apenas escutando. E em momento algum Carla se incomodou com as lágrimas que surgiam em seus olhos. Diante disto fiquei tranquila. Falou das duas filhas: uma de 17 anos e outra de 09 anos. Neste momento, (não me contive), perguntei sua idade e Carla disse ter 38 anos. Relatou ainda que está fazendo um curso de enfermagem para ter uma profissão. Diante desta fala perguntei se ela não acha que o que fazia era profissão e ela no mesmo momento contorceu todo o corpo dizendo que não: “isso aqui. Não. Isso não é profissão. Isso aqui é ruim. Na verdade eu não gosto. Eu quero ter uma profissão sabe. Eu vou para o curso, depois para a academia e depois venho pra cá.” Perguntei então se sua família sabia que ela “batalhava” e ela disse que não e que por isso sempre anda com roupa de academia na bolsa: “Hoje em dia eu tenho até vergonha de sair, tenho medo que algum conhecido me veja aqui, por isso eu fico no cantinho sabe. Eu vou com minhas filhas no Shopping, vou ao cinema, mas dia de segunda feira pra ninguém me reconhecer. Já pensou entrar um conhecido ali naquela porta” (Diário de Campo, 18 de Junho de 2015).

A partir do exposto fica evidente a separação da qual Pasini fala entre a vida na prostituição e a vida fora da prostituição. Entretanto, em situações como daquelas de mulheres que vivem a maior parte do tempo na rua esta realidade se modifica. No caso de algumas mulheres da Praça da Sé, por exemplo, o limite ou a linha divisória entre mundo da prostituição e mundo fora da prostituição não se estabelece. Essas mulheres têm a maior parte de suas vidas perpassadas e atravessadas por tal realidade. Não sentem vergonha em dizer e falar do lugar que ocupam, o trabalho que fazem e acabam por não dissociar suas outras tarefas e afazeres com a “vida na prostituição”.

Nas sociedades ocidentais a prostituição esteve, em longo processo histórico, marcada por visões ambíguas: rejeição, segregação, mas também tolerância em relação aos locais de prostituição e prostitutas. A interpretação funcional predominou no senso comum e em distintas áreas de conhecimento que consideraram este fenômeno de forma integrado à instituição do casamento. O apelo à justificativa de que seria um “mal necessário” à integridades dos corpos e à virgindade das “moças de família”, sustentou a moral sexual vigente. Classificada como uma ameaça à lógica do ordenamento social, ao suscitar ideias de transgressão e liberdade associadas aos papéis femininos, a prostituição era, ao mesmo tempo, útil à manutenção das famílias, uma vez que separaria os impulsos e desejos sexuais masculinos da intimidade doméstica e do modelo do amor romântico (MORAES, 2014, p.119).

Fonseca (1996), em um estudo com mulheres que trabalham na prostituição de rua em Porto Alegre, verificou, durante os anos de 1994 e 1995, a dimensão cotidiana da batalha e a dupla carreira – família e profissão da mulher prostituta. Alguns elementos são importantes nesta pesquisa: o primeiro refere-se ao reconhecimento por parte de Fonseca de que existe uma heterogeneidade na prática e vivência da prostituição; o segundo refere-se ao espaço da prostituição e neste caso a rua, como lugar e espaço de sociabilidade feminina.

Era um território de intensa sociabilidade feminina e muitas vezes familiar. Os filhos e netos eram um tema comum de conversa – fosse para queixar-se de um ingrato ou gabar-se de um bem sucedido. O filho de uma já tinha negócio próprio enquanto camelô, o filho de outra tinha sido preso, uma filha tinha brigado com o marido e largado sua progenitura com a mãe [...] Certos dias a praça parecia mais uma sala de visitas (o espaço público domesticado pela presença feminina) do que outra coisa (FONSECA, 1996, p.17).

Com Fonseca (1996) descobrimos e reafirmamos, a partir desta pesquisa, o rompimento e ao mesmo tempo o lugar de contradição destas divisões acerca do lugar das

mulheres nestes espaços. O conceito de gênero nesta discussão traz contribuições importantes no que tange a problematizar e complexificar as questões.

A constituição de classes de homens e mulheres, assim como as diferenças entre estes podem não ter o mesmo significado e sentido para mulheres e homens. A categoria gênero é, portanto uma categoria que marca uma divisão crucial. O gênero não é uma simples categoria analítica; ele é como as intelectuais feministas têm argumentado uma relação de poder.

Moore (2000) discute sobre a relação entre identidade de gênero e discurso de gênero, entre o gênero enquanto vivido e gênero enquanto construído. A identidade de gênero, portanto, é construída e vivida e, assim, pensar sobre gênero (e raça) segundo a autora significa entendê-los como princípios estruturantes da vida social humana. Desde a década de 1960, reformulações feitas sobre as noções de social e cultural propiciaram o repensar do lugar do indivíduo dentro das estruturas de poder e dominação.

A diferença de gênero, como outras formas da diferença, não é um mero efeito da significação ou da linguagem. Se aceitarmos a visão de que o conceito do indivíduo ou pessoa só é inteligível em referência a um conjunto de categorias, discursos e práticas cultural e historicamente específicas, temos que reconhecer os diferentes modos em que as categorias “mulher” e “homem”, e os discursos que empregam essas categorias, estão envolvidos na produção e reprodução de agência (MOORE, 2000, p.17-18).

As produções de discursos sobre gênero variam entre as culturas, sendo em muitos casos discursos que estão em oposição. De um lado, a ideia de que gênero tem duas formas, uma feminina e outra masculina, e que categorias como “mulher” e “homem” se produzem e reproduzem por meio dos discursos da diferença. De outro lado, discursos que têm como premissa a exclusividade das categorias “mulher” e “homem”. Em outras culturas, gênero é construído de forma processual, sendo a feminilidade e a masculinidade qualidade de pessoas. Moore (2000) aponta que nas sociedades ocidentais, existe um tipo particular de masculinidade hegemônica que ordena a relação estrutural entre feminilidades e masculinidades. Desse modo, a masculinidade hegemônica está de tal modo entranhado nas relações políticas, culturais, sociais e econômicas que de uma maneira própria assegura a dominação de gênero.

Gênero, ou melhor, a diferença marcada por gênero, passa a representar diferenças muito reais de poder entre grupos de pessoas e indivíduos, e em muitos contextos é construído em referência a discursos de diferença racial. Os idiomas de gênero e raça são assim usados muitas vezes para ordenar as

diferenças de poder, com o resultado de que o próprio poder é representado em muitos contextos como sexualizado e racializado (MOORE, 2000, p.34).

O conceito de gênero para Louro (2014) está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, ou seja, para que se possa compreendê-lo é preciso recuperar o processo pelo qual ele foi construído. A referência, portanto, ao feminismo como um movimento social organizado remete-se fortemente ao Ocidente e ao século XIX. É, portanto, na virada do século que as manifestações contra a submissão feminina ganham visibilidade.

Desde a década de 1980 vem se discutindo o conceito de gênero a partir de um convite a um novo olhar sobre a realidade, marcando, portanto, as distinções entre aquilo que é caracterizado feminino e o que é caracterizado masculino. Piscitelli (2001) em um artigo intitulado: “Re-criando a (categoria) mulher” propõe uma discussão acerca dos significados e do modo como foi sendo construído o conceito de gênero assim como pensar sobre a categoria mulher. Para a autora, entre os (as) acadêmicos (as) o conceito de gênero permitiu um avanço em relação à possibilidade analítica da categoria “mulher”.

Piscitelli (2001) faz um breve percurso do pensamento feminista desde a década de 1960 focando nos pressupostos e principais conceitos desenvolvidos por este feminismo. O conceito gênero, desenvolvido a partir do pensamento feminista possibilitou uma inovação em diversos sentidos.

No século XIX, a ideia de “direitos iguais à cidadania”, pressupondo igualdade entre os sexos, impulsionou uma mobilização feminista importante, no Continente Europeu, na América do Norte e em outros países. Entre as décadas de 1920 e 1930 as mulheres conseguiram, em vários lugares, romper com algumas das expressões mais agudas de sua desigualdade em termos formais ou legais, particularmente no que se refere ao direito ao voto, à propriedade e ao acesso à educação (PISCITELLI, 2001, p.02).

As práticas do movimento feminista, assim como o pensamento feminista são marcadamente diversas, sendo, portanto, expressão de ideias que são fruto das interações entre os mais variados teóricos. Entretanto, apesar das diferenças presentes nas diversas vertentes, as abordagens desenvolvidas em finais da década de 1950 compartilham ideias centrais (PISCITELLI, 2001). A subordinação feminina, por exemplo, é pensada a partir da época histórica e do lugar em que a estude. Por outro lado, ela também é pensada universalmente, na medida em que pode ocorrer em diferentes partes do mundo.

As diversas correntes do pensamento feminista afirmam a existência da subordinação feminina, mas questionam o suposto caráter natural da subordinação. Elas sustentam, ao contrário, que essa subordinação é decorrente da maneira como a mulher é construída socialmente. Isto é fundamental, pois a ideia subjacente é a de que o que é construído pode ser modificado. Portanto, alterando as maneiras como as mulheres são percebidas seria possível mudar o espaço social por elas ocupado (PISCITELLI, 2001, p.02).

A partir de finais da década de 1960 o pensamento feminista desenvolvido nos Estados Unidos e na Inglaterra apresentam diferenças na percepção das origens e causas da opressão. Algumas vertentes do feminismo socialista estão presentes nessas correntes demarcando, portanto, o que consideram as causas originais da opressão das mulheres. Desse modo, para esta vertente as formas de opressão sexual, assim como as formas de parentesco e família teriam uma base material na estrutura de classes. Assim, a exploração de classe seria superada na medida em que surgisse outra forma de organização social. Algumas correntes do feminismo socialista questionam e criticam estas premissas e demonstram que as hierarquias de gênero continuaram nos países socialistas. Neste caso, as causas originais da opressão feminina são associadas ao capitalismo e ao patriarcado.

Para o feminismo radical, as causas da opressão das mulheres se localizam nos processos de subordinação localizado no processo reprodutivo. De acordo com Shulamith Firestone, em seu livro *A dialética do sexo*, os papéis desempenhados por mulheres e homens na reprodução são preponderantes para o fortalecimento da dominação dos homens sobre as mulheres. Desse modo, o feminismo radical considera que a libertação das mulheres será possível na medida em que se derrote o patriarcado.

A categoria “mulher”, afirma Piscitelli (2001) tem raízes na “ideia do feminismo radical e aponta que para além das questões de raça, as mulheres são oprimidas pelo fato de serem mulheres”.

Nesta linha de pensamento, a categoria “mulher” é pensada como incluindo traços biológicos e, também, aspectos socialmente construídos. Em termos gerais, as feministas radicais sublinharam a conexão entre mulheres através do tempo e das culturas, considerando que o corpo feminino era uma pré-condição necessária a permanência da opressão patriarcal (PISCITELLI, 2001, p.05).

Para as feministas radicais, portanto, a dominação masculina excluía as mulheres da história, da política, da teoria e das explicações sobre a realidade. Tal perspectiva repercutiu no modo de produção científica, sendo, portanto, efervescente a produção sobre a “situação da mulher”. Tais produções trouxeram consigo o questionamento acerca do conceito patriarcado na medida em que a utilização desse termo “fora do contexto obscurecia a compreensão das relações sociais que organizam diversas formas de discriminação” (Piscitelli, 2001, p.07).

Joan Scott (1990), em *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* propõe uma leitura da história em que essa categoria tenha realce, buscando articulá-la com outras categorias, como por exemplo, classe e raça. Scott propõe uma definição de gênero a partir de uma perspectiva analítica, ou seja, “o termo gênero faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo termo de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens” (SCOTT, 1990, p.85).

Louro (1994) aponta a partir do campo da educação que a educação durante muito tempo buscou garantir seu espaço no meio acadêmico por meio e a partir do paradigma experimental-positivista de análise, mais recentemente, entretanto tem se buscado “compreender a educação articulada ao todo social”. Entretanto, o que se entende por “todo social” tem sido entendido de forma reducionista. Desse modo, Louro (1994) propõe que seja feita uma leitura da História da educação sob a perspectiva do gênero.

Penso que é importante notar, ainda, o plural empregado, ou seja, venho me referindo sempre aos conceitos de gênero. Se, como vimos antes, quando falamos em gênero estamos nos referindo a uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos, então é imprescindível entender que há diferentes construções de gênero numa mesma sociedade – construções estas que se fazem de acordo com diferentes modelos, ideias, imagens que têm as diferentes classes, raças, religiões, etc, sobre mulher e sobre homem. Creio que devemos lembrar também que há diferentes construções de gênero numa dada sociedade em contextos históricos diferentes (o que por sua vez supões dizer que o gênero tem história, que o feminino e o masculino se transformam histórica e socialmente). Por fim, em todos esses processos, ao se pensar na construção, parece-me que está implicada a ideia de socialização, de formação, de educação (LOURO, 1994, p.35).

No que tange a esta pesquisa, cujo objetivo tem sido verificar os processos de socialização, a partir das narrativas e trajetórias das mulheres, a construção de gênero se concretiza a partir das relações e os diversos modos de socialização e interação realizados tanto no espaço, quanto entre as pessoas que compõe este contexto. Os corpos se encontram e

desencontram, se articulam, se aproximam, se distanciam, constroem saberes e aprendizados, como tem sido possível perceber nas narrativas e na inserção em campo.

Em relação às mulheres entrevistadas a memória da infância foi motivo de saudosismo e certa nostalgia, para outras, porém, parecia não haver motivos para recordar. Em relação, à inserção na prática da prostituição, algumas o vivenciaram com glamour, e é interessante sublinhar que nestes casos foram as situações em que as mulheres hoje têm mais de cinquenta anos, por outro lado, as demais mulheres não trouxeram a inserção na prática da prostituição como um acontecimento glamourosos.

Fazendo um levantamento de alguns dados referentes ao ano em que as mulheres nasceram e o ano (aproximadamente) em que iniciaram na prostituição podemos dialogar com algumas memórias e recordações importantes no que tange a temporalidade. No quadro a seguir compartilhamos estas informações:

Quadro 3 – Tempo inserção na prostituição

Identificação	Ano nascimento	Inserção na prostituição
Ivone	1963	1980
Daniela	1971	1995
Rosângela	1953	1970
Cristiane	1977	1992
Viviane	1966	1980
Linda	1975	2000
Bianca	1971	1988
Luana	1981	1996
Luci	1966	1988
Carla	1978	2000

Quadro elaborado pela autora.

Importante observar os dados em relação às narrativas das mulheres, pois expressam o modo como cada uma significa e significou sua inserção na prostituição, o momento histórico em que viviam, os acontecimentos familiares, sociais, culturais; além de relacioná-lo com momento em que narram e lembram destes fatos.

Dentre as mulheres entrevistadas, cinco delas nasceram da década de 1970 e tiveram sua inserção na prostituição na década de 1990, ou final da década de 1980. As outras duas mulheres nascidas neste período tiveram sua inserção na prostituição por volta do ano 2000 ou final da década de 1990. Importante sublinhar que três destas mulheres, antes de iniciarem na prática da prostituição foram casadas e entraram na batalha após o término do casamento, como foi o caso das duas últimas que iniciaram a prática por volta do ano 2000. Em ambos os

casos houve situações de violência doméstica por parte dos companheiros. As outras duas mulheres contaram que iniciaram na prática da prostituição antes de completarem os 18 anos.

Visualizando o quadro identificamos três mulheres nascidas na década de 1960 sendo que todas três se inseriram na prostituição na década de 1980. Nesta situação, duas destas mulheres iniciaram a prática da prostituição após a fuga do ambiente familiar violento u em busca de melhores condições de vida. Ainda, visualizando o quadro, temos uma mulher nascida na década de 1950 e com início na prostituição na década de 1970; e uma mulher nascida na década de 1980 e início na prostituição em 1990. As mulheres que iniciaram na prostituição nas décadas de 1970 e 1980 trouxeram mais relatos relacionados à bares glamourosos, como já pudemos identificar. Por outro lado, as mulheres que trouxeram os relatos relacionados à décadas de 1990 e 2000 trouxeram mais relatos relacionados à vivência na rua e às situações de violências e inconstâncias neste contexto.

Compartilho do pensamento de Kofes e Piscitelli (1997) que entendem que a experiência como aquilo que não se expressa apenas em sentimentos e ações, mas também em reflexões sobre ações e sentimentos. Este dado esteve muito presente nas narrativas das mulheres, pois à medida que faziam memória de suas trajetórias refletiam sobre as mesmas, estabelecendo elos e pontos de interseção e interpretação sobre as mudanças, continuidades, descontinuidades rupturas ocorridas em suas trajetórias. Desse modo,

A memória, se considerada como lembrança e esquecimento ancorados no presente, seria, para os mais cientificistas, uma fonte inviável para a reconstituição do passado. Mas, se deixamos de lado as preocupações positivistas dos trabalhos de historia oral interessados em desvendar “verdadeiramente” aconteceu no passado, é possível perceber a riqueza oferecida pelas memórias (KOFES e PISCITELLI, 1997, p.346).

Construindo o que podemos denominar de universo de significados e estabelecendo correlações entre o as mulheres trouxeram no tempo/espço das entrevistas com o tempo/espço/percepção de minha inserção em campo alguns elementos surgem como uma grande colcha permeada de fios, ora mais finos, ora mais grossos, ora com cores intensas e nítidas, ora com cores opacas, de modo que muitos ditos também deixaram transparecer não ditos, elementos que pouco pude captar, ou que me escaparam. Alguns esquecimentos, no processo de rememorar, fazem parte também de escolhas daquilo que significa e faz sentido.

Nas memorias, as lembranças pessoais são reconstruídas a partir de um presente que é social uma vez que, para o autor, a lembrança pessoal esta situada na encruzilhada de redes de solidariedade múltiplas com as quais os

indivíduos estão comprometidos. Mas se essas reconstruções falam de um presente que estabelece limites para as lembranças e as que as molda continuamente dando a elas novas formas, as lembranças também falam do passado [...] seria possível levar em conta o “vaivém” entre o presente e passado e a singularização do social presente nas trajetórias de uma procura de reconstrução do passado ou aquela de partir de uma noção de indivíduo para em seguida ter que situá-la socialmente (KOFES e PISCITELLI, 1997, p.347).

Aquilo que não foi dito ou não captado, ou ainda os elementos presentes neste universo intenso e complexo de significados que é a realidade da prostituição e, portanto, não puderam ser nomeados não diminui a riqueza da pesquisa, antes mostra que estamos falando de processos, de narrativas que são construídas, ditas e não ditas, de trajetórias e caminhos percorridos no qual se forma uma rede imensa de relações e interações. Neste sentido, o que tem importando de fato nesta pesquisa, é de certo modo, desvendar, perceber, captar de que forma as próprias mulheres significam e constroem saberes a partir deste universo.

A memória não é um objeto para ser provado ou demonstrado, não precisa de validação a partir de signos estabilizados e “neutrais”. A vida prática se tece na memória, como símbolo auto significante. As maneiras como elas lembram e narram suas vidas é uma forma radical de “agenciamento” (OLIVAR, 2010, p.54).

A partir do leque de memórias trazidas e compartilhadas algumas expressões no processo de narrar e rememorar foram fios, que a princípio pareciam soltos, mas que no percurso da pesquisa foram se entrelaçando.

7 CONSIDERAÇÕES (IN) CONCLUSAS: COSTURANDO E TECENDO OS FIOS DA VIDA

A pesquisa fez emergir uma categoria que parece explicar em profundidade a experiência de ganhar/fazer a vida na rua, a *batalha*, portanto é uma expressão que aponta o modo de fazer e construir a vida na rua e na prostituição. A expressão “*tô na batalha, tô na vida*”, assim como a leitura dos significados e sentidos atribuídos a esta expressão pelas mulheres aponta nesta pesquisa uma categoria que exprime o trabalho exercido pelas mulheres prostitutas na rua, no Centro de Salvador/BA.

A pesquisa teve como finalidade identificar como foram as trajetórias de socialização das mulheres que exercem a prostituição, com a pretensão de compreender como as mulheres foram construindo suas trajetórias de socialização no cotidiano da prostituição, percebendo que saberes foram sendo tecidos e que transformações foram acontecendo. Desse modo, a pretensão até aqui foi a de verificar por meio das narrativas e trajetórias das mulheres os processos de socialização e construção de aprendizados e saberes a partir a prática da prostituição. Durante esse percurso, em movimentos que ora se abrem e ora se fecham temos refletido sobre: trajetórias de vida, escolarização e socialização das mulheres, processos de inserção e permanência na *batalha*, relações de gênero, corpo e projetos de vida. Desse modo, poderíamos definir em quatro eixos centrais que ao longo desta pesquisa foram surgindo como fios que aos poucos tem se entrelaçado:

- 1) **Socialização e/ou dinâmicas socializadoras:** envolvem os processos de escolarização das mulheres e outras interações sociais (círculos familiares, amizades, relações do âmbito do trabalho). Neste caso, a educação é entendida como forma e lugar de constituição de sujeitos.
- 2) **Prostituição e/ou batalha:** Nesta pesquisa o que se tem apontado, a partir das narrativas, é que a prática da prostituição extrapola o que se tem entendido como prestação de serviços sexuais por meio de trocas (dinheiros e outras formas), antes a *batalha*, como temos nomeado, esta prática, a partir deste contexto, tem sido de fato um campo de batalha que tanto significa e dá sentido ao fazer/agir/sentir destas que são de fato “mulheres da *batalha*”, na perspectiva da prática da prostituição, quanto as qualificam como pessoas que estão em constante batalha e são, portanto, marcadas pela ousadia,

transgressão e força de luta e vida. A definição para estas mulheres de ser da *batalha* aponta o que elas são de fato, e assim mesmo se autodefinem: “mulheres guerreiras” que estão na luta e na “correria”. Ainda em relação à prostituição, a proposição foi de verificar os caminhos e processos vivenciados pelas mulheres no que tange a inserção, permanência e saída da prostituição compreendendo as contradições, ambiguidades e diversidade destes caminhos.

- 3) **Trabalho: batalha e “guia”** – Por trabalho se entende todas as formas de garantia de sustentabilidade criadas e recriadas pelas mulheres na prática da prostituição e outras formas de trabalho. Este tem sido para as mulheres o lugar de construção de si, de autodeterminação e empoderamento. Por meio dele as mulheres se reinventam e criam possibilidades de enfrentamentos, modos de vida e agenciamento.
- 4) **Corporalidade:** neste campo buscou-se verificar como surgem as vivências que perpassam a corporeidade das mulheres, a construção de si enquanto meninas e mulheres, os processos de violações de direitos, as construções das relações de gênero sejam na prática da prostituição, seja no ambiente familiar, processos de cuidado consigo mesmas, saúde, higiene e prevenção.

A partir da análise de dados que tem sido costurada, até aqui, estes eixos foram se entrelaçando e se fazendo de modo que alguns outros fios foram aparecendo neste tecer no sentido de ampliar um pouco mais o leque de discussão e compressão desta realidade.

A seguir trataremos esses elementos a partir daquilo que nomeamos como categorias, das narrativas das mulheres e das percepções da pesquisadora em campo.

O **primeiro elemento** refere-se à categoria de **socialização**. Através dela a pretensão foi de observar de que modo foram as trajetórias e caminhos percorridos pelas mulheres, a passagem da infância, juventude à vida adulta, a sua inserção na prostituição. Rememorar estes elementos foi marcado por alguns saltos, silêncios, esquecimentos, nostalgias, como têm sido possível perceber no decorrer da pesquisa. Entretanto, dois elementos são importantes em relação a esta primeira categoria: uma refere-se ao trabalho e a outra ao processo de escolarização.

Em relação ao trabalho, a maioria das mulheres entrevistadas e também as outras mulheres que encontrei em campo apresentam que o fato de terem de trabalhar, seja desde a

infância, seja no momento atual é um fator que as fizeram distanciar do espaço escolar. Ainda que fique evidente que em se tratando de escolarização (como) direito que deve ser garantido pela sociedade e Estado, somente uma das mulheres, no momento da entrevista fez este tipo de questionamento. Em sua maioria, a luta por uma vida melhor, a correria do dia a dia, a fuga de espaços de violências tem sido visualizadas pelas mulheres como motivos pelos quais elas não puderam estudar e, portanto, tiveram ainda muito recentemente e precocemente sua inserção no mundo do trabalho. Importante considerar que esse não é um dado apenas presente na vida de mulheres pobres em contexto de prostituição, e sim uma realidade presente na vida de inúmeras pessoas no mundo inteiro.

A **prostituição e/ou batalha** surge como **segundo elemento** e demonstra todos os movimentos e relações pelos quais as mulheres compreendem e significam este espaço/lugar. A *batalha*, ora é entendida como um trabalho, lugar/exercício por onde elas garantem seu sustento e de seus familiares, ora este espaço é visto e sentido como lugar de exploração, violação, preconceito; e ora, este espaço é visto e sentido como lugar de encontro e trocas. Ainda que em relação a este último aspecto, as mulheres tentem negar afirmando por meio das narrativas, por exemplo, que é quase “impossível” construir amizades nestes espaços, algumas “poucas” o reconhecem e na inserção em campo as relações entre elas são marcadas também por solidariedade e partilha, enfrentamento e apoio mútuo, não somente entre as mulheres, mas também entre outros atores que compõem este cenário.

Um **terceiro elemento** relacionado à *batalha* refere-se a outras formas de trabalho que as mulheres encontram e buscam neste contexto. Algumas afirmam não estar batalhando mais, no entanto, se encontram totalmente inseridas neste contexto, por meio de suas guias ou em outras atividades laborais. Um trecho do Diário de Campo, em uma das incursões em campo expressa este movimento de intensas relações e diálogos.

Por meio de um olhar etnográfico, a rua nos permite visualizar o perfil da comunidade, o indivíduo e/ou grupo, assim como a configuração que vai sendo tecida. Meu papel neste caso tem sido a de aos poucos, a partir dos recortes e fragmentos estabelecer elos e colagens destes fragmentos de interação.

Isto porque uma cultura urbana se expressa não só por convenções gestuais, de linguagens recorrentes, especializações profissionais de seus portadores, mas se apresenta igualmente através de suas práticas ordinárias, saberes e tradições com as quais o pesquisador precisa familiarizar-se neste deslocamento em espaços que são ou não, o seu próprio lugar de origem (ROCHA e ECKERT, 2013, P. 25).

O **quarto elemento** refere-se ao **corpo**, uma categoria, inteiramente presente em todo processo, tanto no que se refere ao movimento das mulheres quanto aos sentidos percebidos das trajetórias por meio das narrativas. Seus corpos marcados pela vida na batalha, mas estes mesmos corpos nomeiam-se e significam a todo o momento o que é ser mulher e o que é fazer-se mulher na *batalha*. Seus corpos trazem ensinamentos e saberes construídos a partir deste lócus.

Luci e Carla falam destes ensinamentos nomeando-os ao longo do tempo como: experiência e saber. Luci diz que a vida na Praça e na rua lhe trouxe experiência, de outro lado, Carla expressa que após ter aprendido com outras mulheres como deveria estar neste espaço atualmente se considera como alguém que “sabe de tudo” desta “vida”.

A partir das narrativas e análise de dados observamos três aspectos relevantes nesta pesquisa e que pautam a relação desta prática social com a educação:

1) **Processo de construção identitárias:** ou seja, verificou-se a partir da pesquisa o modo como as mulheres se constroem e se educam a partir da prática da prostituição;

2) **Processo de construção e formação de redes móveis de relações:** o que implica em considerar a rede de relações construídas pelas mulheres e outros atores neste cenário, considerando portanto, os arranjos sociais, os modos de organização (empoderamento e autonomia) e encontros (desafios);

3) **As práticas educativas e de aprendizagem** construídas pelas mulheres na *batalha*, que implicam, portanto, suas formas de se constituírem como sujeitos situadas e localizadas em lugar específico.

De outro modo, as falas aqui apresentadas, assim como a discussão, não esgotam a complexidade do contexto de prostituição de mulheres pobres, pelo contrário, pensar e refletir sobre os jogos de interação deste contexto implica em considerar as singularidades de cada mulher, o contexto específico e sua relação com o mercado do sexo em si. Na perspectiva de Olivar (2010),

A palavra prostituição demarca um tipo de relação que, claro, são milhares de relações; que muda de forma, tom e natureza, até o ponto de talvez deixar de sê-lo, dependendo dos arranjos de todas aquelas variáveis sócio antropológicas (e além) com as que nos deparamos no dia a dia que como outra padece de uma relativa estabilidade no Ocidente, enquanto guarda chuva axiomático, imagético, que envolve e constrói (e é envolvida e construída por) uma diversidade indeterminada de práticas... Nem todas econômicas, nem todas sexuais (OLIVAR, 2010, p.27).

E por falar em “tipo de relação” e de todos os processos que esta pesquisa fez emergir e ecoar em mim, revendo o caminho feito, percebo para além das categorias que o campo trouxe, um processo de amadurecimento e crescimento enquanto pesquisadora. Voltando o olhar para as primeiras páginas deste texto vejo uma mulher engajada e comprometida com a causa das mulheres da *batalha*, vejo a inserção em um campo que na verdade era lugar de trabalho e “missão”. O desejo de pesquisar, de conhecer, de estudar este campo fez surgir aos poucos outros lugares e novos posicionamentos. De educadora e representante de uma instituição vou aos poucos me constituindo pesquisadora do tema. Isto não significa um descompromisso com a causa, antes um reposicionamento frente ao tema. Encontro-me tão somente no *lugar de transição*, revendo conceitos, restabelecendo formas outras de pensar e refazendo marcos teóricos. Ainda não me sinto pesquisadora, mas certamente não sou mais a mesma do início do estudo. O campo transformou meu olhar. Mas fundamentalmente, a pesquisa está a me capturar. Fazendo-me ainda pesquisadora permaneço agora por certo tempo no lugar de transição. Deixando a poeira baixar, enquanto busco novas fontes de reflexão e construção de pensamento.

No caminho percorrido e no processo de tecer e fazer a pesquisa, foi possível perceber posteriormente, à medida que retornava do campo e pensava sobre ele que alguns passos foram sendo dados. A partir deles fui construindo o que estou denominando de *proposta metodológica: aprendizados tecidos a partir do campo*. Esta proposta surge a partir do que denomino de desvestir a camisa, ou seja, tirar a camisa do qual representava (neste caso da instituição) e me reposicionar a partir do lugar de pesquisadora. No caminho, e ainda pensando sobre o tema reconheço que a partir de minha experiência a camisa a qual eu vestia era uma, mas em nossas pesquisas de modo geral são muitas e diversas as camisas que vestimos. É possível nesta metodologia nos perguntar sobre qual camisa precisamos tirar. O que pode nos desnudar? O que nos coloca diante do vazio? Do lugar sem respostas? E ao mesmo tempo em movimento, com perguntas nas mãos e pés caminhantes, na estrada, em busca de respostas.

A partir deste e vários outros questionamentos compartilho alguns passos que fui tomando nota a partir de minha experiência e da pesquisa que realizei. A seguir compartilho. Importante pontuar que ainda estão em construção, haja vista que ainda me reconheço em *lugar de transição*, outro modo de pensar ainda não está finalizado. Por vezes ainda não me sinto pesquisadora e ainda me vejo educadora. Por vezes penso que estes lugares se encontram e desencontram o tempo todo. No *lugar de trânsito*, me permito dançar diante dos

movimentos que este lugar me proporciona, sendo ainda permeada por questionamentos outros e por possibilidades de seguir tecendo e pensando sobre esta realidade.

1. Aproximar-se do campo

A pesquisa exige um processo de aproximação do campo seja ele teórico ou social. Aproximar-se significa chegar-se, começar a tomar parte, conhecer e /ou reconhecer o lócus, os textos, as pessoas, os movimentos, intercâmbios, relações e interações. A aproximação exige atenção, pois o campo está permeado por diversas nuances e facetas. Desse modo, a aproximação do campo exige de nós pesquisadoras (es) um começar a despir-se, um desnudar-se, esvaziar-se de concepções pré estabelecidas e julgamentos pré formados.

Os lugares/territórios, os espaços dos quais nos aproximamos, as pessoas com as quais conversamos carregam memórias e histórias. Estas histórias e memórias nos antecedem, estão lá sendo vivenciadas antes de nossa chegada e de nossas pesquisas. Nossas perguntas e interrogações devem aprender a respeitar estas memórias, assim chegar-se a este terreno exige cautela e cuidado.

2. Estar no campo

Estar no campo significa, a partir de minha experiência, deixar-se tomar pelo campo aos poucos. Implica em um movimento de abertura, estar à disposição de. Estar no campo pressupõe uma abertura para vivenciar (dentro do possível), observar e captar aquilo que o campo com todas suas facetas nos apresenta. Não é o que queremos. É o próprio campo que fala. Por isso, é preciso estar no campo. Chegar e desfazer as possíveis formas de julgar e pensar o campo. Estar implica também um movimento de escuta e atenção. O campo nos fala. É preciso auscultar!

3. Permanecer no campo

A permanência implica em uma ação prolongada, é muito mais que estar no campo. A permanência, inclusive ultrapassa o estar fisicamente. A permanência nos acompanha. A permanência nos coloca efetivamente e afetivamente no campo. Somos reconhecidas/os. O campo sabe de nossa existência. O campo interage conosco e nós interagimos com o campo. Nesta ação prolongada é possível adentrar nuances “escondidas” e ver “desde dentro”. Na permanência é possível uma interação que nos reposiciona. Somos pesquisadores/as, certamente o contexto e o campo capta esta verdade. Entretanto, somos pessoas e no processo

de permanecer no campo isto vem a tona. Escutamos neste momento diversas perguntas a nosso respeito e história, escutamos sugestões, dicas sobre o que deveríamos fazer ou não fazer. Já não somos mais um estranho tão estranho no campo. Estamos a reconhecer os códigos e regras que o campo apresenta.

4. Dialogar no campo

O diálogo nos coloca em relação com o outro. Ele permite o movimento da alteridade, saída de si, escuta do outro, abertura a algo a mais, à aquilo que extrapola nossos limites. O diálogo quando acontece nos permite ver desde outro lugar e desde uma nova ótica. O diálogo no campo é primordial, pois ele nos possibilita muito mais que apenas obter as informações que precisamos para nossas pesquisas, antes, o diálogo nos coloca em relação direta com o campo. Aqui podemos dizer o que pensamos e escutar até mesmo aquilo que imaginávamos ouvir. Paulo Freire já apontava que “o diálogo em si é criativo e re-criativo... O diálogo pertence à natureza do ser humano, enquanto ser de comunicação” (FREIRE, 1986, p.14). Enquanto possibilidade de comunicação, o diálogo nos permite o encontro e é através do encontro e por meio que podemos estabelecer interações e conexões.

5. Voltar do campo: o retorno inquietante

Após passar um tempo no campo onde nos permitimos estar, permanecer e dialogar, voltamos do campo e este retorno é inquietante. A volta nos coloca em movimento de começar a refletir sobre o que aconteceu no campo, o que vimos, ouvimos, captamos e percebemos. Muitas perguntas surgem neste momento. Estas perguntas podem vir ou não e o encontro d com nossa pergunta de pesquisa. Neste momento, quando voltamos é importante deixar o campo falar, ele vem ressoando em nós os diversos encontros, movimentos, diálogos e interações. A volta do campo nos coloca em atitude de parada, uma parada necessária para reflexão, sem muitas teorias e elucubrações, apenas percepções que emergiram do campo.

6. Escrever o campo: rascunhar soltas palavras

A escrita é um dos momentos primordiais no processo da pesquisa. Ela pausa, descansa, se cansa, interrompe, às vezes se cala, outras enuncia. A escrita acompanhada de

uma volta do campo que se permitiu inquietar-se pode ser fecunda. Em minha experiência, o primeiro movimento neste momentos tem sido o de rascunhar soltas palavras, sem muitas preocupação, sem muita lógica, deixando surgir na escrita tudo aquilo que foi captado no campo. Escrever não é fácil. O exercício de anotar as percepções do campo, de rascunhar algumas ideias sobre o que vimos e ouvimos, elaborar pensamento sobre o que estamos pesquisando talvez seja uma das tarefas mais árdua, mas ela pode tornar-se prazerosa se precedida de tempos e espaços bem vivenciados no campo. A escrita é o tempo de ação-reflexão sobre aquilo que foi dito e vivido, ela é, portanto, um espaço/tempo de criação e re-criação. A escrita vem sempre precedida do ato de falar. Neste sentido, “escrever é tão re-fazer o que esteve sendo pensado nos diferentes momentos de nossa prática, de nossas relações com, é tão re-criar, tão re-dizer o antes dizendo-se no tempo de nossa ação quanto ler seriamente de quem o faz (FREIRE, 1992, p.54).

7. Distanciar do campo

Passamos muito tempo no campo, envolvidas/os e imersos em contextos que significam nossas pesquisas. É um movimento intenso e muitas vezes cansativo. É real! Não um conto da carochinha! Sentimo-nos exaustas/os por vezes, pois este ir e vir, anotar, registrar, observar, interagir, elaborar, retornar, pausar é intenso e por isso mesmo muitas vezes nos cansa. Muitas ideias surgindo, escrita sendo pronunciada ou silêncio sendo estendido, neste momento, e após longo período de pesquisa é importante distanciar do campo. Em minha experiência, foi o distanciamento que me permitiu entender significados e ritmos que envolvida e imersa no campo não compreendia. O distanciamento proporciona o espaço para a respiração. Respirar e pausar é urgente em nossas pesquisas. Diante de tantas demandas de produção, muitas vezes somos tomadas/os por uma corrida que nos impede de relacionar-se com a pesquisa de forma que nos seja possível, de fato, trazer a tona a dramaticidade do campo e da vida.

8. Pensar sobre e com o campo

Parar para pensar o campo é de fato um tempo de muito cuidado e dedicação. Às vezes faltam-nos palavras, às vezes sobram, às vezes não conseguimos dizer exatamente o que o campo nos apresentou. Pensar o campo no impulsiona a fazer articulações, encontros teóricos,

desencontros, descobertas, achados. Ah! Esses achados. O que tem de original em minha pesquisa? O que tem de originalidade em nossas pesquisas?

Pensando o campo, por vezes estabelecemos conexões com outros teóricos, revemos e estudamos outras pesquisas que nos antecederam, vemos pontos de congruência e divergência. Pensando o campo firmamos o movimento de ação-reflexão. Refletimos o porquê e o motivo real de nosso pesquisar. Pensar o campo exige rigor e disciplina. Pensar o campo nos coloca em cheque com nossas contradições e equívocos acadêmicos. O pensamento nos transgridem a nós mesmos, se assim o permitimos.

Certamente não foi possível findar a discussão acerca da realidade apresentada neste estudo. Buscou-se antes, uma imersão em campo na tentativa de tentar compreender os movimentos, processos e dinâmicas vivenciadas pelas mulheres da *batalha*, no contexto de Salvador, estudar e verificar os modos pelos quais se socializam, constroem saberes e transformam cotidianamente sua realidade. As narrativas e trajetórias tem trazidos alguns destes elementos, a tentativa de observação, pesquisa, descrição tem tentado esboçar este cenário, mas certamente muito nos escapa aos olhos, ouvidos, sentidos e percepção. Suas vidas e realidade ultrapassam os limites destas páginas e pesquisa, seus sonhos, contexto, empreendimentos vão além do que aqui pudemos apresentar. A etnografia, como ferramenta, e não como fim, pois não se encontrava em nossa perspectiva alcançar a “descrição densa”, mas sim utilizar-se desse método como aporte para recolher dados; assim como os estudos autobiográficos da educação, narrativas e trajetórias de vida, além de um olhar que considerou as nuances das relações de gênero tentaram nos auxiliar neste caminho.

Desse modo, o reconhecimento dos desafios vivenciados pelas mulheres na *batalha*, assim como suas ações transgressoras acompanhados de suas narrativas e trajetórias com todas as temáticas que as circundam: corpo, prostituição, família, trabalho, educação, socialização, mobilidades, memória, esquecimento foram fios que ao longo do trabalho tem se configurado como uma emaranhado de elos que se interligam, conectam, fortalecem-se no sentido de nos ajudar a continuar pensando e (re) pensando a complexa realidade da prostituição. E assim....

...como se chega ao fim? Não se chega... Tudo recomeça incessantemente... Respiro. Paro... E de repente tudo circula novamente. Nem tudo foi dito, nem tudo pronunciado... Vazios e silêncios permanecem... Inconclusões... Convite a seguir, de novo, outra vez. Cirandando e investigando... Metendo, mãos, pés, corpo nesta coisa louca. Entrando de novo neste mundo inquietante da

pergunta. A pergunta que deseja...
*Transformar...Transgredir...Transitar..*Fernanda Priscila Alves da
Silva

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. **Para uma revisão das ciências humanas no Brasil desde a perspectiva das mulheres.** In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 09-29.

ANDRADE, Adriano Bittnecourt; BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Geografia de Salvador.** 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2009.

BACELAR, Jeferson A. **A família da prostituta.** São Paulo: Ática, 1982.

BENEDETTI, Disponível em: http://ciudadaniasexual.org/boletin/b11/Breves_reflexoes_sobre_travestis_e_prostituicao.pdf
Acesso em: 25 de julho de 2015.

BLANCHETTE, Thaddeus Gregory; SILVA, Ana Paula da; CAMARGO, Gustavo. **Idealismo alemão e o corpo alienável:** repensando a “objetificação” no contexto do trabalho sexual. In: SIMÕES, Soraya Silveira, SILVA, Hélio R.S; MORAES, Aparecida Fonseca (Orgs). *Prostituição e outras formas de amor.* Niterói, Editora da UFF, 2014, p. 145-181.

BOLÍVAR, Antonio. **Dimensiones epistemológicas y metodológicas de la investigación (auto) biográfica.** In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição (Orgs). *Pesquisa (Auto) Biográfica Temas transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica,* Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 27-69.

BONADIMAN, Priscila de Oliveira Bolzan; MACHADO, Paula Sandrine; LÓPEZ, Laura Cecília. **Práticas de saúde entre prostitutas de segmentos populares da cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul:** o cuidado em Rede. Rio de Janeiro: Physis Revista de Saúde Coletiva, 2012, p. 779-801.

BOSI, Ecléa . **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 2ª-ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST/Aids entre mulheres. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

BRASIL, Danielle Marinho. **A prostituição feminina e associação de prostitutas da Paraíba:** movimento social, luta política e reivindicação de direitos. Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós Graduação em Ciências Jurídicas: João Pessoa, 2012.

BRUNER, E. *Ethnography as narrative.* In: TURNER, V; BRUNER, E. **The anthropology of experience.** Chicago: Illinois University Press, 1986, p. 139-155.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. In: LOURO, Guacira (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Trad. Por SILVA, Tomaz Tadeu da.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. **Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica**. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos, julho de 2003, ano 9, n.19, p. 283-302.

CASTRO, Ricardo Vieialves de. **Representações sociais da prostituição na cidade do Rio de Janeiro**. In: SPINK, Mary Jane (Org). **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 149-186.

COLVERO, Carolina Apell. **Mulheres na Batalha: performances de gênero em bares com prostituição em Santa Maria**. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010.

COSTA, L. F. (2015). **Conversão religiosa: histórias de vida e vidas em formação**. In: SOUZA, E. (Auto)biografia e documentação narrativa: redes de pesquisa e formação. Salvador: Edufba.

CUNHA, Jorge Luiz da. **Pesquisas com (auto)biografias: interfaces em tempos de individualização**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição (Orgs). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica**, Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p.95-113.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas: sexualidade erotismo na história do Brasil**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DELORY-MOMBERGER,Christine. **Fundamentos Espistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação**. Educação em Revista: Belo Horizonte, 2011, v.21 (01), p. 333-346.

_____. **Les Histoires de vie**. De l’invention de soi au projet de formation. Paris: Anthonpos, 2000.

_____. **Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto**. Educação e pesquisa. São Paulo, maio/ago. 2006, v.32, n2, p. 359-371.

_____. **A pesquisa biográfica: projeto epistemológico e perspectivas metodológicas**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; PASSEGI, Maria da Conceição (Orgs). **Pesquisa (Auto) Biográfica Temas transversais: Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica**, Tomo I. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012, p. 71-93.

Diagnóstico das mulheres em situação de prostituição atendidas pelo Projeto Força Feminina. Um olhar a respeito da prostituição. Salvador, 2008.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 223-240.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e doutores: saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

ESPINHEIRA, Gey. **Divergência e prostituição: uma análise sociológica da comunidade prostitucional do Maciel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1984.

_____. **Comunidade do Maciel: do Patrimônio artístico e cultural da Bahia**, 1971.

FERNANDES, Raquel Martins. **O olhar, a menina dos olhos, única e total- uma abordagem fenomenológica da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes na interface da educação**. Doutorado em educação. Universidade Federal do Mato Grosso: Mato Grosso, 2012.

FILHO, Antônio Jonas Dias. **As mulatas que não estão no mapa**. Cadernos Pagu (6-7), 1996, p. 51-66).

FIORENZA, S. Elizabeth. **As origens cristã a partir da mulher: uma nova hermenêutica**. São Paulo: Paulinas, 1992.

_____. **Caminhos da sabedoria: uma introdução à interpretação bíblica**. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2009.

FONSECA, Cláudia. **A dupla carreira da mulher prostituta**. Rio de Janeiro: Revista Estudos Feministas, vol 4, n.1, 1996.

_____. **A morte de um gigolô: fronteiras da transgressão e sexualidade nos dias atuais**. In: PISCITELLI, Adriana; Gregori, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio (orgs). Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2004. P. 257-281.

FONSECA, Guido. **História da prostituição em São Paulo**. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 2ª-ed. Rio de Janeiro-São Paulo: Paz e Terra, 1988.

FRANGELLA, Simone Miziara. **Fragmentos de corpo e gênero entre meninos e meninas de rua**. In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena. Corporificando gênero. Cadernos Pagu (14), 2000, p. 201-234.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13ª- ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

FREITAS, Renan Springer de. **Bordel, bordéis: negociando identidades**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GASPAR, Maria Dulce. **Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social**. 3 ed. Rio de JANEIRO: Jorge Zahar Editor, 1998.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. 2ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan, 1989.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GIROUX, H. **Democracia**. In: STRECK, R. Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSK, J. Jaime (orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2008. p. 123-127.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

GOLDANI, Ana Maria. **Demografia e feminismo: os desafios da incorporação de uma perspectiva de gênero**. In: AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 67-83.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Olhar viajante: Antropologia, criança e aprendizagem**. Pro- posições: Campinas, v.23, n 2 (68), p. 161-178, maio/ago 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. 2ªed, ver eampl. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. Coleção Pesquisa (auto)biográfica & Educação Série Clássicos das Histórias de Vida).

KOFES, Suely; PISCITELLI, Adriana. **Memórias de “histórias femininas, memórias e experiências”**. Cadernos Pagu (8/9), 1997, p. 343-354.

LAGENEST, H.D. **Lenocínio e prostituição no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós estruturalista**. 16ª-ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAGNANI, J. G. O campo da Antropologia. In: PASSOS, M. L. P. (Org.). **Os campos do conhecimento e o conhecimento da cidade**. São Paulo: Museu Paulista da USP, 1992. p. 45-56. (Cadernos de História de São Paulo, 1).

MARINHO, Mônica Benfica. **A carreira da prostituta militante: um estudo sobre o papel das práticas institucionais na construção da identidade da prostituta militante da**

Associação de Prostitutas da Bahia. Universidade Federal da Bahia, 2007. Tese de Doutorado em Ciências Sociais.

MATOS, Patrícia. **A dor e o estigma da puta pobre.** In: SOUZA, Jessé (org). Ralé Brasileira: quem é e como vive. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2009, p. 173-201.

MAZZARIOL, Regina Maria. **“Mal necessário” Ensaio sobre o confinamento da prostituição na cidade de Campinas.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1977.

MEDEIROS, Regina. **Prostituição e imaginário Popular.** V Encontro da Rede pastoral Oblata, Salvador, 2006.

MORAES, Aparecida Fonseca. **Mulheres da Vila: prostituição, identidade social e movimento associativo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. **Corpos normalizados, corpos degradados:** os direitos humanos e as classificações sobre a prostituição de adultos e jovens. In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S; MORAES, Aparecida Fonseca (org.). Prostituição e outras formas de amor. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 119-144.

MOREIRA, H; CALEFFE, L.G. **Metodologia de pesquisa para o professor pesquisador.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **Guerras, trânsitos e apropriações:** políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado Antropologia Social, Porto Alegre, 2010.

_____. **O direito humano de ser puta:** uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre. Belo Horizonte: Teoria e Sociedade, jul/dez 2007, v.2, p. 108-137.

_____. **Prostituição feminina e direitos sexuais:** diálogos possíveis. Revista Latinoamericana: Sexualidade, Salud y Sociedad. N11 – ago.2012, p. 88-121. Disponível em: www.sexualidadsaludysociedad.org.

_____. **Devir puta:** políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

OLIVEIRA, Mônica Queiroz de. **Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte – o trabalho da vida nada fácil.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

OLIVEIRA, Alexandra. **Andar na vida:** prostituição de rua e reação social. Porto, Portugal: Editora Almedina, 2011.

PASINI, Elisiane. **“Corpos em evidência”, pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo.** Dissertação de Mestrado Antropologia. Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2000.

_____. **Limites simbólicos corporais na prostituição feminina.** In: PISCITELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena (orgs). *Corporificando gênero.* Cadernos Pagu (14), 2000, p. 181-200.

_____. **Sexo com prostitutas: uma discussão sobre modelos de masculinos:** In: DÍAS-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos Eduardo (org.). *Prazeres dissidentes.* Coleção: Sexualidade, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 237-262.

PASSEGI, Maria da Conceição. *Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório.* In: PASSEGI; SILVA (Org.) **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 103-130.

PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

PEREIRA, Lucas Carvalho Soares de Aguiar. **“No intuito de produzir influência educativa”:** delegacia de costumes e a prática do meretrício em Belo Horizonte (década de 1920 e 1930). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2012. Dissertação de Mestrado em Educação.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres.** Tradução de Angela M. s. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

PINEAU, G.; LE GRAND, J.L. **Les histoires de vie.** Paris: PUF, 1989.

PINHO, E.B.M. **Trabalho sexual e envelhecimento:** trajetórias de vida de prostitutas idosas. XI Congresso Brasileiro Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Salvador, 07 a 10 de agosto, 2011.

PIRES, Dom José et all. **O grito de milhões de escravas: a cumplicidade do silêncio.** Petrópolis: Vozes, 1985.

PISCITELLI, Adriana. **Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas.** In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 49.66.

_____. **Re-criando a (categoria) mulher.** Campinas, 2001. Disponível em: <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/TC-2-PISCITELLI-Adriana-Re-criando-a-categoria-Mulher.pdf> . Acesso em 29 de novembro de 2015.

_____. **Apresentação: gênero no mercado do sexo.** Campinas: Cadernos Pagu, jul/dez 2005, v.25, p. 7-23.

_____. **Mercado do Sexo.** Cadernos Pagu (25) julho-dezembro de 2005. Universidade Estadual de Campinas.

_____. **Trânsitos:** brasileiras nos mercados do sexo transacionais do sexo. Coleção Sexualidade, gênero e sociedade. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

_____. **Atravessando fronteiras:** teorias pós coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercado do sexo. Contemporânea, v.3, n.2, jul-dez, 2013, p. 377-404.

Proposta de acompanhamento às mulheres em situação de prostituição. São Paulo: Editora Nelpa, 2013.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite:** prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 578-606.

RODRIGUES, Marlene Teixeira. **Prostituição e feminismo:** uma aproximação ao debate contemporâneo. Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades e Deslocamentos, 23 a 26 de agosto de 2010.

REBOLHO, Ana Claudia Figueiredo. **Se essa rua fosse minha:** concepções de gestores de instituições escolares estaduais que convivem com a exploração sexual de menores. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Moura Lacerda: São Paulo, 2011.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia de rua:** estudo de antropologia urbana. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, v. 4, n. 7, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia (Org.). **Etnografia de rua:** Estudos de antropologia urbana. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

SACRAMENTO, Octávio; RIBEIRO, Manuela. **Mulheres marcadas:** prostituição, ordem e exclusão. Cuadernos de Trabajo Social. Vol. 27-1, p. 197-209, 2014.

SANCHES, Silvana Colombelli Parra. **Envelhecimento e saúde das profissionais do sexo em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande, 2007. Dissertação de Mestrado em Saúde coletiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

SALES, Ana Paula Luna. **Espaços de prostituição, espaços de dominação.** In: SIMÕES, Soraya Silveira; SILVA, Hélio R.S; MORAES, Aparecida Fonseca (orgs). Prostituição e outras formas de amor. Niterói: Editora da UFF, 2014, p. 211-235.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. 22^a-ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **O centro da cidade de Salvador.** 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Veronica Gomes dos. **Prostitutas mães e educação de seus filhos:** corpo, cena e discurso no centro de Fortaleza- CE. Dissertação Mestrado em Educação. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2011.

SCOTT, Joan Walach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Educação e Realidade. Porto Alegre, vol.20, n.2, jul-dez, 1995, p. 71-99. Revisão de Tomas Tadeu da Silva a partir do original inglês (SCOTT, J.W. Gender and the politics of history. New York Columbia University Press, 1988, p. 38-50, de artigo originalmente publicado em: Educação e Realidade, vol.15, n.2, jul-dez 1990. Tradução da versão francesa (Les cahiers du Grif, n.37-38, PARIS: Editions Tierce, 1988) por Guacira Lopes Louro.

SGANZELLA, Natália Cristina Marciola. “**Feita só por mãe!**”. **Sentidos de maternidade e família entre as prostitutas**. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2011. Dissertação de Mestrado de Antropologia Social.

SKACKAUSKAS, Andreia; OLIVAR, José Miguel Nieto. **Prostitutas, feministas e direitos sexuais** – Diálogos possíveis ou impossíveis. Fazendo Gênero 9. Diásporas, diversidades, deslocamentos. 23 a 26 de agosto de 2010.

SILVA, Maria Oneide Lino da; OLIVEIRA, Sandra Suely; PEREIRA, Vanderléa Andrade; LIMA, Maria da Glória Soares Barbosa. **Etnografia e pesquisa qualitativa: apontamentos sobre um caminho metodológico de investigação**. Universidade Federal do Piauí. Disponível em:

http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_15.pdf.

Acesso em 30 de maio de 2015.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social**. São Bernardo do Campo, Nhanduti Editora, 2012.

_____. **As mulheres tomam a palavra**. São Leopoldo/RS: Cebi, 2015.

SOUZA, Elizeu C. Pesquisa narrativa e escrita auto(biográfica): interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E.C; ABRAHÃO, M.H.M.B. (Ogs). **Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPURS, 2006, p. 135-147.

SOUZA, Francisca Ilmar de. **O cliente: o outro lado da prostituição**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto. São Paulo: Annablume, 1998.

SOUZA, Fabiana Rodrigues. **Saberes da noite: percepções de mulheres que prestam serviços sexuais sobre o educar-se nas relações com seus clientes**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2007.

_____. **Ações educativas desenvolvidas por prostitutas organizadas: tecendo confiança e autonomia**. In: Educação Popular. Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v.24, n.43, p.75-88, jan/jun.2015.

_____. **A noite também educa: compreensões e significados atribuídos por prostitutas à prática da prostituição**. Tese de Doutorado em Educação. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos, 2012.

STRATHERN, Marylin. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia.** Tradução de André Villalobos. Campinas: Editora da UNICAMPI, 2006.

SUÁREZ, Mireya. **A problematização de gênero e a antropologia.** In: AGUIAR, Neuma (Org.). *Gênero e Ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres.* Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 31-48.

TEDESCO, Letícia da Luz. **Explorando o negócio do sexo: uma etnografia sobre as relações afetivas e comerciais entre prostitutas e agenciadores em Porto Alegre- RS.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social.** 5 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1973.

VELHO, Gilberto (Org). **Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social.** Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

WIJERS, M. **Delincuente, víctima, mal social o mujer trabajadora: perspectivas legales sobre la prostitución.** In: OSBORNE, R (Ed.). *Trabajadoras Del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI.* Barcelona: Edicions Bellaterra, 2004. Cap. 12, p. 209-221.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

ENTREVISTA	
1. IDENTIFICAÇÃO	Nome:
	Origem:
	Idade:
	Escolaridade:
	Filhos/as:
2. ESCOLARIZAÇÃO – SOCIALIZAÇÃO (PASSADO)	
<ul style="list-style-type: none"> • Memória da vida escolar na infância e adolescência <p>Quando você era criança que memórias você tem da escola? Quais as melhores recordações você tem da escola?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Círculos de socialização <p>Quando falamos em família você pensa em quem? Quem fazia parte de sua família? Quem levava para a escola? E os amigos, amigas na escola, quem eram?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Relacionamentos (entre os pais, irmãos e outras figuras parentais) • Outros espaços de circulação além da escola e da casa • Momento de transição – passagem (inserção na rua, bar, praça) <p>Primeiros namoros - Descoberta de ser mulher Quando iniciou na batalha, houve alguém que te educou para a batalha? Em algum momento você questionou o que aprendeu com esta pessoa?</p>	
3. ESCOLARIZAÇÃO – SOCIALIZAÇÃO (ATUALIDADE)	
<ul style="list-style-type: none"> • Trajetórias, movimentos e circulações na batalha (rua, praça, bar) <p>Você consegue identificar pessoas que circularam em sua vida e que foram importantes em sua história de mulher? E no ambiente da praça (bar, rua) acontecem encontros, desencontros (como na vida de modo geral), você consegue identificar que coisas você aprende nestes espaços?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Aprendizados, convivência e intrigas na batalha (questões relacionadas aos aprendizados com outras colegas de batalha) • Círculos Familiares e Relacionamentos na atualidade 	
4. ATORES, PRÁTICAS, MOVIMENTOS E ENVOLVIMENTOS	
<ul style="list-style-type: none"> • Quem são os sujeitos que frequentam os espaços (rua, bar, praça)? • Que tipo de trocas (aprendizados) acontece nestes ambientes? • Existem várias pessoas que circulam nestes espaços, quem são? De que forma ocorre a interação entre estas diversas pessoas? 	
5. PROJETOS DE VIDA (Projeção de futuro, perspectivas e sonhos)	

ANEXOS

ANEXO A



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO CAMPUS I
COLEGIADO DE PEDAGOGIA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.**

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do Participante: _____
 Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
 Data de Nascimento: ____ / ____ / ____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____
 Telefone: (____) _____/(____) _____

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: *MULHERES EM CIRCULAÇÃO: TRAJETÓRIAS, TRANSFORMAÇÕES E SABERES NO COTIDIANO DA PROSTITUIÇÃO*
2. PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL: FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA
 Cargo/Função: ESTUDANTE

III - EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

A senhora está sendo convidada para participar da pesquisa *Mulheres em circulação: trajetórias, transformações e saberes no cotidiano da prostituição*, de responsabilidade da pesquisadora **Fernanda Priscila Alves da Silva**, da Universidade do Estado da Bahia, que tem como objetivo: **estudar as trajetórias de vida, socialização, transformações e saberes de mulheres no cotidiano da prostituição**. A realização desta pesquisa trará como benefícios a visualização dos limites dos processos de escolarização das mulheres que exercem a prostituição, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos a partir desta prática social.

Caso aceite a senhora será entrevistada e esta entrevista será gravada em áudio pela pesquisadora e caso concorde a entrevista será transcrita tendo o nome alterado para preservação de sigilo de identidade. Caso venha se sentir desconfortável em qualquer momento da entrevista terá todo o direito de interromper a gravação sem acarretar em nenhum dano para a senhora com a possibilidade de retomar as gravações num outro momento, se assim desejar. Além disso, a sua decisão de continuar ou sair da pesquisa será respeitada em qualquer situação com ou sem exposição de

motivos. Lembro ainda que a sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Por ser uma pesquisa de cunho etnográfico com informantes/colaboradores que se encontram inseridas em contexto de prostituição serão estabelecidos contatos e aproximações nos locais de trabalho com o objetivo de realizar observação participante. Vale lembrar que serão tomados todos os cuidados para que os/as informantes não sofram qualquer tipo de constrangimento, tampouco sejam colocados/as em situação de desconforto no período da pesquisa e, posteriormente, na utilização e divulgação das informações no texto final da tese. Caso queira a senhora poderá, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa, podendo retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição. Quaisquer dúvidas que o/a senhor/a tenham serão esclarecidas pela pesquisadora e se for do seu interesse também poderá tirar todas as dúvidas e pedir os esclarecimentos necessários, entrando em contato com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são: Enfrentamento de situações limite no processo de aproximação da realidade tais como violências nos ambientes prostitucionais, mulheres convidadas não aderirem ao projeto, Mulheres se recusarem a participar das entrevistas. Deste modo, como forma de minimizar estes riscos se pretende respeitar a autonomia das mulheres neste processo, caso não aceite participar das entrevistas, buscar se aproximar dos contextos de prostituição com cautela e acompanhada de pessoas que já conhecem o espaço e estabelecer relação de empatia em relação às mulheres e seu contexto. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileira o/a senhor/a tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. Se você aceitar participar, estará contribuindo para: Visualização dos limites dos processos de escolarização das mulheres que exercem a prostituição, os desafios enfrentados e os aprendizados construídos a partir desta prática social; possibilidade de construção de políticas públicas de acesso e inserção das mulheres em espaços formais de escolarização; possibilitar um repensar a educação de jovens e adultos considerando o contexto social, econômico, político e cultural de mulheres que exercem a prostituição.

O/a senhor/a receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Fernanda Priscila Alves da Silva

Endereço: Rua General Senna Campos, 14 A. Bairro: Saúde. Salvador- BA. Telefone: (71) 30124953 / (71) 92655923, E-mail: feracatejo@yahoo.com.br

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Rua Silveira Martins, 2555, Cabula. Salvador-BA. CEP: 41.150-000. Tel.: 71 3117-2445 e-mail: cepuneb@uneb.br

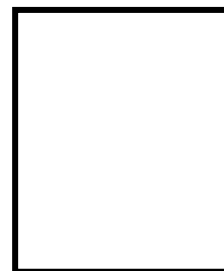
Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP SEP/510 NORTE, BLOCO A 1º SUBSOLO, Edifício Ex-INAN - Unidade II - Ministério da Saúde CEP: 70750-521 - Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora Fernanda Priscila Alves da Silva sobre os objetivos, benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa *Mulheres em circulação: trajetórias, transformações e saberes no cotidiano da prostituição* e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário/a, dando o consentimento para que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos. Ciente das explicações acima descritas, assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e uma outra via que ficará sob minha guarda/responsabilidade.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa



Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)